TERRY PRATCHETT



ARTESÃO DO INVERNO

ARTESÃO DO INVERNO

Terry Pratchett

Tradução: Severino de Villegaignon

Sumário



CAPÍTULO UM
A GRANDE NEVASCA

Quando a tempestade veio, ela atingiu as colinas como um martelo. Nenhum céu deveria conter tanta neve quanto aquele e porque nenhum céu poderia, a neve caiu, como uma parede branca.

Havia uma pequena colina de neve agora, onde havia, algumas horas atrás, um pequeno aglomerado de espinheiros em um antigo marco funerário. Nessa época, no ano passado, havia algumas prímulas; agora só havia neve.

Parte da neve se moveu. Um pedaço do tamanho de uma maçã se ergueu, com fumaça saindo ao redor. Uma mão do tamanho de uma pata de coelho abanou a fumaça.

Um rosto azul muito pequeno, mas muito zangado, com o monte de neve ainda equilibrado em cima, olhou para o súbito deserto branco.

— Disgraça! — resmungou. — Botaro us zóiu nisso aí? É trabái du Artesão du Invernu! Num vai pará co isso até consegui o qui quer!

Outros pedaços de neve foram empurrados para cima. Mais cabeças espiaram.

— Ai, aidinóis, aidinóis, aidinóis! — Disse uma delas. — Ele tá atrás da Bruaca Piquininha Grandona di novu!

A primeira cabeça virou-se para esta cabeça: — Wullie Doido?

— Sim, Rob?

— Já num falei para parar com esse negócio de lamentação?

— Falô, Rob, cê já disse, — disse a cabeça chamada Wullie Doido.

— Então, por que continua?

— desculpe, Rob. Meio que escapou.

— É tão desanimador.

— Desculpe, Rob.

Rob Qualquerum suspirou.

— Embora eu ache que cê tá certo, Wullie. Ele tá vindo por causa da Bruaca Piquininha Grandona, pode crer. Quem que tá cuidando dela na fazenda?

— Spike Piquininho Perigoso, Rob.

Rob olhou para as nuvens, tão cheias de neve que se curvavam no meio.

— Tá bom, — disse e suspirou novamente. — Tá na hora du herói.

Ele sumiu de vista, o pedaço de neve caindo perfeitamente de volta no lugar e deslizou para o coração do montezinho funerário Feegle.

Era bem grande por dentro. Um humano poderia ficar de pé no meio, mas então se dobraria de tanto tossir porque o meio era onde havia um buraco para deixar a fumaça sair.

Ao redor da parede interna havia fileiras de galerias e cada uma delas estava lotada de Feegles. Normalmente o lugar era cheio de barulho, mas agora estava assustadoramente silencioso.

Rob Qualquerum atravessou a sala até o fogo, onde sua esposa, Jeannie, estava esperando. Ela ficou ereta e orgulhosa, como uma Kelda deveria se portar, mas de perto parecia a ele que ela tinha chorado. Colocou o braço em volta dela.

— Tudo bem, vocês provavelmente sabem o que tá acontecendo —, disse

ele ao público azul e vermelho olhando para ele. — Num é uma tempestade comum. O Artesão do Inverno encontrou a Bruaca Piquininha Grandona... ei, ei, não, vamu nos acalmar!

Ele esperou até que os gritos e o barulho das espadas cessassem, então continuou: — Não podemos lutar contra o Artesão do Inverno por ela! Essa é a estrada dela! Não podemos caminhar por ela! E tem outra, a grande Bruaca das Bruacas nos colocou em outro caminho! Um escuro e perigoso!

Um grito de alegria se elevou. Afinal, Feegles adoravam a ideia do perigo. — Muito bem! — Rob disse, satisfeito. — Vão buscar o Herói! — Houve muitas risadas com isso e Yan Grande, o mais alto dos Feegles gritou:

— É muito cedo. Só tivemo tempo prumas poucas lições de heroísmo pra ele! Ele né mais que um grande monte de poca coisa!

— Ele será um Herói para a Bruaca Piquininha Grandona e ponto final, — disse Rob bruscamente. — Não, vão embora ocês, todos fudidu docês! Todos pra mina de calcário! Vão lá me abrir um caminho pro submundo!

Tinha que ser o Artesão do Inverno, Tiffany Dolorida disse a si mesma, parada na frente de seu pai na gelada casa da fazenda. Ela podia sentir isso lá fora. Este não era um clima normal, mesmo para o meio do inverno e era primavera. Era um desafio. Ou talvez fosse apenas um jogo. Era difícil saber, quando era com o Artesão.

Só que não pode ser um jogo porque os cordeiros estão morrendo. Tenho apenas treze anos e meu pai e muitas outras pessoas mais velhas que eu, querem que eu faça alguma coisa. E eu não posso. O Artesão do Inverno me encontrou novamente. Ele está aqui agora e eu estou muito fraca.

Seria mais fácil se eles estivessem me intimidando, mas não, eles estão implorando. O rosto do meu pai está lívido de preocupação e ele está implorando. Meu pai está me implorando.

Ai, não, ele está tirando o chapéu. Ele está tirando o chapéu para falar comigo! Eles acham que a magia vem de graça quando estalo os dedos. Mas se eu não puder fazer isso por eles, agora, para que é que eu sirvo? Eu não posso deixá-los ver

Estou com medo. As bruxas não podem ter medo.

E é minha culpa. Eu. Eu comecei tudo isso. E tenho que terminar. O Sr. Dolorida pigarreou.

— ...E, hum, se você pudesse... hum, usar magia, ah, ou algo assim? Pela gente...?

Tudo na sala era cinza, porque a luz das janelas entrava pela neve. Ninguém havia perdido tempo desenterrando a horrível coisa branca das casas. Cada pessoa que pudesse segurar uma pá era necessária em outro lugar e ainda assim não havia o suficiente. Do jeito que estava, a maioria das pessoas tinha ficado acordada a noite toda, recolhendo rebanhos de filhotes de um ano, tentando manter os novos cordeiros seguros... no escuro, na neve....

Sua neve. Era uma mensagem para ela. Um desafio. Uma convocação. — Tudo bem, — ela disse. — Verei o que posso fazer.

— Boa menina, — Disse seu pai, sorrindo com alívio. Não, não uma boa menina, pensou Tiffany. Eu trouxe tudo isso para nós.

— Você vai ter que fazer uma grande fogueira, perto dos galpões —, ela disse em voz alta. — Eu quero dizer uma fogueira bem grande, entendeu? Faça isso com qualquer coisa que queime e você deve mantê-la queimando. Ele continuará tentando sair, mas você deve continuar. Continue acumulando combustível, aconteça o que acontecer. O fogo não deve apagar!

Ela garantiu que o "não!" fosse alto e assustador. Ela não queria que a mente das pessoas vagasse. Vestiu a pesada capa de lã marrom que a Senhorita Traição havia feito para ela e pegou o chapéu pontudo preto pendurado na parte de trás da porta da casa da fazenda. Houve uma espécie de grunhido comunitário das pessoas que se amontoaram na cozinha e algumas delas recuaram. Queremos uma bruxa agora, precisamos de uma bruxa agora, mas... vamos recuar agora também.

Essa era a magia do chapéu pontudo. Era o que a Senhorita Traição chamava de "Boffo".

Tiffany Dolorida saiu para o corredor estreito que tinha sido aberto no pátio da fazenda cheio de neve, com mais do que o dobro da altura de um homem. Mas pelo menos a neve profunda protegia do pior do vento, que era todo feito de facas.

Uma pista havia sido limpa até o redil das ovelhas, mas estava pesada. Quando há cinco metros de neve por toda parte, como você pode limpá-la? Para onde você pode limpá-lo?

Ela esperou ao lado dos galpões das carroças enquanto os homens cortavam e raspavam os bancos de neve. Estavam cansados até os ossos; estiveram cavando por horas.

O importante era...Bem, havia muitas coisas importantes. Era importante parecer calmo e confiante, era importante manter a mente clara, era importante não mostrar como você estava com medo de molhar as calças...

Ela estendeu a mão, pegou um floco de neve e deu uma boa olhada nele. Não era um dos normais, oh não. Era um de seus flocos de neve especiais. E era uma coisa vil. Ele a estava provocando. Agora ela podia odiá-lo. Ela nunca o odiara antes. Mas agora ele estava matando os cordeiros.

Ela estremeceu e estreitou a capa contra si.

— Isso eu escolho fazer —, ela resmungou, sua respiração deixando pequenas nuvens no ar. Limpou a garganta e começou de novo. — Isso eu escolho fazer. Se há um preço, eu escolho pagar este preço. Se for a minha morte, então eu escolho morrer. Aonde isso me levar, lá eu escolho ir. Eu escolho. Isso eu escolho fazer.

Não era um feitiço, exceto em sua própria cabeça, mas se você não pudesse fazer os feitiços funcionarem em sua própria cabeça, então eles não funcionariam de modo algum.

Tiffany se envolveu seu manto contra o vento cortante e observou, alheia, enquanto os homens traziam palha e madeira. A fogueira começou lentamente, como se estivesse com medo de mostrar entusiasmo.

Ela já havia feito isso antes, não? Dezenas de vezes. O truque não era tão difícil quando parecia, mas ela o fizera com tempo para acertar a cabeça e de qualquer modo, nunca o fizera com nada além do fogo da cozinha para aquecer os pés gelados. Em teoria, deveria ser fácil com uma grande fogueira e um campo de neve, certo?

Certo?

O fogo começou a rugir. Seu pai colocou a mão em seu ombro. Tiffany deu um pulo. Ela havia esquecido como ele podia se mover silenciosamente. — O que foi aquilo sobre escolher? — Ele disse. Ela tinha esquecido a boa audição que ele tinha também.

— É... coisa de bruxa —, ela respondeu, tentando não olhar para o rosto dele. — Só para o caso de...isto não funcionar, não é culpa de ninguém, apenas minha. — E isso é minha culpa, acrescentou para si mesma. É injusto, mas ninguém disse que não seria.

A mão de seu pai segurou seu queixo e gentilmente virou sua cabeça. Como suas mãos são macias, pensou Tiffany. Mãos de homem grande, mas macias como as de um bebê, por causa da gordura da lã da ovelha.

— Nós não deveríamos ter pedido a você, deveríamos...? — Disse.

Sim, você deveria ter me perguntado, pensou Tiffany. Os cordeiros estão morrendo sob esta neve terrível. E eu deveria ter dito não, deveria ter dito que ainda não era tão boa assim. Mas os cordeiros estão morrendo sob esta neve medonha!

Haverá outros cordeiros, disseram seus Segundos Pensamentos.

Mas não serão estes cordeiros, serão? Estes são os cordeiros que morrerão, aqui e agora. E estão morrendo porque dei ouvidos meus pés e ousei dançar com o Artesão do Inverno.

— Eu posso fazer isso —, disse ela.

Seu pai segurou seu queixo e olhou em seus olhos.

— Tem certeza, jiggit? — Perguntou. Era o apelido que sua avó tinha dado a ela...Vovó Dolorida, que nunca perdia um cordeiro na mais terrível das neves.

Seu pai nunca a havia chamado desta maneira. Por que isso surgiu em sua mente agora?

— Sim! — Ela afastou a mão dele e recobrou sua postura antes que pudesse começar a chorar.

— Eu... ainda não contei isso à sua mãe —, disse o pai bem devagar, como se as palavras exigissem um enorme cuidado, — mas não consigo encontrar seu irmão. Acho que ele estava tentando ajudar. Abe Swindell disse que o viu com sua pequena pá. Hmm... Tenho certeza de que ele está bem, mas... fique de olho nele, ok? Ele está com seu casaco vermelho.

Seu rosto, sem nenhuma expressão, era de partir o coração. O pequeno Wentworth, de quase sete anos, sempre correndo atrás dos homens, sempre querendo ser um deles, sempre tentando ajudar... com que facilidade um corpo pequeno poderia passar despercebido.... A neve ainda estava caindo rápido. Os flocos de neve horrivelmente errados estavam brancos nos ombros de seu pai. São essas pequenas coisas que você lembra quando o fundo do mundo desaba e você está caindo...

Aquilo não fora apenas injusto; aquilo... fora cruel.

Lembre-se do chapéu que você usa! Lembre-se do trabalho que está à sua frente! Equilíbrio! Equilíbrio é a chave. Mantenha o equilíbrio no centro, mantenha o equilíbrio....

Tiffany estendeu as mãos dormentes para o fogo, para extrair-lhe o calor.

— Lembre-se, não deixe o fogo apagar —, disse ela.

— Tenho homens trazendo madeira de todos os lugares —, disse o pai. — Eu disse a eles para trazer todo o carvão da fornalha também. Não vai ficar sem alimentação, eu prometo a você!

A chama dançou e se curvou em direção às mãos de Tiffany. O truque era, o truque, o truque... era pegar o calor em algum lugar próximo, levá-lo com você e... equilibrá-lo. Esqueça tudo o mais!

— Eu irei com... — seu pai começou.

— Não! Tome conta do fogo! — Tiffany gritou, alto demais, frenética de

medo. — Você fará o que eu disser!

Eu não sou sua filha hoje! Sua mente gritou. Eu sou sua bruxa! Eu protegerei você!

Ela se virou antes que ele pudesse ver seu rosto e correu por entre os flocos, ao longo da trilha que havia sido cortada em direção aos pastos mais baixos. A neve havia sido pisada em um caminho esburacado e irregular e irregular, escorregadio com a neve fresca. Homens exaustos com pás se espremeram nos bancos de neve de ambos os lados para não atrapalhar.

Ela alcançou a área mais ampla onde outros pastores estavam cavando na parede de neve. E que caia em pedaços ao redor deles.

— Parem! Recuem! — Sua voz gritou, enquanto sua mente chorava.

Os homens obedeceram rapidamente. A boca que dera aquela ordem tinha um chapéu pontudo acima dela. Você não discutia com isso.

Lembre-se do calor, do calor, lembre-se do calor, equilíbrio, equilíbrio...isto era como cortar até o osso da bruxaria. Sem brinquedos, sem varinhas, sem Boffo, sem cabeçologia, sem truques. Tudo o que importava era o quão bom você era. Mas às vezes você tinha de enganar a si mesma. Ela não era a Dama do Verão e não era Vovó Cera-do-Tempo. Então precisava dar toda ajuda que pudesse a si mesma.

Ela tirou o cavalinho prateado do bolso. Estava engordurado e manchado e ela havia planejado limpá-lo, mas não tivera tempo, não houve tempo...

Como um cavaleiro colocando seu elmo, ela prendeu a corrente de prata em volta do pescoço.

Ela deveria ter praticado mais. Deveria ter ouvido às pessoas. Deveria ter ouvido a si mesma.

Ela respirou fundo e estendeu as mãos de cada lado, com as palmas para cima. Em sua mão direita brilhava uma cicatriz branca.

— Trovão na minha mão direita —, disse ela. — Relâmpago na minha mão esquerda. Fogo atrás de mim. Gelo na minha frente.

Ela deu um passo à frente até ficar a apenas alguns centímetros do banco de

neve. Ela podia sentir sua frieza já tirando o calor dela. Bem, que assim seja. Ela respirou fundo algumas vezes. Isso eu escolhi fazer....

— Do gelo ao fogo —, ela sussurrou.

No quintal, o fogo ficou branco e rugiu como uma fornalha.

A parede de neve estalou e depois explodiu em vapor, lançando fragmentos gelados no ar. Tiffany avançou lentamente. A neve saía de suas mãos como a névoa ao nascer do sol. Derretia ao calor dela, tornando-se um túnel na profundeza gelada, fugindo dela, contorcendo-se em torno dela em nuvens de névoa fria.

Sim! Ela sorriu em desespero. Era verdade. Se você obtivesse o centro perfeito, se tivesse a mente certa, poderia se equilibrar. No meio da gangorra existe um lugar que nunca se move....

Suas botas chapinhavam na água morna. Havia grama verde fresca sob a neve, porque aquela tempestade horrorosa havia ocorrido no final do ano. Ela seguiu em frente, indo para onde os currais de ovelhas estavam enterrados.

Seu pai olhou para o fogo. Estava queimando incandescente, como uma fornalha, comendo a madeira como se impulsionada por um vendaval. Estava desmoronando em cinzas diante de seus olhos....

A água escorria pelas botas de Tiffany agora.

Sim! Mas não pense nisso! Mantenha o equilíbrio! Mais calor!

Gelo para fogo!

Houve um balido.

Ovelhas poderiam viver sob a neve, pelo menos por um tempo. Mas, como dizia a Vovó Dolorida, quando os deuses fizeram as ovelhas, devem ter deixado o cérebro no outro casaco. Em pânico e as ovelhas sempre estavam a um passo de entrar em pânico, elas pisoteavam seus próprios cordeiros.

Agora ovelhas e cordeiros apareciam fumegando e perplexos enquanto a neve derretia ao redor deles, como se fossem esculturas deixadas para trás.

Tiffany seguiu em frente, olhando para a frente dela, levemente consciente dos gritos excitados dos homens atrás dela. Eles a seguiam, libertando as ovelhas, embalando os cordeiros.

Seu pai gritava para os outros homens. Alguns deles estavam arrastando uma carroça, jogando madeira nas chamas quase ao branco. Outros estavam arrastando móveis da casa. Rodas, mesas, fardos de palha, cadeiras...o fogo levou tudo, engoliu tudo, rugiu por mais e não havia mais.

Sem casaco vermelho. Nada de casaco vermelho! Equilíbrio, equilíbrio. Tiffany seguiu em frente, água e ovelhas passando por ela. O teto do túnel caiu em um chapinhar e deslizamento de neve derretida. Ela ignorou. Flocos de neve frescos caíram pelo buraco e fervilharam no ar acima de sua cabeça. Ela ignorou isto também. E então, à frente dela... um vislumbre de vermelho. Gelo para fogo! A neve esvaiu-se e lá estava ele. Ela o pegou, segurou-o perto, enviou um pouco de seu calor para ele, sentiu-o se mexer, sussurrou: — Pesava pelo menos dezoito quilos! Pelo menos dezoito quilos!

Wentworth tossiu e abriu os olhos. Lágrimas caindo como neve derretida, ela correu até um pastor e empurrou o menino em seus braços.

— Leve-o para sua mãe! Faça isso agora! —O homem agarrou o menino e saiu correndo, assustado com a ferocidade dela. Hoje ela era a bruxa deles!

Tiffany voltou. Havia mais cordeiros para serem salvos.

O casaco de seu pai pousou nas chamas famintas, brilhou por um momento, depois caiu em cinzas cinzentas. Os outros homens estavam prontos; eles agarraram o homem quando ele foi pular atrás dele e o puxaram para trás, chutando e gritando.

As pedras de sílex haviam derretido como manteiga. Crepitaram por um momento, então congelaram.

O fogo se apagou.

Tiffany Dolorida olhou para cima, nos olhos do Artesão do Inverno.

— Disgraça! — Disse do alto da cobertura da carroça a vozinha pertencente a Spike Piquininho Perigoso.

Tudo isso ainda não aconteceu. Pode não acontecer. O futuro é sempre um pouco vacilante. Qualquer pequena coisa, como a queda de um floco de neve ou a queda do tipo errado de colher, pode fazê-lo girar por um novo caminho. Ou

talvez não.

Foi no outono passado onde tudo começou, no dia com um gato nele...



CAPÍTULO DOIS
SENHORITA TRAIÇÃO

Esta é Tiffany Dolorida, cavalgando uma vassoura pelas florestas montanhosas a centenas de quilômetros de distância. E é uma vassoura muito velha e ela está voando logo acima do solo; tem duas vassouras menores presas na parte de trás como rodinhas, para evitar que tombe. Mais propriamente, pertence a uma bruxa muito velha chamada Senhorita Traição, que voa ainda pior do que Tiffany e tem 113 anos.

Tiffany é pouco mais de cem anos mais jovem do que isso, mais alta do que era um mês atrás e sem tanta certeza de nada quanto há um ano.

Ela está treinando para ser uma bruxa. As bruxas geralmente usam preto, mas até onde ela sabia, a única razão pela qual as bruxas usavam preto era porque sempre usaram preto. Isso não parecia um motivo bom o suficiente, então ela tendia a usar azul ou verde. Ela não zombava de ostentações porque nunca tinha

visto uma.

Você não poderia escapar do chapéu pontudo, no entanto. Não havia nada de mágico em um chapéu pontudo, exceto que dizia que a mulher debaixo dele era uma bruxa. As pessoas prestavam atenção a um chapéu pontudo.

Mesmo assim, era difícil ser uma bruxa na aldeia onde você cresceu. Era difícil ser uma bruxa para as pessoas que te conheciam como a "menina do Joe Dolorida" e te viram correndo por aí com apenas uma camisola quando você tinha dois anos.

Ir embora ajudou. A maioria das pessoas que Tiffany conhecia nunca haviam se afastado a mais de dezesseis quilômetros de distância do local onde nasceram, então, se você fosse para lugares estrangeiros misteriosos, isso também a tornava um pouco misteriosa. Você voltava um pouco diferente. Uma bruxa precisava ser diferente.

A bruxaria estava se transformando em um trabalho árduo e realmente com pouca magia do tipo zap!-plim-plim-plim. Não havia escola e nada que fosse exatamente como uma aula. Mas não era sensato tentar aprender bruxaria sozinha, especialmente se você tivesse um talento natural. Se você cometesse algum erro podia passar de ignorante a alguém dando gargalhadas histéricas em uma semana....

Na verdade, quando se pensava bem na coisa, tudo se reduzia a gargalhadas histéricas. Claro, Ninguém falava sobre isso. As bruxas diziam coisas como – quanto mais velha, magra e cheia de verrugas, melhor –, mas nunca falavam nada sobre as gargalhadas histéricas. Pelo menos, não muito explicitamente. Mas estavam sempre vigilantes, o tempo todo.

Era tão fácil se tornar uma gargalhadora histérica. A maioria das bruxas vivia sozinha (o gato é opcional) e passava semanas sem ver outra bruxa. Nos tempos em que as pessoas odiavam as bruxas, elas eram muitas vezes acusadas de falar com seus gatos. Claro que eles falavam com seus gatos. Depois de três semanas sem uma conversa inteligente que não fosse sobre vacas, você conversava com a parede. E isso era um sinal precoce de gargalhada.

"Cacarejar", para uma bruxa, não significava apenas risada desagradável. Significava que sua mente estava perdendo o prumo. Significava que você estava perdendo o controle. Significava solidão, trabalho árduo, responsabilidade e os problemas dos outros deixando você maluca um pouco de cada vez, cada pedacinho de loucura tão pequeno que você mal notava, até que pensasse que era normal parar de se lavar e usar uma chaleira na cabeça. Significava você pensando que o fato de saber mais do que qualquer outra pessoa em sua aldeia a tornava melhor do que elas. Significava pensar que o certo e o errado eram negociáveis. E, no final, significava você "ir para a escuridão", como diziam as bruxas. Essa era uma estrada ruim. No final dessa estrada havia rodas de fiar envenenadas e chalés de gengibre.

O que impedia isso era o hábito de se visitarem. As bruxas visitavam outras bruxas o tempo todo, às vezes viajando um longo caminho para uma xícara de chá e um pãozinho. Em parte isso era para fofoca, é claro, porque bruxas adoram fofoca, especialmente se fossem mais para o excitante do que para o verdadeiro. Mas principalmente era para ficar de olho uma na outra.

Hoje Tiffany estava visitando Vovó Cera-do-Tempo, que era na opinião da maioria das bruxas (incluindo a própria Vovó) a bruxa mais poderosa das montanhas. Eram sempre visitas cercadas de muita polidez. Ninguém dizia: — Não estamos nos tornando caquéticas, não? — Ou — Certamente que não! Estou reta como um prumo! — Não precisavam disto. Já sabiam de tudo aquilo, então conversaram sobre outras coisas. Porém, quando estava de seus "humores", Vovó Cera-do-Tempo podia ser difícil de lidar.

Ela se sentava silenciosamente em sua cadeira de balanço. Algumas pessoas eram boas para conversar, porém Vovó Cera-do-Tempo era boa no silêncio. Ela podia sentar-se tão quieta e imóvel que desvanecia. Você esquecia que ela estava ali. O cômodo ficava vazio.

Isso incomodava as pessoas. Provavelmente era esta a intenção. Mas Tiffany também aprendera o silêncio com a Vovó Dolorida, sua verdadeira avó. Agora ela estava aprendendo que, se você ficasse realmente quieto, poderia se tornar quase

invisível.

Vovó Cera-do-Tempo era uma especialista.

Tiffany pensou nisso como o feitiço não estou aqui, se fosse um feitiço. Ela raciocinou que todos deveriam ter algo dentro de si que dizia ao mundo que eles estavam lá. Era por isso que muitas vezes você podia sentir quando alguém estava atrás de você, mesmo que não fizesse nenhum som. Você estava recebendo o sinal de "estou aqui".

Algumas pessoas tinham um muito forte. Eram as pessoas que eram servidas primeiro nas lojas. Vovó Cera-do-Tempo tinha um sinal de estou aqui que ricocheteava nas montanhas quando ela queria; quando entrava em uma floresta todos os lobos e ursos corriam para o outro lado.

Ela também podia desligá-lo.

Estava fazendo isto agora. Tiffany estava tendo que se concentrar para vê-la. A maior parte de sua mente estava dizendo a ela que não havia ninguém ali.

Bem, ela pensou, já chega disso. Ela tossiu.

De repente, Vovó Cera-do-Tempo sempre esteve lá. — A Senhorita Traição está muito bem, — disse.

— Uma boa mulher, — disse Vovó. — Oh, sim.

— Ela tem seus modos engraçados —, disse Tiffany. — Nenhum de nós é perfeito. — Disse Vovó. — Ela está experimentando novos olhos —, disse Tiffany. — Isto é bom.

— Um casal de corvos...

— Uma coisa muito boa —, disse a Vovó.

— Melhor que o rato que ela estava usando —, disse Tiffany. — Espero que sejam.

Houve um pouco mais disso, até que Tiffany começou a ficar irritada por fazer todo o trabalho. Afinal, havia uma coisa chamada polidez mútua. Oh bem, ela sabia o que fazer sobre isso agora.

— A senhora Lacrainha escreveu outro livro —, disse ela.

— Ouvi falar —, disse Vovó. As sombras na sala talvez tenham ficado um

pouco mais escuras.

Bem, isso explicava o mau humor. Até mesmo pensar na Senhora Lacrainha deixava Vovó Cera-do-Tempo com raiva. Para Vovó Cera-do-Tempo tudo relacionado à senhora Lacrainha estava totalmente errado. Ela não nascera região, o que já era quase um crime. Ela escrevia livros e Vovó Cera-do-Tempo não confiava em livros. E a senhora Lacrainha (pronuncia-se "Lacrái-nha" ou pelo menos era o que dizia a senhora Lacrainha) acreditava em varinhas reluzentes e amuletos mágicos e runas místicas e no poder das estrelas; enquanto Vovó Cera-do-Tempo acreditava em xícaras de chá, biscoitos secos, em lavar-se todas as manhãs em água fria e, bem, ela acreditava principalmente em Vovó Cera-do-Tempo.

A senhora Lacrainha era popular entre as bruxas mais jovens, porque se você fizesse bruxaria do jeito dela poderia usar tantas joias que mal conseguiria andar. Vovó Cera-do-Tempo não era muito popular com ninguém...exceto quando precisavam dela. Quando a Morte estava de pé ao lado do berço ou o machado escorregava na floresta e o sangue ensopava o musgo, você mandava alguém correr para a casinha fria e torta na clareira. Quando toda a esperança se ia, você chamava Vovó Cera-do-Tempo porque ela era a melhor.

E ela sempre vinha. Sempre. Mas popular? Não. Necessitar não é o mesmo que gostar. Vovó Cera-do-Tempo era para quando as coisas estavam sérias. Tiffany gostava dela, porém, de uma maneira esquisita. Ela achava que Vovó Cera-do-Tempo também gostava dela. Ela deixava Tiffany chamá-la de Vovó, quando todas as outras jovens bruxas tinham que chamá-la de madame Cera-do-Tempo. Às vezes, Tiffany pensava que se você fosse amigável com Vovó Cera-do-Tempo, ela o testaria para ver o quão amigável você permaneceria sendo. Tudo sobre Vovó Cera-do-Tempo era um teste.

— O novo livro se chama *Primeiros Voos na Bruxaria* —, continuou ela, observando a velha bruxa cuidadosamente.

Vovó Cera-do-Tempo sorriu. Ou seja, sua boca subiu nos cantos.

— Rá! — Ela disse. — Eu já disse isso antes e vou dizer de novo: você não

pode aprender bruxaria nos livros. Letícia Lacrainha acha que você pode se tornar uma bruxa fazendo compras. Ela deu a Tiffany um olhar penetrante, como se ela estivesse se decidindo sobre algo. Então ela disse: — E aposto que ela não sabe fazer isso.

Ela pegou sua xícara de chá quente, envolvendo-a com a mão.

Então ela estendeu a outra mão e pegou a mão de Tiffany.

— Pronta? — Disse.

— Para o qu... — Tiffany começou e então ela sentiu sua mão esquentar.

O calor se espalhou por seu braço, aquecendo-o até os ossos. — Está sentindo?

— Sim!

O calor morreu. Vovó Cera-do-Tempo, ainda observando o rosto de Tiffany, virou a xícara de cabeça para baixo.

O chá caiu de uma só vez. Estava congelado.

Tiffany tinha idade suficiente para não dizer: "Como você fez isso?" e Vovó Cera-do-Tempo não respondia a perguntas tolas ou, aliás, a muitas perguntas.

— Você transportou o calor —, disse Tiffany. — Você tirou o calor do chá e o moveu através de você para mim, não foi?

— Sim, mas ele nunca me tocou —, disse Vovó triunfante. — É tudo uma questão de equilíbrio, percebe? Equilíbrio é a chave. Mantenha o equilíbrio e... — Ela parou. — Já andou em uma gangorra? Uma ponta sobe, a outra desce. Mas o pedaço no meio, bem no meio, fica onde está. O que sobe e o que desce passam bem pelo meio dela. Não importa o quão alto ou baixo as extremidades vão, isso mantém o equilíbrio. — Ela fungou. — Magia é principalmente mover coisas por aí.

— Posso aprender isso?

— Ouso dizer que sim. Não é difícil, se você acertar sua mente.

— Você pode me ensinar?

— Acabei de fazer. Mostrei a você.

— Não, Vovó, você acabou de me mostrar como fazer, não... como fazer!

— Não posso te dizer como. Eu sei como faço. Como você fará isso será diferente. Você só precisa acertar sua mente.

— E como eu faço isso?

— E como é que eu vou saber? É a sua mente, — Grunhiu Vovó. — Coloque a chaleira no fogo de novo, sim? Meu chá esfriou.

Havia algo quase rancoroso nisso tudo, mas era a Vovó. Ela achava que, se você fosse capaz de aprender, daria um jeito. Não adiantava facilitar para as pessoas. A vida não era fácil, ela dizia.

— E vejo que você ainda está usando essa bugiganga —, disse a Vovó. Ela não gostava de bugigangas, uma palavra que ela usava para se referir a qualquer coisa de metal que uma bruxa usasse e que não existisse para segurar, fechar ou prender. Isso era... ir às compras.

Tiffany tocou o cavalinho prateado que usava no pescoço.

Era pequeno e simples e significava muito para ela. — Sim, — disse calmamente. — Ainda estou usando.

— O que você tem nessa cesta? — Vovó disse agora, o que foi extraordinariamente rude. A cesta de Tiffany estava sobre a mesa. Tinha um presente nela, é claro. Todo mundo sabia que você levava um presentinho quando de visita, mas a pessoa que você visitava deveria ficar surpresa quando você o dava e dizer coisas como "Oooh, você não devia".

— Trouxe uma coisa para você —, disse Tiffany, colocando a grande chaleira preta no fogo.

— Você não precisa me trazer presentes, tenho certeza —, disse Vovó com severidade.

— Sim, bem —, disse Tiffany, e deixou por isso mesmo.

Ela ouviu a Vovó levantar a tampa da cesta. Havia um gatinho dentro dela.

— A mãe dela é Pinky, a gata da viúva Cable —, disse Tiffany, para preencher o silêncio.

— Não deveria ter se dado ao trabalho —, rosnou a voz de Vovó Cera-do-Tempo. — Não foi trabalho algum. — Tiffany sorriu para o fogo.

— Eu não me dou com gatos.

— Ela vai manter a casa livre de ratos —, disse Tiffany, ainda sem se virar.

— Não tenho ratos aqui.

Nada para eles comerem, pensou Tiffany. Em voz alta, ela disse: — a Senhora Lacrainha tem seis grandes gatos pretos. — Na cesta, o gatinho branco estava olhando para Vovó Cera-do-Tempo com a expressão triste e chocada de todos os gatinhos. Você me testa, eu testo você, pensou Tiffany.

— Não sei o que farei com isso, tenho certeza. Vai ter que dormir no galpão das cabras —, disse Vovó Cera do Tempo. A maioria das bruxas tinha cabras.

A gatinha se esfregou na mão da Vovó e miou.

Quando Tiffany saiu, mais tarde, Vovó Cera-do-Tempo se despediu na porta e com muito cuidado fechou o gatinho do lado de fora.

Tiffany atravessou a clareira até onde havia amarrado a vassoura da Senhorita Traição.

Porém não montou nela, ainda não. Ela recuou contra um azevinho e ficou quieta até não estar mais lá, até que tudo nela dizia: não estou aqui.

Todo mundo podia ver imagens no fogo e nas nuvens. Você só tinha de inverter isso. Você desligava aquele pedaço de si mesma que dizia que você estava ali. Você se dissolvia. Qualquer um que olhasse para você acharia muito difícil de te ver. Seu rosto tornava-se um pedaço de folha e sombra, seu corpo um pedaço de árvore e arbusto. A mente da outra pessoa preencheria as lacunas.

Parecendo apenas mais um pedaço de azevinho, ela observou a porta. Um vento morno, mas incômodo, havia se tornado mais intenso, sacudindo as folhas amarelas e vermelhas dos sicômoros e fazendo-as rodopiar pela clareira. O gatinho tentou apanhar algumas delas no ar e depois ficou sentada lá, fazendo barulhos tristes de miados. A qualquer momento, Vovó Cera-do-Tempo pensaria que Tiffany havia saído e abriria a porta e...

— Esqueceu alguma coisa? — disse Vovó ao seu ouvido. Ela era o arbusto.

— Hmmm... Ela é tão mimosa. Eu apenas pensei que você poderia, você sabe, começar a gostar dela —, disse Tiffany, mas ela estava pensando: Bem, ela

poderia ter chegado aqui se tivesse corrido, mas por que não a vi? Você pode correr e se esconder ao mesmo tempo?

— Não se preocupe comigo, garota —, disse a bruxa. — Agora vá agora mesmo à casa da Senhorita Traição e mande a ela minhas lembranças. Mas – e sua voz se suavizou um pouco –foi muito bom esta coisa de se esconder que você fez. Existem muitos que não teriam visto você. Caramba, quase não consegui ouvir seu cabelo crescer!

Quando a vassoura de Tiffany deixou a clareira e Vovó Cera-do-Tempo se convenceu de outras pequenas maneiras de que ela realmente havia ido, ela voltou para dentro, ignorando cuidadosamente o gatinho novamente.

Depois de alguns minutos, a porta se abriu um pouco. Podia ter sido apenas uma corrente de ar. O gatinho trotou para dentro...

Todas as bruxas eram um pouco estranhas. Tiffany se acostumara com o esquisito, de modo que o esquisito parecia bastante normal. Havia a Senhorita Plana, por exemplo, que tinha dois corpos, embora um deles fosse imaginário. Madame Afundada, que criava minhocas com pedigree e que dava nomes a todas... bem, ela não era nada estranha, apenas um pouco peculiar e de qualquer maneira as minhocas eram bastante interessantes de uma forma basicamente desinteressante. E havia Velha Mãe Dismass, que sofria de crises de confusão temporal, o que pode ser bastante estranho quando acontece com uma bruxa; sua boca nunca se movia no ritmo de suas palavras e às vezes seus passos desciam a escada dez minutos antes dela.

Mas, na hora de estranhar, a Senhorita Traição não levou só o bolo, mas também um pacote de biscoitos, com granulado por cima e também uma vela.

Por onde começar, quando as coisas eram completamente estranhas....

A Senhorita Eumenides Traição ficou cega quando tinha sessenta anos. Para a maioria das pessoas isso teria sido um infortúnio, mas a Senhorita Traição era hábil em Empréstimos, um talento particular de bruxa.

Ela poderia usar os olhos dos animais, lendo o que eles viam diretamente de suas mentes.

Ela ficou surda quando tinha setenta e cinco anos, mas já pegara o jeito e usava todos os ouvidos que tivesse a mão.

Quando Tiffany foi ficar com ela, a Senhorita Traição usava um rato para ver e ouvir, porque sua velha gralha havia morrido. Era um pouco preocupante ver uma velha andando pelo chalé com um rato na mão estendida e muito preocupante se você dissesse alguma coisa e o rato fosse virado para você. Era incrível como um nariz rosado e torto podia ser assustador.

Os novos corvos eram muito melhores. Alguém em uma das aldeias locais havia feito para a velha um poleiro que cabia em seus ombros, um pássaro de cada lado e com seus longos cabelos brancos o efeito que se tinha era muito, bem, *bruxesco*, embora um pouco bagunçado na parte de trás de sua capa no final do dia.

Então havia o relógio dela. Era pesado e fora feito de ferro enferrujado por alguém que era mais ferreiro do que relojoeiro, por isso fazia clonc-clank em vez de tic-tac. Ela o usava no cinto e sabia as horas sentindo os ponteirinhos pequenos e rombudos.

Havia uma história nas aldeias de que o relógio era o coração da Senhorita Traição, usado por ela desde que seu primeiro coração morreu. Havia um monte de histórias sobre a Senhorita Traição.

Você tinha que ter um padrão elevado no quesito de estranheza para tratar com ela. Era tradicional que jovens bruxas viajassem e estagiassem com bruxas mais velhas para aprender com diversas especialistas, em troca do que a Senhorita Umaturga, a caçadora de bruxas, chamava de "alguma ajuda com as tarefas", o que significava "fazer todas as tarefas". Na maioria, elas deixaram a casa da Senhorita Traição depois de uma noite. Tiffany tinha resistido por três meses até agora.

Ah, e às vezes, claro, quando estava procurando um par de olhos para ver, a Senhorita Traição se infiltrava nos seus. Era uma sensação estranha de formigamento, como se alguém invisível estivesse olhando por cima do seu

ombro.

Sim... talvez a Senhorita Traição não tenha levado apenas o bolo, um pacote de biscoitos com confeitos por cima e uma vela, mas também a paçoca, os sanduíches e homem que depois fazia divertidos bichinhos de balão.

Ela estava trabalhando em seu tear quando Tiffany entrou. Dois bicos se viraram para encará-la.

— Ah, criança —, disse a Senhorita. Traição em uma voz fina e quebrada. — Você teve um bom dia.

— Sim, Senhorita Traição —, disse Tiffany obedientemente.

— Você viu a garota Cera-do-Tempo e ela está bem. — clique-claque

fez o tear. Clonk-clank fez o relógio.

— Muito bem —, disse Tiffany. A Senhorita Traição não fazia perguntas. Ela apenas dava as respostas. "A garota Cera-do-Tempo", Tiffany pensou, enquanto começava a jantar. Claro, a Senhorita Traição era muito velha.

E muito assustadora. Isto era um fato. Você não podia negar. Ela não tinha nariz adunco e tinha todos os dentes, mesmo que fossem amarelos, mas fora isso ela era uma bruxa malvada de livro ilustrado. E seus joelhos estalavam quando ela andava. E ela andava muito rápido, com a ajuda de dois paus, correndo como uma grande aranha. Outra coisa estranha: A casa estava cheia de teias de aranha, que a Senhorita Traição havia ordenado a Tiffany nunca tocasse, mas você nunca via uma aranha.

Havia a coisa sobre o preto também. A maioria das bruxas gostava de preto, mas a Senhorita Traição tinha até cabras e galinhas pretas. As paredes eram pretas. O piso era preto. Se você deixasse cair um pedaço de alcaçuz, nunca mais o encontraria. E, para desgosto de Tiffany, ela teve que deixar seus queijos pretos, o que significava pintá-los com cera preta brilhante. Tiffany era uma excelente queijeira e os mantinha úmidos, mas Tiffany desconfiava de queijos pretos. Eles sempre pareciam estar tramando alguma coisa.

E a Senhorita Traição não parecia precisar dormir. Ela não tinha muito uso para noite e dia agora. Quando os corvos iam para a cama, ela convocava uma

coruja e ziguezagueava à vista da coruja. Uma coruja era particularmente boa, disse ela, porque ficava virando a cabeça para observar a lançadeira do tear. Clic-clac fez o tear e clonc-clanc fez o relógio, respondendo.

Senhorita Traição, com sua capa preta esvoaçante, olhos enfaixados e cabelos brancos desgrenhados...

Senhorita Traição com seus dois bastões, vagando pelo chalé e pelo jardim na noite escura e gelada, cheirando a memória das flores....

Todas as bruxas tinham alguma habilidade particular e a Senhorita Traição fazia Justiça.

As pessoas vinham de quilômetros para trazer seus problemas para ela:

Eu sei que a vaca é minha, mas ele diz que é dele!

Ela diz que a terra é dela, mas meu pai a deixou para mim!

... e a Senhorita Traição sentava-se no tear, clique-claqueando, de costas para a sala cheia de pessoas ansiosas. O tear as deixava ansiosas. Elas vigiavam como se estivessem com medo; e os corvos os vigiavam.

Eles gaguejavam seus casos, hum-hum e ham-him, enquanto o tear chacoalhava à luz bruxuleante das velas. Ah, sim... a luz de velas...os candelabros eram duas caveiras. Uma tinha a palavra ENOCHI esculpida; a outra tinha a palavra ATHOOTITA.

(As palavras significavam "CULPA" e "INOCÊNCIA". Tiffany desejaria não saber disso. Não havia como uma garota criada no Giz saber disso, porque as palavras estavam em uma língua estrangeira e antiga. Ela as conhecia por causa do Doutor Sensibilidade Alvoroço, D.M. Phil. (Doutor em Magia Filosófica), B.L S (Bacharel em Ligações Sobrenaturais), Professor patrício de magia na Universidade Invisível, que estava em sua cabeça.

(Bem, uma pequena parte dele, pelo menos. Alguns verões atrás, ela foi dominada por um enxame, uma... coisa que vinha colecionando mentes por milhões de anos. Tiffany conseguiu tirá-lo da cabeça, mas alguns fragmentos ficaram entranhados em seu cérebro. Um deles era um pequeno pedaço de ego e uma mistura de memórias que restaram do falecido Dr. Alvoroço. Ele não era

muito problema, mas se ela olhasse para qualquer coisa em uma língua estrangeira, ela poderia ler...ou melhor, ouvir a voz esganiçada do Dr. Alvoroço traduzindo para ela. Parecia ser tudo o que restava dele, mas ela tentava evitar se despir na frente de um espelho.)

As velas pingavam cera por todos os crânios e as pessoas ficavam olhando para eles o tempo todo que estavam na sala.

E então, quando todas as palavras haviam sido ditas, o tear parava com um choque de súbito silêncio e a Senhorita Traição se viraria em sua cadeira grande e pesada, que tinha rodas, tiraria a venda preta de seus olhos cinza perolados e diria:

"Eu já ouvi. Agora eu verei. Verei onde está a verdade."

Neste ponto, quando ela os encarava sob a luz dos crânios, algumas pessoas, inclusive, saíam correndo. Aqueles olhos que não podiam ver seu rosto podiam de alguma forma ver sua mente. Quando a Senhorita Traição estava olhando através de você, você só podia ser sincero ou muito, muito estúpido.

Então ninguém nunca discutiu com a Senhorita Traição.

As bruxas não podiam ser pagas por usar seus talentos, mas todos que chegavam a ter uma disputa resolvida pela Senhorita Traição lhe traziam um presente, geralmente comida, mas às vezes roupas usadas limpas, se fossem pretas ou um par de botas velhas, se fossem do tamanho dela. Se a Senhorita Traição julgasse você, realmente não era uma boa ideia (todos diziam) pedir seu presente de volta, já que ser transformado em algo pequeno e pegajoso geralmente ofendia.

Diziam que se você mentisse para a Senhorita Traição morreria horrivelmente em uma semana. E diziam que reis e príncipes vinham ver a Senhorita Traição à noite, fazendo perguntas sobre grandes assuntos de Estado. E que em seu paiol havia um monte de ouro guardado por um demônio com pele de fogo e três cabeças que atacaria qualquer um que visse e comeria seus narizes.

Tiffany suspeitava que pelo menos duas dessas crenças estavam erradas.

Ela sabia que o terceiro não era verdade porque um dia ela tinha descido para o paiol (com um balde de água e um atiçador, por precaução), e não havia nada lá além de pilhas de batatas e cenouras. E um rato, observando-a

atentamente.

Tiffany não ficara assustada, muito. Assim, a menos que o demônio fosse bom em se disfarçar de batata, provavelmente não existia. E ainda, embora a Senhorita Traição parecesse má, soasse má e cheirasse a velhos guarda-roupas trancados, não se sentia que ela fosse má.

Primeira Visão e Segundos Pensamentos, é nisso que uma bruxa tem que confiar: Primeira Visão para ver o que realmente está lá e Segundos Pensamentos para observar os Primeiros Pensamentos para verificar se eles estavam pensando direito. Depois, havia os Terceiros Pensamentos, sobre os quais Tiffany nunca tinha ouvido falar e portanto, mantinha silêncio; eles eram estranhos, pareciam pensar por si mesmos e não apareciam com muita frequência. E eles estavam dizendo a ela que havia mais na Senhorita Traição do que aparentava.

E então um dia, quando estava tirando o pó, Tiffany derrubou o crânio chamado Enochi... e de repente Tiffany sabia muito mais sobre a Senhorita Traição do que a Senhorita Traição provavelmente gostaria que alguém soubesse.

Naquela noite, enquanto comiam o ensopado (com feijão-preto), a Senhorita Traição disse: — O vento está aumentando. Devemos ir logo. Eu não confiaria em uma vassoura acima das árvores em uma noite como esta. Pode haver criaturas estranhas por aí.

— ir? Vamos sair? — Tiffany perguntou. Eles nunca saíam à noite e era por isso que as noites sempre pareciam durar cem anos.

— Realmente estamos. Eles dançarão esta noite.

— Quem estará?

— Os corvos não poderão ver e a coruja ficará confusa —, continuou a Senhorita Traição. — Precisarei usar seus olhos.

— Quem vai dançar, Senhorita Traição? — disse Tiffany. Ela gostava de dançar, mas ninguém parecia dançar ali.

— Não é longe, mas haverá uma tempestade.

Então era assim; A Senhorita Traição não ia contar. Mas parecia interessante. Além disso, provavelmente seria educativo ver alguém que a

Senhorita Traição considerasse estranho.

Claro, isso significava que a Senhorita Traição colocaria seu chapéu pontudo. Tiffany odiava essa parte. Ela teria que ficar na frente da Senhorita Traição e encará-la e sentir o pequeno formigamento em seus olhos quando a velha bruxa a usasse como uma espécie de espelho.

O vento rugia na floresta como um grande animal escuro quando terminaram o jantar. Ele arrancou a porta das mãos de Tiffany quando ela a abriu e voou pela sala, fazendo as cordas zumbirem no tear.

— Você tem certeza disso, Senhorita Traição? — ela disse, tentando fechar a porta.

— Não diga isso para mim! Você se atreva a dizer isso para mim! A dança deve ser testemunhada! Eu nunca perdi a dança! — A Senhorita Traição parecia nervosa e tensa. — Devemos ir! E você deve vestir-se de preto.

— Senhorita Traição, você sabe que não uso preto —, disse Tiffany.

— Esta é uma noite para preto. Você vestirá minha segunda melhor capa.

Ela disse isso com a firmeza de uma bruxa, como se a ideia de alguém desobedecer nunca tivesse passado por sua cabeça. Ela tinha 113 anos. Ela tinha muita prática. Tiffany não poderia discutir.

Não é que eu tenha algo contra o preto, Tiffany pensou enquanto pegava a segunda melhor capa, mas não sou eu. Quando as pessoas dizem que as bruxas se vestem de preto, na verdade querem dizer que as velhinhas se vestem de preto. De qualquer forma, não é como se eu estivesse vestindo rosa ou algo assim...

Depois disso ela teve que enrolar o relógio da Senhorita Traição em pedaços de cobertor, de modo que o CLONC-CLANC se tornasse clonc-clanc. Não havia como não o levar. A Senhorita Traição sempre trazia o relógio consigo.

Enquanto Tiffany se aprontava, a velha deu corda no relógio com um barulho horrível. Ela estava sempre dando corda; às vezes ela parava para fazer isso no meio de um julgamento, com uma sala cheia de gente horrorizada.

Ainda não chovia, mas quando partiram o ar estava cheio de galhos e folhas voando. A Senhorita Traição estava sentada de lado na vassoura, agarrada a ela

como se sua vida dependesse disso, enquanto Tiffany caminhava rebocando-a com uma corda de varal.

O céu do pôr-do-sol ainda estava vermelho e uma lua minguante estava alta, mas as nuvens estavam sendo chicoteadas sobre ela, enchendo a floresta com sombras em movimento. Galhos se batiam e Tiffany ouviu o rangido e o estrondo quando, em algum lugar no escuro, um caiu no chão.

— Vamos para as aldeias? — Tiffany gritou acima do barulho. — Não! Pegue o caminho pela floresta! — gritou a Senhorita Traição.

Ah, pensou Tiffany, isso é o famoso "dançar sem calcinha de que tanto ouvi falar? Na verdade, não ouvi tanto assim porque assim que alguém menciona, outra pessoa diz para calar a boca, então eu realmente não ouvi muito sobre isso mas, não ouvi de uma forma muito significativa.

Era algo que as pessoas pensavam que as bruxas faziam, mas as bruxas não achavam que elas faziam isso. Tiffany teve que admitir que ela podia ver o porquê. Mesmo as noites quentes de verão não eram todas tão quentes e sempre havia ouriços e cardos com que se preocupar. Além disso, você simplesmente não poderia imaginar alguém como Vovó Cera-do-Tempo dançando sem... Bem, você simplesmente não poderia imaginar, porque se o fizesse, sua cabeça explodiria.

O vento diminuiu quando ela pegou a trilha da floresta, ainda rebocando a flutuante Senhorita Traição. Mas o vento trouxera consigo o ar frio e depois o deixara para trás. Tiffany ficou feliz com a capa, mesmo que fosse preta.

Ela seguiu em frente, tomando caminhos diferentes quando a Senhorita Traição lhe dizia para fazê-lo, até que ela viu a luz do fogo através das árvores em uma pequena depressão do terreno. — Pare aqui e me ajude a descer, garota —, disse a velha bruxa. — E ouça cuidadosamente. Existem regras. Um, você não vai falar; dois, você vai olhar apenas para os dançarinos; três, você não vai se mover até a dança terminar. Eu não vou te dizer duas vezes!

— Sim, Senhorita Traição. Está muito frio aqui.

— E vai ficar mais frio.

Eles se dirigiram para a luz distante. De que adianta uma dança que você só

pode assistir? Tiffany se perguntou. Não parecia muito divertido.

— Não é para ser divertido —, disse a Senhorita Traição.

As sombras se moviam à luz do fogo e Tiffany ouviu o som de vozes masculinas. Então, quando chegaram à beira do terreno rebaixado, alguém jogou água sobre o fogo.

Houve um silvo e uma nuvem de fumaça e vapor subiu entre as árvores. Aconteceu em um momento e deixou um choque atrás de si. A única coisa que parecia viva ali havia morrido.

Folhas secas caídas estalavam sob seus pés. A lua, em um céu agora limpo de nuvens, desenhou pequenas formas prateadas no chão da floresta.

Demorou algum tempo até que Tiffany percebesse que havia seis homens parados no meio da clareira. Deviam estar vestidos de preto; contra o luar, pareciam buracos em forma de homem no nada. Eles estavam em duas filas de três, um de frente para o outro, mas tão imóveis que depois de um tempo Tiffany se perguntou se ela os estava imaginando.

Houve o baque de um tambor: bom... bom...bom.

Durou mais ou menos meio minuto e depois parou. Mas no silêncio da floresta fria a batida continuou dentro da cabeça de Tiffany e talvez não fosse a única cabeça em que trovejou, porque os homens estavam balançando a cabeça suavemente, para manter a batida.

Eles começaram a dançar.

O único barulho era de suas botas batendo no chão enquanto os homens-sombra entravam e saíam. Mas então Tiffany, com a cabeça cheia do tambor silencioso, ouviu outro som. Seu pé estava batendo, por si só. Ela já tinha ouvido essa batida antes; ela tinha visto homens dançando assim.

Mas tinha sido em dias quentes sob o sol forte. Eles usavam pequenos sinos em suas roupas.

— Esta é uma dança de Morris! — Ela disse, não muito baixinho.

— Shhh! — Sibilou a Senhorita Traição.

— Mas isso não é o certo...

— Fique em silêncio!

Corando e com raiva no escuro, Tiffany tirou os olhos dos dançarinos e olhou desafiadoramente ao redor da clareira. Havia outras sombras se aproximando, humanas ou pelo menos com forma humana, mas ela não conseguia vê-las claramente e talvez fosse melhor assim.

Estava ficando mais frio, ela tinha certeza. A geada branca crepitava nas folhas.

A batida continuou. Mas parecia a Tiffany que não estava sozinha agora, de que estava captando outras batidas e ecos de dentro de sua cabeça.

A Senhorita Traição podia fazer "shhh" o quanto quisesse. Aquilo era uma dança de Morris.

Mas fora de época!

Os homens Morris chegavam à aldeia em maio. Nunca dava para ter certeza de quando, porque eles tinham que parar em vários vilarejos ao longo do Giz e cada vilarejo tinha um pub, o que os tornava mais lentos.

Eles carregavam bastões e usavam roupas brancas com sinos para impedi-los de assustar às pessoas. Ninguém gostava de um dançarino Morris aparecendo de surpresa. Tiffany esperava do lado de fora da aldeia com as outras crianças e dançava atrás deles durante todo o caminho.

E então eles costumavam dançar no gramado da vila ao som de um tambor, batendo suas baquetas no ar e então todos iam para o pub e o verão chegava.

Tiffany nunca conseguiu descobrir como essa última parte acontecia. Os dançarinos dançavam e então chegava o verão...isso era tudo o que todos pareciam saber. Seu pai disse que houve um ano em que os dançarinos não apareceram e uma primavera fria e úmida se transformou em um outono frio, com os meses intermediários sendo preenchidos com névoas, chuvas e geadas em agosto.

O som dos tambores enchia sua cabeça agora, deixando-a tonta. Eles estavam errados; havia algo errado...

E então ela se lembrou do sétimo dançarino, aquele a quem chamavam de Louco. Ele geralmente era um homem pequeno, usando uma cartola surrada e trapos brilhantes costurados em toda a roupa. Na maior parte do tempo, ele andava por ali segurando o chapéu e sorrindo para as pessoas até que lhe dessem dinheiro para a cerveja. Mas às vezes ele abaixava o chapéu e girava em direção aos dançarinos. Você esperaria que houvesse uma colisão massiva de braços e pernas, mas isso nunca aconteceu. Pulando e girando entre os homens suados, ele sempre conseguia estar onde os outros dançarinos não estavam.

O mundo estava se movendo ao seu redor. Ela piscou. Os tambores em sua cabeça eram como um trovão agora e era uma batida tão profunda quanto oceanos. A Senhorita Traição fora esquecida. Assim como a multidão estranha e misteriosa. Agora havia apenas a dança em si. que se torcia no ar como uma coisa viva. Mas havia um espaço nela, movendo-se. Era onde ela deveria estar, ela sabia disso. A Senhorita Traição dissera que não, mas isso fora há muito tempo e como poderia a Senhorita Traição entender? O que ela poderia saber? Quando ela dançou pela última vez? A dança estava nos ossos de Tiffany agora, chamando por ela. Seis dançarinos não eram o bastante!

Ela correu para a frente e pulou na dança.

Os olhos dos dançarinos a encaravam enquanto ela pulava e dançava entre eles, sempre estando onde eles não estavam. Os tambores eram donos dos pés dela e eles iam para onde sua batida os mandava.

E então...

... Havia mais alguém ali.

Era como a sensação de alguém atrás dela, mas também era a sensação de alguém na frente dela, ao lado dela, acima dela e abaixo dela, tudo de uma vez.

Os dançarinos congelaram, mas o mundo girou. Os homens eram apenas sombras negras, contornos mais escuros na escuridão. As batidas dos tambores pararam e houve um longo momento enquanto Tiffany se virava suave e silenciosamente, os braços estendidos, os pés sem tocar o chão, o rosto voltado para as estrelas frias como gelo e afiadas como agulhas. Aquilo se fazia sentir...

como encantamento.

Uma voz disse: — Quem é você? — Teve eco, ou talvez duas pessoas a tenham dito quase ao mesmo tempo.

A batida voltou de repente e seis homens se chocaram contra ela.



Algumas horas depois, na pequena cidade de Cachorrotorcido, nas planícies, os cidadãos jogaram uma bruxa no rio com os braços e as pernas amarrados.

Esse tipo de coisa nunca acontecia nas montanhas, onde as bruxas eram respeitadas, mas nas vastas planícies ainda havia pessoas burras o suficiente para acreditar nas histórias mais sórdidas. Além disso, não havia muito o que fazer à noite.

No entanto, provavelmente não era frequente que a bruxa recebesse uma xícara de chá e alguns biscoitos antes de seu lançamento às águas.

Tinha acontecido assim porque o povo de Cachorrotorcido se guiava pelo livro.

O livro chamava-se: *Magavenatio Obtusis*.[1]

As pessoas da cidade não sabiam como o livro havia chegado até eles. Aparecera um dia em uma prateleira de uma das lojas.

Eles sabiam ler, claro. Você tinha que ter uma certa quantidade de leitura e escrita para se dar bem no mundo, mesmo em Cachorrotorcido. Mas eles não confiavam muito nos livros ou no tipo de pessoa que os lia.

Este, porém, era um livro sobre como lidar com bruxas. Também parecia bastante confiável, sem muitas palavras longas (e, portanto, não confiáveis), como "marmelada". Finalmente, eles disseram um ao outro, é disso que precisamos. Este

---

[1] Tá bom... "Caça às Bruxas para idiotas.”

é um livro sensato. Ok, não é bem o que esperávamos, mas lembra daquela bruxa do ano passado? Aquela que jogamos no rio e depois tentamos queimá-la viva? Só que estava toda ensopada e então fugiu? Não vamos passar por isso de novo!

Eles prestaram atenção especial a este trecho:

> *É muito importante, depois de pegar sua bruxa, não a machucar de forma alguma (ainda!). Em hipótese alguma coloque fogo nela! Este é um erro em que os iniciantes geralmente caem. Isso só deixa a bruxa furiosa e ela volta ainda mais forte. Como todos sabem, a outra maneira de se livrar de uma bruxa é jogá-la em um rio ou lagoa.*
>
> *Este é o melhor plano:*
>
> *Primeiro, prenda-a durante a noite em um quarto moderadamente quente e dê-lhe tanta sopa quanto ela pedir. Cenoura e lentilha podem servir, mas para obter melhores resultados, recomendamos alho-poró e batata preparados com um bom caldo de carne. Foi comprovado que isso prejudica seriamente seus poderes mágicos. Não dê a ela sopa de tomate.... isso apenas a deixará muito mais poderosa.*
>
> *Por segurança, coloque uma moeda de prata em cada uma de suas botas. Ela não conseguirá tirar as moedas porque queimarão seus dedos.*
>
> *Forneça-lhe cobertores quentes e um travesseiro. Isso vai induzi-la a dormir. Tranque a porta e certifique-se de que ninguém entre.*
>
> *Cerca de uma hora antes do amanhecer, entre no quarto. Agora você pode pensar que a maneira de fazer isso seria entrar aos gritos. NADA PODERIA ESTAR MAIS LONGE DA VERDADE. Entre delicadamente na ponta dos pés, deixe uma xícara de chá ao lado da bruxa adormecida, volte na ponta dos pés até a porta e tussa baixinho. Isto é importante. Se despertada repentinamente, ela pode ficar realmente muito desagradável.*

Algumas autoridades recomendam biscoitos de chocolate com o chá, outras dizem que bastam biscoitos de gengibre. Se você valoriza sua vida, não dê a ela biscoitos simples, porque faíscas sairão de suas orelhas. Quando ela acordar, recite esta poderosa runa mística, que a impedirá de se transformar em um enxame de abelhas e voar para longe:

U MA VER GON HASER BABA CASSIM.

Quando ela terminar o chá e os biscoitos, amarre suas mãos e pés pela frente com uma corda usando os nós de contramestre nº 1 e jogue-a na água.

NOTA DE SEGURANÇA IMPORTANTE: Faça isso antes que comece a clarear. Não fique para assistir!

Claro, daquela vez algumas pessoas ficaram. E o que eles viram foi a bruxa afundando e não voltando mais, enquanto seu sinistro chapéu pontudo flutuava para longe. Então eles foram para casa para o café da manhã.

Nesse rio em particular, nada aconteceu por mais alguns minutos. Então o chapéu pontudo começou a se mover em direção a um espesso ajuntamento de juncos. Parou ali e subiu bem devagar. Um par de olhos espreitava por baixo da aba....

Quando ela teve certeza de que não havia ninguém por perto, a Senhorita Perspicácia Umaturga,[2] professora e descobridora de bruxas, rastejou até a margem de bruços e então saiu correndo em alta velocidade para a floresta assim que o sol nasceu. Ela havia deixado uma sacola com um vestido e alguma roupa de baixo limpos enfiadas em uma toca de texugo, junto com uma caixa de fósforos (ela nunca carregava fósforos no bolso se houvesse perigo de ser pega, caso isso

---

[2] No original, Miss Tick, um trocadilho, "Mistic", mística. Assim a opção desta tradução foi também um trocadilho: Senhorita Umaturga. SenhoriTA UMATURGA. Taumaturgo, um termo para mago, milagreiro. Talvez um equivalente aceitável. (N.T.)

desse ideias às pessoas).

Bem, ela pensou, enquanto secava em frente ao fogo, as coisas poderiam ter sido piores. Graças a Deus a aldeia ainda tinha alguém que sabia ler ou então ela estaria em apuros. Talvez fosse uma boa ideia ela mandar imprimir o livro em letras grandes.

Na verdade, fora a Senhorita Umaturga quem escrevera Caça às Bruxas para Idiotas e ela garantira que cópias dele chegassem às áreas onde as pessoas ainda acreditavam que as bruxas deveriam ser queimadas ou afogadas.

Como a única bruxa que provavelmente passaria por isso nestes dias era a própria Senhorita Umaturga, isso significava que, se as coisas dessem errado, ela teria uma boa noite de sono e uma refeição decente antes de ser jogada na água. A água não era problema algum para a Senhorita Umaturga, que havia estudado no Colégio Quirm para Jovens Damas, onde era preciso tomar um banho gelado todas as manhãs para desenvolver a fibra moral. E o nó de contramestre nº 1 era muito fácil de desfazer com os dentes, mesmo debaixo d'água.

Ah, sim, ela pensou, enquanto esvaziava as botas, e também tinha agora duas moedas de prata. De fato, as pessoas da vila de Cachorrotorcido estavam se mostrando cada vez mais estúpidas. Claro, era o que acontecia quando você tentava se livrar de suas bruxas. Uma bruxa era apenas alguém que sabia um pouco mais do que você. Era isso que o nome significava. E algumas pessoas não gostavam de ninguém que soubesse mais do que elas, então, naqueles dias, os professores e os bibliotecários itinerantes evitavam o lugar. Do jeito que as coisas estavam indo, se o povo de Cachorrotorcido quisesse atirar pedras em alguém que soubesse mais do que eles, logo teriam que jogá-las nos porcos. O lugar estava uma bagunça. Infelizmente, havia uma menina de oito anos lá que definitivamente se mostrava promissora e a Senhorita Umaturga aparecia algumas vezes para ficar de olho nela. Não como uma bruxa, obviamente, porque embora ela gostasse de um mergulho frio pela manhã, você acabava por se cansar um pouco da coisa. Ela se disfarçava de humilde vendedora de maçãs ou vidente. (As bruxas geralmente não fazem leitura da sorte, porque, se o fizessem, seriam muito boas nisso. As pessoas

não querem saber o que realmente vai acontecer, apenas que seja coisa legal. Mas bruxas não adicionam açúcar.)

Infelizmente, a mola do chapéu furtivo da Senhorita Umaturga não estava funcionando direito enquanto ela caminhava pela rua principal e a ponta apareceu. Nem mesmo a Senhorita Umaturga estava livre de coisas assim. Oh, bem, ela teria que fazer outros arranjos agora. Encontrar bruxas era sempre perigoso. Você tinha que fazer isso, no entanto. Uma bruxa crescendo sozinha era uma criança triste e perigosa....

Ela parou e olhou para o fogo. Por que ela acabara de pensar em Tiffany Dolorida? Por que agora?

Trabalhando rapidamente, ela esvaziou os bolsos e começou um *Emaranhado*. *Emaranhado*s funcionavam. Isso era tudo o que você poderia dizer sobre eles com certeza. Você os fazia com um barbante e um par de gravetos e qualquer coisa que tivesse no bolso na ocasião. Eram o equivalente de uma bruxa a aqueles canivetes com quinze lâminas e três chaves de fenda e uma pequena lupa e uma coisa para extrair cera de ouvido de galinhas.

Não dava nem para dizer com precisão o que eles faziam, embora a Senhorita Umaturga pensasse que eram uma maneira de descobrir quais coisas as partes ocultas de sua própria mente de alguma forma sabiam. Você tinha que fazer um *Emaranhado* do zero todas as vezes e apenas com coisas em seus bolsos. Não havia mal nenhum em ter coisas interessantes em seus bolsos, só por garantia.

Depois de menos de um minuto, a Senhorita Umaturga havia feito um *Emaranhado* de:

- ✓ Uma régua de doze polegadas Um cadarço
- ✓ Um pedaço de barbante de segunda mão Algum fio preto
- ✓ Um lápis
- ✓ Um lápis apontado
- ✓ Uma pequena pedra com um buraco nela
- ✓ Uma caixa de fósforos contendo um bicho-de-farinha chamado

Roger, junto com um pedaço de pão para ele comer, pois todo emaranhado deve conter algo vivo

- ✓ Cerca de meio pacote de Pastilhas Lubrificadas para Garganta da Senhora Ouropuro
- ✓ Um botão

Parecia uma cama-de-gato ou talvez os fios *Emaranhado*s de uma marionete muito estranha.

A Senhorita Umaturga olhou para ele, esperando que ele a lesse. Então a régua girou, os doces para a garganta explodiram em uma pequena nuvem de poeira vermelha, o lápis voou e ficou preso no chapéu da Senhorita Umaturga e a régua ficou coberta de gelo.

Isso não deveria acontecer.

A Senhorita Traição estava sentada no piso abaixo de seu chalé e observava Tiffany dormindo no quarto baixo acima dela. Ela fez isso por meio de um rato, que estava pousado na cama de latão manchado. Além das janelas cinzentas (a Senhorita. Traição não se preocupava em limpá-las havia cinquenta e três anos e Tiffany não conseguia remover toda a sujeira), o vento uivava entre as árvores, embora ainda fosse o meio da tarde.

Ele está procurando por ela, ela pensou enquanto dava um pedaço de queijo velho para outro rato em seu colo. Mas ele não a encontraria. Ela estava a salvo ali.

Então o rato ergueu os olhos do queijo. Tinha ouvido alguma coisa.

— Disse qui tavaqui! Ela taqui, mininus!

— Não vejo por que não podemos simplesmente conversar com a véia bruaca. Nós nus damos bem co´as bruacas.

— Podi sê, mas isso é um trabái terrrrrrível. Dizem que ela tem um demônio

temível em seu paiol di guardar batata.

A Senhorita Traição parecia intrigada. — Eles? —, sussurrou para si mesma. As vozes vinham de baixo do piso. Ela sentiu o rato correndo pelas tábuas e entrando em um buraco.

— Eu não quero desapontá ucê, mas estamos em um paiol bem aqui e tá cheio de batata.

Depois de um tempo, uma voz disse: — Então, cadê o coiso?

— Talvez tenha o dia de folga?

— Pra que um demônio precisa de um dia de folga?

— Pá visitá u pai i a mãe, talvez?

— É, é mesmo? demônios tem mãe, tem?

— Disgraça! Vam pará de discutir! Ela pode ouvir nóis!

— Bobera, ceguinha qui nem um morcegu e surda como um posti, o povu diz.

Os ratos têm uma audição muito boa. A Senhorita Traição sorriu quando o rato apressado saiu na velha parede de pedra áspera do porão, perto do chão.

Ela olhou através de seus olhos. Podiam ver muito bem na escuridão também.

Um pequeno grupo de homenzinhos rastejava pelo chão. Suas peles eram azuis e cobertas de tatuagens e sujeira. Todos usavam saiotes escoceses muito sujos e cada um tinha uma espada, tão grande quanto o dono, amarrada às costas. E todos eles tinham cabelos ruivos, um verdadeiro vermelho alaranjado, com tranças desalinhadas. Um deles usava uma caveira de coelho como capacete. Teria sido mais assustador se não tivesse deslizado sobre seus olhos.

Na sala de cima, a Senhorita Traição sorriu novamente. Então eles já tinham ouvido falar da Senhorita Traição? Mas não tinham ouvido o suficiente.

Enquanto os quatro homenzinhos se contorciam por um velho buraco de rato para sair do porão, eram observados por mais dois ratos, três besouros diferentes e uma mariposa. Eles caminharam cuidadosamente pelo chão, passando por uma velha bruxa que estava claramente dormindo...até que ela bateu

nos braços de sua cadeira e berrou:

— Ora essa! Estou vendo vocês, coisinhas detestáveis!

Os Feegles reagiram em pânico instantâneo, colidindo uns com os outros em choque e pavor.

— Num me lembro de ter dito qu´ocês pudia se mexer! — gritou a Senhorita Traição, sorrindo de modo aterrador.

— Ai, aidinóis, aidinóis, aidinóis! Ela sabi dus feitiçu de falá as coisas! — alguém gemeu.

— Cês são Nac Mac Feegles, certo? Mas nunca qu´eu vi essas suas marcas de clã. Calma aí, não vou fritar vocês. Você! Qual o seu nome?

— Sô Rob Qualquerum, Grande Homem do clã do morro do Giz, — disse aquele com o capacete de caveira de coelho. — E...

— Sério? Cê é um Grande Homem? Então me faça a cortesia de tirar seu chapéu ossudo antes de falar comigo! — disse a Senhorita Traição, divertindo-se sem fim. — E si ponham direitu! Não vou tolerar desleixo nesta casa!

Instantaneamente, todos os quatro Feegles ficaram em posição de sentido. — Muito bem! — disse a Senhorita Traição. — E quem são u restu d´ ocês?

— Esse é meu irmão Wullie Doido, Senhorita, — disse Rob Qualquerum sacudindo o ombro do outro Feegle, um lamentador instantâneo profissional. Ele olhava com horror esgazeado a Enochi e Athootita.

— E os outros dois de vocês... Digo, us doizi d´ocês? — disse a Senhorita Traição. — Você aí. É, você mesmo. Você, com a gaita-de-foles de pele de rato. Você é um *gonnagle*?

— Sim, madame, — disse um Feegle que parecia mais organizado e limpo do que os outros, embora fosse preciso dizer que havia coisas vivendo sob troncos velhos que eram mais limpas e organizadas do que Wullie Doido.

— E seu nome é...?

— Terrivelmente Pequenino Billy Queixudo, senhora.

— Você está olhando fixamente para mim, Terrivelmente Pequenino Billy Queixudo, — disse a Senhorita Traição. — Tem medo de mim?

— Não, madame. Tenhu adimiraçãu pela senhora. Fáis bem au meu coração ver uma bruaca tão... bruacável.

— Verdade, é? — Disse a Senhorita Traição com desconfiança. — Tem certeza de que não tem medo de mim, Sr. Billy Queixudo?

— Não, madame. Mas ficarei, se isso te deixar feliz. — Disse Billy cautelosamente.

— Rá! — disse a Senhorita Traição. — Bem, vejo que temos... alguém esperto aqui. Quem é o seu amigo grandão, Sr. Billy?

Billy deu uma cotovelada nas costelas de Yan Grande. Apesar de seu tamanho, que para um Feegle era enorme, ele parecia muito nervoso. Como muitas pessoas com grandes músculos, ele ficava nervoso com as pessoas que eram fortes de outras maneiras.

— Ele é Yan Grande, senhora, — Billy Queixudo se incumbiu de responder, enquanto Yan Grande olhava para seus pés.

— Vejo que ele tem um colar de dentes grandes —, disse a Senhorita Traição. — Dentes humanos?

— Sim, madame. Quatro, madame. Um para cada homem que ele nocauteou.

— Você está falando sobre homens humanos? — Perguntou a Senhorita Traição com espanto.

— Sim, madame —, disse Billy. — Na maior parte do tempo ele cai em cima deles de cabeça, caindo de uma árvore. Ele tem uma testa bem da dura, — ajuntou, para o caso de não ter sido claro.

A Senhorita Traição recostou-se. — E agora vocês gentilmente me explicarão por que vocês estavam se esgueirando aqui em minha casa —, disse ela. — Vamos logo, agora!

Houve uma pequena pausa antes de Rob Qualquerum dizer alegremente: — Oh, bem, isso é fácil. Nós távamos caçando os *haggis*.

— Não, vocês não estavam —, disse a Senhorita Traição bruscamente —, porque um *haggis* é um pudim de miudezas e carne de ovelha, bem temperado e

cozido no estômago de uma ovelha.

— Ah, isso é somente quando você não pode encontrar ao autêntico, madame —, disse Rob Qualquerum cuidadosamente. — Nem se compara com o original. Ah, é um bicho muito esperto o *haggis*, que faz suas tocas nos paióis de batata

— E isto é verdade? Vocês estão caçando o *haggis*? É isso mesmo, Wullie Doido? — disse a Senhorita Traição, sua voz repentinamente afiada. Todos os olhos, incluindo um par pertencente a uma lacrainha, se voltaram para o infeliz Wullie.

— Hmmm... issu mesmo... oooh ... Aiaiai aidinóis, aidinóis, aidinóis! — gemeu

Wullie Doido e se ajoelhou. — Por favor, num faça nada de horrível comigu, madame! — Ele implorou. — Sua lacrainha tá olhandu feiu pra mim!

— Muito bem, vamos começar de novo —, disse a Senhorita Traição. Ela estendeu a mão e arrancou a venda. Os Feegles recuaram quando ela tocou os crânios de cada lado dela.

— Não preciso de olhos para farejar uma mentira tão na cara —, disse ela. — Digam-me por que vocês estão aqui. Digam-me... agora.

Rob Qualquerum hesitou por um momento. Isso foi, dadas as circunstâncias, muito corajoso da parte dele. Então ele disse: — Tem a ver com a Bruaca Piquininha Grandona, senhora, por isso nós viemos.

— A grandona... oh, querem dizer Tiffany?

— Issu!

— Estamos na obediência de uma daquelas geadas —, disse Wullie Doido, mantendo os olhos longe do olhar cego da bruxa.

— Ele quer dizer um *geas*, senhora —, disse Rob Qualquerum, olhando para seu irmão. — É como se fosse...

— ...uma tremenda obrigação que você não pode desobedecer, — disse a Senhorita Traição. — Sei o que é um *geas*. Mas por que?

A Senhorita Traição tinha ouvido muitas coisas em 113 anos, mas agora

ouvia com espanto uma história sobre uma garota humana que tinha, pelo menos por alguns dias, sido a Kelda de um clã de Nac Mac Feegles. E se você tivesse sido a Kelda deles, mesmo que por alguns dias, eles cuidariam de você... para sempre.

— E ela é a bruaca di nossas colinas —, disse Billy Queixudo. — Ela cuida delas, mantém elas seguras. Mas...

Ele hesitou e Rob Qualquerum continuou: — Nossa Kelda está tendo sonhos. Sonhos com o futuro. Sonhos das colinas todas congeladas...todo mundo morto e a Bruaca Piquininha Grandona usando uma coroa de gelo!

— Meu Deus!

— Isso e mais! — disse Billy, abrindo os braços. — Ela viu uma árvore verde crescendo em uma terra de gelo! Ela viu um anel de ferro! Ela viu um homem com um prego no coração! Ela viu uma praga de galinhas e um queijo que anda como um homem!

Houve silêncio, e então a Senhorita Traição disse: — Os dois primeiros, a árvore e o anel, não há problema nisso, bom simbolismo oculto. O prego também, muito metafórico. Estou um pouco em dúvida sobre o queijo... ela poderia estar falando de Horácio?... e as galinhas... não tenho certeza se você pode ter uma praga de galinhas, pode?

— Jeannie foi muito firme sobre isso —, disse Rob Qualquerum. — Ela sonhou muitas coisas estranhas e preocupantes, então pensamos que poderíamos ver como a Bruaca Piquininha Grandona estava indo.

— Então vocês quatro vieram sozinhos? — perguntou a Senhorita Traição.

— Ok, trouxemos alguns dos meninos —, respondeu Rob. — Não queríamos entrar todos juntos, sabe. Eles estão na floresta.

— E quantos são?

— Ah, cerca de quinhentos, um spog a mais ou a menos.

Os vários olhos da Senhorita Traição estavam fixos nele. Rob Qualquerum retribuiu o olhar com uma expressão de feroz honestidade e não vacilou.

— Esta parece uma missão honrosa —, disse ela. — Por que começar mentindo?

— Ah, a mentira é muito mais interessante —, disse Rob Qualquerum.

— A verdade da coisa parece mais interessante para mim, — disse a Senhorita Traição.

— Talveiz, mas eu tava planejando em colocar gigantes, piratas e doninhas mágicas na coisa —, disse Rob. — Se é mentira qui seja da boa!

— Bem, — disse a Senhorita Traição. — Quando a Senhorita Umaturga trouxe Tiffany para mim, disse que era protegida por poderes estranhos.

— Justo —, disse Rob Qualquerum com orgulho. — Isso seríamos nós, com certeza.

— Mas a Senhorita Umaturga é uma mulher toda cheia de autoridade —, disse a Senhorita Traição. — Lamento dizer que não ouvi muito o que ela disse. Ela está sempre me dizendo que essas garotas estão realmente ansiosas para aprender, mas na maioria das vezes são apenas umas coisinhas cheia de frescuras que querem ser bruxas para impressionar os rapazes e fogem depois de alguns dias. Mas esta aqui não, oh não! Ela corre em direção às coisas! Vocês sabiam que ela tentou dançar com o Artesão do Inverno?!

— Sim. Nóis sabemu. Nós távamos lá —, disse Rob Qualquerum.

— Estavam lá?

— Issu. Nóis seguimo ocês.

— Ninguém viu vocês lá. Eu saberia se o fizessem... — disse a Senhorita Traição.

— Sério? Bem, nós somos bons em ninguém nos vê, — disse Rob Qualquerum, sorrindo. — É incrível o monte de pessoas que não vê a genti.

— Ela realmente tentou dançar com o Artesão do Inverno, — a Senhorita Traição repetiu. — Eu disse a ela para não fazer.

— Ah, as pessoas tão sempre nos dizenu para não fazê as coisas —, disse Rob Qualquerum. — É assim que sabemu quais as coisas mais interessantes para si fazer!

A Senhorita Traição olhou para ele com os olhos de um camundongo, dois corvos, várias mariposas e uma lacrainha.

— De fato, — ela disse e suspirou. — Sim. O problema de ser tão velha, você sabe, é que ser jovem está tão longe de mim agora que às vezes parece que aconteceu com outra pessoa. Uma vida longa não é o que dizem ser, isso é um fato. Isto...

— O Artesão do Inverno está procurando pela Bruaca Piquininha Grandona, senhora, — disse Rob Qualquerum. — Nós vimos ela dançando com Artesão do Inverno. Agora ele tá procurando por ela. Podemos ouvir ele no uivo do vento.

— Eu sei —, disse a Senhorita Traição. Ela parou e escutou por um momento. — O vento diminuiu —, afirmou ela. — Ele a encontrou.

Ela pegou suas bengalas e correu em direção às escadas, subindo-as com incrível velocidade. Os Feegles passaram por ela e entraram no quarto onde Tiffany estava deitada em uma cama estreita.

Uma vela queimava em um pires em cada canto da sala.

— Mas como ele a encontrou? — A Senhorita Traição exigiu saber. — Eu a escondi! Vocês, homens azuis, tragam madeira agora! — Ela olhou para eles. — Eu disse tragam...

Ela ouviu alguns baques. A poeira estava baixando. Os Feegles observavam a Senhorita Traição em expectativa. E gravetos, muitos gravetos, estavam empilhados na pequena lareira do quarto.

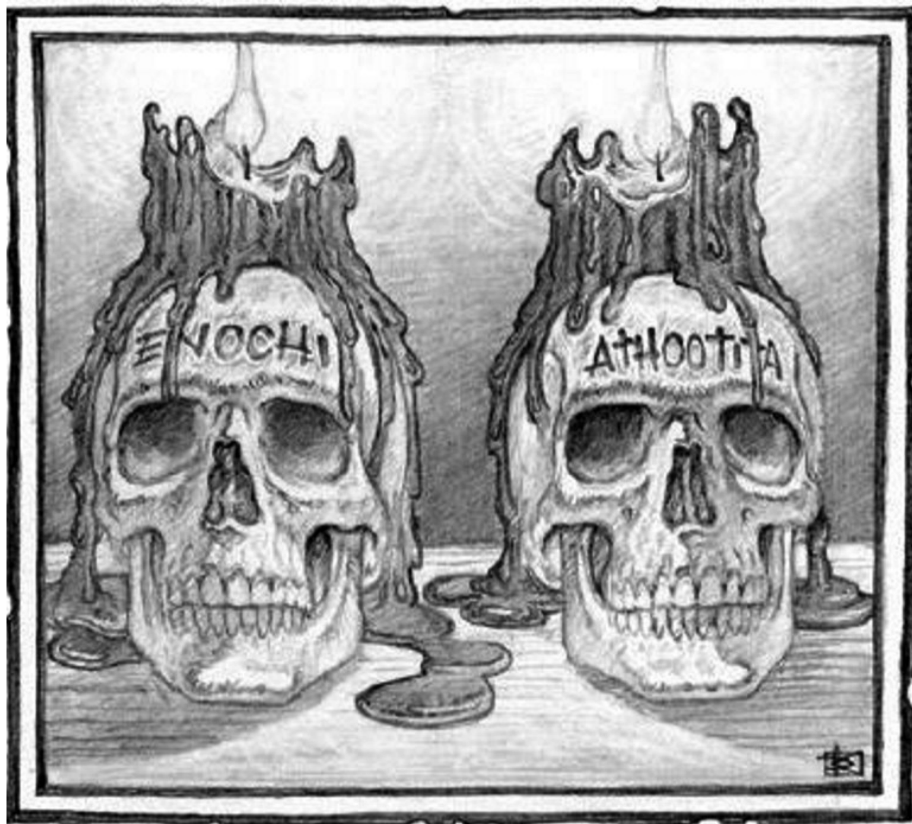
— Bom trabalho —, ela disse. — E já não era hora! — Flocos de neve caíam pela chaminé.

A Senhorita Traição cruzou as bengalas na frente dela e bateu o pé com força.

— Queima madeira, arde fogo! — ela gritou. A madeira na grelha explodiu em chamas. Mas agora a geada estava se formando na janela, gavinhas brancas de samambaia estalando no vidro com um som crepitante.

— Eu não preciso passar isso na minha idade! — disse a bruxa.

Tiffany abriu seus olhos. — O que está acontecendo? — Perguntou.



CAPÍTULO TRÊS

O SEGREDO DE BOFFO

Não é bom estar em um sanduíche de dançarinos desnorteados. Eles eram homens pesados. Tiffany estava toda dolorida. Ela estava coberta de hematomas, incluindo um em forma de bota que ela não ia mostrar a ninguém.

Feegles preenchiam todas as superfícies planas da sala de tecelagem da Senhorita Traição.

Ela estava trabalhando em seu tear de costas para o quarto porque, segundo ela, isso a ajudava a pensar; mas como se tratava da Senhorita Traição, sua posição não importava muito. Afinal, havia muitos olhos e ouvidos que ela poderia usar. O fogo ardia forte e havia velas por toda parte. Pretas, claro.

Tiffany estava com raiva. A Senhorita Traição não gritou, nem sequer levantou a voz. Ela apenas suspirou e disse "criança tola", o que foi muito pior, principalmente porque era exatamente isso que Tiffany sabia que ela tinha sido. Um dos dançarinos ajudou a trazê-la de volta para o chalé. Ela não conseguia se lembrar de nada sobre isso.

Uma bruxa não fazia as coisas porque parecia uma boa ideia na ocasião! Isto era praticamente como gargalhar! Você tinha que lidar todos os dias com pessoas que eram tolas, preguiçosas, falsas e totalmente desagradáveis e certamente poderia acabar pensando que o mundo melhoraria consideravelmente se você lhes desse um tapa. Mas você não o fazia porque, como a Senhorita Umaturga explicou uma vez: a) isso tornaria o mundo um lugar melhor por muito pouco tempo; b) Depois tornaria o mundo um lugar um pouco pior; e c) você não deveria ser tão estúpida quanto eles.

Seus pés se moveram e ela os ouvira. Ela deveria estar ouvindo sua cabeça. Agora ela tinha que se sentar perto da lareira da Senhorita Traição com uma lata de água quente no colo e um xale em volta dela.

— Então o Artesão do Inverno é tipo assim um deus? — Perguntou.

— Esse tipo de coisa, sim —, disse Billy Queixudo. — Mas não du tipo de deus pra quem se reza. Ele apenas... faz os invernos. É o trabalho dele, veja você.

— Ele é um elemental —, disse a Senhorita. Traição de seu tear.

— Issu —, disse Rob Qualquerum. — Deuses, elementais, demônios, espíritos... às vezes é difícil diferenciá-los sem um mapa.

— E a dança é para dar as boas-vindas ao inverno? — disse Tiffany. — Isso não faz sentido! A dança de Morris é para dar as boas-vindas à chegada do verão, sim, isso é...

— Você é um bebê? — disse Senhorita Traição. — O ano é um círculo! A roda do mundo deve girar! É por isso que aqui em cima eles dançam a Morris escura, para equilibrá-lo. Eles dão as boas-vindas ao inverno por causa do novo verão dentro dele!

Clique-claque fez o tear. A Senhorita Traição estava tecendo um tecido novo, de lã marrom.

— Bem, tudo bem —, disse Tiffany. — Nós o acolhemos... A ele. Isso não significa que ele deveria vir me procurar!

— Por que você entrou na dança? — Exigiu saber a Senhorita Traição.

— Hmmm... Havia um espaço ali, e...

— Sim. Um espaço. Um espaço não destinado a você. Não para você, criança tola. Você dançou com ele e agora ele quer conhecer esta garota tão ousada. Nunca ouvi falar de tal coisa! antes! Eu quero que você pegue o terceiro livro da direita na segunda prateleira do topo da minha estante. Ela entregou a Tiffany uma pesada chave preta. — Você consegue fazer isso, pelo menos?

As bruxas não precisavam esbofetear os estúpidos, não quando tinham uma língua afiada que estava sempre pronta.

A Senhorita Traição também tinha várias prateleiras de livros, o que era incomum para uma das bruxas mais velhas. As prateleiras eram altas, os livros pareciam grandes e pesados e até agora a Senhorita Traição havia proibido Tiffany de espaná-los, muito menos de abrir a grande faixa de ferro preto que os prendia às prateleiras. As pessoas que vinham aqui sempre olhavam nervosas para eles. Livros eram perigosos.

Tiffany abriu os ferrolhos e limpou a poeira. Ah ... os livros não eram, assim como a Senhorita Traição, tudo o que pareciam. Pareciam livros mágicos, mas tinham nomes como Enciclopédia da Sopa. Havia um dicionário. Ao lado dele, o livro que a Senhorita Traição havia pedido estava coberto de teias de aranha.

Ainda corando de vergonha e raiva, Tiffany pegou o livro, lutando para libertá-lo das teias. Algumas delas fizeram "pling!" ao se partirem e poeira caiu do topo das páginas. Quando ela abriu, libertou um cheiro velho de pergaminho, como a Senhorita Traição. O título, em letras douradas quase apagadas era Mitologia Clássica e Antiga de Tentilhão. Estava cheio de marca-páginas.

— Páginas dezoito e dezenove —, disse a Senhorita Traição, imóvel. Tiffany procurou as páginas.

— *A Dacnae das Stasões?* — perguntou. — Isso deveria ser *A Dança das Estações?*

— Infelizmente, o artista Don Weizen de Yoyo, cuja famosa obra-prima foi essa aí mesma, não tinha o mesmo talento para as letras que tinha para a pintura —, disse Senhorita Traição. — Elas o preocupavam, por algum motivo. Percebi que você mencionou as palavras antes das imagens. Você é uma criança livresca.

A pintura era... estranha. Mostrava duas figuras. Tiffany nunca tinha visto antes fantasias de baile de máscaras. Não havia dinheiro em casa para esse tipo de coisa. Mas ela tinha lido sobre eles e isso era exatamente o que ela havia imaginado.

A página mostrava um homem e uma mulher...ou, pelo menos, coisas que pareciam um homem e uma mulher. A mulher estava rotulada como "Verão" e era alta, loira e bonita e, portanto, para uma Tiffany baixinha e de cabelos castanhos era uma figura para se desconfiar de cara. Ela carregava o que parecia ser uma grande cesta em forma de concha, cheia de frutas.

O homem, "Inverno", era velho, encurvado e grisalho. Pingentes de gelo brilhavam em sua barba.

— Eitcha, é assim que o Artesão do Inverno seria, com certeza —, disse Rob Qualquerum, dando uma vista d´olhos pela página. — O véiu Geladu.

— Ele? — disse Tiffany. — É o Artesão do Inverno? Parece ter centenas de anos!

— Um jovem, hein? — disse a Senhorita Traição maldosamente.

— Não deixi ele beijá ocê ou seu nariz podi ficar azul e cair! — disse Wullie Doido alegremente.

— Wullie Doido, não se atreva a dizer coisas assim! — disse Tiffany.

— Só quiria levantá o moral, veja ocê, — disse Wullie, parecendo envergonhado.

— Essa é a visão pessoal de um artista, é claro —, disse a Senhorita Traição.

— O que isso significa? — disse Tiffany, olhando para a foto. A coisa parecia errada. Ela sabia disso. Não era assim que ele era...

— Significa que ele inventou —, disse Billy Queixudo. — Ele não poderia tê visto, certo, né não? Ninguém jamais viu ao Artesão do Inverno.

— Ainda! — disse Wullie Doido.

— Wullie, — disse Rob Qualquerum, virando-se para seu irmão, — lembra o que eu disse a ocê sobre usar de tato ao fazê comentários?

— Sim, Rob, lembru bem—, disse Wullie obedientemente.

— O que você acabou de dizer num teve tato nenhum —, disse Rob. Wullie

baixou a cabeça.

— Desculpe, Rob.

Tiffany cerrou os punhos. — Eu não queria que tudo isso acontecesse! — A Senhorita Traição virou a cadeira com certa solenidade.

— Então o que você queria? Pode me dizer? Você dançou devido à inclinação da juventude para desobedecer à velhice? Querer é pensar. Você pensou em tudo o que fez? Outros já se juntaram à dança antes. Crianças, bêbados, jovens por uma aposta boba... nada aconteceu. As danças de primavera e outono são... apenas uma velha tradição, a maioria das pessoas diz. Apenas uma forma de marcar quando gelo e fogo trocam seu domínio sobre o mundo. Mas alguns de nós pensam que sabem mais sobre a coisa. Achamos que algo acontece. Para você a dança tornou-se real e algo aconteceu. E agora o Artesão do Inverno está procurando por você.

— Por quê? — Tiffany conseguiu dizer.

— Não sei. Quando você estava dançando, viu alguma coisa? Ouviu alguma coisa?

Como você poderia descrever a sensação de estar em todos os lugares e em tudo? Tiffany se perguntou. Ela nem tentou.

— Eu... pensei ter ouvido uma voz ou talvez duas vozes —, ela murmurou. — hummm, elas me perguntaram quem eu era.

— In-te-re-ssan-te —, disse a Senhorita Traição. — Duas vozes? Vou considerar as implicações. O que não consigo entender é como ele encontrou você. Vou pensar sobre isso. Enquanto isso, acho que seria uma boa ideia usar roupas quentes.

— Issu —, disse Rob Qualquerum, — o Artesão do Inverno não suporta o calor. Oh, vou acabar esquecendo minha própria cabeiça na próxima! Trouxemos uma cartinha daquela árvore oca na floresta. Dê pra Bruaca Piquininha Grandona, Wullie. Nós a pegamos no caminho.

— Uma carta? — disse Tiffany, quando o tear estalou atrás dela e Wullie Doido começou a puxar um envelope encardido e enrolado de seu spog.

— Veio da pequena estrumeirinha de gente da casa do castelo —, Rob continuou, enquanto seu irmão sacava a carta. — Ele disse que tava bem e espera que cê também teja bem, e que ele está ansioso para que você volte logo, e há muitas coisas sobre como os navios tão indo e coisas do tipo, não muito interessantes em minha opinião, e ele escreveu S.C.U.B.A.[3] atrás do envelope, mas ainda não descobrimos o que isso significa.

— Vocês leram minha carta? — disse Tiffany horrorizada.

— Oh, sim, — disse Rob com orgulho. — Sem problemas. Billy Queixudo aqui me deu uma pequena dica com algumas das palavras mais longas, mas era foi principalmente eu, sim. — Ele sorriu, mas o sorriso desapareceu enquanto observava a expressão de Tiffany. — Ah, eu sei que você pode ficar um pouquinho chateada porque abrimos aquele envelope —, explicou ele. — Mas tudo bem, causo qui nós colamos de novo com baba de lesma. Você nunca saberia que foi lido.

Ele tossiu, porque Tiffany ainda estava olhando para ele. Todas as mulheres eram um pouco assustadoras para os Feegles, mas as bruxas eram as piores. Por fim, quando ele já estava bastante nervoso, Tiffany disse: — Como você sabia onde estaria aquela carta?

Ela olhou de soslaio para Wullie Doido. Ele estava mastigando a ponta de seu kilt. Ele só fazia isso quando estava com medo.

— Hmmm... você aceitaria uma mentirinha? — Rob disse.

— Não!

— É das interessantes, tem dragões e unicórnios nela...

— Não. Eu quero a verdade!

— Vixe, é tão chato. Nós vamos ao castelo do Barão e lemos as cartas que você mandou para ele e, cê disse que o carteiro sabia onde devia deixar as cartas procê, bem ali na árvore oca do lado da cascata —, disse Rob.

[3] No original: S.W.A.L.K. – Sealed with a loving kiss – Selado com um beijo de amor. (N. T.)

O ar não poderia estar mais frio se o Artesão do Inverno tivesse entrado no chalé.

— Ele guarda as suas cartas em uma caixa debaixo de seu... — Rob começou e então fechou os olhos quando a paciência de Tiffany se partiu com um som ainda mais alto do que as estranhas teias de aranha da Senhorita Traição.

— Você não sabe que é errado ler as cartas dos outros? — ela exigiu.

— Hmmm... — Rob Qualquerum começou.

— E vocês irromperam no castelo do Barão...

— Ah, ah, ah, não, não, não! — disse Rob, pulando para cima e para baixo. — Você não podi nos acusar disso! Nós entramos por uma daquelas pequenas fendas para o disparo das flechas...

— E então você leu minhas cartas pessoais enviadas pessoalmente para Roland? — disse Tiffany. — Elas eram pessoais!

— Justamente —, disse Rob Qualquerum. — Mas não se avexe...não vamos contar pra ninguém o que havia nelas.

— Afinal, nunca qui contamos a ninguém o que há em seu diário —, disse Wullie Doido, — nem mesmo os pedaços com as flores que você desenha em volta deles.

A Senhorita Traição está sorrindo para si mesma atrás de mim, pensou Tiffany. Eu sei que ela está. Ela descobriu, então, que sequer conseguia mais manter na voz os tons de exasperação. Você passa por isso depois de falar com Feegles por qualquer período de tempo que fosse.

Você era a Kelda deles, seus Segundos Pensamentos a lembraram. *Eles acham que têm o dever solene de protegê-la. Não importa o que você quer. Eles vão fazer com que sua vida fique muuuuiiiito complicada.*

— Não leiam minhas cartas —, disse ela, — e também não leiam meu diário.

— Ok —, disse Rob Qualquerum.

— Prometem?

— Ah, claro.

— Vocês prometeram também da última vez!

— Ah, claro.

— E cair mortinhos se não cumprirem?

— Ah, sim, sem problema.

— E essa é a promessa de um Feegle não confiável, mentiroso e ladrão, não é? — Disse a Senhorita Traição. — Porque cê acredita que já tá morto, não é? Isso é o que cês pensam, certo?

— Ah, sim, madame —, disse Rob Qualquerum. — Obrigado por chamá minha atenção pra isso.

— Na verdade, Rob Qualquerum, cê não tem nenhuma intenção de cumprir qualquer promessa!

— Sim, madame —, disse Rob com orgulho. — Não essas promessinhas tão bobas assim. Pur causu, cê veja, é nossu destino solene proteger a Bruaca Piquininha Grandona. Devemu dar nossas vidas por ela, se fô o caso.

— Como cê pode fazer isso quando já tá morto? — disse a Senhorita Traição bruscamente.

— Isso é um pouco complicado, certo —, disse Rob, — então provavelmente vamos acabar com a vida de qualquer patife que fizer algo errado com ela.

Tiffany desistiu e suspirou. — Tenho quase treze anos —, disse ela. — Posso cuidar de mim.

— Ouça a Senhorita autoconfiante —, disse a Senhorita Traição, mas não de uma forma particularmente desagradável. — Contra o Artesão do Inverno?

— O que ele quer? — disse Tiffany.

— Eu te disse. Talvez ele queira descobrir que tipo de garota foi tão ousada a ponto de dançar com ele? — disse a Senhorita Traição.

— Foram meus pés! Eu disse que não era minha intenção!

A Senhorita Traição virou-se em sua cadeira. Quantos olhos ela está usando? Os Segundos Pensamentos de Tiffany se perguntaram. Os Feegles? Os corvos? O rato? Todos eles? Quantas de mim ela está vendo? Ela está me observando com ratos ou insetos com dezenas de olhos brilhantes?

— Oh, está tudo bem então —, disse a Senhorita Traição. — Já disse isto antes, que não era sua intenção. Uma bruxa assume a responsabilidade! Você não aprendeu nada, criança?

Criança. Isso era uma coisa terrível de se dizer para alguém que tinha quase treze anos. Tiffany sentiu que estava ficando vermelha de novo. O calor horrível se espalhou dentro de sua cabeça.

Foi por isso que ela atravessou a sala, abriu a porta da frente e saiu.

Caía uma neve fofa, muito gentil. Quando Tiffany olhou para o céu cinza-claro, viu os flocos caindo em cachos macios e emplumados; era o tipo de neve que as pessoas no Giz chamavam de "Vovó Dolorida tosquiando suas ovelhas".

Tiffany sentiu os flocos derretendo em seu cabelo enquanto se afastava do chalé. A Senhorita Traição estava gritando da porta, mas ela seguiu em frente, deixando a neve esfriar seu rubor.

Claro que isso é estúpido, ela disse a si mesma. Mas ser uma bruxa é estúpido. Por que fazemos isso? É um trabalho árduo para pouca recompensa. O que é um bom dia para a Senhorita Traição? Quando alguém traz para ela um par de botas velhas de segunda mão que se encaixam perfeitamente! O que ela sabe sobre qualquer coisa?

Onde está o Artesão do Inverno, então? Está aqui? Eu só tenho a palavra da Senhorita Traição quanto a isso! Isso e uma imagem inventada em um livro!

— Artesão do Inverno! — ela gritou.

Podia-se ouvir a neve caindo. Fazia um barulhinho estranho, como um chiado fraco e frio.

— Artesão do Inverno! — Não houve resposta.

Bem, o que ela esperava? Uma grande voz estrondosa? O senhor Quebradiço, o homem do gelo? Não havia nada além da suavidade da neve branca caindo pacientemente entre as árvores escuras.

Ela se sentia um pouco boba agora, mas satisfeita também. Era o que uma bruxa faria! Ela enfrentava o que tinha medo e então não tinha mais medo! Ela era boa nisso!

Ela se virou e viu o Artesão do Inverno.

Lembre-se disso, disseram seus Terceiros Pensamentos, interrompendo. Cada pequeno detalhe é importante.

O Artesão do Inverno era...

... nada. Mas a neve o delineava. Fluía ao seu redor em linhas, como se viajasse sobre uma pele invisível. Ele era apenas uma forma e nada mais, exceto talvez por dois minúsculos pontos roxo-acinzentados no ar, onde você poderia esperar encontrar olhos.

Tiffany ficou parada, sua mente congelada, seu corpo esperando que lhe dissessem o que fazer.

A mão feita de neve caindo agora se estendia para ela, mas muito lentamente, como se estende a mão para um animal que não se quer assustar... alguma coisa, uma sensação estranha de coisas não ditas porque não havia voz para dizê-las, uma sensação de algo se pondo em foco, como se a coisa estivesse colocando coração e alma naquele momento, mesmo que não soubesse o significado de coração ou alma.

A mão parou a cerca de trinta centímetros dela. Se compôs em um punho e agora se virava e os dedos se abriam.

Algo brilhou. Era o cavalo branco, feito de prata, preso a uma fina corrente de prata.

A mão de Tiffany voou para sua garganta. Mas ela estava o estava usando ontem à noite!

Antes que ela... fosse... ver... o... dança....

Deve ter caído! E ele o achou!

Isso é interessante, diziam seus Terceiros Pensamentos que se ocupavam com o mundo à sua maneira. *Você não pode ver o que está escondido dentro de um punho invisível. Como é que funciona? E por que existem aqueles pequenos borrões roxo-acinzentados no ar onde você esperaria encontrar olhos?*

Por que eles não são invisíveis?

Os Terceiro Pensamentos funcionavam daquele jeito. Quando uma pedra

enorme vai cair na sua cabeça, são os pensamentos que pensam: *isso é uma rocha ígnea, como granito ou é arenito?*

A parte do cérebro de Tiffany que estava um pouco menos precisa no momento observou o cavalo prateado pendurado em sua corrente.

Seu Primeiro Pensamento foi: *Pegue.*

Seu Segundo Pensamento foi: *Não pegue. É uma armadilha.*

Seu Terceiro Pensamento foi: *é sério, não aceite. Vai estar muito mais frio do que você pode imaginar.*

E então o resto dela anulou inteiramente os Pensamentos e disse: *Pegue. É parte de quem você é. Pegue-o. Quando você o segura, você pensa em casa. Pegue!*

Ela estendeu a mão direita.

O cavalo caiu nele. Instintivamente, ela fechou os dedos sobre ele. Estava realmente mais frio do que ela poderia ter imaginado e queimava.

Ela gritou. O contorno nevado do Artesão do Inverno tornou-se uma rajada de flocos. A neve ao redor de seus pés explodiu com um grito de "Disgraça!", quando uma massa de Feegles agarrou seus pés e a carregou, de pé, pela clareira e de volta pela porta do chalé.

Tiffany forçou a mão aberta e com dedos trêmulos, puxou o cavalo prateado de sua palma. Deixou uma impressão perfeita, um cavalo branco em carne rosada. Não era uma queimadura, era uma... geladura.

A cadeira da Senhorita Traição balançou sobre suas rodas. — Venha aqui, criança, — ela ordenou.

Ainda apertando sua a mão, tentando conter as lágrimas, Tiffany caminhou até ela.

— Chegue aqui perto da minha cadeira, neste instante!

Tiffany obedeceu. Não era hora de ser desobediente.

— Queria ver sua orelha —, disse a Senhorita Traição. — Ponha seu cabelo de lado.

Tiffany prendeu o cabelo para trás e estremeceu quando sentiu o roçar de bigodes de rato. A criatura, então, foi retirada.

— Ah, estou surpresa —, disse a Senhorita Traição. — Não consigo ver nada.

— Hum... o que você esperava ver? — Tiffany arriscou.

— Luz do dia! — a Senhorita Traição, vociferou tão alto que o rato escapuliu. — Você não tem cérebro, criança?

— Não sei se alguém está interessado —, disse Rob Qualquerum —, mas acho que aquele seu Artesão do Inverno se mandou. E parou de nevar.

Ninguém estava ouvindo. Quando bruxas estão em um bate-boca, elas se concentram. — Era meu!

— Uma bugiganga!

— Não!

— Claro, esta pode não ser a melhor hora para contar procêis... — Rob continuou, miseravelmente.

— Você acha que precisa disso para ser uma bruxa?

— Sim!

— Uma bruxa não precisa de artifícios!

— Você vive usando *Emaranhados*!

— Usando, sim! Não precisando deles. Nunca precisando!

— Ah, quer dizer, está derretendo... — Rob disse, sorrindo nervosamente.

A raiva tomou conta da língua de Tiffany. Como essa velha estúpida e horrorosa ousa falar sobre não precisar de coisas!

— Boffo! — ela gritou. — Boffo, Boffo, Boffo!

Um pesado silêncio caiu. Depois de um tempo a Senhorita Traição olhou para além de Tiffany. — Seus Feegle de boca-mole! Caiam fora daqui, agora! E cês sabe o qui acontece se não fizerem isso! Isso é assunto de bruxas!

A sala se encheu com uma espécie de ruído sibilante e a porta da cozinha bateu.

— Então —, disse a Senhorita Traição —, você sabe sobre Boffo, não é?

— Sim —, disse Tiffany, respirando pesadamente. — Eu sei.

— Muito bem. E você contou a alguém...? — A Senhorita Traição fez uma

pausa e levou um dedo aos lábios. Então ela bateu com um pedaço de pau no chão. — Ah, eu mandei que saíssem, seus escrotos! Todos para a floresta! E verifiquem se ele está realmente longe! Se me desafiarem eu vô vê a culpa nos seus zóius!

Lá embaixo ouvia-se o barulho de um monte de batatas despencando enquanto os Feegles saíam pela pequena grade de ventilação.

— Agora eles se foram —, disse a Senhorita Traição. — Eles vão ficar longe também. Boffo cuidará disso.

De alguma forma, no espaço de alguns segundos, a Senhorita Traição tornou-se mais humana e muito menos assustadora... Bem, um pouco menos assustadora. — Como você descobriu? Você foi procurá-lo? Esteve rondando e vasculhando tudo? — disse a Senhorita Traição.

— Não! Eu não sou assim! Descobri por acaso um dia, quando você estava tirando uma soneca! Tiffany esfregou a mão.

— Isso dói muito? — disse Senhorita Traição, inclinando-se para a frente. Ela podia ser cega, mas...como todas as bruxas mais velhas que sabiam o que estavam fazendo...notava tudo.

— Não, agora não. Doeu na hora. Escute, eu...

— Então você aprenderá a ouvir! Você acha que o Artesão do Inverno se foi?

— Ele apenas pareceu desaparecer...quero dizer, desaparecer ainda mais. Acho que ele só queria me devolver meu colar.

— Você acha que esse é o tipo de coisa que o espírito do inverno, que comanda a nevasca e a geada, realmente faria?

— Não sei, Senhorita Traição! Ele é o único que eu já conheci!

— Você dançou com ele.

— Eu não sabia que estava fazendo isso!

— No entanto.

Tiffany esperou e então disse: — No entanto, o quê?

— Apenas um "no entanto" geral. O cavalinho o levou até você. Mas ele não está aqui agora...você está certa sobre isso. Eu saberia se estivesse.

Tiffany caminhou até a porta da frente, hesitou por um momento, então abriu e saiu para a clareira. Havia um pouco de neve aqui e ali, mas o dia estava se transformando em apenas mais um daqueles dias de invernos de céu cinzento.

Eu saberia também se ele estivesse aqui, ela pensou. E ele não está. E seus pensamentos secundários disseram: *Ahn? Como você sabe?*

— Nós dois tocamos no cavalo —, ela disse baixinho. Ela olhou em volta para os galhos vazios e as árvores adormecidas, brincando com a corrente de prata em sua mão. As florestas estavam se enrolando sobre si mesmas, prontas para o inverno.

Ele está lá fora, mas não perto. Ele deve estar muito ocupado, com um inverno inteiro pela frente...

Ela disse: — Obrigada! — automaticamente, porque sua mãe sempre dizia que educação não custa nada e voltou a entrar. Estava muito quente lá dentro agora, mas a Senhorita Traição sempre tinha uma enorme pilha de toras construída pelo Segredo de Boffo. Os lenhadores locais sempre mantinham a pilha alta. Uma bruxa com frio pode se tornar desagradável.

— Gostaria de uma xícara de chá preto —, disse a velha quando Tiffany entrou, pensativa.

Ela esperou até que Tiffany estivesse lavando a xícara e disse: — Você ouviu as histórias sobre mim, criança? — A voz era gentil. Houve gritos, foram ditas coisas que poderiam ter sido mais bem colocadas, houve fúria e desafio. Mas elas estavam lá juntas, sem ter para onde ir. A voz tranquila era uma oferta de paz e Tiffany era grata por isto.

— É, que você tem um demônio no porão? — Tiffany respondeu, sua mente ainda cheia de quebra-cabeças. — E que come aranhas? E é visitada por reis e príncipes? E que qualquer flor plantada em seu jardim floresce preta?

— Oh, dizem isso, é? — a Senhorita Traição falou, deliciada. — Ainda não havia ouvido esta última. Muito bom. E você ouviu que eu ando por aí à noite na época escura do ano e recompenso aqueles que foram bons cidadãos com uma bolsa de prata? Mas se eles foram maus, eu abro suas barrigas com minha unha do

polegar assim?

Tiffany saltou para trás quando uma mão enrugada a torceu e a unha do polegar amarelo da Senhorita Traição passou por seu estômago. A velha parecia assustadora.

— Não! Não, eu não ouvi essa! — ela se engasgou, pressionando-se contra a pia.

— O que? Mas esta foi uma história maravilhosa, com fundo histórico real! — disse a Senhorita Traição, sua carranca viciosa se tornando um sorriso. — E aquela sobre eu ter um rabo de vaca?

— Rabo de vaca? Não!

— Mesmo? Que vexame —, disse a Senhorita Traição, abaixando o dedo. — Temo que a arte de contar histórias tenha tomado uma feição muito feia por aqui. Eu realmente terei que fazer alguma coisa.

— Este é apenas outro tipo de Boffo, certo? — disse Tiffany. Ela não estava totalmente certa disto. A Senhorita Traição parecia bastante assustadora com aquela unha do polegar. Não é de admirar que as garotas a deixem tão rapidamente.

— Ah, você tem um cérebro, afinal. É claro que sim. Boffo, de fato. Um bom nome para a coisa. Boffo, sem dúvida. A arte das expectativas. Mostre às pessoas o que elas querem ver, mostre o que elas acham que deveria estar lá. Eu tenho uma reputação a manter, afinal.

Boffo, Tiffany pensou. Boffo, Boffo, Boffo.

Ela foi até as caveiras, pegou uma e leu o rótulo embaixo, como havia feito um mês antes:

Crânio medonho nº 1 preço: *AM$ 2,99* *Loja Boffo Novidades & Brincadeiras* *Rua do Décimo Ovo, 4 - Ankh-Morpork* *Se é divertido... é um Boffo!*

Muito realistas, não são? — Disse a Senhorita Traição, caindo com estalidos em sua cadeira. — se você pode dizer isso sobre uma caveira, é claro! A loja vendia uma máquina maravilhosa para fazer teias de aranha. Você derrama essa coisa pegajosa, sabe, e com prática podem ser feitas teias muito boas. Não suporto estes bichos rastejantes, mas é claro que preciso das teias. Notou as moscas mortas?

— Sim —, disse Tiffany, olhando para cima. — São passas. Achei que você tinha aranhas vegetarianas.

— Bom trabalho. Nada de errado com seus olhos, afinal. Peguei meu chapéu de lá também. "Velha Bruxa Malvada Número Três, Imperdível para Festas Assustadoras", acho que era. Ainda tenho o catálogo deles em algum lugar, se estiver interessada.

— Todas as bruxas compram de Boffo? — Perguntou Tiffany.

— Só eu, pelo menos por aqui. Ah, e acredito que a velha Madame Esbaforida, em Duas Quedas, costumava comprar verrugas de lá.

— Mas... por que? — Tiffany perguntou.

— Ela não conseguia fazê-las crescer. Simplesmente não conseguia fazê-las crescer, a pobre mulher. Tentou de tudo. Cara como o bumbum de um bebê, toda a sua vida.

— Não, eu quis dizer, por que vocês querem parecer tão... — Tiffany hesitou e continuou — horríveis?

— Eu tenho minhas razões —, disse a Senhorita Traição.

— Mas você não faz essas coisas que as histórias dizem que você faz, faz? Reis e príncipes não vêm consultá-la, não é?

— Não, mas eles podem —, disse a Senhorita Traição com firmeza. — Se eles se perderem, por exemplo. Oh, eu sei tudo sobre essas histórias. Eu criei a maioria delas!

— Você inventou histórias sobre você mesma?

— Ah, sim. Claro. Por que não? Eu não poderia deixar algo tão importante para amadores.

— Mas as pessoas dizem que você pode ver a alma de um homem!

A Senhorita Traição riu. — Sim. Não inventei isso! Mas vou te dizer, para alguns dos meus paroquianos eu preciso de uma lupa! Eu vejo o que eles veem, ouço com seus ouvidos. Conheci seus pais, avós e bisavós. Eu conheço os rumores e os segredos e as histórias e as verdades. E eu sou Justiça para eles e eu sou justa. Olhe para mim. Veja-me.

Tiffany olhou... e olhou além da capa preta e das caveiras e das teias de aranha de borracha e das flores negras e da venda e das histórias, e viu uma velhinha surda e cega.

Boffo fazia a diferença... não apenas as coisas bobas de festa, mas o pensamento de Boffo... os rumores e as histórias. A Senhorita Traição tinha poder porque as pessoas pensavam que ela tinha. Era como o chapéu de bruxa padrão. Porém a Senhorita Traição havia levado Boffo muito, muito mais longe.

— Uma bruxa não precisa de dispositivos, Senhorita Traição —, disse Tiffany.

— Não dê uma de esperta comigo, criança. A garota Cera-do-Tempo não lhe contou tudo isso? Ah, sim, você não precisa de varinha de condão ou de *emaranhados*, nem mesmo de chapéu pontudo para ser uma bruxa. Mas ajuda uma bruxa em sua representação! As pessoas esperam isso. Eles irão acreditar em você. Não cheguei aonde estou hoje usando um gorro de lã e um avental de algodão! Eu me adequei ao papel. Eu...

Houve um estrondo vindo de fora, na direção da leiteria. — Nossos amiguinhos azuis? — Indagou a Senhorita Traição erguendo as sobrancelhas.

— Não, eles estão absolutamente proibidos de entrar em qualquer leiteria em que eu trabalhe —, Tiffany começou, dirigindo-se para a porta. — Oh, meu Deus, espero que não seja Horácio...

— Eu disse a você que ele só traria problemas, não disse? — A Senhorita Traição gritou enquanto Tiffany se afastava apressada.

Era Horácio. Ele havia se espremido para fora de sua jaula novamente. Ele podia ficar bem escorregadio quando queria.

Havia uma manteigueira quebrada no chão que estivera cheia de manteiga, mas que agora não tinha mais. Só sobrava uma mancha gordurosa.

E da escuridão sob a pia veio uma espécie de resmungo em alta velocidade, uma espécie de *mnnamnamnam*...

— Oh, você não está atrás de manteiga agora, não é, Horácio? — disse Tiffany, pegando a espátula da leiteira. — Isto é praticamente canibalismo, você sabe.

Ainda assim, era melhor do que ratos, ela tinha que admitir. Encontrar pequenas pilhas de ossos de rato no chão foi um pouco angustiante. Nem mesmo a Senhorita Traição seria capaz de descobrir o que ocorrera. Um rato que ela estivesse usando como olhos poderia estar tentando pegar os queijos e então tudo ficaria escuro.

Isso porque Horácio era um queijo.

Tiffany sabia que os queijos Lancre Azul eram sempre um pouco picantes e às vezes tinham que ser pregados, mas... bem, ela era altamente habilidosa em fazer queijos, coisa que ela mesma confirmava; mas Horácio era definitivamente um campeão. As famosas listras azuis que davam à variedade sua cor maravilhosa eram realmente bonitas, embora Tiffany não tivesse certeza se deveriam brilhar no escuro.

Ela cutucou as sombras com o cabo da espátula, houve um estalo e quando ela puxou o bastão novamente, faltavam cinco centímetros para a ponta. Então

houve um barulho mais ou menos como "cuchsssp" e o pedaço do cabo da espátula que faltava ricocheteou na parede do outro lado da sala.

— Agora não tem mais leite para você —, disse Tiffany, se endireitando,

Ele veio me devolver o pingente de cavalo. O Artesão do Inverno se deu ao trabalho de fazer isso, pensou. Huumm...

Isso era muita... coisa, pensando bem.

Quer dizer, ele tinha que organizar avalanches e vendavais e criar novas formas para flocos de neve e tudo mais, mas ele poupou um pouco de tempo só para vir me devolver meu colar. Huumm...

E ele apenas ficou lá sem fazer nada.

E então ele simplesmente desapareceu... quer dizer, desapareceu ainda mais.

Huumm...

Ela deixou Horácio resmungando embaixo da pia e fez chá para a Senhorita Traição, que estava de volta à tecelagem. Então, silenciosamente, ela subiu para seu quarto.

O diário de Tiffany tinha sete centímetros de espessura. Annagramma, outra bruxa estagiária local e uma de suas amigas (mais ou menos), disse que ela realmente deveria chamá-lo de seu Livro das Sombras e escrevê-lo em pergaminho usando uma das tintas mágicas especiais vendidas no Empório Mágico de Zakzak Fortenobraço a preços populares.... pelo menos, preços que eram populares com Zakzak.

Tiffany não tinha dinheiro para comprar pergaminho. Você só podia só podia trabalhar com a feitiçaria na base de troca... não se esperava que você a pusesse à venda. A Senhorita Traição não se importava que ela vendesse queijos, mas mesmo assim o papel era caro por ali e os mascates ambulantes nunca tinham muito para vender. Eles geralmente tinham uma onça ou duas de caparrosa verde, porém, o que poderia dar para fazer uma tinta decente se misturada com galhos de carvalho triturados ou cascas de nozes verdes.

O diário agora era tão grosso quanto um tijolo com as páginas extras que Tiffany havia colado. Ela descobriu que poderia fazê-lo durar mais dois anos se

escrevesse com uma letra pequenininha.

Na capa de couro ela desenhou, com um espeto quente, as palavras "Feegles, fiquem longe!!". Nunca tinha funcionado. Eles encaravam esse tipo de coisa como um convite. Com o que, atualmente, ela escrevia algumas partes do diário em código. A leitura não era algo natural para os Feegles das Colinas do Giz, então com certeza eles nunca pegariam o jeito de um código. Mesmo assim, ela olhou em volta com cuidado e destrancou o enorme cadeado que prendia uma corrente ao redor do livro. Colocou a data do dia, mergulhou a pena na tinta e escreveu:

— CNHC ao ❄ —

Sim, um floco de neve seria um bom código para o Artesão do Inverno. Ele apenas ficou lá parado, ela pensou.

E foi embora quando eu gritei. O que era uma coisa boa, obviamente. Huumm...

Mas... Eu gostaria de não ter gritado.

Ela abriu a mão. A imagem do cavalo ainda estava lá, branca como giz, mas não havia nenhuma dor.

Tiffany estremeceu um pouco e se recompôs. Então? Ela havia encontrado ao Espírito do Inverno. Ela era uma bruxa. Era o tipo de coisa que às vezes acontecia. Ele educadamente devolveu a ela o que era dela e depois foi embora.

Em seguida, ela escreveu:

— Crt do R. —

Ela abriu com muito cuidado a carta de Roland, o que foi fácil porque a gosma de lesma não é exatamente uma cola. Com alguma sorte, ela poderia até reutilizar o envelope. Ela se curvou sobre a carta para que ninguém pudesse lê-la por cima de seu ombro. Por fim, ela disse: — Senhorita Traição, saia da minha frente, por favor? Preciso usar meus globos oculares em particular.

Houve uma pausa e depois um murmúrio no andar de baixo e as cócegas atrás de seus olhos desapareceram.

Era sempre muito... bom receber uma carta de Roland. Sim, muitas vezes falavam sobre as ovelhas e outras coisas do Giz e às vezes havia uma flor seca dentro, uma campânula ou uma prímula. Vovó Dolorida não teria aprovado isso; ela sempre dizia que se as colinas quisessem que as pessoas colhessem as flores, teriam cultivado mais delas.

As cartas sempre a deixavam com saudades de casa.

Certa vez a Senhorita Traição disse: "Este jovem que escreve para você... ele é seu galante?" e Tiffany mudou de assunto até ter tempo de procurar a palavra no dicionário e mais tempo para parar de corar.

Roland era... bem, a coisa sobre Roland era... a principal coisa sobre... bem, a questão era que... ele estava lá.

Tudo bem, quando ela realmente o conheceu, ele era um pedaço inútil e estúpido de gente, mas o que você poderia esperar? Ele tinha sido prisioneiro da Rainha dos Elfos por um ano, para começar, gordo como manteiga e meio louco por conta do açúcar e do desespero. Além disso, ele foi criado por um casal de tias arrogantes, seu pai, o Barão, era mais interessado em cavalos e cachorros.

Ele mudou para mais e para menos desde então: mais pensativo, menos turbulento, mais sério, menos estúpido. Ele também teve que começar a usar óculos, os primeiros a serem vistos no Giz.

E ele tinha uma biblioteca! Mais de cem livros! Na verdade, pertencia ao castelo, mas ninguém mais parecia interessado nela.

Alguns dos livros eram enormes e antigos, com capas de madeira e enormes letras pretas e imagens coloridas de animais estranhos e lugares distantes. Havia o *Livro dos Dias Incomuns* de Waspmire, *Por que as Coisas não são de Outro Modo*, de Crumberry, e pelo menos um volume da *Enciclopédia Ominosa*. Roland ficou surpreso ao descobrir que ela podia ler palavras estrangeiras e ela teve o cuidado de não dizer a ele que tudo foi feito com a ajuda do que restava do Dr. Alvoroço. A questão era... a coisa era... bem, para quem mais poderiam os dois se voltar?

Roland não podia, simplesmente não podia ter amigos entre os garotos da aldeia, sendo ele filho do barão e tudo mais. Embora Tiffany, agora, tivesse o

chapéu pontudo e isso contava para alguma coisa. O povo do Giz não gostava muito de bruxa, mas ela era neta da Vovó Dolorida, certo? Sem contar o que ela aprendeu com a velha garota na cabana dos pastores. E dizem que ela mostrou àquelas bruxas nas montanhas o que significava bruxaria, certo? E Lembra da temporada de crias no ano passado? Só faltou trazer cordeiros mortos de volta à vida só de olhar para eles! E ela é uma Dolorida e as Doloridas têm essas colinas em seus ossos. E é bom tê-las assim. Elas são nossas, percebe? E estava bem assim, exceto que ela não tinha mais nenhum velho amigo. As crianças em casa que eram amigáveis agora eram... respeitosas, por causa do chapéu. Havia uma espécie de parede agora, como se ela tivesse crescido e eles não. Sobre o que poderiam conversar? Ela esteve em lugares que eles nem podiam imaginar. A maioria deles nem tinha estado em Duascamisas, que ficava a apenas a meio-dia de distância. E isso não as preocupava nem um pouco. Elas fariam o trabalho que seus pais faziam ou criariam os filhos como suas mães faziam. E tudo isso estava bem, Tiffany acrescentou apressadamente para si mesma. Mas não seria decisão deles. Apenas

aconteceria com eles e eles nem se dariam conta.

Era o mesmo nas montanhas. As únicas pessoas de sua idade com quem ela realmente podia conversar eram outras bruxas em treinamento, como Annagramma e o resto das meninas. Era inútil tentar ter uma conversa de fato com as pessoas nas aldeias, especialmente os meninos. Eles apenas olhavam para baixo, resmungavam e arrastavam os pés, como as pessoas em casa quando tinham que falar com o Barão.

Na verdade, Roland também fazia isso e ficava vermelho toda vez que ela olhava para ele. Sempre que ela visitava o castelo ou caminhava com ele pelas colinas, o ar estava cheio de silêncios complicados... assim como tinha sido com o Artesão do Inverno.

Ela leu a carta cuidadosamente, tentando ignorar as impressões digitais sujas de Feegle por toda parte. Ele teve a gentileza de incluir várias folhas de papel sobressalentes.

Ela alisou uma, com muito cuidado, olhou para a parede por um tempo e

então começou a escrever.

Na copa,[4] Horácio, o queijo, havia saído de trás do balde de lixo. Agora ele estava na frente da porta dos fundos. Se um queijo pudesse parecia pensativo, Horácio parecia muito pensativo agora.

No pequeno vilarejo de Duascamisas, o condutor da carruagem do correio estava tendo um pequeno problema. Muitas correspondências das terras ao redor de Duascamisas acabavam na loja de souvenirs de lá, que também funcionava como correio.

Normalmente o cocheiro só pegava a mala do correio, mas hoje houve uma dificuldade. Ele folheava freneticamente as páginas do livro de Regulamentos dos Correios.

A Senhorita Umaturga continuava batendo os pés. Isso o estava deixando nervoso. — Arrá —, disse o cocheiro triunfante. — Diz aqui sem animais, pássaros, dragões ou peixes!

— E qual deles você pensa que eu sou? — perguntou a Senhorita Umaturga friamente.

— Ah, bem, certo, bem, um ser humano é um tipo de animal, certo? Quer dizer, veja os macacos, certo?

— Não tenho nenhuma vontade de ver macacos —, disse a Senhorita Umaturga. — Eu vi o tipo de coisas que eles fazem.

O cocheiro percebeu claramente que aquele era um caminho a não percorrer e folheou novamente as páginas furiosamente. Então ele sorriu.

— Arrá! — disse. — Quanto você pesa, senhorita?

---

[4] Uma sala da cozinha para lavar panelas e fazer outras tarefas molhadas e bagunçadas. Embora a Senhorita Traição tivesse crânios, ela não os guardava na copa. Teria sido muito divertido, porém, se ela o fizesse.

— Duas onças —, disse a Senhorita Umaturga. — Que por acaso é o peso máximo para uma carta poder ser enviada para a área de Lancre e áreas próximas do interior por dez moedas. — Ela apontou para os dois selos grudados em sua lapela. — Já comprei meus selos.

— Nunca que você pesa duas onças! — disse o cocheiro. — Você tem uns sessenta quilos, pelo menos!

A Senhorita Umaturga suspirou. Ela queria evitar isso, mas Duascamisas não era Cachorrotorcido, afinal. Ficava na beira da estrada e via o mundo passar. Ela estendeu a mão e apertou o botão que acionava seu chapéu.

— Gostaria que eu esquecesse o que você acabou de dizer? — Ela perguntou.

— Por que? — disse o cocheiro.

Houve uma pausa enquanto a Senhorita Umaturga o encarava inexpressivamente. Então ela virou os olhos para cima.

— Desculpe-me —, disse. — Isso vai sempre acontecer, eu receio. São os mergulhos, sabe. A mola enferruja.

Ela estendeu a mão e bateu na lateral do chapéu. O pedaço pontudo escondido disparou, espalhando flores de papel.

Os olhos do cocheiro o seguiram. — Oh —, disse.

O problema dos chapéus pontudos era o seguinte: a pessoa sob um deles era definitivamente uma bruxa ou um mago. Ah, alguém que não fosse provavelmente poderia pegar um chapéu pontudo e sair usando e ficaria tudo bem até o momento em que encontrasse um verdadeiro dono de um chapéu pontudo. Magos e bruxas não gostam de impostores. Eles também não gostam de ficar esperando.

— Quanto eu peso agora, por favor? — ela perguntou.

— Umas duas onças! — disse o cocheiro rapidamente.

A Senhorita Umaturga sorriu. — Sim. E nem um escrúpulo a mais! Um escrúpulo sendo, é claro, vinte grãos ou um vinte e quatro avos de uma onça. Eu sou de fato... Inescrupulosa!

Ela esperou para ver se essa piada extremamente pedagógica conseguiria um

sorriso, mas não se importou quando isso não aconteceu. A Senhorita Umaturga gostava de ser mais esperta do que as outras pessoas.

Ela subiu na carruagem.

Enquanto a carruagem subia as montanhas, a neve começou a cair. A Senhorita Umaturga, que sabia que não havia dois flocos de neve iguais, não prestou atenção neles. Se tivesse feito isso, teria se sentido um pouco menos inteligente.

Tiffany dormia. Um fogo ardia na lareira do quarto. No andar de baixo, o tear da Senhorita Traição teceu seu caminho durante a noite...

Pequenas figuras azuis rastejavam pelo chão do quarto e, formando uma pirâmide de Feegle, alcançavam o topo da mesinha que Tiffany usava como escrivaninha.

Tiffany se virou na cama e fez um barulhinho que soava "snfgl". Depois se virou na cama e fez outro barulho baixinho. Os Feegles congelaram apenas por um momento e então a porta do quarto se fechou suavemente atrás deles.

Um borrão azul levantou um rastro de poeira na escada estreita através do chão da sala de fiação, saiu na copa e através de um estranho buraco em forma de queijo na porta externa. A partir de então, foi uma trilha de folhas remexidas levando para o interior da mata, onde ardia uma pequena fogueira. Ela iluminava os rostos de uma horda de Feegles, embora talvez não quisesse.

O borrão parou e se tornou cerca de seis Feegles, dois deles carregando o diário de Tiffany.

Eles o depositaram cuidadosamente.

— Nós temos que ficar bem longe daquela casa —, disse Yan Grande. — Já virum as caveira de grandãozis? Aquela é uma bruaca que cê não gostaria de cruzá tão cedu!

— Ah, vejo que ela está com uma daquelas fechaduras de novo —, disse

Wullie Doido, andando em volta do diário.

— Rob, não posso deixá di pensá que não é certo ler isso —, disse Billy Queixudo, enquanto Rob enfiava o braço no buraco da fechadura. — É p´ssual!

— Ela é nossa bruaca. O que é p´ssual para ela é p´ssual pra nóis —, disse Rob com naturalidade, procurando dentro da fechadura. — Além disso, ela deve de querê que alguém leia, porque ela escreveu coisas sobre isso. Num adianta escrevê coisas se você não quer qui leiam! Seria puro gastu di lápis!

— Talvez quisesse ler ela mesma —, disse Billy em dúvida.

— Ah, é? Pru que qui ela querê fazer isso? — disse Rob com desdém.

— Ela já sabe o que tem nele. E Jeannie quer saber o que ela tá pensanu sobre o rapaiz du barão.

Houve um clique e o cadeado se abriu. A irmandade Feegle reunida observou cuidadosamente.

Rob virou as páginas farfalhantes e sorriu.

— Ah, ela escreveu aqui: Ah, us maravilhosos Feegles apareceram di novu —, disse ele. Isso foi recebido com aplausos gerais.

— Ah, qui garota gentil ela é para escrevê issu —, Billy Queixudo disse. — Possu vê? — Ele leu: "Ah, Maravilhoso, os Feegles apareceram de novo."

— Ah —, disse. — Billy Queixudo veio com Jeannie desde o clã do Lago Grande. O clã de lá se sentia mais à vontade com a leitura e a escrita e como ele era o *gonnagle*, esperava-se que fosse bom em ambas.

Os Feegles das Colinas de Giz, por outro lado, estavam mais em casa bebendo, roubando e brigando e Rob Qualquerum era bom em todos os três. Claro que ele aprendeu a ler e escrever porque Jeannie pediu. Ele o fazia com muito mais otimismo do que precisão, Billy sabia. Quando se deparava com uma frase longa, ele tendia a elaborar algumas palavras e depois dar um grande palpite.

— A arte de "ler" é quase toda sobre entender" o que as palávrias tão tentanu dizê, certo? — disse Rob.

— Sim, talvez —, disse Yan Grande, — mas há alguma palávria aí para nos fazê entendê pruquê a Bruaca Piquininha Grandona é tão doce c´aquele monte de

estrume do castelo de pedra?

— Ocê tem uma natureiza muito romântica —, disse Rob. — E a resposta é: não sei dizer. Eles escreve algumas partes de suas cartas nesses códigos piquininhos. É uma coisa terrível pra quem tá lenu. Já é bastante difíci ler as palavras normais, sem que alguém as embaralhe.

— Vai ser uma baita duma coisa ruim pra todos nós se a Bruaca Piquininha Grandona começar a cuidar dos rapáizis em vez de aprender as bruacarias —, disse Yan Grande.

— Certo, mas u rapáiz num parece interessadu em casamentu —, disse Angus Meio Louco.

— Ele pode estar um dia —, disse Billy Queixudo, que tinha como hobby observar humanos. — A maior parte dos grandãoszi si casa.

— Eles se casa? — Perguntou o Feegle assombrado.

— Ah, claro.

— Eles querem si casar?

— Muitos deles, sim —, disse Billy.

— Então num tem mais bebê, roubá e brigar?

— Ei, ainda posso bebê, roubá e brigar! — Disse Rob Qualquerum.

— Certo, Rob, mas num pudemos deixá di notar que você também tem que fazer as Explicação —, disse Wullie Doido.

Houve um aceno geral da multidão. Para Feegles, explicar era uma arte obscura. Era tão difícil.

— Tipo, quando voltamo de bebê, roubá e brigar, Jeannie dá a você a torcida de lábios —, Wullie Doido continuou.

Um gemido saiu de todos os Feegles: — Oooh, nus salve da P´ssoa co´a torcida de lábios!

— E tem u cruzamento dus Braços —, disse Wullie, que estava assustando até a si mesmo.

— Oooooh, aidinóis, aidinóis, aidinóis, o cruzamento dos Braços! — Os Feegles gritaram, arrancando seus cabelos.

— Sem mencionar as batidas dos pés... — Wullie parou, sem querer mencionar as batidas dos pés.

— Vixe! Ai, ai! Nada de batidas com os pés! — Alguns dos Feegles começaram a bater a cabeça nas árvores.

— Sim, sim, sim, MAS —, disse Rob Qualquerum desesperadamente, — o que vocês num sabe é que isso faz parte dos segredus do maridismo.

Feegles se entreolharam. Houve silêncio, exceto pelo estalo de uma pequena árvore ao cair.

— Nunca ouvimu falá dissu aí, Rob —, disse Yan Grande.

— Bem, não tô surpreso! Quem diria a vocês? Cês num são casados! Cêis num consegue perceber a simitria poética da coisa toda. Chega mais qui eu contu.

Rob olhou em volta para ver se alguém além de cerca de quinhentos Feegles o estava observando e continuou: — a bebida e a briga e o roubo, tudo bem. E quando ocê volta pro monte é hora do Bate-Pés...

— Ooooooo!

— ...e do cruzamento dos braços...

— Vixe!

— ...e, claro, a torcida de lábios, e vamos parar todos você com essis gemidos ou eu vou bater as cabeiças de uns nus otro! Certo?

Todos os Feegles ficaram em silêncio, exceto um.

— Ai, aidinóis, aidinóis, aidinóis! Ai, ai, ai! Vixe! A torcida... dos...

Ele parou e olhou em volta com vergonha. — Wullie Doido? — disse Rob Qualquerum com paciência gelada.

— Sim, Rob?

— Ocê sabe que eu te disse que tem ocasiões em que ocê deve de ouvir o que eu estou dizenu?

— Sim, Rob?

— Essa é uma dessas veis.

Wullie Doido baixou a cabeça. — Desculpe, Rob.

— Certo! Agora, onde é que eu estava... Ah, certo... Nós temos a torcida de

lábios e os pés, certo? E então...

— É a hora da explicação! — Wullie Doido disse.

— Sim! — vociferou Rob Qualquerum. — Qualquer um de vocês, bestãozis, quer ser aquele que se atreve a fazer a Explicação?

Ele olhou em volta.

Os Feegles se arrastaram para trás.

— Cum a Kelda torcendo e dobrando e batendo —, Rob continuou com uma voz de danação, — e aquele olhar em seus olhos bonitos que diz: "É melhor esta explicação ser realmente boa"? Bem? Teriam coragem?

A essa altura, os Feegles estavam chorando e mastigando as pontas de seus kilts aterrorizados.

— Não, Rob, —, murmuraram.

— Não, certo! — Disse Rob Qualquerum triunfantemente. Ocês num teriam! Isso é porque vocês não têm o conhecimento do maridismo!

— Ouvi Jeannie dizer que você inventa explicações que nenhum outro Feegle em todo o mundo tentaria —, Wullie Doido disse com admiração.

— Sim, é bem provável —, disse Rob, cheio de orgulho. — E Feegles tem uma longa tradição de grandes explicações!

— Ela disse que algumas de suas explicações são tão longas e sinuosas que, quando você chega ao fim, ela não consegue se lembrar de como começaram —, Wullie Doido continuou.

— É um dom natural...num gostaria de me gabar —, disse Rob, acenando com a mão modestamente.

— Num acho qui os grandãozis sejam bons em Explicar —, disse Yan Grande. — São lentos no pensamento.

— Mas eles ainda se casam —, disse Billy Queixudo.

— Certo, e aquele garoto no grande castelo está sendo muito amigável com a Bruaca Piquininha Grandona —, disse Yan Grande. — O pai dele está ficando velho e doente e logo aquele menino terá um grande castelo de pedra e os pedaços de papel que vão dizer que ele é o dono das colinas.

— Jeannie tem medo que, se ele tiver os papeis que dizem que ele é o dono das colinas —, continuou Billy Queixudo, — ele pode enlouquecer e pensar que pertencem a ele. E sabemos onde isso vai levar, certo?

— Sim —, Yan Grande disse. — Os arados.

Era uma palavra temida. O velho Barão certa vez planejou arar algumas das áreas mais planas do Giz, porque o trigo estava alcançando preços altos e não havia dinheiro no pastoreio de ovelhas, mas Vovó Dolorida estava viva na época e mudou de ideia para ele.

Mas alguns pastos ao redor do Giz já estavam sendo arados. Havia dinheiro no trigo. Os Feegles davam como certo que Roland também se voltaria para o arado. Ele não foi criado por um casal de tias vaidosas, ardilosas e desagradáveis?

— Não confio nele —, disse Angus Meio Louco. — Ele lê livros e tal. Ele num se importa com a terra.

— Issu —, disse Wullie Doido, — mas se ele se casasse com a Bruaca Piquininha Grandona ele nem pensaria no arado, porque a Bruaca Piquininha Grandona logo lhe daria os braços torcidos...

— São braços cruzados! — atalhou Rob Qualquerum. Todos os Feegles olharam em volta com medo.

— Ooooooh, não o cruzamento dus br...

— Calem a boca! — Rob bradou. Tenhu vergonha docês! A Bruaca Piquininha Grandona pode casar com quem ela quiser! Não é assim, *gonnagle*?

— Hum? — disse Billy, olhando para cima. Ele pegou um floco de neve.

— Eu disse que a Bruaca Piquininha Grandona pode se casar com quem ela quiser, certo? — Billy estava olhando para o floco de neve.

— Billy? — disse Rob.

— O que? — ele disse, como se estivesse acordando. — Ah ... sim. Você acha que ela gostaria se casar com o Artesão do Inverno?

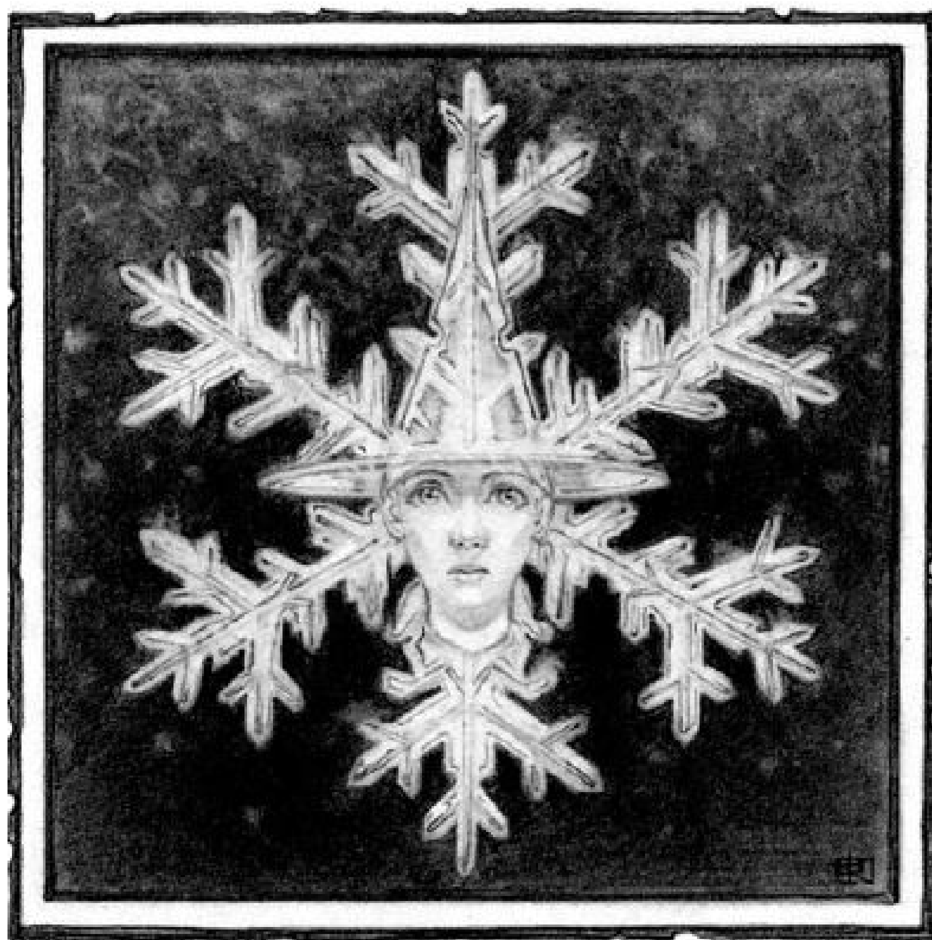
— O Artesão do Inverno? — disse Rob. — Ele não pode se casar com ninguém. Ele é como um espírito...não tem nada ali! —

— Ela dançou com ele. Nós a vimos —, disse Billy, pegando outro floco e

inspecionando-o.

— Foi só entusiasmo de garota! De qualquer forma, por que a Bruaca Piquininha Grandona pensaria no Artesão do Inverno? —

— Tenho motivos para acreditar —, disse o *gonnagle* lentamente, — enquanto mais flocos dançavam, — que o Artesão do Inverno está pensando muito sobre a Bruaca Piquininha Grandona.



CAPÍTULO QUATRO
FLOCOS DE NEVE

Dizem que nunca pode haver dois flocos de neve exatamente iguais, mas alguém verificou recentemente?

A neve caía suavemente na escuridão. Ela se empilhava nos telhados, abria caminho entre os galhos das árvores, pousava no chão da floresta com um chiado suave e cheirava fortemente a estanho.

Vovó Cera-do-Tempo sempre verificava a neve. Ela parou na porta, com a luz das velas fluindo ao seu redor e pegou flocos no fundo de uma pá.

A gatinha branca observava os flocos de neve. Era tudo o que ela fazia. Não batia neles com a pata, apenas observava, muito atentamente, cada floco descer

em espiral até pousar. Então o gatinho observava mais um pouco, até ter certeza de que o entretenimento havia acabado, antes de erguer os olhos e selecionar outro floco.

Recebera o nome de *Você*, como em "ei, Você! Pare com isso!" e "Você! Fora daqui!" Quando se tratava de nomes Vovó Cera-do-Tempo não era muito imaginativa.

Vovó olhou para os flocos de neve e sorriu daquele jeito não exatamente legal.

— Volte para dentro, *você* —, ela disse e fechou a porta.

A Senhorita Umaturga estava tremendo perto do fogo. Não era um grande fogo...apenas o suficiente. No entanto, havia um cheiro de toucinho e pudim de ervilha vindo de uma panela pequena sobre as brasas e ao lado da panela pequena havia uma muito maior de onde vinha o cheiro de frango. A Senhorita Umaturga não comia frango com frequência, então ela vivia com esperança.

Era preciso dizer que Vovó Cera-do-Tempo e a Senhorita Umaturga não se davam bem. As bruxas mais velhas geralmente não se davam, o que poderia ser confirmado pelo modo como eram extremamente educadas uma com a outra o tempo todo.

— A neve veio mais cedo este ano, madame Cera-do-Tempo —, disse a Senhorita Umaturga.

— De fato veio, Senhorita Umaturga —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — É muito... interessante. Você já deu uma olhada nisto?

— Já vi neve antes, Senhora Cera-do-Tempo —, disse a Senhorita Umaturga. — Esteva nevando por todo o caminho até aqui em cima. Tive que ajudar a empurrar a carruagem! Eu tenho visto muita neve! Mas, o que vamos fazer com Tiffany Dolorida?

— Nada, Senhorita Umaturga. Mais chá?

— Ela é nossa responsabilidade.

— Não. É dela, do começo ao fim. Ela é uma bruxa. Ela dançou a Dança do Inverno. Eu a vi fazê-lo.

— Tenho certeza de que ela não teve a intenção —, disse a Senhorita Umaturga.

— Como você pode dançar sem querer?

— Ela é jovem. A excitação foi o que provavelmente moveu seus pés. Não sabia o que estava acontecendo.

— Pois deveria ter descoberto —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Deveria ter escutado.

— Tenho certeza de que você sempre fez o que lhe foi dito quando tinha quase treze anos, Senhora Cera-do-Tempo —, disse a Senhorita Umaturga com apenas uma pitada de sarcasmo.

Vovó Cera-do-Tempo olhou para a parede por um momento. — Não —, disse. — Eu cometi erros. Mas não inventei desculpas para eles.

— Pensei que você queria ajudar a criança?

— Vou ajudá-la a se ajudar. É o meu jeito. Ela dançou na História mais antiga que existe e a única saída é pelo outro lado. A única maneira, Senhorita Umaturga.

A Senhorita Umaturga suspirou. Histórias, ela pensou. Vovó Cera-do-Tempo acreditava que o mundo era feito de histórias. Bem, todos nós temos nossos jeitos engraçados. Exceto eu, obviamente.

— Claro. É que ela é assim... tão normal —, a Senhorita Umaturga disse em voz alta. — Quando você considera o que ela fez, quero dizer. E ela pensa muito. E agora que ela chamou a atenção do Artesão do Inverno, bem...

— Ela o fascinou —, Vovó Cera-do-Tempo disse. — Isso vai ser um grande problema. Que ela terá que resolver.

— E se ela não puder?

— Então ela não é Tiffany Dolorida —, disse Vovó Cera-do-Tempo com firmeza. — Ah, sim, ela está na História agora, só não sabe disso! Olhe para a neve, Senhorita Umaturga. Dizem que não há dois flocos de neve iguais. Como se poderia saber algo assim? Oh, eles pensam que são tão espertos! Eu sempre quis pegá-los. E eu o fiz! Vá para fora agora e olhe para a neve. Olhe para a neve,

Senhorita Umaturga! Cada floco igual ao outro!

Tiffany ouviu a batida e abriu a pequena janela do quarto com dificuldade. A neve havia se acumulado no parapeito, macia e fofa.

— Nós não queríamos acordar você —, disse Rob Qualquerum, — mas Billy Terrivelmente Piquininho disse que você deveria ver isso.

Tiffany bocejou. — O que é que eu deveria ver? — murmurou.

— Pegue alguns destes flocos —, disse Rob. — Não, não na sua mão... eles vão derreter logo.

Na escuridão, Tiffany tateou em busca de seu diário. Não estava lá. Ela olhou para o chão, para o caso de tê-lo derrubado. Então um fósforo acendeu quando Rob Qualquerum acendeu uma vela e lá estava o diário, parecendo que sempre esteve lá mas, ela notou, suspeitosamente frio ao toque. Rob parecia inocente, um claro sinal de culpa. Tiffany guardou as perguntas para mais tarde e enfiou o diário pela janela. Flocos pousaram sobre ele e ela o ergueu mais perto dos olhos. — Eles se parecem com qualquer outro floc... —, ela começou e então parou, então disse, — Ah, não... Deve ser um truque!

— Sério? Bem, você poderia chamá-lo assim —, disse Rob. — Mas é o truque dele, você sabe.

Tiffany olhou para os flocos caindo flutuando à luz da vela. Cada um deles era Tiffany Dolorida. Uma pequena, gelada, cintilante

Tiffany Dolorida.

No andar de baixo, a Senhorita Traição começou a rir.

A maçaneta da porta do quarto da torre foi sacudida com raiva. Roland de Chumsfanleigh (pronunciava-se Chuffley; não era culpa dele), cuidadosamente, não prestou atenção.

— O que você está fazendo aí, criança? — Disse uma voz abafada irritada.

— Nada, tia Danuta —, disse Roland, sem se virar de sua mesa. Uma das vantagens de morar em um castelo era que os quartos eram fáceis de trancar. Sua porta tinha três fechaduras de ferro e dois ferrolhos tão grossos quanto seu braço.

— Seu pai está chamando por você aos berros, sabe! — Disse outra voz, com ainda mais irritação.

— Ele sussurra, tia Araminta —, disse Roland calmamente, escrevendo cuidadosamente um endereço em um envelope. — Ele só grita quando vocês mandam os médicos para cima dele.

— É para seu próprio bem!

— Ele grita —, Roland repetiu e então lambeu a aba do envelope.

Tia Araminta tornou a mexer na maçaneta.

— Você é uma criança muito ingrata! Você vai morrer de fome, sabe! Faremos com que os guardas derrubem esta porta!

Roland suspirou. O castelo foi construído por pessoas que não gostavam de ter suas portas derrubadas e qualquer um que tentasse fazer isso aqui teria que carregar o aríete por uma estreita escada em espiral sem espaço no topo para se virar. e então dar um jeito de derrubar uma porta de quatro tábuas de espessura e feita de madeira de carvalho tão antiga que parecia de ferro. Um homem poderia defender este quarto por meses, se tivesse provisões. Ele ouviu mais alguns resmungos do lado de fora e depois o eco dos sapatos das tias enquanto desciam a torre. Então ele as ouviu gritando com os guardas novamente.

Não faria muito bem a eles. O sargento Roberts e seus guardas[5] ficavam irritados ao receberem ordens das tias. Todos sabiam, porém, que se o barão morresse antes de o menino completar vinte e um anos, as tias administrariam legalmente a propriedade até que ele completasse a maioridade. E embora o Barão estivesse muito doente, ele não estava morto. Não era uma época feliz para ser um guarda desobediente, mas o sargento e seus homens sobreviviam à raiva das tias

[5] Kevin, Neville e Trevor.

por serem, quando suas ordens o justificavam, surdos, estúpidos, esquecidos, confusos, doentes, perdidos ou...no caso de Kevin...estrangeiro.

Por enquanto, Roland só fazia suas excursões durante a madrugada, quando não havia ninguém por perto e ele podia pilhar a cozinha. Era quando ele aproveitava para ver seu pai. Os médicos mantinham o velho medicado com alguma coisa, mas Roland segurava sua mão por um tempo pelo conforto que isso dava. Se encontrasse potes de vespas ou sanguessugas, jogava-os no fosso.

Olhou para o envelope. Talvez devesse contar a Tiffany sobre isso, mas não gostava da ideia. Isso a preocuparia e ela poderia tentar resgatá-lo novamente e isso não seria certo. Isso era algo que ele tinha que enfrentar. Além disso, ele não estava preso. Eles estavam presos do lado de fora. Enquanto ele mantivesse a torre, haveria um lugar onde eles não poderiam cutucar, bisbilhotar e roubar. Ele tinha o que restava dos candelabros de prata debaixo da cama, junto com o que restava dos antigos talheres de prata ("foram para avaliação" —, disseram) e a caixa de joias de sua mãe. Ele demorou um pouco para descobrir, mas faltava a aliança de casamento dela e o colar de prata e granada que a avó dele havia deixado para ela.

Mas no dia seguinte ele se levantaria cedo e iria até o Duascamisas com a carta. Ele gostava de escrevê-las. Elas transformaram o mundo em um lugar melhor, porque você não precisava incluir as partes ruins.

Roland suspirou. Teria sido bom dizer a Tiffany que na biblioteca ele havia encontrado um livro chamado Cercos e Sobrevivência, do famoso general Callus Tacticus (que inventou a "tática", o que foi interessante). Quem diria que um livro tão antigo poderia ser tão útil? O general tinha sido muito firme quanto a ter provisões, então Roland tinha muitas batatas pequenas, salsichas grandes e pão de anão pesado, que era útil para jogar nas pessoas.

Ele olhou para o outro lado da sala, onde havia um retrato de sua mãe que ele trouxera do porão onde o haviam deixado ("esperando para ser limpo", disseram). Bem ao lado dela, se você soubesse o que estava procurando, uma área da parede do tamanho de uma pequena porta parecia mais leve que o resto das pedras. O castiçal ao lado também parecia ligeiramente torto.

Havia muitas vantagens em morar em um castelo. Lá fora, começou a nevar.

Os Nac Mac Feegles espiavam os flocos fofos por entre a palha do telhado do chalé da Senhorita Traição. Pela luz que conseguia vazar pelas janelas sujas abaixo, eles observaram as minúsculas Tiffanys passarem.

— E dizem que isto são flocos de neve —, disse Yan Grande. — Rá!

Wullie Doido pegou um floco espiralante. — Cê tem que admitir que ele fez o chapéu pontudo muito bem —, ele disse. — Ele deve gostar muito da Bruaca Piquininha Grandona.

— Não faz sentido! — Disse Rob Qualquerum. — Ele é o Inverno! Ele é toda a neve e gelo e tempestades e geadas. Ela é só uma garota Piquininha Grandona. Cê num pode dizer que é uma combinação ideal! Qué qui cê diz, Billy? Billy?

O *gonnagle* mastigava a ponta do bocal de sua gaita-de-foles de pele de rato enquanto olhava para os flocos com um olhar distante. Mas de alguma forma a voz de Rob interrompeu seus pensamentos, porque ele disse: — O qui ele sabe sobre as p´ssoas? Ele não possui a condição de ser vivo do inseto mais pequenino, mas é tão poderoso quanto o mar. E ele é doce com a Bruaca Piquininha Grandona. Porque? O qui ela poderia ser para ele? O qui ele fará a seguir? Só possu dizer isso procês: flocos de neve são só o começo. Devemos tomá cuidado, Rob. Isso podi acabar muito mal.

No alto das montanhas, 990.393.072.007 Tiffany Doloridas pousaram levemente na velha neve compactada em um cume e começaram uma avalanche que levou embora mais de cem árvores e uma cabana de caça. Não foi culpa de Tiffany.

Não era culpa dela que as pessoas escorregassem em camadas compactadas dela ou não conseguissem abrir a porta porque ela estava empilhada do lado de fora ou fossem atingidas por punhados dela jogados por crianças pequenas. A maior parte dela teria derretido na hora do café da manhã no dia seguinte e, além disso, ninguém notaria nada de estranho, exceto as bruxas que não acreditavam no que as pessoas diziam e um monte de crianças a quem ninguém dava atenção.

Mesmo assim, Tiffany acordou sentindo-se muito envergonhada. A Senhorita Traição não ajudou em nada.

— Pelo menos ele gosta de você —, ela disse enquanto dava corda ferozmente em seu relógio.

— Eu não saberia o que dizer sobre isso, Senhorita Traição —, disse Tiffany, realmente não querendo manter essa conversa. Ela estava lavando a louça na pia, de costas para a velha e estava feliz que a Senhorita Traição não pudesse ver seu rosto...e, se chegasse a isso, que ela também não pudesse ver o rosto da Senhorita Traição.

— Me pergunto o que esse seu rapaz dirá sobre isso?

— Que rapaz, Senhorita Traição? — disse Tiffany, do modo mais pétreo que conseguiu.

— O que escreve as cartas, garota!

As quais acho que você lê com meus olhos, pensou Tiffany. — Roland? É apenas um amigo... por assim dizer —, disse.

— Um amigo, por assim dizer?

Não vou entrar nisso, pensou Tiffany. Aposto que ela está sorrindo. não é de sua conta de qualquer maneira.

— Sim —, disse, — é isso mesmo, Senhorita Traição. Um amigo, por assim dizer.

Houve um longo silêncio, que Tiffany usou para esfregar o fundo de uma panela de ferro.

— É importante ter amigos —, disse a Senhorita Traição em uma voz um pouco mais baixa do que antes. Soava como se Tiffany houvesse vencido a

discussão. — Quando terminar, querida, por favor, faça a gentileza de me trazer minha sacola de *Emaranhado*s.

Tiffany obedeceu e correu para a leiteria. Era sempre bom entrar lá. Isso a lembrava de casa e ali ela conseguia pensar melhor. Ela...

Havia um buraco em forma de queijo no fundo da porta, porém Horácio estava de volta em sua gaiola quebrada, fazendo um ruído *mnmnm... nmn* muito fraco que poderiam ser roncos de queijo. Ela o deixou sozinho e cuidou do leite da manhã.

Pelo menos não estava nevando. Ela sentiu que corava e tentou se impedir de pensar nisso.

E haveria uma reunião do *coven*[6] esta noite. As outras garotas saberiam? Rá! Claro que sim. As bruxas prestariam atenção à neve, especialmente se a neve fosse embaraçosa para alguém.

— Tiffany? Desejo falar com você... — chamou a Senhorita Traição.

A Senhorita Traição quase nunca a chamava pelo nome. Ouvi-la dizê-lo foi bastante preocupante.

A Senhorita Traição estava segurando um *Emaranhado*. Seu "rato-de-ver" estava dependurado desajeitadamente entre pedaços de osso e fita.

— Isso é tão inconveniente —, disse ela e levantou a voz.

— Ah, seus bestãozis! Cai fora ocês daí! Possu vê vocês direitinhu! I possu vê ocês olhandu pra mim!

Cabeças Feegle apareceram por trás de quase tudo.

— Bom! Tiffany Dolorida, sente-se!

Tiffany sentou-se rapidamente.

— E justo numa ocasião como essa —, disse a Senhorita Traição, depositando seu *Emaranhado*. — Tão inconveniente. Mas sem dúvida —, fez uma pausa momentânea. — vou morrer depois de amanhã. Na sexta-feira, pouco antes

---

[6] Um *coven* é um grupo ou reunião de bruxas. Do anglo-normando *covent*, *cuvent*, do francês antigo *covent*, do latim *conventum*, convenção (N.T.).

das seis e meia da manhã.

Fora uma declaração impressionante e não merecia aquela resposta:

— Ah, que pena, perdê o fim de semana assim —, disse Rob Qualquerum. — Cê tá indo para algum lugar legal?

— Mas...mas...você não pode morrer! — Tiffany explodiu. — Você tem cento e treze anos, Senhorita Traição!

— Sabe, essa é provavelmente a razão, criança —, disse a Senhorita Traição calmamente. — Ninguém lhe disse que as bruxas têm um aviso prévio quando vão morrer? De qualquer forma, gosto de um bom funeral. Oh, sim, nada bate um bom velório —, disse Rob Qualquerum.

— Com muita birita i dança, as saudaçãos, o banquete e as birita.

— Talvez possa haver um pouco de xerez doce —, disse a Senhorita Traição. — Quanto ao banquete, sempre digo que você não pode errar muito com um pãozinho de presunto.

— Mas você não pode simplesmente... — Tiffany começou e parou quando a Senhorita Traição virou a cabeça rapidamente como uma galinha.

— ...deixá-la deste jeito? — Ela disse. — Era isso que você ia dizer?

— É, não —, mentiu Tiffany.

— Você vai ter que morar com outra pessoa, é claro —, disse a Senhorita Traição. — Você não tem experiência o suficiente para assumir um chalé, não quando há garotas mais velhas esperando...

— Você sabe que eu não quero passar minha vida nas montanhas, Senhorita Traição —, Tiffany disse rapidamente.

— Ah, sim, a Senhorita Umaturga me contou —, disse a velha bruxa. — Você quer voltar para suas pequenas colinas de giz.

— Elas não são pequenas! — Tiffany disparou, mais alto do que pretendia.

— Sim, este tem sido um período difícil para todos —, disse a Senhorita Traição com muita calma. — Vou escrever algumas cartas, que você levará para a aldeia e então você terá sua tarde livre. Faremos o funeral amanhã à tarde.

— Perdão? Quer dizer, antes de morrer? — disse Tiffany.

— Mas é claro! Não vejo por que não deveria me divertir um pouco!

— Boa ideia! — Disse Rob Qualquerum. — Ess´é o tipo di detalhe sensatu que as p´ssoas geralmente deixa di considerar.

— Chamamos isso de festa de despedida —, disse a Senhorita Traição. — Só para bruxas, é claro. Outras pessoas tendem a ficar um pouco nervosas...não consigo imaginar por quê. E pelo lado bom, temos aquele esplêndido presunto que o senhor Armbinder nos deu na semana passada por acertar a posse da castanheira e eu adoraria experimentá-lo.

Uma hora depois, Tiffany partiu, com os bolsos cheios de notas para açougueiros, padeiros e fazendeiros nas aldeias locais.

Ela ficou um pouco surpresa com a recepção que teve. Eles pareciam pensar que era tudo uma piada.

— A Senhorita Traição não vai morrer nessa fase da vida —, disse um açougueiro, pesando salsichas. — Ouvi dizer que Morte veio buscá-la antes e ela bateu a porta na cara dele!

— Treze dúzias de salsichas, por favor —, disse Tiffany. — Cozidas e entregues.

— Tem certeza de que ela vai morrer? — Disse o açougueiro, a incerteza nublando seu rosto.

— Não. Mas ela tem —, disse Tiffany.

E o padeiro disse: — Você sabe sobre aquele relógio dela? Ela mandou fazer quando seu coração morreu. É como um coração mecânico, entende?

— Mesmo? — Tiffany disse. — Então, se o coração dela morreu e ela fez um novo com um mecanismo de relojoaria, como ela permaneceu viva enquanto o novo coração estava sendo feito?

— Oh, seria feito com mágica, obviamente —, disse o padeiro.

— Mas um coração bombeia sangue e o relógio da Senhorita Traição está

fora de seu corpo —, apontou Tiffany. — Não existem... canos.

— O sangue é bombeado por mágica —, disse o padeiro, falando devagar. Ele deu a ela um olhar estranho. — Como você pode ser uma bruxa se não sabe dessas coisas?

Foi o mesmo em todos os outros lugares. Era como se a ideia de não haver mais uma Senhorita Traição não se encaixasse na cabeça de ninguém. Ela tinha 113 anos e eles argumentavam que era praticamente impensável que alguém morresse com a idade de 113. Era uma piada, eles diziam, ou ela tinha um pergaminho assinado com sangue que significava que ela viveria para sempre, ou você teria que roubar o relógio dela antes que ela morresse, ou toda vez que o Ceifador vinha buscá-la ela mentia sobre seu nome ou o enviava para outra pessoa, ou talvez ela estivesse apenas se sentindo um pouco mal. Quando terminou, Tiffany estava se perguntando se isso realmente iria acontecer. No entanto, a Senhorita Traição parecia tão certa. E se você tivesse 113 anos, o incrível não era que você iria morrer amanhã, mas que você ainda estivesse viva hoje.

Com a cabeça cheia de pensamentos sombrios, ela partiu para a reunião do *coven*.

Uma ou duas vezes ela pensou que podia sentir Feegles observando-a. Ela nunca soube como era possível sentir isso; era um talento que se aprendia. E você aprendia a lidar com ele na maioria das vezes.

Todas as outras jovens bruxas estavam lá quando ela chegou e até já haviam acendido a fogueira.

Algumas pessoas pensam que "*coven*" é uma palavra para um grupo de bruxas e é verdade quando o dicionário diz. Mas a palavra real para um grupo de bruxas se reunindo é "discussão".

De qualquer forma, a maioria das bruxas que Tiffany conhecia nunca usava a palavra. A Senhora Lacrainha fazia isso, porém, quase o tempo todo. Ela era alta e magra e bastante reservada, usava óculos de prata em uma pequena corrente e usava palavras como "avatar" e "sigilo". E Annagramma, que dirigia o *coven* porque ela o havia inventado e porque tinha o chapéu mais alto e a voz mais afiada,

era sua pupila-estrela (e única).

Vovó Cera-do-Tempo sempre dizia que o que a Senhora Lacrainha fazia era magia de mago só que usando um vestido e Annagramma certamente carregava muitos livros e varinhas para as reuniões. Na maioria das vezes as garotas faziam alguns rituais para mantê-la de boca fechada, uma vez que para elas o verdadeiro objetivo do *coven* era ver as amigas, mesmo que fossem amigas simplesmente porque elas eram, realmente, as únicas pessoas com quem você poderia falar livremente porque tinham os mesmos problemas e entenderiam do que você estava reclamando.

Eles sempre se encontravam na floresta, mesmo na neve. Sempre havia lenha suficiente para fazer uma fogueira e todas se agasalhavam como de costume. Mesmo no verão, o conforto em uma vassoura em qualquer altura significava mais camadas de roupas íntimas do que qualquer um ousaria imaginar e, às vezes, um par de bolsas de água quente presas com barbante.

No momento, três pequenas bolas de fogo circularam a fogueira. Annagramma as havia feito. Você poderia arrasar inimigas com elas, ela dizia. Elas deixavam as outras inquietas. Era magia de mago, vistosa e perigosa. As bruxas preferiam se livrar das inimigas com um olhar. Mas não fazia sentido matar a inimiga. Como elas saberiam que você venceu?

Dimity Burburinho trouxe uma enorme bandeja de biscoito recheado. Era a coisa certa para forrar as costelas contra o frio.

Tiffany disse: — a Senhorita Traição me disse que vai morrer na manhã de sexta-feira. Disse que simplesmente sabia.

— Isso é uma pena —, disse Annagramma em um tom de voz que não continha realmente muita pena. — Mas ela era muito velha.

— Ela ainda é —, disse Tiffany.

— Hum, é conhecido como O Chamado —, disse Petúlia Cartilagem. — As velhas bruxas sabem quando vão morrer. Ninguém sabe como funciona. Elas apenas sabem.

— Ela ainda tem aqueles crânios? — disse Lucy Warbeck, que tinha o

cabelo preso na cabeça com uma faca e um garfo enfiados nele. — Eu não conseguia suportá-los. Eles pareciam estar, tipo, olhando para mim o tempo todo!

— Foi ela me usando de espelho que me fez sair —, disse Lulu Querida. — Ela ainda faz isso? — Tiffany suspirou. — Sim.

— Eu disse categoricamente que não iria viver ali —, disse Gertrudes Cansada, atiçando o fogo. — Você sabia que se você deixar uma bruxa sem permissão, nenhuma outra bruxa irá aceitá-la, mas se você deixar a Senhorita Traição mesmo depois de apenas uma noite, ninguém diz nada sobre isso e eles apenas encontram outro lugar para você?

— A Senhora Lacrainha diz que coisas como caveiras e corvos já é ir longe demais —, disse Annagramma. — Todo mundo por aqui literalmente morre de medo!

— Hum, o que vai acontecer com você? — disse Petúlia para Tiffany. — Não sei. Acho que vou para outro lugar.

— Pobrezinha —, disse Annagramma. — A Senhorita Traição não disse quem vai ficar com o chalé, por acaso? — ela acrescentou, como se tivesse acabado de pensar na pergunta.

O som que se seguiu foi o silêncio feito por meia dúzia de pares de ouvidos ouvindo com tanta atenção que quase estalavam. Não havia muitas jovens bruxas chegando, é verdade, mas as bruxas viviam muito tempo e conseguir seu próprio chalé era o prêmio. Era quando você começava a ganhar respeito.

— Não —, disse Tiffany.

— Nem uma pista?

— Não.

— Ela não disse que seria você, disse? — Disse Annagramma cortante. A voz dela podia ser realmente irritante. Podia fazer o "olá" soar como uma acusação.

— Não!

— De qualquer forma, você é muito jovem.

— Na verdade, não há, você sabe, limite de idade real —, disse Lucy Warbeck. — Nada escrito, de qualquer maneira.

— Como você sabe disso? — disse Annagramma, ríspida.

— Perguntei à velha Senhora Lamaçal —, disse Lucy.

Os olhos de Annagramma se estreitaram. — Você perguntou a ela? Por que?

Lucy revirou os olhos. — Porque eu queria saber, só isso. Olha, todo mundo sabe que você é a mais velha e a... você sabe, a de mais prática. Claro que você vai ficar com o chalé.

— Sim —, disse Annagramma, observando Tiffany. — É claro.

— Isso está, hum, resolvido, então —, disse Petúlia, mais alto do que o necessário. — Tiveram muita neve ontem à noite? Velha Mãe Toucapreta disse que era incomum.

Meu Deus, aí vamos nós, Tiffany pensou....

— Muitas vezes isto acontece mais cedo por aqui —, disse Lucy.

— Achei que estava um pouco mais fofo do que o normal —, disse Petúlia. — Muito bonita, se você gosta desse tipo de coisa.

— Era só neve —, disse Annagramma. — Ei, algum de vocês ouviu o que aconteceu com a nova garota que começou com a Senhorita Tumulto? A que fugiu gritando depois de uma hora? — Ela sorriu, não muito simpaticamente.

— Hum, foi o sapo? — Petúlia perguntou.

— Não, não o sapo. Ela não se importava com o sapo. Foi o Charlie azarado. —

— Ele pode ser assustador —, Lucy concordou.

E isto foi tudo, Tiffany percebeu, enquanto a fofoca corria. Alguém que era praticamente uma espécie de deus havia feito bilhões de flocos de neve que se pareciam com ela...e elas não haviam notado!

...o que era uma coisa boa, obviamente...

Claro que era. A última coisa que ela queria era provocações e perguntas estúpidas, é claro. Bem, é claro que sim...

...mas... enfim...teria sido bom se elas soubessem, se tivessem dito "Uau", se tivessem ficado com ciúmes ou com medo ou impressionante. E ela não podia contar a elas ou pelo menos não podia contar a Annagramma, que faria uma piada

sobre isso e quase, mas não exatamente, diria que ela estava inventando.

O Artesão do Inverno a visitara e foi... impressionante. Era um pouco triste que as únicas pessoas que soubessem disso fossem a Senhorita Traição e centenas de Feegles, especialmente porque... ela estremeceu... na manhã de sexta-feira isso seria conhecido apenas por centenas de homenzinhos azuis.

Em outras palavras, se ela não contasse a outra pessoa que fosse pelo menos do mesmo tamanho que ela e viva, ela explodiria.

Foi o que ela disse a Petúlia, no caminho de casa. Tinham que ir pelo mesmo caminho e ambas voavam tão devagar que à noite era mais fácil andar, já que não batiam em tantas árvores.

Petúlia era gordinha e confiável e já era a melhor bruxa de porcos das montanhas, fato que significava muito onde toda família tinha um porco. E a Senhorita Traição havia dito que logo os meninos estariam correndo atrás dela, porque uma garota que conhece seus porcos nunca iria precisar correr atrás de um marido.

O único problema com Petúlia era que ela sempre concordava com você e sempre dizia o que achava que você queria ouvir. Assim Tiffany foi um pouco cruel e apenas contou a ela todos os fatos. Ela conseguiu alguns "uaus", o que a deixou satisfeita.

— Isso deve ter sido muito, hum, interessante. — Disse Petúlia depois de um tempo. Petúlia era assim.

— O que devo fazer?

— Huum... você precisa fazer alguma coisa? — disse Petúlia.

— Bem, mais cedo ou mais tarde as pessoas vão perceber que todos os flocos de neve têm a minha forma!

— Hum, você está preocupada que elas não o façam? — disse Petúlia, tão inocentemente que Tiffany riu.

— É que a tenho a sensação de que não vai parar com flocos de neve! Quer dizer, ele está em tudo que tem a ver com o inverno!

— E fugiu quando você gritou... — disse Petúlia pensativa.

— Isso mesmo.

— E então ele fez algo mais ou menos... bobo.

— Como?

— Os flocos de neve —, disse Petúlia prestativamente.

— Bem, eu não diria exatamente isso —, disse Tiffany, um pouco magoada. — Não exatamente, bobo.

— É tudo muito óbvio —, disse Petúlia. — Ele é um rapaz.

— Como?

— Um rapaz. Você sabe como eles são? disse Petúlia. — Corar, rosnar, murmurar, tagarelar? Eles são praticamente todos iguais.

— Bem, ele tem milhões de anos e age como se nunca tivesse visto uma garota antes!

— Hum, eu não sei. Será que ele já viu uma garota antes?

— Deve ter visto! E o verão? — Disse Tiffany. — É uma garota. Bem, uma mulher. Bem, pelo menos de acordo com um livro que eu vi.

— Acho que tudo o que você pode fazer é esperar para ver o que ele fará a seguir, então. Desculpe. Eu nunca tive flocos de neve feitos em minha homenagem...é, já estamos chegando...

Eles chegaram à clareira onde morava a Senhorita Traição e Petúlia começou a parecer um pouco nervosa.

— Huum... todas essas histórias sobre ela —, disse, olhando para o chalé. — Você está bem, ali?

— Uma delas era sobre o que ela pode fazer com a unha do polegar? — Perguntou Tiffany.

— Sim! — Disse Petúlia, estremecendo.

— Ela inventou isso. Mas não conte a ninguém.

— Por que alguém inventaria uma história dessas sobre si mesma?

Tiffany hesitou. Porcos não podiam ser enganados por Boffo, então Petúlia nunca teve que lidar com isso. E ela era incrivelmente honesta, o que Tiffany estava aprendendo era uma desvantagem em uma bruxa. Não que as bruxas fossem

realmente desonestas, mas elas eram cuidadosas com o tipo de verdade que contavam.

— Eu não sei —, ela mentiu — De qualquer forma, você tem que cortar um bocado de uma pessoa antes que algo caia. E a pele é bastante resistente. Não acho que seja possível.

Petúlia parecia alarmada. — Você tentou?

— Pratiquei com a unha do polegar em um grande presunto esta manhã, se é isso que você quer dizer —, disse Tiffany. Você tem que verificar as coisas, ela pensou. Ouvi a história de que a Senhorita Traição tem dentes de lobo e as pessoas contam isso umas para as outras mesmo que já houvessem visto aos dentes dela.

— Huum... Eu irei ajudar amanhã, é claro —, disse Petúlia, olhando nervosamente para as mãos de Tiffany no caso de haver mais experimentos com polegares. — Festas de despedida podem ser bem divertidas, na verdade. Mas, um, se eu fosse você, diria ao Senhor Artesão do Inverno para ir embora. Foi o que fiz quando Davey Montesinho começou a ficar, hum, muito romântico. E eu disse a ele que estava, hum, saindo com Makky Tecelão...não conte às outras!

— Não é aquele que fala de porcos o tempo todo?

— Bem, os porcos são muito interessantes —, disse Petúlia em tom de censura. — E o pai dele, hum, tem a maior fazenda de criação de porcos nas montanhas.

— Isso é algo que para se pensar, definitivamente —, disse Tiffany. — Ai.

— O que houve? — disse Petúlia.

— Ah, nada. Senti uma pontada em minha mão. — Tiffany esfregou-a. — Acho que está se curando, eu acho. Vejo você amanhã.

Tiffany entrou. Petúlia continuou pela floresta.

De perto do telhado vinham os sons de uma conversa. — Cê ouviu u qui a gordinha disse?

— Sim, mas porcus num são assim tão interessantis.

— Ah, dissu não sei. Um animal muito do útil o porco. Cê pode comer todas as partes dele, sabe, só não o guincho.

— Vixe, cê está errado aí. Cê pode comê o guincho.

— Num seja besta!

— Eita, pois podi sim! Cê faz uma massa di torta, certo, e coloca muito presunto, certo, e aí ocê pega o guincho, coloca a tampa na torta antes que ele escape, certo, e bota direto nu fornu.

— Nunca qui ouvi falá dissu!

— Ouviu não? Si chama torta de guinchu cum presunto.

— Issu num existi!

— Pruquê não? Num tem torta de bicho-guicho, ahn? E o qui é o guincho comparado com o guicho. Acho qui ocê poderia...

— Num ixisti issu de bicho-guicho!

— Se ocês bestãozis não pararem, vou eu colocar ocês na torta! — gritou Rob Qualquerum.

Os Feegles murmuraram em silêncio.

Do outro lado da clareira, o Artesão do Inverno vigiava com olhos cinza-púrpura. Ele vigiou até que uma vela foi acesa em um quarto no andar de cima e vigiou até que o brilho laranja até que se apagou.

Depois, andando cambaleante com as pernas novas, dirigiu-se ao canteiro de flores onde, no verão, cresciam rosas.

Se você fosse ao Empório Mágico de Zakzak Fortenobraço veria bolas de cristal de todos os tamanhos, mas mais ou menos do mesmo um preço, o que significava que custavam os olhos da cara. Como a maioria das bruxas e particularmente as boas, não tinham muito dinheiro, elas faziam uso de outras coisas, como o vidro flutuando em velhas redes de pesca ou um pires de tinta preta.

Assim, havia agora uma poça de tinta preta na mesa de Vovó Cera-do-Tempo. Estava em um pires, mas as coisas oscilaram um pouco quando Vovó e a Senhorita Umaturga bateram as cabeças tentando olhar para o pires ao mesmo

tempo.

— Você ouviu aquilo? — Disse a vovó Cera-do-Tempo. — Petúlia Cartilagem fez a pergunta importante e ela simplesmente não pensou a respeito!

— Lamento dizer que perdi isso, também —, disse a Senhorita Umaturga. *Você*, o gatinho branco, pulou na mesa, caminhou cuidadosamente pela poça de tinta e caiu no colo da Senhorita Umaturga.

— Pare com isso, *Você* —, disse Vovó Cera-do-Tempo de um jeito meio vago, enquanto a Senhorita Umaturga olhava para seu vestido.

— Quase não se nota —, disse A Senhorita Umaturga, mas na verdade quatro pegadas perfeitas de gato eram muito nítidas. Os vestidos das bruxas começam pretos, mas logo desbotam para tons de cinza por causa de lavagens frequentes ou, no caso da Senhorita Umaturga, desbotamentos regulares em vários lagos e riachos. Eles também ficavam puídos e esfarrapados e seus donos gostavam disso. Mostrava que você era uma bruxa trabalhadeira e não uma exibida. No entanto, quatro pegadas de gatinho preto no meio do seu vestido sugeriam que você era um pouco fútil. Ela abaixou o gato no chão, onde ele trotou até Vovó Cera-do-Tempo, esfregou-se nela e tentou um miado que lembrava mais uma galinha.

— Qual era a coisa importante que eu deveria ter ouvido? — Disse a Senhorita Umaturga.

— Estou perguntando de uma bruxa para outra, Perspicácia Umaturga: o Artesão do Inverno já conheceu a uma garota?

— Bem —, disse a Senhorita Umaturga, — suponho que a representação clássica do Verão pode levar a crer...

— Mas eles já se encontraram alguma vez? — Perguntou Vovó Cera-do-Tempo.

— Na dança, eu suponho. Por um momento—, disse a Senhorita Umaturga.

— E naquele momento, naquele exato momento, Tiffany Dolorida entra na dança —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Uma bruxa que não usa preto. Não, é azul ou verde para ela, como grama verde sob um céu azul. Ela chama a força de

suas colinas, o tempo todo. E elas chamam por ela! Colinas que já estiveram vivas, Senhorita Umaturga! E elas sentem o ritmo da Dança e ela também o sente em seus ossos, ainda que não o saiba. E isto molda sua vida, até mesmo aqui! Ela não pode evitar deixar de bater os pés ao mesmo ritmo! A terra bate os pés com a Dança das Estações!

— Mas ela... — começou a Senhorita Umaturga, porque nenhum professor gosta de ouvir qualquer outra pessoa falar por muito tempo.

— O que aconteceu naquele momento? — Vovó Cera-do-Tempo continuou, implacável. — Verão, Inverno e Tiffany. Girando em um único momento! E então eles se separam. Quem sabe o que pode resultar desta mistura? De repente, o Artesão do Inverno está agindo de modo tão estúpido que poderia até ser um pouquinho... humano?

— No que ela se meteu? — Perguntou-se a Senhorita Umaturga.

— A Dança, Senhorita Umaturga. A Dança nunca termina. E ela não pode mudar os passos, ainda não. Vai ter que dançar a música dele por um tempo.

— Ela vai correr muito perigo —, disse a Senhorita Umaturga.

— Ela tem a força de suas colinas —, disse Vovó.

— Colinas suaves, no entanto —, disse a Senhorita Umaturga. — Facilmente desgastadas.

— Mas o coração do giz é sílex, lembre-se. E corta mais afiado do que qualquer faca.

— A neve pode cobrir as colinas —, disse a Senhorita Umaturga.

— Não para sempre.

— Já cobriu uma vez —, disse a Senhorita Umaturga, farta de jogos. — Por milhares de anos, pelo menos. Uma era do gelo. Grandes feras chafurdavam e espirravam por todo o mundo.

— Pode acontecer —, disse Vovó Cera-do-Tempo, com um brilho nos olhos. — Claro, eu não estava por perto naquela época. Enquanto isso, vamos vigiar nossa garota.

A Senhorita Umaturga tomou um gole de chá. Estar com Vovó Cera-do-

Tempo era sempre uma provação. O pote de sobras de frango da noite anterior acabou não sendo para ela, mas para *Você*, a gata. As bruxas comeram um bom pudim de ervilhas e sopa de bacon sem — e isso era importante — o bacon. Vovó mantinha um grande pedaço de toucinho gordo em um barbante e o tirava, secava com cuidado e guardava para outro dia. Apesar de sua fome, a Senhorita Umaturga ficou impressionada. Se o tempo tivesse pele, Vovó poderia raspá-lo segundo por segundo.

— Ouvi dizer que a Senhorita Traição ouviu seu Chamado —, ela disse.

— Sim. Funeral amanhã —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— É uma herdade[7] difícil por lá —, disse a Senhorita Umaturga. — Eles têm a Senhorita Traição há muito, muito tempo. Vai ser uma tarefa complicada para uma nova bruxa.

— Ela terá muita dificuldade em... representar como ela, de fato, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Representar? — Disse a Senhorita Umaturga.

— Eu quis dizer na vida, é claro —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— E a quem você vai colocar lá? — Perguntou a Senhorita Umaturga, que gostava de ser a primeira a dar as notícias. Ela também fazia questão de dizer — e a quem — sempre que podia. Ela achava que era mais literário.

— Senhorita Umaturga, isso não depende de mim —, disse Vovó bruscamente. — Não temos líderes na bruxaria, você sabe disso.

— Ah, é verdade —, disse a Senhorita Umaturga, que também sabia que a líder que as bruxas não tinham era Vovó Cera do Tempo. — Mas eu sei que a Senhora Lacrainha proporá a jovem Annagramma e a Senhora Lacrainha tem alguns seguidores hoje em dia. Provavelmente são todos aqueles livros que ela escreve. Ela faz a bruxaria parecer excitante.

— Você sabe que eu não gosto de bruxas que tentam impor sua vontade aos

---

[7] A área das responsabilidades diárias de uma bruxa. Pode ser apenas uma aldeia; pode ser o mundo inteiro.

outros —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Mas é claro —, disse a Senhorita Umaturga, tentando não rir.

— Vou, no entanto, colocar um nome na conversa —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

Com um estrondo, imagino, pensou a Senhorita Umaturga. — Petúlia Cartilagem tem progredido bastante —, disse ela. — Uma boa bruxa que "cobre tudo a seu redor."

— Sim, mas cobre principalmente tudo sobre porcos —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Eu estava pensando em Tiffany Dolorida.

— O que? — Disse a Senhorita Umaturga. — Você não acha que essa criança já tem o suficiente com que se preocupar?

Vovó Cera-do-Tempo sorriu brevemente. — Bem, Senhorita Umaturga, você sabe o que dizem: se você quer que algo seja feito, dê para alguém que está ocupado! E a jovem Tiffany pode estar muito ocupada em breve —, acrescentou ela.

— Por que você diz isso? — Disse a Senhorita Umaturga.

— Hmm. Bem, não tenho certeza, mas estarei muito interessada em ver o que acontecerá com os seus pés.

Tiffany não dormiu muito na noite anterior ao funeral. O tear da Senhorita Traição cliqueclaqueou durante toda a noite, porque ela tinha um pedido de lençóis que queria concluir.

Estava clareando quando Tiffany desistiu e se levantou, nessa ordem. Pelo menos ela poderia limpar o curral das cabras e ordenhá-las antes de passar a outras tarefas. Havia neve e um vento cortante soprava de lado a lado.

Foi só quando ela estava carregando um carrinho de estrume para a pilha de compostagem, que fumegava suavemente na luz cinzenta, que ouviu o tilintar. Parecia um pouco com os sinos de vento que a Senhorita Afundada tinha em seu

chalé, só que eles estavam sintonizados em uma nota que era desconfortável para os demônios.

Vinha do lugar onde ficava o canteiro de rosas no verão. Ali cresciam lindas rosas antigas, cheias de perfume e tão vermelhas que eram quase, sim, pretas.

As rosas estavam florescendo novamente. Mas elas...

— *Como você gosta delas, menina das ovelhas?* — disse uma voz. Não veio em sua cabeça, não foram seus pensamentos, nenhum deles, e o Doutor Alvoroço não acordava antes das dez. Era sua própria voz, de seus próprios lábios. Mas ela não tinha pensado naquilo e ela não tinha a intenção de dizer aquilo.

Agora ela estava correndo de volta para o chalé. Ela também não tinha decidido fazer isso, mas suas pernas assumiram o controle. Não era medo, não exatamente; só que ela queria muito estar em outro lugar que não fosse o jardim, com o sol ainda não nascendo e a neve soprando e enchendo o ar de cristais de gelo finos como neblina.

Ela correu pela porta da copa e colidiu com uma figura escura, que disse: — Hum, desculpe —, e, portanto, era Petúlia. Ela era o tipo de pessoa que pediria desculpas se você pisasse no pé dela. Não havia visão que fosse mais bem-vinda, agora.

— Desculpe, fui chamada para lidar com uma vaca difícil e, hum, não valia a pena voltar para a cama —, disse Petúlia e acrescentou: — Você está bem? Você não parece bem!

— Ouvi uma voz na minha boca! — disse Tiffany.

Petúlia deu a ela um olhar estranho e pode ter dado um passo para trás.

— Você quer dizer na sua cabeça? — Ela perguntou.

— Não! Dessas eu posso tomar conta! Minha boca disse palavras por si só! E venha ver o que cresceu no jardim das rosas! Você não vai acreditar!

Havia rosas lá. Elas eram feitas de gelo tão fino que se você respirasse nelas derretiam e não deixavam nada além dos talos mortos em que cresceram. E havia dezenas delas, balançando ao vento.

— Até o calor da minha mão perto delas as faz pingar —, disse Petúlia. —

Você acha que é o seu Artesão do Inverno?

— Ele não é meu! E não consigo pensar em nenhuma outra maneira delas aparecerem assim!

— E você acha que ele, hum, falou com você? — Disse Petúlia, colhendo outra rosa. Partículas de gelo escorregavam de seu chapéu toda vez que ela se movia.

— Não! Era eu! Quer dizer, minha voz! Mas não parecia com ele. Quero dizer, como eu acho que ele soaria! Foi um pouco sarcástico, como Annagramma em seus dias de mau humor! Mas era minha voz!

— Como você acha que ela soaria? — Perguntou Petúlia.

O vento soprou pela clareira, fazendo os pinheiros tremerem e rugirem.

— ...Tiffany... seja minha ...

Depois de um tempo, Petúlia tossiu e disse: — Hum, foi só eu ou isso soou como...?

— Não apenas você —, sussurrou Tiffany, imóvel.

— Ah —, disse Petúlia, em uma voz tão brilhante e quebradiça quanto uma rosa de gelo. — Bem, acho que devemos entrar agora, sim? Hum, e acender todos os fogos e fazer um pouco de chá, sim? E então começar a preparar as coisas porque em breve muita gente estará aparecendo.

Um minuto depois elas estavam no chalé, com as portas trancadas e cada vela crepitando viva.

Eles não falaram sobre o vento ou as rosas. Que sentido teria? Além disso, havia um trabalho a ser feito. Trabalho, é isso que ajuda. Trabalhe, pense e fale depois, não tagarele agora como patos assustados. Eles até conseguiram tirar outra camada de sujeira das janelas.

Durante toda a manhã chegaram pessoas da aldeia com as coisas que a Senhorita Traição havia encomendado. Pessoas caminhavam pela clareira. O sol

estava alto, mesmo que pálido como um ovo escalfado. O mundo pertencia à... normalidade. Tiffany se pegou imaginando se estava errada sobre as coisas. Haviam existido rosas? Não havia nenhuma agora; as pétalas frágeis não sobreviveram nem à luz fraca da aurora. O vento havia falado? Então ela encontrou o olhar de Petúlia. Sim, havia. Mas por enquanto havia alimentos a serem preparados para um funeral. As moças já tinham começado a trabalhar nos rolinhos de presunto, com três tipos de mostarda, mas por mais que não se errasse com um rolinho de presunto, mas quando se tratava de alimentar a setenta ou oitenta bruxas famintas, as coisas iam com tudo para muito além do erro em direção ao absoluto desastre festeiro. Assim chegavam carrinhos de mão com pães e carne assada e potes de pepinos em conserva tão grandes que pareciam baleias afogadas. As bruxas gostam muito de picles, como regra, mas a comida de que mais gostam é a que vem de graça. Sim, essa é a dieta da sua bruxa trabalhadeira: muita comida pela qual outra pessoa está pagando e tanto quanto você puder para enfiar nos bolsos mais tarde.

E no final das contas a Senhorita Traição também não estava pagando por aquilo. Ninguém aceitaria dinheiro. Eles também não iriam embora, mas ficariam parados na porta dos fundos parecendo preocupados até que pudessem falar com Tiffany. A conversa, quando ela separasse um tempo do fatiar e espalhar, seria mais ou menos assim:

— Ela não está realmente morrendo, está?

— Sim. Por volta das seis e meia amanhã de amanhã de manhã.

— Mas ela é muito velha!

— Sim. Acho que é mais ou menos por isso, sabe.

— Mas o que faremos sem ela?

— Eu não sei. O que vocês faziam antes dela estar aqui?

— Ela sempre esteve aqui! Ela sabia de tudo! Quem vai nos dizer o que fazer agora?

E aí eles falavam: — Não vai ser você, né? — e davam a ela um olhar que dizia: Esperamos que não. Você nem usa um vestido preto.

Depois de um tempo, Tiffany se cansou disso e com uma voz muito afiada perguntou à próxima pessoa, uma mulher entregando seis frangos cozidos:

— E todas aquelas histórias sobre ela abrindo a barriga de pessoas más com a unha do polegar, então?

— Hum, bem, sim, mas nunca foi com alguém que conhecemos—, disse a mulher virtuosamente.

— E o demônio no porão?

— É o que dizem. Claro, nunca o vi pessoalmente. — A mulher deu a Tiffany um olhar preocupado. — Está lá embaixo, não é?

Você quer que esteja, pensou Tiffany. Você realmente quer que haja um monstro no porão!

Mas, até onde Tiffany sabia, o que havia no porão esta manhã era um monte de Feegles que estiveram bebendo e roncando. Se você colocar muitos Feegles em um deserto, em vinte minutos eles encontrarão uma garrafa de algo horrível para beber.

— Acredite em mim, senhora, você não gostaria de acordar o que está lá embaixo agora —, disse ela, dando à mulher um sorriso preocupado.

A mulher parecia satisfeita com isso, mas de repente parecia preocupada novamente.

— E as aranhas? Ela realmente comia aranhas? — perguntou.

— Bem, há muitas teias —, disse Tiffany, — mas você nunca vê uma aranha!

— Ah, certo —, disse a mulher, como se tivesse descoberto um grande segredo. — Diga o que quiser, a Senhorita Traição tem sido uma bruxa de verdade. Com caveiras! Imagino que você tenha que poli-las, hein? Rá! Ela poderia cuspir seu olho só de olhar para você!

— Mas ela nunca fez isso —, disse um homem entregando uma enorme bandeja de salsichas. — Não com ninguém daqui, de qualquer maneira.

— Isso é verdade —, a mulher admitiu com relutância. — Ela sempre foi muito correta a esse respeito.

— Ah, uma bruxa dos velhos tempos, a Senhorita Traição —, disse o

homem das salsichas. — Muitos homens faziam pipi em suas botas quando ela virava o lado afiado de sua língua para eles. Você sabe aquela tecelagem que ela está sempre fazendo? Ela tece seu nome no tear, é isso que ela faz! E se você contar uma mentira para ela, seu fio se rompe e você cai morto na hora!

— Sim, isso acontece o tempo todo —, disse Tiffany, pensando: Isso é incrível! Boffo tem vida própria!

— Bem, não temos bruxas como ela hoje em dia —, disse um homem entregando quatro dúzias de ovos. — Hoje em dia é tudo um monte de fadinhas fofinhas dançando sem suas roupas de baixo.

Todos olharam inquisitivamente para Tiffany.

— É inverno —, ela disse friamente. — E eu tenho que continuar com meu trabalho. As bruxas estarão aqui em breve. Muito obrigado.

Enquanto eles estavam colocando os ovos para ferver, ela contou a Petúlia sobre isso. Não foi uma surpresa.

— Hum, eles são orgulhosos dela —, disse Petúlia. — Eu ouvi eles se gabando dela no mercado de porcos em Lancre.

— Se gabando?

— Ah, sim. Tipo: você acha que a velha madame Cera-do-Tempo é durona? A nossa tem caveiras! E um demônio! Ela vai viver para sempre porque ela tem um coração mecânico que ela dá corda todos os dias! E come aranhas, com certeza! Como é que vocês suportam essas amadoras com maçãs envenenadas, hein?

Assim que você dá a partida o Boffo funciona sozinho, pensou Tiffany. Nosso Barão é maior que seu Barão, nossa bruxa é mais bruxa que sua bruxa....



CAPÍTULO CINCO
O GRANDE DIA DA SENHORITA TRAIÇÃO

As bruxas começaram a chegar por volta das quatro horas e Tiffany saiu para a clareira para fazer o controle de tráfego aéreo. Annagramma chegou sozinha, muito pálida e usando mais joias ocultas do que se podia imaginar. E houve um momento difícil quando a Senhora Lacrainha e Vovó Cera-do-Tempo chegaram ao mesmo tempo e circularam em um balé de polidez cuidadosa enquanto cada uma esperava que a outra aterrissasse. No final, Tiffany as direcionou para diferentes cantos da clareira e saiu correndo.

Não havia sinal do Artesão do Inverno e ela tinha certeza de que saberia se ele estivesse por perto. Ele tinha ido para longe, ela esperava, organizando um

vendaval ou conduzindo uma nevasca. A lembrança daquela voz em sua boca permaneceu, estranha e preocupante. Como uma ostra lidando com um pedaço de cascalho, Tiffany revestiu a recordação com gente e trabalho duro. O dia agora era apenas mais um dia pálido e seco de início do inverno. Além da comida, nada mais foi providenciado para o funeral. As bruxas se viravam sozinhas. A Senhorita Traição sentava-se em sua grande cadeira, cumprimentando velhas amigas e velhas inimigas.[8] O chalé era pequeno demais para todas, então elas se espalhavam pelo jardim em grupos de fofocas, como um bando de gralhas velhas ou, possivelmente, galinhas. Tiffany não teve muito tempo para conversar, porque estava muito ocupada carregando bandejas.

Mas algo estava acontecendo, ela podia dizer. As bruxas paravam e se viravam para observá-la enquanto ela passava cambaleando e então voltavam para o grupo e o nível de burburinho no grupo aumentava um pouco. Grupos se reuniam e se separavam novamente. Tiffany conhecia o padrão. As bruxas estavam tomando uma decisão.

Lucy Warbeck aproximou-se dela enquanto ela trazia uma bandeja de chá e sussurrou, como se fosse um segredo culpado: — madame Cera-do-Tempo sugeriu você, Tiff.

— Não!

— Verdade! Elas estão falando sobre isso! Annagramma está tendo um ataque!

— Tem certeza?

— Toda! Boa sorte!

— Mas eu não quero o... — Tiffany empurrou a bandeja para os braços de Lucy. — Olha, você pode levar isso para mim, por favor? Eles simplesmente agarrarão quando você passar. Eu tenho que pegar o, hum, colocar as coisas

[8] Diz algo sobre bruxas que um velho amigo e um velho inimigo muitas vezes poderiam ser a mesma pessoa.

dentro, é... tenho coisas para fazer.

Ela desceu correndo os degraus até o porão, que estava suspeitosamente vazio de Feegles e encostou-se na parede.

Vovó Cera-do-Tempo devia estar cacarejando, com regras ou sem regras! Mas seus pensamentos secundários surgiram para sussurrar: *Você poderia fazer isso, no entanto. Ela pode estar certa. Annagramma irrita as pessoas. Ela fala com elas como se fossem crianças. Ela está interessada em mágica (desculpe, magika com um "K"), mas não nas pessoas, que a enervam. Ela vai fazer uma bagunça, você sabe que ela vai. Acontece que ela é alta e usa muitas joias ocultas e fica impressionante com um chapéu pontudo.*

Por que Vovó sugeriria Tiffany? Ah, ela era boa. Ela sabia que era boa. Mas todos não sabiam que ela não queria passar a vida aqui? Bem, tinha que ser Annagramma, certo? As bruxas tendiam a ser cautelosas e tradicionais e ela era a mais velha do *coven*. Ok, muitas bruxas não gostavam da Senhoria Lacrainha, mas Vovó Cera-do-Tempo também não tinha muitas amigas.

Ela subiu as escadas antes que pudessem sentir sua falta e tentou passar despercebida enquanto se esgueirava pela multidão.

Ela via a Senhora Lacrainha e Annagramma como o centro de um grupo; a garota parecia preocupada e correu quando avistou Tiffany. Ela estava com o rosto vermelho.

— Você ouviu alguma coisa? — Ela exigiu.

— O que? Não! — disse Tiffany, começando a empilhar os pratos usados.

— Você está tentando tirar o chalé de mim, não é?

Annagramma estava quase chorando.

— Não seja tola! Eu? Eu não quero um chalé de jeito nenhum!

— Isso você diz. Mas algumas delas estão dizendo que você deveria ser sua! A Senhorita Plana e a Senhorita Afundada falaram por você!

— O que? Eu não poderia substituir à Senhorita Traição!

— Bem, é claro que é isso que a Senhora Lacrainha está dizendo a todas —, disse Annagramma, acalmando-se um pouco. — Completamente inaceitável, diz

ela.

Eu levei o Enxame pela Porta Escura, Tiffany pensou, enquanto ela espalhava restos de comida no jardim para os pássaros. O Cavalo Branco saiu da colina por mim. Resgatei meu irmão e Roland de volta da Rainha dos Elfos. E dancei com o Artesão do Inverno, que me transformou em dez bilhões de flocos de neve. Não, não quero estar num chalé nesta floresta úmida, não quero ser uma espécie de escrava de pessoas que não se dão ao trabalho de pensar por si mesmas, não quero me vestir de meia-noite e deixar as pessoas com medo de mim. Não há nome para o que eu quero ser. E eu tinha idade suficiente para fazer todas aquelas coisas e era aceitável.

— Não entendo nada disso tudo! —, disse.

Nesse ponto ela sentiu alguém olhando para ela e sabia, que se ela se virasse, veria Vovó Cera-do-Tempo.

Seus Terceiros Pensamentos — aqueles que prestavam atenção com o canto da orelha e o canto do olho o tempo todo — diziam a ela: *Algo está acontecendo. Tudo o que você pode fazer sobre isso é ser você mesma. Não olhe ao redor.*

— Você realmente não está interessada? — disse Annagramma incerta.

— Eu vim para as montanhas para aprender bruxaria —, disse Tiffany rigidamente. — E então eu vou para casa. Mas... tem certeza de que quer o chalé?

— Bem, claro que sim! Toda bruxa quer um chalé!

— Mas eles tiveram a Senhorita Traição por anos e anos —, Tiffany enfatizou.

— Então eles vão ter que se acostumar comigo —, disse Annagramma. — e eu acho que eles vão ficar muito felizes em deixar para trás as caveiras e teias de aranha e de ficarem assustados! Eu sei que ela mantinha o povo da região com muito medo dela.

— Ah —, disse Tiffany.

— Eu serei uma nova vassoura —, disse Annagramma. — Francamente, Tiffany, depois daquela velha, qualquer uma seria popular.

— Hum, sim... — Tiffany disse. — Diga-me, Annagramma, você já

trabalhou com alguma outra bruxa?

— Não, eu sempre estive com a Senhora Lacrainha. Eu sou sua primeira pupila, você sabe —, Annagramma acrescentou com orgulho. — Ela é muito seletiva.

— E ela não anda muito pelas aldeias, não é? — Disse Tiffany.

— Não. Ela se concentra na Alta Magia. — Annagramma não era particularmente observadora e era muito vaidosa, mesmo para o padrão das bruxas, mas agora ela parecia um pouco menos confiante. — Bem, alguém tem que fazê-lo. Não podemos andar por aí enfaixando dedos cortados, você sabe —, ela acrescentou. — Há algum problema?

— Hmm? Oh, não. Tenho certeza de que você vai se dar bem —, disse Tiffany. — Hmmm... conheço bem o lugar, então, se precisar de ajuda, é só pedir.

— Ah, tenho certeza de que vou resolver as coisas ao meu gosto —, disse Annagramma, cuja autoconfiança ilimitada não poderia ser contida por muito tempo. — É melhor eu ir. A propósito, parece que a comida está acabando.

Ela se afastou.

Os grandes tonéis na mesa de cavalete logo atrás da porta pareciam de fato um pouco vazios. Tiffany viu uma bruxa enfiar quatro ovos cozidos em seu bolso.

— Boa tarde, Senhorita Umaturga —, disse em voz alta.

— Ah, Tiffany —, disse a Senhorita Umaturga suavemente, virando-se sem o menor sinal de embaraço. — A Senhorita Traição acaba de nos dizer como você está indo bem aqui.

— Obrigada, Senhorita Umaturga.

— Ela diz que você tem um bom olho para detalhes escondidos —, a Senhorita Umaturga continuou.

Como os rótulos das caveiras, pensou Tiffany. — Senhorita Umaturga —, ela disse, — você sabe alguma coisa sobre pessoas querendo que eu assuma o controle do chalé?

— Ah, está tudo decidido —, disse a Senhorita Umaturga. — Houve alguma sugestão de que deveria ser você, já que você já está aqui mas, na verdade, você

ainda é jovem e Annagramma tem muito mais experiência. Eu sinto muito, mas...

— Isso não é justo, Senhorita Umaturga —, disse Tiffany.

— Ora, ora, Tiffany, isso não é o tipo de coisa que uma bruxa diz... — começou a Senhorita Umaturga.

— Não quero dizer injusto comigo, quero dizer injusto com Annagramma. Ela vai fazer uma bagunça, não é?

Por um brevíssimo momento a Senhorita Umaturga pareceu culpada. Realmente foi um espaço de tempo muito curto, mas Tiffany percebeu.

— A Senhora Lacrainha tem certeza de que Annagramma fará um ótimo trabalho —, disse a Senhorita Umaturga.

— Você tem?

— Lembre-se com quem você está falando, por favor!

— Estou falando com você, Senhorita Umaturga Isto é... errado! — Os olhos de Tiffany brilharam.

Ela viu o movimento com o canto do olho. Um prato inteiro de salsichas se movia pela toalha branca em alta velocidade.

— E isso é roubar —, ela rosnou, pulando atrás dele.

Ela correu atrás do prato enquanto, deslizando alguns centímetros acima do solo, ele rodeava o chalé e desaparecia atrás do abrigo das cabras. Ela mergulhou atrás dele.

Havia vários pratos nas folhas atrás do galpão. Havia batatas com manteiga escorrendo, uma dúzia de rolinhos de presunto, uma pilha de ovos cozidos e dois frangos cozidos. Tudo, exceto as salsichas no prato, que agora estava parado, parecia roído.

Não havia absolutamente nenhum sinal dos Feegles. Era assim que ela sabia que eles estavam lá. Eles sempre se escondiam dela quando sabiam que ela estava com raiva.

Bem, desta vez ela estava realmente zangada. Não com os Feegles (muito), embora o truque estúpido de se esconder tenha lhe dado nos nervos, mas com a Senhorita Umaturga e Vovó Cera-do-Tempo e Annagramma e a Senhorita

Traição (por morrer), e com o próprio Artesão do Inverno (por muitas razões que ela ainda não tivera tempo de catalogar).

Ela recuou e ficou quieta.

Sempre fora uma sensação de afundar lenta e pacificamente, mas desta vez foi como um mergulho na escuridão.

Quando ela abriu os olhos, sentiu como se estivesse olhando pelas janelas para um enorme salão. O som parecia vir de muito longe e havia uma coceira entre os olhos.

Feegles apareciam debaixo de folhas, atrás de galhos, até mesmo debaixo de pratos. Suas vozes soavam como se estivessem debaixo d'água.

— Ich, disgraça! Ela está joganu algum feitiçu dos grandi em nóis!

— Ela nunca fez issu antes!

Rá, estou me escondendo de vocês, pensou Tiffany. Uma pequena mudança, hein? Hmm, eu me pergunto se eu posso me mover. Ela deu um passo para o lado. Os Feegles pareciam não ter visto.

— Ela vai pulá em cima de nóis a qualquer momentu! Ooohhh, aidinóis...

Rá! Se eu pudesse caminhar até Vovó Cera-do-Tempo assim, ela ficaria impressionada...

A coceira no nariz de Tiffany estava piorando e havia uma sensação semelhante, mas felizmente ainda não igual, à necessidade de ir ao banheiro. Significava: algo vai acontecer em breve, então seria uma boa ideia estar pronta para isso.

O som das vozes começou a ficar mais claro e pequenos pontos azuis e roxos passaram por sua visão.

E então havia algo que, se tivesse feito barulho, seria um uooochhh! Era como o estalo que você tem nos ouvidos depois de um voo alto de vassoura. Ela reapareceu no meio dos Feegles, causando pânico imediato.

— Parem de roubar a comida do funeral agora, suas pequenas bragas! — ela gritou.

Os Feegles pararam e olharam para ela. Então Rob Qualquerum disse: —

meias de pernas?

Houve um daqueles momentos – você tem muitos deles perto dos Feegles – quando o mundo parece ter se emaranhado e é tão importante desfazer o nó antes que você possa prosseguir.

— Do que você está falando? — Perguntou Tiffany.

— Bragas, — disse Rob Qualquerum. — São como meias para as pernas. Pra manter suas pernas quentes, sabe?

— Você quer dizer calças? — Disse Tiffany.

— Sim, sim, esse seria um nome muito do bom para elas, sendo qu" elas calça as pernas —, disse Rob. — Na verdade, talveis o termo que ocê pretendia usar fosse "pequenas pragas", o qui significa...

— ...nóis —, disse Wullie Doido prestativamente.

— Oh. Sim. Obrigado —, disse Tiffany calmamente. Ela cruzou os braços e então gritou: — Certo, suas pequenas pragas de ladrõezinhos! Como ousam roubar a comida do funeral da Senhorita Traição!

— Oh, aidinóis, é us braçus cruzado, us braçus cruzadussss! — gritou Wullie Doido, caindo no chão e tentando se cobrir com folhas. Ao seu redor, Feegles começaram a chorar e se encolher e Yan Grande começou a bater com a cabeça na parede dos fundos da leiteria.

— Agora, então, todos ocês deve di ficar calmos! — gritou Rob Qualquerum, virando-se e acenando com as mãos desesperadamente para seus irmãos.

— Lá está u torcer dus lábios! — um Feegle gritou, apontando um dedo trêmulo para o rosto de Tiffany. — Ela conhece o Torcer dus Lábius! A danação vai cair em nóis!

Os Feegles tentaram correr, mas como estavam em pânico novamente, a maioria colidiu uns contra os outros.

— Estou esperando uma explicação! — disse Tiffany.

Os Feegles congelaram e todos os rostos se voltaram para Rob Qualquerum.
— Uma explicação? — ele disse, movendo-se inquieto. — Ah, certu. Uma

Explicação. Sem probrema. Uma explicação. Hmm... que tipo você gostaria?

— Que tipo? Quero apenas a verdade!

— Sério? Ah. A verdade? Tem certeza? — Rob se aventurou bastante nervoso. — Eu posso criar explicações muito mais interessantes do que isso...

— Vamos logo! — Atalhou Tiffany, batendo o pé.

— Vixe, disgraça, o batê dus pés! — Gemeu Wullie Doido. — Vai tê uma bronca medonha a qualquer momentu!

E foi isso. Tiffany começou a rir. Você não podia olhar para um bando de Nac Mac Feegles assustados e não rir. Eles eram tão ruins nisso. Uma palavra brusca e eles eram como uma cesta de cachorrinhos assustados, só que mais fedorentos.

Rob Qualquerum deu a ela um sorriso torto.

— Bem, todas as bruacas grandonas também estão fazendo isso —, disse ele. — A gordinha roubou quinze pãezinhos de presunto! — Acrescentou com admiração.

— Deve ser Tia Ogg —, disse Tiffany. — Sim, ela sempre carrega uma bolsa de barbante na perna da calcinha.

— Ah, issu num é um velório como devia sê —, disse Rob Qualquerum. — Devia di haver cantoria i bebedeira e dobração di joelhos, nada de ficar paradu fofocando.

— Bem, fofocar faz parte da bruxaria —, disse Tiffany. — Estão só verificando para ver se ainda não estão caducas. O que é a dobração dos joelhos?

— A dança, você sabe —, disse Rob. — As jigas e as quadrilhas. Não é um bom velório, a menos que as mãos estejam balançando e os pés chispando e os joelhos dobrando e os kilts voando.

Tiffany nunca tinha visto os Feegles dançarem, mas os ouvira. Parecia uma guerra e provavelmente era assim que acabava. O voo dos kilts parecia um pouco preocupante, no entanto, e a lembrou de uma pergunta que ela nunca ousara fazer até agora.

— Digam-me... há alguma coisa usada sob o kilt?

Pela maneira como os Feegles ficaram quietos novamente, ela teve a sensação de que essa não era uma pergunta que eles gostassem de ouvir.

Rob Qualquerum estreitou os olhos. Os Feegles prenderam a respiração. — Não necessariamente —, ele disse.

Por fim, o funeral acabou, possivelmente porque não havia mais nada para comer e beber. Muitas das bruxas que partiam carregavam pequenos pacotes. Essa era outra tradição. Muitas coisas no chalé eram propriedade do chalé e passariam para a próxima bruxa, mas todo o resto era passado para os amigos da futura bruxa defunta. Como a velha bruxa ainda estava viva quando isso acontecia, isso evitava brigas.

Essa era a uma coisa para se saber sobre as bruxas. Elas eram, de acordo com Vovó Cera-do-Tempo, pessoas que olhavam para cima. Ela não explicava o sentido. Ela raramente explicava. Ela não queria dizer pessoas que olhavam para o céu; todo mundo fazia isso. Ela provavelmente quis dizer que elas olharam além das tarefas diárias e se perguntavam: "O que é tudo isso? Como funciona? O que devo fazer? Para que eu sirvo?" E possivelmente até: "Existe alguma coisa usada sob o kilt?" Talvez fosse por isso que o estranho, em uma bruxa, era o normal...

... mas elas brigariam como doninhas por uma colher de prata que nem era de prata. Do jeito que era, várias esperavam impacientes junto à pia que Tiffany terminasse de lavar alguns pratos grandes que a Senhorita Traição havia prometido a elas, nos quais foram servidos as batatas assadas e os rolinhos de salsicha do funeral.

Pelo menos não houve problema com as sobras. Tia Ogg, a bruxa que inventou a Sopa de Sobras de Sanduíches, estava esperando na copa com sua grande sacola de barbante e um sorriso ainda maior.

— Nós íamos guardar o que sobrou e as batatas para a ceia —, disse Tiffany com raiva, mas com uma certa quantidade de interesse. Ela já havia conhecido Tia

Ogg e gostava bastante dela, mas a Senhorita Traição havia dito, sombriamente, que Tia Ogg era "uma velha bagagem nojenta". Esse tipo de comentário atraiu sua atenção.

— É justo —, disse Tia Ogg enquanto Tiffany colocava a mão sobre a carne. — Você fez um bom trabalho aqui hoje, Tiff. As pessoas percebem isso.

Ela se foi antes que Tiffany pudesse se recuperar. Uma delas até quase disse obrigado! Incrível!

Petúlia a ajudou a trazer a grande mesa para dentro e terminar de arrumar. Ela hesitou, porém, antes de sair.

— Huum... você vai ficar bem, não vai? — Perguntou. — É tudo um pouco... estranho.

— Supõe-se que não deveríamos ser estranhas à estranheza —, disse Tiffany afetadamente. — De qualquer forma, você se sentou com os mortos e moribundos, não foi?

— Ah, sim. A maioria porcos, no entanto. Alguns humanos. Huumm... Eu não me importo de ficar, se você quiser —, Petúlia acrescentou em uma voz do tipo vou-sair-o-mais-rápido-possível.

— Obrigado. Mas afinal, o que de pior pode acontecer? — Petúlia olhou para ela e disse:

— Bem, deixe-me pensar... mil demônios-vampiros, cada um com enormes...

— Eu vou ficar bem —, disse Tiffany rapidamente. — Não se preocupe. Boa noite.

Tiffany fechou a porta e então se apoiou nela com a mão sobre a boca até ouvir o clique do portão. Ela contou até dez para se certificar de que Petúlia havia se distanciado e então arriscou tirar a mão dela. A essa altura, o grito que esperava pacientemente para sair havia diminuído para algo como "Unc!".

Esta seria uma noite muito estranha.

Pessoas morriam. Era triste, mas morriam. O que você fazia depois?

As pessoas esperavam que a bruxa local soubesse. Então você lavava o corpo e fazia algumas coisas secretas e escorregadias e as vestia com suas melhores roupas e as estendia com tigelas de terra e sal ao lado deles (ninguém sabia por que você tinha que fazer isso, nem mesmo a Senhorita Traição, mas tinha sempre sido feito assim) e você colocava dois centavos em seus olhos — para o barqueiro — e se sentava com elas na noite antes de serem enterrados, porque elas não deveriam ser deixadas sozinhas.

Exatamente por que nunca foi devidamente explicado, embora todos tenham contado a história do velho que estava um pouco menos morto do que todos pensavam e se levantou da cama extra no meio da noite e voltou para a cama com sua esposa.

A verdadeira razão era provavelmente muito mais obscura do que isso. O começo e o fim das coisas eram sempre perigosos, das vidas acima de tudo.

Mas a Senhorita Traição era uma velha bruxa malvada. Quem sabia o que poderia acontecer? Espere, Tiffany disse a si mesma; você não acredita no Boffo. Ela é apenas uma velha esperta com um catálogo!

Na outra sala, o tear da Senhorita Traição parou.

Frequentemente acontecia. Mas esta noite o súbito silêncio que se fez foi mais alto do que o normal.

A Senhorita Traição gritou: — O que temos na despensa que possa ser comido?

Sim, esta vai ser uma noite muito estranha, Tiffany disse a si mesma.

A Senhorita Traição fora para a cama cedo. Foi a primeira vez que Tiffany não a viu dormir em uma cadeira. Ela vestia uma longa camisola branca também, a primeira vez que Tiffany não a via de preto.

Ainda havia muito a fazer. Era tradicional que o chalé fosse deixado limpo para a próxima bruxa e, embora fosse difícil fazer brilhar o preto, Tiffany fazia o possível. Na verdade, o chalé estava sempre bem limpo, mas Tiffany raspava,

esfregava e polia porque adiava o momento em que teria que ir falar com a Senhorita Traição. Ela até tirou as teias de aranha falsas e as jogou no fogo, onde queimaram com uma chama azul desagradável. Ela não tinha certeza do que fazer com os crânios. Por fim, ela escreveu tudo o que conseguia se lembrar sobre as aldeias locais: quando os bebês nasceriam, quem estava muito doente e do que, quem estava brigando, quem era "difícil" e quase todos os outros detalhes locais que ela achava que poderiam ser úteis para Annagramma. Qualquer coisa para adiar o momento...

Por fim, nada restava a não ser subir a escada estreita e dizer: — Está tudo bem, Senhorita Traição?

A velha estava sentada na cama, rabiscando. Os corvos estavam empoleirados nas cabeceiras da cama.

— Estou apenas escrevendo algumas cartas de agradecimento —, disse ela. — Algumas daquelas senhoras hoje percorreram um longo caminho e terão uma viagem fria de volta.

— Cartas de "obrigado por vir ao meu funeral"? — Perguntou Tiffany fracamente.

— De fato. E elas não são escritas com frequência, você pode ter certeza disso. Você sabe que a garota Annagramma Falcão será a nova bruxa aqui? Tenho certeza de que ela gostaria que você ficasse. Pelo menos por enquanto. —

— Não acho que seria uma boa ideia —, disse Tiffany.

— Exatamente, — disse a Senhorita Traição sorrindo. — Eu suspeito que a garota Cera-do-Tempo tinha planos em mente. Será interessante ver como o tipo de feitiçaria da Senhora Lacrainha vai se encaixar com meu povo tolo, embora seja melhor observar os eventos por trás de uma rocha. Ou, no meu caso, debaixo dela.

Ela colocou as cartas de lado e ambos os corvos se viraram para olhar para Tiffany.

— Você está aqui comigo há apenas três meses.

— Isso mesmo, Senhorita Traição.

— Nunca conversamos, de mulher para mulher. Eu deveria ter te ensinado

mais.

— Eu aprendi muito, Senhorita Traição. — E isso era verdade.

— Você tem um jovem, Tiffany. Ele lhe envia cartas e pacotes. Você vai a Lancre todas as semanas para enviar cartas a ele. Temo que você não viva onde ama.

Tiffany não disse nada. Elas já haviam passado por isso antes. Roland parecia fascinar a Senhorita Traição.

— Eu estava sempre ocupada demais para prestar atenção aos rapazes —, disse a Senhorita Traição. — Eles sempre ficavam para depois e depois era tarde demais. Preste atenção ao seu jovem.

— Hmmm... Eu já disse que ele não é meu... — começou Tiffany, sentindo-se começar a corar.

— Mas não se torne uma piranha como a senhora Ogg —, disse a Senhorita Traição.

— Eu não me dou muito com peixes —, disse Tiffany incerta.

A Senhorita Traição riu. — Você tem um dicionário, acredito —, disse ela. — Uma coisa estranha, mas útil para uma garota ter.

— Sim, Senhorita Traição.

— Na minha estante você encontrará um dicionário bem maior. Um dicionário não expurgado. Uma coisa útil para uma jovem ter. Você pode levá-lo e um outro livro. Os demais ficarão com o chalé. Você também pode ficar com minha vassoura. Todo o resto, é claro, é propriedade do chalé.

— Muito obrigada, Senhorita Traição. Eu gostaria de levar aquele livro sobre mitologia.

— Ah, sim. O Tentilhão. Muito boa escolha. Foi uma grande ajuda para mim e, suspeito, será de grande ajuda para você. O tear deve ficar, é claro. Anagrama Falcão achará útil.

Tiffany duvidava disso. Annagramma não era inclinada ao trabalho manual. Mas provavelmente aquele não era o momento de dizer isso.

A Senhorita Traição recostou-se nas almofadas.

— Eles acham que você tece nomes em seu tear —, disse Tiffany.

— Ah, isso? Oh, é verdade. Não há nada de mágico nisso. É só um velho truque. Qualquer tecelão pode fazê-lo. Você não será capaz de lê-lo, porém, sem saber como foi feito. — A Senhorita Traição suspirou. — Oh, meu povo simples. Qualquer coisa que não entendam é mágica. Eles acham que posso ver dentro de seus corações, mas nenhuma bruxa pode fazer isso. Não sem cirurgia, pelo menos. Nenhuma mágica é necessária para ler suas pequenas mentes, no entanto. Eu os conheço desde que eram bebês. Lembro-me de quando os avós deles eram bebês! Eles acham que são tão crescidos! Mas não são melhores do que bebês na caixa de areia, brigando por tortas de lama. Eu vejo suas mentiras, desculpas e medos. Eles nunca crescem, não de verdade. Eles nunca olham para cima e abrem os olhos. Eles permanecem crianças por toda a vida.

— Tenho certeza de que sentirão sua falta —, disse Tiffany.

— Rá! Eu sou a bruxa malvada, garota. Eles me temeram e fizeram o que lhes foi dito! Eles temiam caveiras de brinquedo e histórias bobas. Eu escolhi o medo. Eu sabia que eles nunca me amariam por dizer a eles a verdade, então me certifiquei de seu medo. Não, eles ficarão aliviados ao saber que a bruxa está morta. E agora direi algo de vital importância. É o segredo da minha longa vida.

Ah, pensou Tiffany e ela se inclinou para frente.

— O importante —, disse a Senhorita Traição, — é impedir a passagem do vento. É evitar frutas e vegetais ruidosos. Feijão é o pior, acredite em mim.

Não sei se estou entendendo... — começou Tiffany.

— Sem colocar panos quentes, Tente não peidar.

— Com panos quentes, imagino que seria bastante desagradável! — disse Tiffany nervosamente. Ela não podia acreditar que estava ouvindo aquilo.

— Isso não é brincadeira —, disse a Senhorita Traição. — O corpo humano não tem tanto ar dentro dele. Tem que fazê-lo durar. Um prato de feijão pode tirar um ano da sua vida. Evitei a ruidosidade todos os meus dias. Eu sou uma pessoa velha e isso significa que o que eu digo é sabedoria! — Ela lançou um olhar severo para a perplexa Tiffany. — Você entendeu, criança?

A mente de Tiffany disparou. Tudo, sempre, era um teste!

— Não —, disse. — Eu não sou uma criança e isso é bobagem, não é sabedoria!

O olhar severo se transformou em um sorriso. — Sim —, disse a Senhorita Traição. — Absurdo total. Mas você tem que admitir que é uma boa mentira, mesmo assim, certo? Você definitivamente acreditou, ainda que só por um momento? Os aldeões fizeram no ano passado. Você deveria ter visto a maneira como eles andaram por algumas semanas! Os olhares tensos em seus rostos me animaram bastante! Como estão as coisas com o Artesão do Inverno? Tudo ficou quieto, não é?

A pergunta foi como uma faca afiada em uma fatia de bolo e chegou tão repentinamente que Tiffany engoliu em seco.

— Acordei cedo e me perguntei onde você estaria —, disse a Senhorita Traição. Era tão fácil esquecer que ela usava os ouvidos e os olhos de outras pessoas o tempo todo, de uma forma distraída.

— Você viu as rosas? — Perguntou Tiffany. Ela não sentiu as cócegas reveladoras, mas não teve muito tempo para nada além de se preocupar.

— Sim. Coisinhas bonitas —, disse a Senhorita. Traição. — Gostaria de poder ajudá-la, Tiffany, mas vou estar ocupada com outras coisas. E o romance é uma área em que não posso oferecer muitos conselhos.

— Romance? — Disse Tiffany, chocada.

— A garota Cera-do-Tempo e a Senhorita Umaturga terão que guiá-la —, a Senhorita Traição continuou. — Devo dizer, porém, que suspeito que nenhuma das duas tenha se destacado muito nos jogos do amor.

— Jogos do amor? — Disse Tiffany. Estava ficando pior!

— Você sabe jogar pôquer? — Perguntou a Senhorita Traição.

— Perdão?

— Pôquer. O jogo de cartas. Ou o *aleijar o Senhor Cebola*? *Perseguir Meu Vizinho Pela Passagem*? Você se sentou com os mortos e moribundos antes?

— Bem, sim. Mas nunca joguei cartas com eles! De qualquer modo, não sei

jogar!

— Eu vou te ensinar. Há um baralho na gaveta de baixo da cômoda. Vá buscá-los.

— Isso é como apostar? Meu pai disse que as pessoas não deveriam apostar.

A Senhorita Traição assentiu. — Bom conselho, minha querida. Não se preocupe. A maneira como jogo pôquer não é nada parecida com um jogo de azar.

Quando Tiffany acordou sobressaltada, as cartas do baralho escorregando de seu vestido e caindo no chão, a fria luz cinzenta da manhã enchia o quarto.

Ela olhou para a Senhorita Traição, que roncava como um porco. Que horas eram? Por volta das seis pelo menos! O que ela deveria fazer? Nada. Não havia nada a fazer.

Ela pegou o Ás de Paus e olhou para ele. Então aquilo era pôquer, era? Bem, ela não era tão ruim nisso, uma vez que descobriu que tudo se tratava de fazer seu rosto contar mentiras. Na maior parte do tempo, as cartas eram apenas algo para fazer com suas mãos.

A Senhorita Traição continuou dormindo. Tiffany se perguntou se deveria tomar café da manhã, mas parecia tão...

— Os antigos reis de Djelibeybi, que estão enterrados em pirâmides —, disse a Senhorita Traição da cama, — costumavam acreditar que podiam levar coisas com eles para o outro mundo. Coisas como ouro e pedras preciosas e até escravos. Com base nisso, por favor, faça-me um sanduíche de presunto.

— Hmmm... quer dizer...? — Tiffany começou.

— A jornada após a morte é bastante longa —, disse a Senhorita Traição, sentando-se. — Eu posso ficar com fome.

— Mas você será apenas uma alma!

— Bem, talvez um sanduíche de presunto também tenha alma —, disse a Senhorita Traição, enquanto balançava as pernas magras para fora da cama. —

Não tenho certeza sobre a mostarda, mas vale a pena tentar. Fique parada aí! — Isso porque ela pegou sua escova de cabelo e estava usando Tiffany como espelho. O brilho ferozmente concentrado a alguns centímetros de distância era o máximo que Tiffany podia suportar em uma manhã como esta.

— Obrigada, você pode ir e fazer o sanduíche —, disse a SenhoritaTraição, deixando a escova de lado. — Agora vou me vestir.

Tiffany saiu apressada e lavou o rosto na bacia de seu quarto; ela sempre fazia isso depois do olhar, mas nunca teve coragem de se opor e agora certamente não era a hora de começar.

Enquanto enxugava o rosto, pensou ter ouvido um som abafado do lado de fora e foi até a janela. Havia geada em...

Oh, não ... oh ... não ... não! Ele estava de volta!

As samambaias congeladas formavam a palavra "Tiffany". De novo e de novo.

Ela pegou um pano e limpou, mas o gelo só se formou de novo, mais espesso.

Ela correu para baixo. As samambaias estavam por todas as janelas e, quando ela tentou limpá-las, o pano congelou no vidro. Ele crepitou quando ela o puxou.

O nome dela, em toda a janela. Sobre todas as janelas. Talvez sobre todas as janelas em todas as montanhas. Em toda parte.

Ele tinha voltado. Aquilo era terrificante!

Mas também, só um pouco... frescor...

Ela não pensou na palavra, porque, até onde Tiffany sabia, a palavra lembrava-lhe "arte e daí Artesão". Mas ela pensou o pensamento, mesmo assim. Foi um pequeno e cálido pensamento.

— Na minha época, os rapazes simplesmente esculpiam as iniciais das meninas em uma árvore —, disse a Senhorita. Traição, descendo as escadas com cuidado, um degrau de cada vez.

— Não é engraçado, Senhorita Traição! O que devo fazer?

— Eu não sei. Se possível, seja você mesma.

A Senhorita Traição abaixou-se rangendo e abriu a mão. O rato vidente saltou para o chão, virou-se e olhou para ela com pequenos olhos negros por um momento. Ela o cutucou com um dedo. — Vai, vai. Obrigada —, ela disse e então ele correu para um buraco.

Tiffany a ajudou a se levantar, e a velha bruxa disse: — Você está começando a chorar, não está?

— Bem, é só um pouco... — Tiffany começou. O ratinho parecia tão perdido e desamparado.

— Não chore —, disse a Senhorita Traição. — Viver tanto tempo não é tão maravilhoso quanto as pessoas pensam. Quer dizer, você tem a mesma quantidade de juventude que todo mundo, mas uma grande carga extra por ser muito velha, surda e ranger. Agora, assoe o nariz e me ajude com o poleiro dos corvos.

— Ele ainda pode estar lá fora. — Tiffany murmurou, enquanto colocava o poleiro sobre os ombros magros.

Então ela esfregou a janela novamente e viu formas e movimentos.

— Ah ... eles vieram ... — disse.

— Que? — A Senhorita Traição disse. Ela estacou. — Tem muita gente aí fora!

— Hmmm... sim —, disse Tiffany.

— O que você sabe sobre isso, minha garota?

— Bem, você vê, eles ficavam perguntando quando...

— Pegue minhas caveiras! Eles não devem me ver sem meus crânios! Como está meu cabelo? — disse Senhorita Traição, freneticamente dando corda no relógio.

— Parece bem...

— Bem? Bem? Está louca? Trate de bagunçá-lo neste minuto! — ordenou a Senhorita Traição... — E pegue minha capa mais esfarrapada! Esta aqui está muito limpa! Mova-se, criança!

Demorou vários minutos para deixar a Senhorita Traição pronta e muito mais tempo foi gasto para convencê-la de que retirar os crânios à luz do dia

poderia ser perigoso, caso eles caíssem e alguém visse os rótulos. Então Tiffany abriu a porta.

Um murmúrio de conversa caiu no silêncio.

Havia pessoas em multidão ao redor da porta. Quando a Senhorita Traição deu um passo à frente, ela se separou para deixar um caminho claro.

Para seu horror, Tiffany viu uma cova cavada do outro lado da clareira. Ela não esperava aquilo. Ela não tinha certeza do que esperava, mas uma cova cavada não estava na lista.

— Quem cavou...? —

— Nossos amigos azuis —, disse a Senhorita Traição. — Eu pedi a eles.

E então a multidão começou a aplaudir. Mulheres avançavam apressadas com grandes ramos de teixo, azevinho e visco, as únicas coisas verdes crescendo. As pessoas estavam rindo. As pessoas estavam chorando. Eles se agruparam ao redor da bruxa, forçando Tiffany a se afastar da multidão. Ela se manteve quieta e ouviu.

— Não sabemos o que faremos sem você, Senhorita Traição.

— Acho que não vamos conseguir outra bruxa tão boa quanto você, Senhorita Traição!

— Nunca pensamos que você iria embora, Senhorita Traição. Você trouxe meu velho avô ao mundo. — ...

Caminhando por si própria em direção à tumba, Tiffany pensou. Bem, isso é que é estilo. É... um bom, dourado e verdadeiro Boffo. Eles vão se lembrar disso pelo resto de suas vidas...

— Nesse caso, você deve ficar com todos os filhotes, menos um... — A Senhorita Traição parou para organizar a multidão. — O costume é dar aquele outro para o dono do cachorro. Você deveria ter vigiado a cadela, afinal, e cuidado de suas cercas. E sua pergunta, senhor Blinkhorn?

Tiffany se endireitou. Eles a estavam incomodando! Até mesmo nesta manhã! Mas ela...queria ser incomodada...ser incomodada era sua vida.

— Senhorita Traição! — ela cortou, abrindo caminho através da multidão.

— Lembre-se que você tem um compromisso!

Não foi a melhor coisa a dizer, mas muito melhor do que: "Você disse que ia morrer em cinco minutos!"

A Senhorita Traição virou-se e pareceu incerta por um momento. — Oh, sim —, disse. — Sim, de fato. É melhor irmos a ele.

Então, ainda conversando com o Sr. Blinkhorn sobre algum problema complexo envolvendo uma árvore caída e o galpão de alguém e com o resto da multidão atrás dela, ela deixou Tiffany acompanhá-la gentilmente até o túmulo.

— Bem, pelo menos você teve um final feliz, Senhorita Traição —, Tiffany sussurrou. Foi uma coisa boba de se dizer e mereceu o que recebeu.

— Nós fazemos finais felizes, criança, todo dia. Mas você vê, para a bruxa não há finais felizes. Existem apenas finais. E aqui estamos nós.

Melhor não pensar, pensou Tiffany. Melhor não pensar que você está descendo uma escada real para um túmulo real. Tente não pensar que está ajudando a Senhorita Traição a descer a escada para as folhas que estão empilhados em uma extremidade. Não se deixe perceber que está de pé em um túmulo.

Aqui embaixo, o horrível relógio parecia bater ainda mais alto: clonc-clanc, clonc-clanc....

A Senhorita Traição pisou um pouco nas folhas e disse alegremente: — Sim, posso me ver bastante confortável aqui. Escute, criança, eu te falei sobre os livros, não falei? E há um pequeno presente para você debaixo da minha cadeira. Sim, isso parece adequado. Oh, quase esquecia...

Clonc-clanc, clonc-clanc... era o relógio, soando muito mais alto lá embaixo.

A Senhorita Traição ficou na ponta dos pés e enfiou a cabeça pela borda do buraco. — Senhor Easy! Você deve dois meses de aluguel à viúva Langley! Compreendeu? Senhor Plenty, o porco pertence à senhora Frumment e se você não o devolver a ela, eu voltarei e gemerei sob sua janela! Madame Fullsome, a família Dogelley tem direito de passagem sobre o pasto do lado avesso desde que consigo me lembrar e você deve... você deve...

Clon ...c.

Houve um momento, um longo momento, quando o súbito silêncio do relógio parado encheu a clareira como um trovão.

Lentamente, a Senhorita Traição caiu sobre as folhas.

Demorou alguns segundos terríveis para seu cérebro começar a funcionar e então Tiffany gritou para as pessoas agrupadas acima: — Recuem, todos vocês! Deem a ela um pouco de ar!

Ela se ajoelhou enquanto eles se afastavam apressadamente.

O cheiro de terra crua estava forte no ar. Pelo menos a Senhorita Traição parecia ter morrido com os olhos fechados. Nem todo mundo conseguia. Tiffany odiava ter que fechá-los para as pessoas; era como matá-los novamente.

— Senhorita Traição? — sussurrou. Esse foi o primeiro teste. Eram muitos e você tinha que fazer todos: falar com eles, levantar o braço, checar os pulsos inclusive atrás da orelha, checar a respiração com um espelho... e ela sempre ficava tão nervosa pelo medo de errar que na primeira vez que teve que sair para lidar com alguém que parecia morto... um jovem que havia sofrido um acidente horrível na serraria... ela fez todos os testes, embora ela tivesse que procurar e encontrar a cabeça do morto.

Não havia espelhos no chalé da Senhorita Traição. Nesse caso ela...

...deveria pensar! Era a Senhorita Traição ali! E eu a ouvi dar corda no relógio apenas alguns minutos atrás!

Ela riu.

— Senhorita Traição! — Ela disse bem perto do ouvido da mulher — Eu sei que você está aí!

E foi aí que a manhã, que tinha sido triste, esquisita, esquisita e horrível, se tornou... totalmente Boffo.

A Senhorita Traição sorriu.

— Eles já foram? — Perguntou.

— Senhorita Traição! — Disse Tiffany severamente. — Isso foi uma coisa terrível de se fazer!

— Eu parei meu relógio com minha unha do polegar —, disse a Senhorita Traição com orgulho. — Não poderia decepcioná-los, certo? Tive que dar um show a eles!

— Senhorita Traição —, disse Tiffany severamente, — você inventou a história sobre seu relógio?

— Claro que inventei! E é um pedaço maravilhoso de folclore, um embuste que merece o nome. Senhorita Traição e seu coração mecânico! Pode até se tornar um mito, se eu tiver sorte. Eles vão se lembrar da Senhorita Traição por milhares de anos!

A Senhorita Traição fechou seus olhos novamente.

— Eu certamente me lembrarei de você, Senhorita Traição —, disse Tiffany. — Eu vou mesmo, porque...

O mundo tinha ficado cinza e continuava ficando mais cinza. E a Senhorita Traição ficou muito quieta.

— Senhorita Traição? — Disse Tiffany, cutucando-a. — Senhorita Traição?

SENHORITA EUMENIDES TRAIÇÃO, DE CENTO E ONZE ANOS?

Tiffany ouviu a voz dentro de sua cabeça. Não parecia ter saído passando por seus ouvidos. E ela já tinha ouvido isso antes, o que a tornava uma pessoa bastante incomum. A maioria das pessoas ouve a voz de Morte apenas uma vez.

A Senhorita Traição levantou-se, sem o estalo de um osso sequer. E ela parecia exatamente com a Senhorita Traição, sólida e sorridente. O que agora jazia sobre as folhas mortas era, sob essa estranha luz, apenas uma sombra.

Mas uma figura escura muito alta estava de pé ao lado dela. Era Morte em pessoa. Tiffany o tinha visto antes, em sua própria terra além da Porta Escura, mas você não precisava tê-lo conhecido antes para saber quem ele era. A foice, o longo manto com capuz e, claro, o feixe de ampulhetas eram todas pistas.

— Onde estão seus bons modos, criança? — Disse a Senhorita Traição. Tiffany ergueu os olhos e disse:

— Bom dia.

Bom dia, TIFFANY DOLORIDA, TREZE ANOS, disse Morte em sua não-

voz. VEJO QUE ESTÁ DE BOA SAÚDE.

— Uma ligeira reverência é esperado, também —, disse a Senhorita Traição.

Para Morte? pensou Tiffany. Vovó Dolorida não teria gostado disso. Nunca dobre o joelho para os tiranos, ela diria.

FINALMENTE, SENHORITA EUMENIDES TRAIÇÃO, CHEGOU A HORA EM QUE DEVEREMOS CAMINHAR JUNTOS.

A morte a pegou gentilmente pelo braço.

— Ei, espere um minuto! — Disse Tiffany. — A Senhorita Traição tem cento e treze anos! —

— Hmmm... Eu ajustei ligeiramente minha idade por razões profissionais —, disse a Senhorita Traição. — Cento e onze soa tão... adolescente. — Como se quisesse esconder seu embaraço fantasmagórico, ela enfiou a mão no bolso e tirou o espírito do sanduíche de presunto.

— Ah, funcionou —, disse. — Eu sabia que...onde foi parar a mostarda?

A MOSTARDA É SEMPRE COMPLICADA, disse a Morte quando começaram a desaparecer.

— Sem mostarda? E que tal uns picles de cebola?

PICLES DE TODOS OS TIPOS NÃO PARECEM CONSEGUIR TAMBÉM. SINTO MUITO.

Atrás deles, o contorno de uma porta apareceu.

— Sem prazeres no outro mundo? Isso é terrível! Que tal molho picante? — Disse a desaparecida Senhorita Traição.

TEM GELÉIA. GELÉIA FUNCIONA.

— Geleia? Geleia! Com presunto?

E eles se foram. A luz voltou ao normal. O som voltou. O tempo voltou.

Mais uma vez, a coisa a fazer era não pensar muito profundamente, apenas manter seus pensamentos agradáveis e equilibrados e focados no que ela tinha que fazer.

Observada pelas pessoas que ainda rondavam a clareira, Tiffany foi buscar alguns cobertores, embrulhando-os para que, quando ela os levasse de volta ao

túmulo, ninguém notasse que os dois crânios de Boffo e a máquina de fazer teias de aranha estavam escondidos lá dentro. Então, com a Senhorita Traição e o segredo de Boffo guardados em segurança, ela encheu o túmulo e, nesse ponto, alguns homens correram e a ajudaram... até que veio, de debaixo do solo:

Clonc-clanc. Clonc.

Os homens congelaram. Tiffany também, mas seu Terceiro Pensamento atalhou: *Não se preocupe! Lembre-se, ela o parou! Uma pedra caindo ou algo assim deve tê-lo feito começar de novo!*

Ela relaxou e disse docemente: — Provavelmente foi apenas ela se despedindo.

O resto do solo foi depositado com as pás trabalhando muito rapidamente.

E agora faço parte do Boffo, pensou Tiffany, enquanto as pessoas voltavam apressadas para suas aldeias. Porém a Senhorita Traição trabalhara muito para eles. Ela merecia ser um mito, se é isso que ela queria. E aposto, aposto que nas noites escuras eles vão ouvi-la...

Mas agora não havia nada além do vento nas árvores. Ela olhou para o túmulo.

Alguém deveria dizer alguma coisa. Bem? Afinal, ela era a bruxa.

Não havia muita religião no Giz ou nas montanhas. Os Omnianos vinham e tinham uma reunião de oração uma vez por ano e às vezes um padre dos Prodigiosos dos Nove Dias ou da Sede Episcopal da Pouca Fé ou da Igreja dos Pequenos Deuses vinha montado em um burro. As pessoas iam ouvir, se um padre parecia interessante ou ficava vermelho e gritava e cantavam as músicas se tivessem uma boa melodia. E então elas iam para casa novamente.

— Somos pessoas pequenas —, dissera seu pai. — Não é sábio chamar a atenção dos deuses.

Tiffany lembrou-se das palavras que ele disse sobre o túmulo de Vovó Dolorida, o que parecia uma vida atrás. Na relva de verão das terras baixas, com

os milhafres gritando no céu, elas pareciam ser tudo o que havia para dizer. Então ela as disse agora:

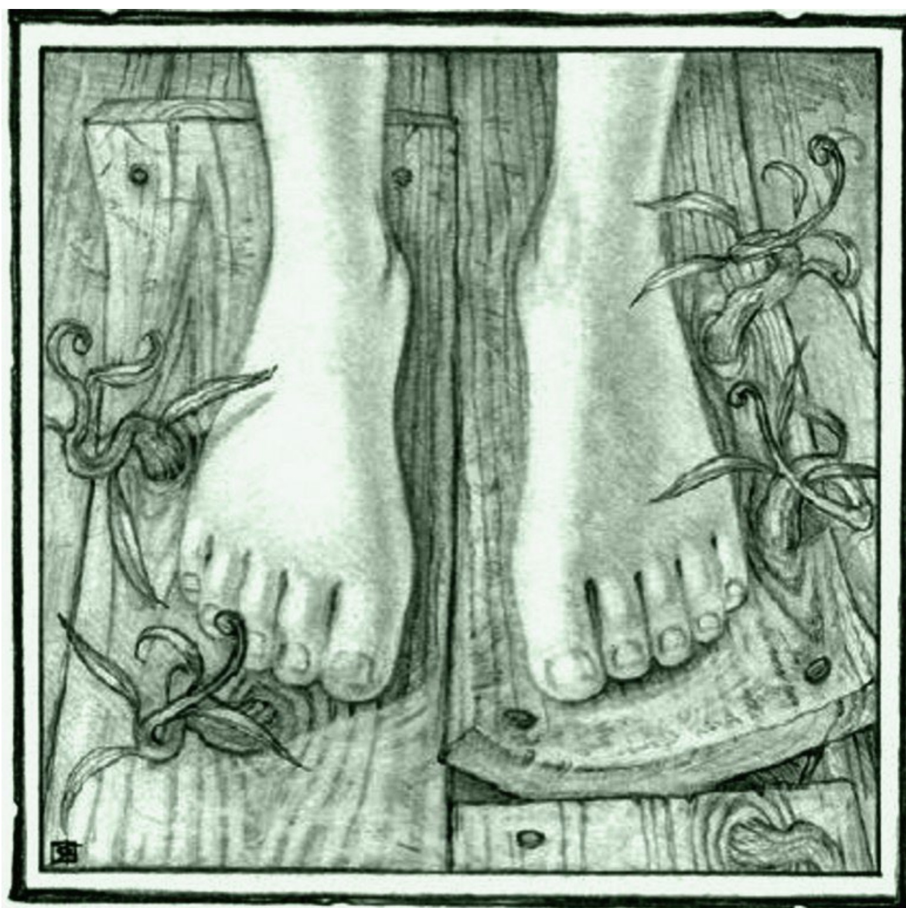
— Se algum terreno é Consagrado, este é o solo. Se algum dia é santo, é este dia.

Ela viu um movimento e então Billy Queixudo, o *gonnagle*, subiu na terra revirada da sepultura. Ele deu a Tiffany um olhar solene, então tirou sua gaita-de-foles de pele de rato e começou a tocar.

Os humanos não conseguiam ouvir muito bem as gaita-de-foles de pele de rato porque as notas eram muito altas, mas Tiffany podia senti-las em sua cabeça. Um *gonnagle* podia colocar muitas coisas em sua música e ela sentiu o pôr do sol, os outonos, a névoa nas colinas e o cheiro de rosas tão vermelhas que eram quase negras...

Quando ele terminou, o *gonnagle* ficou em silêncio por um momento, olhou para Tiffany novamente e depois desapareceu.

Tiffany se sentou em um toco e chorou um pouco, porque precisava ser feito. Aí ela foi ordenhar as cabras, porque alguém tinha que fazer isso também.



CAPÍTULO SEIS
PÉS E BROTOS

No chalé, as camas estavam arejadas, o chão havia sido varrido e a cesta de toras estava cheia. Na mesa da cozinha, o inventário estava disposto: tantas colheres, tantas panelas, tantos pratos, todos alinhados na luz fraca. Tiffany embalou alguns dos queijos, no entanto. Ela os fizera, afinal.

O tear estava silencioso em sua sala; parecia os ossos de algum animal morto, mas debaixo da grande cadeira estava o pacote que a Senhorita Traição havia mencionado, embrulhado em papel preto. Dentro dela havia um manto tecido de lã marrom tão escuro que era quase preto. Parecia quente.

Então era isso. Hora de ir embora. Se ela se deitasse e colocasse o ouvido no buraco do rato, poderia ouvir um ronco generalizado vindo do porão. Os Feegles acreditavam que depois de um funeral realmente bom, todos deveriam estar

deitados. Não era uma boa ideia acordá-los. Eles a encontrariam. Sempre a encontravam.

Isso era tudo? Não, não exatamente. Ela pegou o Dicionário Não Expurgado e a Mitologia de Tentilhão, com a *Daçna das Estçações* nele, e os enfiou em um saco sob os queijos. Ao fazê-lo, as páginas viraram como cartas e várias coisas caíram no chão de pedra. Algumas delas eram cartas velhas e desbotadas, que ela guardou por enquanto.

Havia também o catálogo Boffo. A capa tinha um palhaço sorridente e as palavras:



Lojas Boffo Novidades & Jogos de Salão!!!!! Gargalhadas, piadas, risadas, brincadeiras em abundância!!!

SE FAZ RIR, ENTÃO É UM BOFFO!!!

Seja a alma da festa com nosso pacote de presentes inovadores!!! Oferta Especial Este Mês: Redução de Metade do Preço nos Narizes Vermelhos!!!

Sim, você pode passar anos tentando ser uma bruxa ou pode gastar muito dinheiro com o Sr. Boffo e sê-lo assim que o carteiro chegar.

Fascinada, Tiffany virou as páginas. Havia caveiras (*Brilha no escuro, AM$ 8 extras*) e orelhas falsas e páginas de narizes hilários (*Meleca Pendurada Medonha grátis para narizes acima de AM$ 5*) e máscaras, como Boffo diria, um monte!!! A máscara nº 19, por exemplo, era: *Bruxa má de luxo, com Cabelo Oleoso Louco, dentes podres e verrugas cabeludas (fornecidas soltas, cole-as onde quiser!!!*). A senhorita Traição obviamente parou um pouco antes de comprar um desses,

possivelmente porque o nariz parecia uma cenoura, mas provavelmente porque a pele era verde brilhante. Ela também poderia ter comprado Mãos de Bruxa Assustadoras (*AM$ 8 o par, com pele verde e unhas pretas*) e Pés Fedidos de Bruxa (*AM$ 9*).[9]

Tiffany enfiou o catálogo de volta no livro. Ela não podia deixar para que Annagramma o encontrasse ou o segredo do Boffo da Senhorita Traição seria revelado.

E era isso: uma vida, terminada e bem arrumada. Um chalé, limpo e vazio. Uma garota, imaginando o que iria acontecer a seguir. "Arranjos" seriam feitos.

Clonc-clanc.

Ela não se mexeu, não olhou em volta. Eu não vou ser *Boffada*, ela disse a si mesma. Havia uma explicação para aquele barulho que não tem nada a ver com a Senhorita Traição. Vamos ver... Eu limpei a lareira, certo? E deixei o atiçador apoiado ao lado dela. Mas, a menos que você o apoie direito, sempre cai, mais cedo ou mais tarde, de uma maneira sorrateira. Era isso. Quando me virar e olhar para trás, verei que o atiçador caiu e está na grade e, portanto, o barulho não foi causado por nenhum tipo de relógio fantasmagórico.

Ela se virou lentamente. O atiçador estava na lareira.

E agora, ela pensou, seria uma boa ideia sair para tomar ar fresco. É um pouco triste e abafado aqui. É por isso que eu quero sair, porque é triste e abafado. Não é porque tenho medo de ruídos imaginários. Não sou supersticiosa. Sou uma bruxa. Bruxas não são supersticiosas. Nós somos a causa das superstições dos outros. Eu só não quero ficar aqui. Eu me sentia segura aqui quando ela estava viva...era como se abrigar debaixo de uma árvore enorme...mas não acho mais seguro. Se o Artesão do Inverno fizer as árvores gritarem meu nome, bem, taparei meus ouvidos. A casa parece que está morrendo e vou sair.

Não seria necessário trancar a porta. A população local já ficava assustada o bastante para sequer pensar em entrar, mesmo quando a Senhorita Traição estava

[9] AM = Dólar de ankh-Morpork. (N.T.)

viva. Eles certamente não colocariam os pés lá dentro agora, não até que outra bruxa tornasse seu o lugar.

Um sol fraco, tipo ovo escorrendo, estava aparecendo por entre as nuvens e o vento havia soprado a geada para longe. Mas um breve outono transformou-se rapidamente em inverno aqui; de agora em diante sempre haveria cheiro de neve no ar. Nas montanhas, o inverno nunca acabava. Mesmo no verão, a água dos riachos ficava gelada por causa da neve derretida.

Tiffany sentou-se no velho toco com sua maleta velha e um saco e esperou pelos Arranjos. Annagramma estaria aqui em breve, você podia apostar nisso.

A casa já parecia abandonada. Parecia...

era o aniversário dela. O pensamento empurrou-se para a frente. Sim, seria hoje. A morte tinha acertado. O único grande dia do ano que era totalmente dela e ela o esquecera por conta de toda a excitação e agora já havia passado dois terços.

Ela já havia contado a Petúlia e às outras quando era seu aniversário?

Ela não conseguia se lembrar.

Treze anos. Mas ela vinha pensando em si mesma com "quase treze anos" há meses. Logo ela estaria com "quase catorze anos". Ela estava quase prestes a sentir um pouco de autopiedade quando ouviu um farfalhar furtivo atrás dela. Ela se virou tão rapidamente que Horácio, o queijo saltou para trás.

— Ah, é você —, disse Tiffany. — Onde se meteu, seu garot... queijo desobediente? Eu estava morrendo de preocupação!

Horácio parecia envergonhado, mas era muito difícil descobrir como ele conseguia.

— Você virá comigo? — ela perguntou.

Horácio foi imediatamente cercado por um sentimento de sim. — Tudo bem. Você deve entrar no saco. — Tiffany abriu, mas Horace recuou.

— Bem, se você vai ser um queijo desobed... — ela começou e parou. Sua mão estava coçando. Ela olhou para cima... para o Artesão do Inverno.

Tinha que ser ele. No começo ele estava apenas fazendo redemoinhos de neve no ar, mas enquanto caminhava pela clareira, ele parecia se unir, tornar-se

humano, tornar-se um jovem com uma capa ondulando atrás dele e neve em seu cabelo e ombros. Ele não estava transparente desta vez, não totalmente, mas algo como ondulações o percorriam e Tiffany pensou que podia ver as árvores atrás dele, como sombras.

Ela deu alguns passos apressados para trás, mas o Artesão do Inverno estava atravessando a grama morta com a velocidade de um patinador. Ela poderia virar e correr, mas isso significaria que ela estava, bem, virando e correndo e por que ela deveria fazer isso? Não era ela quem rabiscava nas janelas das pessoas!

O que ela deveria dizer, o que ela deveria dizer?

— Bem, eu realmente gostei de você ter encontrado meu colar —, disse ela, afastando-se novamente. — E os flocos de neve e rosas estavam de fato muito... bonitos. Mas... eu não acho que nós... bem, você é feito de gelo e eu não... eu sou humana, feita... coisas humanas. —

— Você deve ser ela —, disse o Artesão do Inverno. — Você estava na Dança! E agora você está aqui, no meu inverno.

A voz não estava certa. Soava... falsa, de alguma forma, como se o Artesão do Inverno tivesse sido ensinado a dizer o som das palavras sem entender o que eram.

— Eu sou ela —, ela disse incerta. — Eu não sei sobre "deve ser". Hmmm... por favor, sinto muito pela dança, não era minha intenção, apenas parecia que...

Ele ainda tem os mesmos olhos roxo-acinzentados, ela notou. Púrpura-acinzentado, em um rosto esculpido em neblina congelante. Um rosto bonito também. — Olha, eu nunca pretendi fazer você pensar... — ela começou.

— Pretendia? — Disse o Artesão do Inverno, parecendo atônito. — Mas nós não pretendemos. Nós somos!

— O que você... pretende?

— Disgraça!

— Oh, não... — Tiffany murmurou quando os Feegles irromperam da grama. Os Feegles não sabiam o significado da palavra "medo".

Às vezes, Tiffany desejava que eles tivessem lido um dicionário. Eles lutavam

como tigres, lutavam como demônios, lutavam como gigantes. O que eles não fizeram era lutar como algo como algo que tivesse mais do que uma colher de cérebro.

Eles atacaram o Artesão do Inverno com espadas, cabeças e pés e o fato de tudo passar por ele como se ele fosse uma sombra não parecia incomodá-los. Se um Feegle apontava uma bota para uma perna enevoada e acabava chutando a própria cabeça, então era um bom resultado.

O Artesão do Inverno os ignorou, como um homem que não presta atenção em borboletas.

— Onde está o seu poder? Por que você está vestida assim? — Exigiu saber o Artesão do Inverno. — Isso não é como deveria ser!

Ele deu um passo à frente e agarrou o pulso de Tiffany com força, muito mais do que uma mão fantasmagórica seria capaz de fazer.

— Isto está errado! — ele gritou. Acima da clareira, as nuvens moviam-se rapidamente.

Tiffany tentou se afastar. — Deixe-me ir!

— Você é ela! — o Artesão do Inverno gritou, puxando-a para ele.

Tiffany não sabia de onde veio o grito, mas o tapa veio de sua mão, pensando por si mesma. Acertou a figura na bochecha com tanta força que por um momento o rosto ficou borrada, como se ela tivesse manchado uma pintura.

— Não chegue perto de mim! Não me toque! — Ela gritou.

Houve uma cintilação atrás do Artesão. Tiffany não podia ver claramente por causa da névoa gelada e sua própria raiva e terror, mas algo borrado e escuro estava se movendo em direção a eles através da clareira, oscilando e distorcida como uma figura vista através do gelo. Assomou atrás da figura transparente por um momento sombrio, e então se tornou Vovó Cera-do-Tempo, no mesmo espaço que o Artesão do Inverno... dentro dele.

Ele gritou por um segundo e explodiu em uma névoa. Vovó tropeçou para frente, piscando.

— Urrrg. Vai demorar um pouco para tirar o gosto disso da minha cabeça

—, disse ela. — Feche a boca, garota... algo pode voar para dentro dela.

Tiffany fechou a boca. Algo poderia voar para dentro dela. — O que... o que você fez com ele? — Conseguiu dizer.

— Aquilo! — retrucou a vovó, esfregando a testa. — É aquilo, não é ele! Um aquilo que pensa que é um ele! Agora me dê seu colar!

— O que! Mas é meu!

— Você acha que eu quero uma discussão? — Vovó Cera-do-Tempo perguntou. — Está escrito na minha cara que eu quero uma discussão? Me dê agora! Não ouse me desafiar!

— Eu não vou apenas...

Vovó Cera-do-Tempo baixou a voz e com um silvo penetrante muito pior do que um grito, disse: — É assim que ele te encontra. Você quer que ele te encontre de novo? É apenas uma névoa agora. Quão sólido você acha que ele se tornará?

Tiffany pensou naquele rosto estranho, que não se movia como um rosto real deveria e naquela voz estranha, juntando as palavras como se fossem tijolos...

Ela abriu o pequeno fecho de prata e ergueu o colar.

É apenas Boffo, ela disse a si mesma. Cada graveto é uma varinha, cada poça é uma bola de cristal. É apenas... uma coisa. Não preciso dele para ser eu mesma.

Sim, eu preciso.

— Você deve dar para mim —, disse a Vovó suavemente. — Eu não posso tirá-lo de você. — Ela estendeu a mão, com a palma para cima.

Tiffany largou o cavalo dentro dela e tentou não ver os dedos de Vovó Cera-do-Tempo se fecharem com uma garra.

— Muito bem —, disse Vovó, satisfeita. — Agora devemos ir.

— Você estava me observando —, disse Tiffany mal-humorada.

— Toda a manhã. Você poderia ter me visto se tivesse pensado em olhar —, disse a vovó. — Mas você não fez um trabalho ruim no enterro, posso dizer isso.

— Fiz um bom trabalho!

— Foi o que eu disse.

— Não —, disse Tiffany, ainda tremendo. — Você não o fez.

— Nunca mexi com caveiras e coisas assim —, disse Vovó, ignorando-a. — Artificiais, de qualquer forma. Mas a Senhorita Traição...

Ela parou e Tiffany a viu olhar para as copas das árvores.

— É ele de novo? — Ela perguntou.

— Não —, disse a vovó, como se isso fosse motivo de desapontamento. — Não, é a jovem Senhorita Falcão. E a Senhora Lacrainha. Não perderam tempo, eu vejo. E a Senhorita Traição nem esfriou direito. — Ela fungou. — Algumas pessoas poderiam ter a decência de não ir com tanta sede ao pote.

As duas vassouras pousaram um pouco longe. Annagramma parecia tensa. A Senhora Lacrainha estava como sempre: alta, pálida, muito bem-vestida, usando muitas joias ocultas e uma expressão que dizia que você a estava incomodando um pouco, mas ela estava sendo gentil o suficiente para não deixar transparecer. E ela sempre olhava para Tiffany, quando se dava ao trabalho de olhar para ela, como se Tiffany fosse algum tipo de criatura estranha que ela não entendia muito bem.

A Senhora Lacrainha sempre era sempre educada com Vovó, de maneira formal e fria. Isso deixava Vovó Cera-do-Tempo furiosa, mas esse era o jeito das bruxas. Quando elas realmente não gostavam uma das outra, eram tão educadas quanto duquesas.

Quando as duas se aproximaram, Vovó fez uma profunda reverência e tirou seu chapéu. A Senhora Lacrainha fez a mesma coisa, só que sua reverência foi mais pronunciada.

Tiffany viu Vovó olhar para cima e depois se curvar ainda mais, cerca de um centímetro.

A Senhora Lacrainha conseguiu descer mais um centímetro.

Tiffany e Annagramma trocaram um olhar desesperado sobre as costas tensas. Às vezes, esse tipo de coisa podia durar horas.

Vovó Cera-do-Tempo deu um grunhido e se endireitou. A Senhora Lacrainha fez o mesmo, as faces rubras.

— Seja abençoado este nosso encontro —, disse Vovó com voz calma.

Tiffany estremeceu. Esta foi uma declaração de hostilidades. Gritar e cutucar com os dedos era uma discussão de bruxa perfeitamente comum, mas falar com cuidado e calma era uma guerra aberta.

— Que gentileza sua vir aqui nos saudar —, disse a Senhora Lacrainha.

— Espero vê-las com boa saúde?

— Eu estou me saindo bem, Senhorita Cera-do-Tempo. — Annagramma fechou os olhos.

Isso foi um chute no estômago, pelos padrões das bruxas.

— É Madame Cera-do-Tempo, Senhora Lacrainha —, disse Vovó. — Como eu suponho que você saiba?

— Bem, claro. É claro que sei. Sinto muito. — Tendo trocado esses golpes cruéis, Vovó continuou: — Acredito que a Senhorita Falcão achará tudo do seu agrado.

— Tenho certeza de que... — A Senhora Lacrainha olhou para Tiffany, seu rosto era uma pergunta.

— Tiffany —, disse Tiffany prestativamente.

— Tiffany. Claro. Com um nome tão adorável estou segura de que Tiffany tenha feito o seu melhor, — disse a Senhora Lacrainha. — Não obstante, vamos dar absolvição e consagrar ao chalé, em caso de influências.

Eu já esfreguei e depois esfreguei de novo todo o chalé! Pensou Tiffany.

— Influências? — Disse Vovó Cera-do-Tempo. Mesmo o Artesão do Inverno não conseguiria falar com uma voz tão fria.

— E vibrações inquietantes, — disse a Senhora Lacrainha.

— Oh, eu sei sobre isso —, disse Tiffany. — — É a tábua solta da cozinha. Se você pisar, a cômoda balança.

— Estava falando de um demônio —, disse a Senhora Lacrainha, ignorando com ares graves a intervenção. — E... caveiras.

— Mas... — Tiffany começou, e a mão da vovó apertou seu ombro com tanta força que ela parou.

— Querida, querida —, disse Vovó, ainda segurando com força. —

Caveiras, hein?

— Existem algumas histórias muito perturbadoras —, disse a Senhora Lacrainha observando Tiffany. — Da natureza mais sombria, Madame Cera-do-Tempo. Sinto que as pessoas neste lugar foram muito mal servidas, de fato. Forças das trevas foram desencadeadas.

Tiffany queria gritar: Não! São apenas histórias! É somente Boffo! Ela cuidava deles! Ela interrompeu suas discussões estúpidas, lembrou-os de suas leis, repreendeu suas tolices! Ela não poderia fazer isso se fosse apenas uma velhinha frágil! Ela tinha que se tornar um mito! Mas o aperto Vovó a manteve em silêncio.

— Forças estranhas estão certamente atuando —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Desejo-lhe felicidades em seus empreendimentos, Senhora Lacrainha. Se você puder me perdoar?

— Mas é claro, Madame Cera-do-Tempo. Que boas estrelas as acompanhem.

— Que a estrada seja branda para encontrar seus pés —, disse Vovó. Ela parou de segurar Tiffany com tanta força, mas mesmo assim quase a arrastou pela lateral do chalé. A vassoura da falecida Senhorita Traição estava encostada na parede.

— Amarre suas coisas rapidamente! — Ela ordenou. — Temos que nos mover!

— Ele vai voltar? — Perguntou Tiffany, lutando para amarrar o saco e mala velha nas cerdas.

— Não ainda. Não em breve, eu acho. Mas estará procurando por você. E estará mais forte. Perigoso para você, acredito e para aqueles ao seu redor! Você tem tanto a aprender! Você tem muito o que fazer!

— Eu agradeci a ele! Eu tentei ser legal com ele! Por que ele ainda está interessado em mim?

— Por causa da Dança —, disse Vovó.

— Sinto muito por aquilo!

— Não sente o bastante. O que uma tempestade sabe sobre tristeza? Você

deve resolver as coisas. Achou mesmo que aquele espaço estava ali para você? Oh, isto está tão confuso! Como estão seus pés?

Tiffany, zangada e perplexa, parou com uma perna meio por cima da vassoura.

— Meus pés? O que tem meus pés?

— Eles coçam? O que acontece quando você tira as botas?

— Nada! Eu só vejo minhas meias! O que meus pés têm a ver com alguma coisa?

— Vamos descobrir —, disse Vovó, de modo irritante. — Agora, venha.

Tiffany tentou fazer a vassoura subir, mas mal passou pela grama morta. Ela olhou em volta. As palhas estavam cobertas com Nac Mac Feegles.

— Num ligui pra nóis —, disse Rob Qualquerum. — Vamos aguentar firme!

— E não balance muito, tô sintinu comu se tivesse arrancadu a tampa da cabeiça —, disse Wullie Doido.

— Tem comida neste voo? — Yan Grande falou. — Tou doidju pruma bebida.

— Eu não posso levar todos vocês! — Disse Tiffany. — Eu nem sei para onde estou indo!

Vovó Cera-do-Tempo olhou para os Feegles. — Vocês vão ter que ir a pé. Estamos viajando para Lancre. O endereço é Tir Nani Ogg, Praça Principal.

— Tir Nani Ogg —, disse Tiffany. — Isso não é...?

— Significa Lugar de Tia Ogg —, disse Vovó, enquanto Feegles largavam a vassoura. — Você estará segura lá. Bem, mais ou menos. Mas devemos fazer uma parada no caminho. Devemos colocar esse colar o mais longe possível de você. E eu sei como fazer isso! Ah, sim!

Ao cair da noite os Nac Mac Feegle corriam pela floresta. A vida selvagem

já sabia sobre Feegles, então todas as criaturas peludas da floresta mergulharam em suas tocas ou subiram nas árvores. Porém, depois de um tempo, Yan Grande fez parar a tropa. — Tem alguma coisa seguindo a gente!

— Não seja idiota —, disse Rob Qualquerum. — Não sobrou nada nesta floresta que seja louco o suficiente para caçar Feegles!

— Sei o que tou sentindo —, disse teimosamente, Yan Grande. — E posso sentir isso na minha água. Tem alguma coisa "rastejando" em cima de nóis, bem agora!

— Bem, num sou de discutir com a água de um homem —, disse Rob, cansado. — Certo, meninos, se espalhem em um grande círculo!

Espadas desembainhadas, os Feegles se espalharam, mas depois de alguns minutos houve um murmúrio geral. Não havia nada para ver, nada para ouvir. Alguns pássaros cantavam, a uma distância segura. Paz e sossego, incomuns na vizinhança de Feegles, estavam por toda parte.

— Desculpe, Yan Grande, mas tô pensando que suas águas num acertaram desta vez —, disse Rob Qualquerum.

Foi nesse momento que Horácio, o queijo, caiu de um galho em sua cabeça.

Muita água corria sob a grande ponte de Lancre, mas daqui de cima mal se via por causa dos borrifos que vinham das cachoeiras um pouco mais adiante, borrifos que pairavam no ar gelado. Havia água espumejante por todo o desfiladeiro profundo e então o rio saltava a cachoeira como um salmão e atingia as planícies mais abaixo como uma tempestade. Da base das cataratas era possível seguir o rio até o Giz, mas ele se movia em curvas largas e preguiçosas e era mais rápido voar em linha reta.

Tiffany havia voado apenas uma vez, quando a Senhorita Plana a trouxe pela primeira vez para as montanhas. Desde então, ela sempre pegou o caminho mais longo, cruzando pouco acima da estrada em ziguezague das carruagens. Voar

sobre a borda daquela torrente furiosa em uma queda repentina cheia de ar frio e úmido e em seguida apontar a vassoura quase diretamente para baixo estava bem no topo de sua lista de coisas que ela nunca pretendeu fazer, nunca.

Vovó Cera-do-Tempo estava agora de pé sobre a ponte, o cavalo prateado na mão.

— É a única maneira —, ela disse. — Vai acabar no fundo do mar profundo. Deixe o Artesão do Inverno procurá-lo lá!

Tiffany assentiu. Ela não estava chorando, o que não é o mesmo que, bem, não estar chorando. As pessoas andavam por aí sem chorar o tempo todo e nem pensavam nisso. Mas agora, ela o fazia. E pensava: eu não estou chorando...

Fazia sentido. Claro que fazia sentido. É somente Boffo! Cada graveto é uma varinha, cada poça é uma bola de cristal. Coisa nenhuma coisa tinha qualquer poder que você não colocasse lá. *Emaranhado*s e caveiras e varinhas eram a mesma coisa... pás e facas e óculos. Eram como... alavancas. Com uma alavanca você poderia levantar uma grande pedra, mas a alavanca não fazia nenhum trabalho.

— Tem que ser sua escolha —, disse a vovó. — Não posso fazer isso por você. Mas é uma coisa pequena e, enquanto você a tiver, será perigoso.

— Sabe, eu não acho que ele queria me machucar. Ele estava apenas chateado —, disse Tiffany.

— Mesmo? Você quer encontrá-lo chateado de novo?

Tiffany pensou naquele rosto estranho. Havia a forma de um ser humano ali — mais ou menos — mas era como se o Artesão do Inverno tivesse ouvido falar da ideia de ser humano, mas ainda não tivesse descoberto como fazê-lo.

— Você acha que ele vai machucar outras pessoas? — Ela perguntou.

— Ele é o inverno, criança. Nem tudo são lindos flocos de neve, não é? — Tiffany estendeu a mão.

— Devolva-me, por favor. — Vovó o entregou com um encolher de ombros.

Estava na mão de Tiffany, sobre a estranha cicatriz branca. Foi a primeira coisa que havia ganho que não era útil, que não servia para fazer coisa alguma.

Eu não preciso disso, ela pensou. Meu poder vem do Giz. Mas é assim que a

vida vai ser? Nada que você não precise?

— Devemos amarrá-lo a algo que seja leve —, ela disse com uma voz prática. — Caso contrário, ficará preso no fundo.

Depois de vasculhar a grama perto da ponte, ela encontrou um pedaço de pau e enrolou a corrente de prata em volta dele.

Era meio-dia. Tiffany inventara a palavra luzmeiodia porque gostava de como ela soava. Qualquer uma poderia ser uma bruxa à meia-noite, ela pensou, mas você teria que ser muito boa para ser uma bruxa sob a luzmeiodia.

Era bom em ser uma bruxa, de qualquer maneira, ela pensou agora enquanto caminhava de volta para a ponte. Mas não tão bom como ser uma pessoa feliz.

Ela jogou o colar da ponte.

Ela não deu muita importância a isso. Teria sido bom dizer que o cavalo prateado brilhou na luz, pareceu pairar no ar por um momento antes de cair na longa queda. Talvez fosse, mas Tiffany não olhou.

— Bom —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Isso é tudo? — disse Tiffany.

— Não! Você dançou em uma história, garota, que se conta para o mundo todos os anos. É a história sobre gelo e fogo, verão e inverno. Você errou. Você tem que ficar até o fim e garantir que tudo dê certo. O cavalo só está ganhando tempo, só isso.

— Quanto tempo?

— Não sei. Isto nunca aconteceu antes. Tempo para pensar, pelo menos. Como estão seus pés?

O Artesão do Inverno estava se movendo pelo mundo sem, em nenhum sentido humano, se mover. Onde quer que o inverno estivesse, ele também estava.

Ele estava tentando pensar. Ele nunca teve que fazer isso antes e doía. Até

agora, os humanos eram apenas partes do mundo que se moviam de maneiras estranhas e acendiam fogueiras. Mas agora ele estava pensando em si mesmo e tudo era novo.

Um ser humano... feito de coisas humanas... foi o que ela disse.

Coisas Humanas. Ele teve que se fazer a partir de coisas humanas para a amada. No frio dos necrotérios e dos destroços dos navios, o Artesão do Inverno cavalgou o ar em busca de coisas humanas. E o que eram elas? Lama e água, principalmente. Deixe um ser humano permanecer por tempo suficiente e até mesmo a água iria embora e não haveria nada além de alguns punhados de poeira que seriam levados pelo vento.

Assim, como a água não pensava, todo o trabalho estava sendo feito pelo pó.

O Artesão do Inverno era lógico, porque o gelo era lógico. A água era lógica. O vento era lógico. Havia regras. Então, o que fazia um ser humano ser o que era, era... o tipo certo de pó!

E, enquanto ele estava procurando por isso, ele poderia mostrar a ela o quão forte ele era.

Naquela noite Tiffany sentou-se na beirada de sua nova cama, as nuvens de sono subindo em seu cérebro como nuvens de tempestade. Então bocejou e olhou para os pés.

Eles eram rosa e tinham cinco dedos cada. Eles eram pés muito bons, considerando-se tudo.

Normalmente, quando as pessoas a conheciam, diziam coisas como "Como você está?" — A babá Ogg acabara de dizer: — Entre. Como estão seus pés?

De repente, todos estavam interessados em seus pés. É claro que os pés eram importantes, mas o que as pessoas esperavam que acontecesse com eles?

Ela os balançou para frente e para trás nas pontas das pernas. Eles não fizeram nada de estranho, então ela foi para a cama.

Ela não dormia direito há duas noites. Ela realmente não tinha entendido isso até chegar a Tir Nani Ogg, quando seu cérebro começou a girar por conta própria. Ela havia conversado com a Senhora Ogg, mas era difícil lembrar sobre o quê. Vozes soavam em seus ouvidos. Agora, finalmente, ela não tinha nada para fazer a não ser dormir.

Era uma boa cama, a melhor em que ela já dormira. Era o melhor quarto em que ela já estivera, embora estivesse cansada demais para explorá-lo. As bruxas não gostam muito de conforto, especialmente em quartos de hóspedes, mas Tiffany cresceu em uma cama antiga onde as molas gemiam toda vez que ela se movia e, com cuidado, ela conseguia fazê-las tocar uma música.

Este colchão era grosso e maleável. Ela afundou como se fosse areia movediça muito macia, muito quente, muito lenta.

O problema é que você pode fechar os olhos, mas não pode fechar a mente. Enquanto ela estava deitada no escuro, imagens rabiscadas dentro de sua cabeça, de relógios que faziam barulho, de flocos de neve com a forma dela, da Senhorita Traição caminhando pela floresta noturna, procurando pessoas más com sua unha amarela pronta.

Senhorita... Mito Traição...

Ela vagou por essas memórias embaralhadas para uma brancura opaca. Mas ficou mais brilhante e ganhou detalhes, com pequenas áreas de preto e cinza. Elas começaram a se mover suavemente de um lado para o outro....

Tiffany abriu os olhos e tudo ficou claro. Ela estava de pé em um... um barco, não, um grande veleiro. Havia neve no convés e pedaços de gelo pendiam do cordame. E que navegava à luz da aurora, que se arrastava, num mar cinzento e silencioso, cheio de gelo flutuante e nuvens de neblina. O cordame rangeu, o vento suspirou nas velas. Não havia ninguém à vista.

— Ah. Isto parece que é um sonho. Deixe-me sair, por favor —, disse uma voz familiar.

— Quem é você? — Disse Tiffany.

— Você pode tossir, por favor.

Tiffany pensou: Bem, se isso é um sonho... e ela tossiu.

Uma figura surgiu da neve no convés. Era ela, e ela estava olhando em volta pensativa.

— Você também é eu? — Tiffany perguntou. Estranhamente, aqui no convés gelado, não parecia tão, bem, estranho.

— Hmm. Oh, sim —, disse a outra Tiffany, ainda olhando fixamente para as coisas. — Eu sou seus Terceiros Pensamentos. Lembra-se? A parte de você que nunca para de pensar? O pedaço de você que percebe pequenos detalhes? É bom estar ao ar livre. Hmm.

— Há algo de errado?

— Bem, isso claramente parece ser um sonho. Se você se olhar com cuidado, você verá que o timoneiro de oleado amarelo lá em cima na roda do leme é o Marujo Alegre das embalagens do tabaco que Vovó Dolorida costumava fumar. Ele sempre vem à nossa mente quando pensamos no mar, certo?

Tiffany olhou para a figura barbada, que lhe deu um aceno alegre.

— Sim, certamente é ele! — Ela disse.

— Mas não acho que esse seja exatamente um sonho nosso —, disse o Terceiro Pensamento. — É tão... real.

Tiffany se abaixou e pegou um punhado de neve.

— Parece real —, ela disse. — E está bem fria. — Ela fez uma bola de neve e jogou em si mesma.

— Eu realmente gostaria de não ter feito isso —, disse a outra Tiffany, esfregando a neve em seu ombro. — Mas você entende o que eu quero dizer? Sonhos não deveriam ser tão... pouco sonháveis como este.

— Sei o que eu quero dizer, —, disse Tiffany. — Eu acho que eles estão caminhando para serem muito reais e que então algo muito estranho vai acontecer.

— Exatamente. Eu não gosto disso tudo. Se isso é um sonho, então algo terrível vai acontecer.

Eles olharam para a frente do navio. Havia um banco de névoa sombrio e

sujo lá, espalhando-se pelo mar.

— Tem alguma coisa na névoa! — Disseram as Tiffanys juntas.

Eles se viraram e subiram correndo a escada até o homem no timão.

— Mantenha-se longe do nevoeiro! Por favor, não se aproxime dele!

O Marujo Alegre tirou o cachimbo da boca e pareceu intrigado.

— Para se fumar bem em qualquer tempo? — ele disse para Tiffany. — Como?

— É tudo o que ele pode dizer! — disseram seus Terceiros Pensamentos, agarrando o timão. — Lembra? Isso é o que ele diz no rótulo!

O Marujo Alegre empurrou-a gentilmente. — Para se fumar bem em qualquer tempo —, ele disse suavemente. — Em qualquer tempo.

— Olha, nós só queremos... — Tiffany começou, mas seus Terceiros Pensamentos, sem uma palavra, colocaram a mão em sua cabeça e a viraram.

Algo estava saindo do nevoeiro.

Era um iceberg, grande, pelo menos cinco vezes mais alto que o navio, majestoso como um cisne. Era tão grande que estava criando seu próprio clima. Parecia estar se movendo lentamente; porém havia água espumejando ao redor de sua base. A neve caia ao seu redor. Serpentinas de névoa se arrastavam atrás dele.

O cachimbo do Marujo Alegre caiu de sua boca enquanto ele olhava. — Para se fumar bem! — Ele praguejou.

O iceberg era Tiffany. Era uma Tiffany com centenas de metros de altura, formada de gelo verde brilhante, mas ainda era uma Tiffany. Havia pássaros marinhos empoleirados em sua cabeça.

— Não pode ser o Artesão do Inverno fazendo isso! — disse Tiffany. — Eu joguei o cavalo fora! — Ela levou as mãos à boca e gritou: — JOGUEI O CAVALO FORA!

Sua voz ecoou na figura de gelo que se aproximava. Alguns pássaros decolaram da enorme cabeça fria, gritando. Atrás de Tiffany, o timão do navio girou. O Marujo Alegre bateu o pé e apontou para as velas brancas acima deles.

— Para se fumar bem em qualquer tempo! — Ele ordenou.

— Sinto muito, não sei o que você quer dizer! — Disse Tiffany desesperadamente.

O homem apontou para as velas e fez movimentos frenéticos de puxar com as mãos.

— Para se fumar bem!

— Desculpe, eu simplesmente não consigo entender você!

O marinheiro bufou e correu para uma corda, que puxou com muita pressa.

— Está ficando tudo muito estranho —, disseram calmamente seus Terceiros Pensamentos.

— Bem, sim, eu deveria pensar que um enorme iceberg com a minha forma é um...

— Não, isso não é apenas estranho. Isso é muito esquisito —, disseram seus Terceiros Pensamentos.

— Temos passageiros. Veja. — Ela apontou.

No convés principal havia uma fileira de escotilhas com grandes grades de ferro; Tiffany não as havia notado antes.

Mãos, centenas delas, pálidas como raízes sob um tronco, tateando e acenando, avançavam pelas grades.

— Passageiros? — Tiffany sussurrou horrorizada. — Oh, não ...

E então a gritaria começou. Teria sido melhor, mas não muito melhor, se fossem gritos de "Socorro!" e "Salve-nos", mas em vez disso eram apenas gritos e lamentos, apenas os sons de pessoas com dor e medo...

Não!

— Volte para dentro da minha cabeça —, ela disse severamente. — É muito perturbador ter você correndo aqui fora. Volte agora.

— Vou entrar por trás de você —, disseram seus Terceiros Pensamentos. — Então não vai parecer tão...

Tiffany sentiu uma pontada de dor e uma mudança de opinião e pensou: Bem, acho que poderia ter sido muito mais confuso.

Ok. Deixe-me pensar. Deixe todas de mim pensar.

Ela observou as mãos desesperadas, balançando como ervas daninhas debaixo d'água e pensou: estou em algo como um sonho, mas não acho que seja meu. Estou em um navio e seremos mortos por um iceberg que é uma figura gigante de mim.

Acho que gostava mais quando eram flocos de neve.... de quem é este sonho?

— O que é isso tudo, Artesão do Inverno? — Ela perguntou e seus Terceiros Pensamentos, de volta onde deveriam estar, comentaram: É *incrível, você pode até ver sua própria respiração no ar.*

— Isso é um aviso? — Tiffany gritou. — O que você quer?

Você para minha noiva, disse o Artesão do Inverno. As palavras apenas chegaram à sua memória.

Os ombros de Tiffany afundaram.

Você sabe que isso não é real, disseram seus Terceiros Pensamentos. Mas pode ser a sombra de algo real...

Eu não deveria ter deixado Vovó Cera-do-Tempo mandar Rob Qualquerum embora assim...

— Disgraça! Quebrei meu costado! gritou uma voz atrás dela. — E então houve o clamor de sempre:

— É costados que fala, seu doido!

— Sério? pois só cunsegui achar um!

— Baixa a prancha grande! Wullie Doido acabou de cair na água!

— O grande burro! Eu disse a ele, apenas um tapa-olho! Com um a-canoa-virou-rema-rema-aí e assim por diante...

Feegles irromperam da cabine atrás de Tiffany e Rob Qualquerum parou na frente dela enquanto o resto passava. Ele a saudou.

— Desculpe, estamos um pouco atrasados, mas tivemos que buscar os tapa-olhos —, disse ele. — Existe uma coisa chamada estilo, cê sabe.

Tiffany ficou sem palavras, mas apenas por um momento. Ela apontou. — Temos que impedir que este navio bata naquele iceberg!

— Só isso? Sem probrema! — Rob olhou além dela para o gigantesco

gigante de gelo e sorriu. — Ele tem seu nariz, certinho, hein?

— Apenas o detenha! Por favor? — Tiffany pediu.

— Certo, certo! Vamus lá, mininus!

Observar os Feegles trabalhando era como observar formigas, exceto que as formigas não usavam kilts e gritavam "disgraça!" o tempo todo. Talvez fosse porque eles pudessem fazer uma palavra render tanto que pareciam não ter nenhum problema com as ordens do Marujo Alegre. Eles se espalharam pelo convés. Cordas misteriosas foram puxadas. As velas se moviam e ondulavam ao som de "Para se fumar bem!" e "Disgraça!"

Agora o Artesão do Inverno quer se casar comigo, pensou Tiffany. Oh, meu Deus.

Ela às vezes se perguntava se um dia se casaria, mas estava certa de que agora era muito cedo para "um dia". Sim, sua mãe se casou quando ela ainda tinha quatorze anos, mas isso era o tipo de coisa que acontecia antigamente. Havia muitas coisas a serem feitas antes de Tiffany se casar, ela sempre foi muito clara sobre isso.

Além disso, quando você pensava sobre a coisa... Ichhh. Ele nem era sequer uma pessoa. E era também muito...

Poooff fez o vento nas velas. O navio rangeu e se inclinou e todos gritavam para ela. Principalmente, gritavam: — o timão! Pegue o timão agora mesmo! — embora também houvesse um desesperado — Para se fumar em qualquer tempo! — ali também.

Tiffany se virou para ver a roda do leme girando em um borrão. Ela tentou agarrá-lo e foi golpeada nos dedos pelos raios, mas havia um pedaço de corda enrolada por perto e ela conseguiu laçar o timão com um laço e fazê-lo parar sem deslizar muito ao longo do convés. Então, ela agarrou o timão e tentou girá-lo para o outro lado. Era como empurrar uma casa, mas ela se movia, muito lentamente a princípio e depois mais rápido quando começou a usar o próprio corpo como contrapeso.

O navio deu a volta. Ela podia senti-lo se movendo, começando a se afastar

um pouco do iceberg, não indo diretamente para ele. Bom!

Finalmente as coisas estavam indo bem! Ela girou a roda do leme um pouco mais e agora a enorme parede fria estava deslizando, enchendo o ar de névoa. Tudo ficaria bem depois...

O navio atingiu o iceberg.

Tudo começou com um som de algo se quebrando! Uma longarina se prendeu em um afloramento, mas logo outras se quebraram quando o navio raspou ao longo da lateral do gelo. Então houve alguns ruídos agudos de estilhaços enquanto o navio seguia em frente e pedaços de tábuas se ergueram em colunas de água e espuma. O topo de um mastro quebrou, arrastando velas e o cordame a elas atado. Um pedaço de gelo espatifou-se no convés a poucos metros de Tiffany, cobrindo-a com estilhaços.

— Não seria bem assim que deveria acontecer! — ela ofegou, agarrando-se ao timão.

Case comigo, disse o Artesão do Inverno.

A água branca agitada rugiu através do navio a pique. Tiffany conseguiu manter-se por mais alguns momento; então a onda fria a cobriu... exceto que de repente não estava mais frio, mas sim quente. Mas isso ainda a impedia de respirar. Na escuridão, ela tentou abrir caminho para a superfície, até que a escuridão foi repentinamente afastada, seus olhos se encheram de luz e uma voz disse: — Tenho certeza de que esses colchões são macios demais, mas você não pode culpar a senhora Ogg por isso.

Tiffany piscou. Ela estava na cama e uma mulher magra com cabelos ralos e um nariz bastante vermelho estava de pé ao lado dela.

— Você estava se revirando como uma louca —, disse a mulher, colocando uma caneca fumegante na mesinha ao lado da cama. — Um dia alguém vai sufocar, ouça o que estou dizendo.

Tiffany piscou novamente. Sei que eu deveria pensar, ó, foi apenas um sonho. Mas não foi apenas um sonho. Não um sonho que fosse meu.

— Que horas são? — Conseguiu dizer. — Quase sete —, Disse a mulher.

Tiffany empurrou os lençóis. — Já deveria estar de pé! A Senhora Ogg vai querer seu café da manhã!

— Eu diria que não. Eu levei para ela na cama há menos de dez minutos —, disse a mulher, dando uma olhada em Tiffany. — E eu estou indo para casa. — Ela fungou. — Beba seu chá antes que esfrie. — E com isso ela marchou em direção à porta.

— A Senhora Ogg está doente? — Perguntou Tiffany, procurando em todos os lugares por suas meias. Ela nunca tinha ouvido falar de alguém que não fosse realmente velho ou muito doente fazendo uma refeição na cama.

— Doente? Acho que ela nunca teve um dia de doença na vida —, disse a mulher, conseguindo sugerir que, em sua opinião, isso era injusto. Ela fechou a porta.

Até o chão do quarto era liso... não liso por séculos de pés que desgastaram as tábuas e tiraram todas as lascas, mas porque alguém o havia lixado e envernizado. Os pés descalços de Tiffany grudaram levemente nele. Não havia poeira à vista, nem teias de aranha em parte alguma. A sala era clara e fresca e exatamente o contrário de qualquer sala no chalé de uma bruxa.

— Vou me vestir —, disse ela para o ar. — Tem algum Feegles aqui?

— Ora, não —, disse uma voz debaixo da cama.

Houve alguns sussurros frenéticos e a voz disse: — Isso qué dizê que quase não há nenhum de nóis aqui.

— Então fechem seus olhos —, disse Tiffany.

Ela se vestiu, tomando goles ocasionais do chá enquanto o fazia. Chá trazido para a sua cabeceira quando você não estava doente? Esse tipo de coisa só acontecia com reis e rainhas!

E então ela notou o hematoma em seus dedos. Não doía nada, mas a pele estava azul onde a roda do leme do navio a havia atingido. Certo...

— Feegles? — Ela disse.

— disgraça, cê não vai nos enganar uma segunda vez —, disse a voz debaixo da cama.

— Saia para onde eu possa te ver, Wullie Doido! — Tiffany ordenou.

— É bruxaria di verdade, senhorita, do jeito que você sempre sabe que sou eu.

Depois de alguns sussurros mais urgentes, Wullie doido — pois era de fato ele — saiu com mais dois Feegles e Horácio, o queijo.

Tiffany os fitou, espantada. Tudo bem, ele era um queijo azul, só que ele estava mais ou menos da mesma cor que um Feegle. E ele agia como um Feegle, sem dúvida. Por que, porém, ele tinha uma tira suja de xadrez Feegle em volta dele?

— Ele meio que encontrou a gente —, disse Wullie Doido, colocando o braço em volta de Horácio o máximo possível. — Posso ficar com ele? Ele entende cada palavra que eu digo!

— Isso é incrível, porque eu não —, disse Tiffany. — Olha, estávamos em um naufrágio na noite passada?

— Ah, certu. Tipassim.

— Tipo assim, mais ou menos? Foi real ou não foi?

— Oh, sim —, disse o Feegle nervosamente.

— Qual dos dois: real ou não real? — Tiffany insistiu.

— Meio real, e meio que não real, de uma forma realmente irreal —, disse Wullie Doido, se contorcendo um pouco.

— Vocês Feegles, estão bem?

— Ah sim, senhorita —, disse Wullie Doido, animando-se. — Sem probrema. Era apenas um navio dos sonhos em um mar dos sonhos, e depois um...

— E um iceberg dos sonhos? — disse Tiffany.

— Credo, não. O iceberg era real, madame.

— Achei que sim! Tem certeza?

— É. Somos bons em saber dessas coisas —, disse Wullie Doido. — É isso mesmo, rapazes? — Os outros dois Feegles, em total admiração por estarem na presença da grande Bruaca Piquininha Grandona sem a segurança de centenas de irmãos ao seu redor, acenaram para Tiffany e então tentaram se afastar, um atrás

do outro.

— Um iceberg de verdade com a minha forma está flutuando no mar? — Disse Tiffany horrorizada. — No meio das rotas de navegação?

— É. Pode ser —, Wullie Doido disse.

— Vou me meter em tantos problemas! — disse Tiffany, levantando-se. Houve um estalo e a ponta de uma das tábuas do assoalho saltou do chão e ficou pendurada ali, quicando para cima e para baixo com o barulho de uma cadeira de balanço. Tinha Arrancado dois grandes pregos. — E agora isso —, Tiffany disse fracamente. Porém Feegles e Horácio já haviam sumido.

Atrás de Tiffany, alguém riu, embora talvez fosse mais que uma risada; era profunda e autêntica e com apenas um indício de que talvez alguém tivesse contado uma piada grosseira.

— Nem correm muito estes diabinhos, não é? — disse Tia Ogg, entrando no quarto. — Então, Tiff, quero que você se vire devagar e vá se sentar na sua cama com os pés fora do chão. Pode fazer isso?

— Claro, senhora Ogg —, disse Tiffany. — Olha, me desculpe por...

— Bá, o que é mais ou menos uma tábua do assoalho? — Disse Tia Ogg. — Estou muito mais preocupada com Esmê Cera-do-Tempo. Ela disse que poderia haver algo assim! Rá, ela estava certa e a Senhorita Umaturga estava errada! Não haverá como conviver com ela depois disso! Ela vai ficar com o nariz levantado, seus pés nem vão tocar no chão! — Com um som do tipo "spioioioiiin", outra tábua do assoalho levantou-se.

— E pode ser uma boa ideia se seus pés também não, senhorita —, Tia Ogg acrescentou. — Estou de volta em um minuto.

Acabou sendo que o minuto teve a duração de vinte e sete segundos, quando Tia voltou carregando um par de chinelos rosa-choque com coelhinhos neles.

— Meu segundo melhor par —, ela disse enquanto, atrás dela, uma prancha fazia "plunc!" e atirava quatro grandes pregos na parede oposta. Das tábuas que haviam se levantado começava a brotar o que se parecia muito com folhas. Elas eram finas e débeis, mas folhas sem a menor dúvida.

— Sou eu que estou fazendo isso? — Perguntou Tiffany nervosamente,

— Ouso dizer que Esmê vai querer contar tudo a você pessoalmente —, disse Tia Ogg, ajudando Tiffany a calçar os chinelos. — Mas o que você tem aqui, senhorita, é um caso grave de *Ped Fecundis*. — No fundo da memória de Tiffany, o Doutor Sensibilidade Alvoroço, D.M. Phil., B.L S, agitou-se em seu sono por um momento e cuidou da tradução.

— Pés férteis? — Disse Tiffany.

— Muito bem! Eu não esperava que nada acontecesse com as tábuas do assoalho, veja bem, mas faz sentido quando você pensa sobre isso. Afinal, eles são feitos de madeira, então eles estão tentando crescer.

— Senhora Ogg? — disse Tiffany.

— Sim?

— Por favor? Não tenho a menor ideia do que você está falando! Eu mantenho meus pés muito limpos! E acho que sou um iceberg gigante!

Tia Ogg deu a ela um olhar cuidadoso e gentil. Tiffany olhou para os olhos escuros e brilhantes. *Não tente enganá-la ou ocultar qualquer coisa destes olhos*, diziam seus Terceiros Pensamentos. Todo mundo dizia que ela era a melhor amiga de Vovó Cera-do-Tempo desde que eram meninas. E isso significa que sob todas quelas rugas devia haver nervos de aço.

— A chaleira está lá embaixo —, disse a Tia alegremente. — Por que você não desce e me conta tudo sobre isso?

Tiffany havia procurado "piranha" no Dicionário Não-Expurgado e descobrira que significava "uma mulher que não é melhor do que deveria ser" e "uma dama de virtude fácil". Isso, ela decidiu depois de um pouco de trabalho, significava que a Senhora Gytha Ogg, conhecida como Tia, era uma pessoa muito respeitável. Primeiro, possuía virtude fácil. E se ela não era melhor do que deveria ser, então ela era tão boa quanto deveria ser.

Ela tinha a sensação de que a Senhorita Traição não quis dizer exatamente isto, mas você não podia argumentar com a lógica.

Tia Ogg era boa para ouvir, pelo menos. Ela ouviu como uma grande orelha grande e antes que Tiffany percebesse, ela estava contando tudo a ela. Tudo. Tia Ogg ficava sentada no lado oposto da grande mesa da cozinha, fumando suavemente um cachimbo com um ouriço esculpido. Às vezes ela fazia uma pequena pergunta como "Por que isso?" ou "E então, o que aconteceu?" e elas começavam novamente. O sorrisinho amigável da Tia poderia arrancar de você coisas que você não sabia que sabia.

Enquanto elas conversavam, os Terceiros Pensamentos de Tiffany examinavam a sala com o canto dos olhos.

Era maravilhosamente limpo e brilhante, e havia enfeites por toda parte...baratos, alegres, do tipo que tem coisas como "Para a melhor mãe do mundo" neles. E onde não havia enfeites, havia pinturas de bebês, crianças e famílias.

Tiffany pensava que apenas pessoas de cabedal viviam em casas como esta. Havia lamparinas a óleo! Havia uma banheira, feita de lata, convenientemente pendurada em um gancho do lado de fora da latrina! Na verdade, havia uma bomba dentro de casa! Mas Tia Ogg andava por aí com seu vestido preto bastante gasto, nada grandioso.

Da melhor cadeira da sala dos enfeites, um grande gato cinza observava Tiffany com um olho entreaberto que brilhava com absoluta maldade. A babá se referiu a ele como Greebo... – não se importe com ele, ele é apenas um grande e velho molenga – ; porém Tiffany captou o suficiente para interpretar como "ele vai enfiar as garras na sua perna se você chegar perto dele".

E Tiffany falou como nunca havia falado com ninguém antes. *Deve ser uma espécie de mágica*, concluíram seus Terceiros Pensamentos. Bruxas logo aprendem a controlar as pessoas com suas vozes, mas Tia Ogg *ouvia* a você.

— Este rapaz Roland, que não é seu rapaz —, disse Tia Ogg, quando Tiffany fez uma pausa para respirar. — Pensa em se casar com ele, não é?

Não minta, seus Terceiros Pensamentos insistiram.

— Eu... bem, sua mente vem com todos os tipos de coisas quando você não está prestando atenção, não é? — disse Tiffany. — Não é como pensar. De qualquer forma, todos os outros garotos que conheci apenas olham para seus pés estúpidos! Petúlia diz que é por causa do chapéu.

— Bom, tirar ajuda —, disse Tia Ogg. — Veja bem, o corpete decotado também funcionava quando eu era menina. Paravam de olhar para seus pés estúpidos, não me importo de dizer a você!

Tiffany viu os olhos escuros fixos nela. Ela começou a rir. O rosto da senhora Ogg se abriu em um enorme sorriso que deveria ter sido contido por uma questão de decência pública e, por algum motivo, Tiffany se sentiu muito melhor. Ela passara em algum tipo de teste.

— Veja bem, isso provavelmente não funcionaria com o Artesão do Inverno, é claro —, disse Tia Ogg e a escuridão voltou a cair.

— Não me importei com os flocos de neve —, disse Tiffany. — Mas o iceberg... acho que foi um pouco demais.

— Se exibindo na frente das meninas —, disse a Tia, fumando seu cachimbo de ouriço. — Sim, eles fazem isso.

— Mas ele pode matar pessoas!

— Ele é o Inverno. É o que ele faz. Acredito que ele está um pouco em apuros porque ele nunca se apaixonou por uma humana antes.

— Apaixonado?

— Bem, ele provavelmente pensa que está.

Mais uma vez os olhos a observaram atentamente.

— Ele é um elemental e eles são simples, na verdade —, continuou Tia Ogg. — Mas ele está tentando ser humano. E isto é complicado. Estamos cheios de coisas que ele não entende... não consegue entender, na verdade. A raiva, por exemplo. Uma nevasca nunca está brava. A tempestade não odeia as pessoas que morrem nela. O vento nunca é cruel. Mas quanto mais ele pensa em você, mais ele tem que lidar com sentimentos como esse e não há nada que possa ensiná-lo. Ele

não é muito esperto. Ele nunca teve que ser. E o interessante é que você também está mudando... — Houve uma batida na porta. Tia Ogg levantou-se e abriu. Vovó Cera-do-Tempo estava lá, com a Senhorita Umaturga espiando por sobre seu ombro.

— Que bênçãos caíam sobre esta casa —, disse Vovó, mas com uma voz que sugeria que, se as bênçãos precisassem ser retiradas, ela também poderia fazer isso.

— Muito provavelmente —, disse Tia Ogg.

— É *Ped Fecundis*, então? — Vovó acenou com a cabeça para Tiffany.

— Parece um caso grave. As tábuas do assoalho começaram a crescer depois que ela passou por cima delas descalça.

— Rá! Você deu a ela alguma coisa para isso? — Perguntou Vovó.

— Eu receitei um par de chinelos.

— Eu realmente não vejo como a avatarização pode estar acontecendo, não quando estamos falando de elementais, não faz... — começou a Senhorita Umaturga.

— Pare de tagarelar, Senhorita Umaturga —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Percebi que você fica mais falante quando as coisas dão errado e isso não está ajudando.

— Não quero preocupar a criança, só isso —, disse Senhorita Umaturga. Ela pegou a mão de Tiffany, deu um tapinha nela e disse: — Não se preocupe, Tiffany, nós vamos...

— Ela é uma bruxa —, disse a vovó severamente. — Só temos que contar a verdade a ela.

— Você acha que estou me transformando em uma... uma deusa? — disse Tiffany.

Valeu a pena ver seus rostos. A única boca que não estava em O era a de Vovó Cera-do-Tempo, que estava sorrindo. Ela parecia alguém cujo cachorro acabara de fazer um bom truque.

— Como você descobriu isso? — Vovó perguntou.

O Doutor Alvoroço teve um palpite: Avatar, a encarnação de um deus. Mas

não vou lhe contar isso, pensou Tiffany. — Bem, eu sou? — perguntou.

— Sim —, disse Vovó Cera do Tempo. — O Artesão do Inverno pensa que você é... ah, ela tem muitos nomes. A Dama das Flores é um dos mais simpáticos. Ou a Dama do Verão. Ela faz acontecer o verão, como ele faz acontecer o inverno. Ele acha que você é ela.

— Tudo bem —, disse Tiffany. — Mas sabemos que ele está errado, não é?

— Hmmm... não tão errado quanto gostaríamos —, disse a Senhorita Umaturga.

A maioria dos Feegles havia acampado no celeiro de Tia Ogg, onde estavam realizando um conselho de guerra, exceto que era sobre algo que não era exatamente a mesma coisa.

— O que temos aqui —, disse Rob qualquerum, — é um caso de romance.

— Quequéissu, Rob? — Perguntou um Feegle.

— Certu, é como os bebês são feitos? — Perguntou Wullie Doido. — Cê contou sobre isso no ano passado. Foi muito do interessante, mas um pouco dimais para minha mente.

— Não exatamente —, disse Rob Qualquerum. — É pouquim difícil de explicar. Mas acho que a Artesão do Inverno quer namorar a Bruaca Piquininha Grandona e ela não sabe o que fazer a respeito.

— Então é como os bebês são feitos? — Perguntou Wullie Doido.

— Não, porque até us bichu sabe disso, mas só as p´ssoas sabe sobre romance —, disse Rob. — Quando um touro bichu encontra uma senhora vaca bichu, ele não precisa dizer: "Meu coração bate bang-bang-bang quando vejo seu rostinho", porque é meio que embutido nas cabeças delis. Com as p´ssoas é mais difícil. Fazer romance é muito do importanti cêis sabe. Basicamente, é uma maneira de o garoto se aproximar da garota sem qu" ela arranqui us zóiu dele.

— Não vejo como nóis podemo ensinar essas coisas a ela —, disse Angus

Ligeiramente Louco.

— A Bruaca Piquininha Grandona lê livros —, disse Rob Qualquerum. — Quando ela vê um livro, ela simplesmente não consegue evitar. Acontece qui eu —, acrescentou com orgulho, — tenho um plano.

Os feegles relaxaram. Eles sempre se sentiam mais felizes quando Rob tinha um plano, especialmente porque a maioria dos seus planos se resumia a gritar e correr para alguma coisa.

— Fala pra nóis sobre o Plano, Rob —, disse Yan Grande.

— Ainda bem que cê me perguntou —, disse Rob. — O plano é: vamos encontrar para ela um livro sobre romance.

— E como nóis vamos encontrar esse livro, Rob? — Perguntou Billy Queixudo incerto. Ele era um *gonnagle* leal, mas também era inteligente o suficiente para ficar nervoso sempre que Rob Qualquerum tinha um plano.

Rob Qualquerum acenou com a mão. — Oras —, disse, — Nóis já conheci essi truque! O que pricisamos é d´um chapéu grande, um casaco, um cabide e um cabo de vassoura!

— Ah, mesmo? — Disse Yan Grande. — Tá, só que eu num queru ficar abaixu do joelho di novu!

Com as bruxas tudo é um teste. É foi por isso que elas testaram os pés de Tiffany.

Aposto que sou a única pessoa no mundo prestes a fazer isso, ela pensou enquanto abaixava os dois pés em uma bandeja de terra que a Babá havia recolhido às pressas. Vovó Cera-do-Tempo e a Senhorita Umaturga estavam ambas sentadas em cadeiras de madeira nua, enquanto o gato cinza Greebo ocupava toda uma grande poltrona macia. Você não iria querer acordar Greebo quando ele queria dormir.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou a Senhorita Umaturga.

— Está um pouco frio, só isso... ah... algo está acontecendo.

Brotos verdes apareceram ao redor de seus pés e cresceram rapidamente. Então ficaram brancos na base e gentilmente empurraram os pés de Tiffany para o lado quando começaram a inchar.

— Cebolas? — disse Vovó Cera-do-Tempo com desdém.

— Bem, foram as únicas sementes que consegui encontrar rapidamente —, disse Tia Ogg, cutucando os bulbos brancos brilhantes. — Bom tamanho. Muito bem, Tiff.

Vovó parecia chocada. — Você não vai comer isso, vai, Gytha? — Ela disse acusadoramente. — Você está querendo, não está? Você vai comê-las!

Tia Ogg, de pé com um molho de cebolas em cada mão gorducha, pareceu culpada, mas apenas por um momento.

— Por que não? — Ela disse com firmeza. — Legumes frescos não devem ser desprezados no inverno. E de qualquer maneira, os pés dela estão com boa aparência e limpos.

— Não é apropriado —, disse a Senhorita Umaturga.

— Não doeu —, disse Tiffany. — Tudo o que precisei fazer foi colocar os pés na bandeja por um momento.

— Sim, ela disse que não doeu —, insistiu Tia Ogg. — Agora, acho que devo ter algumas sementes velhas de cenoura na gaveta da cozinha... — Ela viu as expressões nos rostos das outras. — Tudo bem, tudo bem, então. Não precisar me olhar assim —, disse ela. — Eu só estava tentando ver o lado positivo, só isso.

— Alguém, por favor, me diga o que está acontecendo comigo? — Tiffany gemeu.

— A Senhorita Umaturga vai lhe dar a resposta em algumas palavras longas —, disse Vovó. — Mas elas se resumem a isso: é a história acontecendo. E está fazendo você se encaixar nela.

Tiffany tentou não parecer alguém que não entendia uma palavra do que acabara de ouvir.

— Eu não reclamaria se houvesse um pouco mais de detalhes, eu acho —,

disse ela.

— Acho que vou preparar um chá —, disse Tia Ogg.



CAPÍTULO SETE
QUE A DANÇA CONTINUE

O Artesão do Inverno e a Dama do Verão... dançavam. A dança nunca acabava.

O Inverno nunca morre. Não como as pessoas morrem. Pendura-se na geada tardia e no cheiro do outono em uma noite de verão e no calor foge para as montanhas.

O Verão nunca morre. Ele afunda no chão; nas profundezas, brotos de inverno se formam em locais protegidos e brotos brancos rastejam sob folhas mortas. Parte dela foge para os desertos mais profundos e quentes, onde há um

verão que nunca acaba. Para os animais, eles eram apenas o clima, apenas parte de tudo.

Mas os humanos surgiram e deram-lhes nomes, assim como as pessoas encheram o céu estrelado de heróis e monstros, porque isso os transformou em histórias. E os humanos adoravam histórias, porque uma vez que você transformasse as coisas em histórias, você poderia mudar as histórias. E aí estava o problema, bem aí.

Agora, a Dama e o artesão do inverno dançavam o ano todo, trocando de lugar na primavera e no outono, e funcionou por milhares de anos, até o momento em que uma garota não conseguia controlar os pés e chegou à dança exatamente no momento errado.

Mas a História também tinha vida. Era como uma peça agora. Iria rolar todo o ano e se um dos que atuavam não fosse a atriz de verdade, mas apenas uma garota que vagava pelo palco, bem, isso era uma pena. Ela teria que vestir a fantasia e dizer as falas e torcer para que houvesse um final feliz. Mude a história, mesmo que não seja sua intenção e a história mudará você.

A Senhorita Umaturga usou muito mais palavras do que isso, como por exemplo "personificação antropomórfica", mas foi isso que acabou na cabeça de Tiffany. Então:

— Então ... eu não sou uma deusa? — disse.

— Oh, eu gostaria de ter um quadro-negro. — A Senhorita Umaturga suspirou. — Eles realmente não sobrevivem à água e é claro que o giz fica tão encharcado...

— O que achamos que aconteceu na Dança —, Vovó Cera-do-Tempo começou em voz alta, — é que você e a Dama do Verão foram... mescladas.

— Mescladas?

— Você pode ter alguns dos talentos dela. O mito da Dama do Verão diz que as flores crescem por qualquer lugar aonde ela ande —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Por qualquer lugar "onde" ela ande —, disse a Senhorita Umaturga

afetadamente.

— O que? — Vociferou Vovó, que agora andava de um lado para o outro na frente do fogo.

— É "qualquer lugar onde ela ande," de fato —, disse a Senhorita Umaturga. — Fica mais... poético.

— Rá —, disse Vovó. — Poesia!

Vou ter problemas com isso? Tiffany se perguntou. — E quanto à verdadeira Dama do Verão? Ela vai ficar zangada? — Perguntou.

Vovó Cera-do-Tempo parou de andar e olhou para a Senhorita Umaturga, que disse: — Ah, sim... é... estamos explorando todas as possibilidades...

— Isso significa que não sabemos —, disse Vovó. — Essa é a verdade. Isso é sobre deuses, entende? Mas sim, já que você pergunta, eles podem ser um pouco sensíveis.

— Eu não a vi na dança —, disse Tiffany.

— Você viu o Artesão do Inverno?

— Bem... não —, disse Tiffany. Como ela poderia descrever aquele momento maravilhoso, infinito, dourado e giratório? Estava além de corpos e pensamentos. Mas soou como se duas pessoas tivessem dito: "Quem é você?" Ela calçou as botas. — Hmm... onde ela está agora? — ela perguntou enquanto amarrava os cadarços. Talvez fosse o caso dela ter que sair correndo.

— Ela provavelmente voltou para o submundo por conta do inverno. A Dama do Verão não anda acima do solo no inverno.

— Até agora —, disse Tia Ogg alegremente. Ela parecia estar gostando daquilo.

— Ah, a senhora Ogg acaba de chamar a atenção para outra faceta do problema —, disse a Senhorita Umaturga. — O, hum, Artesão do Inverno e a Dama do Verão são, hum, quer dizer, eles nunca... — Ela olhou implorando para Tia Ogg.

— Eles nunca se encontram, exceto na Dança —, disse a Tia. — Mas agora aqui está você e você é sentida como a Dama do Verão para ele, andando por aí

tão ousada quanto uma fogueira no inverno, então você pode estar... como posso colocar isto...?

— ... excitando as propensões românticas dele —, disse a Senhorita Umaturga rapidamente.

— Eu não descreveria desta maneira —, disse Tia Ogg.

— Sim, eu suspeito que você não o faria! — Disse Vovó. — Suspeito que você estava prestes a usar uma *Linguagem* mais crua!

Tiffany definitivamente ouviu o "L" maiúsculo, o que sugeria inteiramente que a linguagem na qual ela estava pensando não deveria ser pronunciada em companhia educada.

Tia Ogg se levantou e tentou parecer arrogante, o que é difícil de fazer quando você tem uma cara de maçã feliz.

— Na verdade, eu ia chamar a atenção de Tiff para isso —, disse ela, tirando um enfeite da lareira lotada. Era uma casa pequena. Tiffany já havia olhado para ele antes; tinha duas portinhas na frente e no momento, um homenzinho de madeira com cartola.

— Chama-se casa do tempo —, disse a Tia, entregando-o a Tiffany. — Não sei como funciona; tem um barbante especial ou algo assim. Mas tem um homenzinho de madeira que sai quando vai chover e uma mulherzinha de madeira que sai quando vai fazer sol. Mas eles estão sobre uma pequena coisa giratória, vê? Eles nunca podem sair ao mesmo tempo, percebe? Nunca. E, não posso deixar de pensar, quando o tempo está mudando, se o homenzinho vê a mulherzinha com o canto do olho e se pergunta...

— Isso é sobre sexo? — perguntou Tiffany.

A Senhorita Umaturga olhou para o teto. Vovó Cera-do-Tempo pigarreou. Tia Ogg deu uma gargalhada que teria embaraçado até o homenzinho de madeira.

— Sexo? — Disse. — Entre o Artesão do Inverno e a Dama do Verão? É uma coisa para se pensar.

— Não... pense ... sobre isto —, disse Vovó Cera-do-Tempo severamente. Ela se virou para Tiffany. — Ele é fascinado por você, é isso. E não sabemos quanto

do poder da Dama do Verão está em você. Ela pode estar bastante fraca. Você terá que ser um verão no inverno até que o inverno termine, — Ela acrescentou categoricamente. — Isso é justiça. Sem desculpas. Você fez uma escolha. Você tem o que escolhe.

— Eu não poderia simplesmente ir procurá-la e pedir desculpas...? — Tiffany começou.

— Não. Os velhos deuses não gostam muito de "desculpe" —, disse a vovó, andando de um lado para o outro de novo. — Eles sabem que é apenas uma palavra.

— Você sabe o que eu penso? — Disse Tia Ogg. — Eu acho que ela está Vigiando você, Tiff. Ela está dizendo para si mesma: "Quem é essa jovem madame presunçosa que está andando com meus sapatos? Bem, vamos fazê-la andar uma milha com eles para ver se ela gosta!"

— Senhora Ogg, pode ter alguma coisa aí —, disse a Senhorita Umaturga, que estava folheando a Mitologia de Tentilhão. — Os deuses esperam que você pague pelos seus erros.

Tia Ogg cutucou a mão de Tiffany. — Se ela quer ver o que você pode fazer, mostre a ela o que você pode fazer, Tiff, hein? Esse é o caminho! Surpreenda-a!

— Quer dizer a Dama do Verão? — disse Tiffany. Tia Ogg piscou.

— Oh, e a Dama do Verão, também!

Houve o que parecia muito com o início de uma risada da Senhorita Umaturga, antes que a vovó Cera-do-Tempo a fitasse intensamente.

Tiffany Suspirou. Era muito bom falar sobre escolhas, mas ela não tinha escolha aqui.

— Tudo bem. O que mais posso esperar além de... bem, os pés?

— Estou, hmmm, checando —, disse a Senhorita Umaturga, ainda folheando o livro. — Ah... diz aqui que ela era, quero dizer é, mais bela do que todas as estrelas do céu.

Todas olharam para Tiffany.

— Você poderia tentar fazer alguma coisa com o cabelo —, disse Tia Ogg

depois de um tempo.

— Alguma coisa, como? — Perguntou Tiffany.

— Como qualquer coisa, na verdade.

— Além dos pés e fazer algo com meu cabelo —, disse Tiffany bruscamente, — há mais alguma coisa?

— Diz aqui, citando um manuscrito muito antigo: "Ela desperta as ervas em abril e enche as colmeias com doce de mel" —, relatou a Senhorita Umaturga.

— E como eu faço isso?

— Não sei, mas suspeito que isso aconteça de qualquer maneira —, disse a Senhorita Umaturga.

— E a Dama do Verão fica com o crédito?

— Acho que ela só precisa existir para que isso aconteça, sério —, disse a Senhorita Umaturga.

— Mais alguma coisa?

— Hum, sim. Você tem que garantir que o inverno termine —, disse a Senhorita Umaturga. — E, claro, lidar com o Artesão do Inverno.

— E como eu faço isso?

— Achamos que você só precisa... estar lá —, disse Vovó Cera-do-Tempo. — Ou talvez você saiba o que fazer quando chegar a hora.

Miau.

— Estar onde? — disse Tiffany.

— Em toda parte. Em qualquer lugar.

— Vovó, seu chapéu fez um som estranho —, disse Tiffany. — Tipo "miau"!

— Não, ele não fez —, disse Vovó, feroz.

— Fez, você sabe —, disse Tia Ogg. — Eu também ouvi.

Vovó Cera-do-Tempo grunhiu e tirou o chapéu. A gatinha branca, enrolada em seu coque apertado, apertou os olhos por conta da luz.

— Não posso evitar —, Vovó murmurou. — Se eu deixar a maldita coisa sozinha, ela vai para debaixo da cômoda e chora e chora. — Ela olhou para os outros como se os desafiasse a dizer qualquer coisa. — De qualquer forma —, ela

acrescentou, — mantém minha cabeça quente.

Em sua cadeira, a fenda amarela do olho esquerdo de Greebo se abriu preguiçosamente. — Já pra baixo, *Você* —, disse Vovó, levantando o gatinho de sua cabeça e colocando-o no chão. — Acho que a senhora Ogg tem um pouco de leite na cozinha.

— Não muito —, disse a Tia. — Eu juraria que tem alguma coisa bebendo todo o leite!

O olho de Greebo se abriu completamente e ele começou a rosnar baixinho. — Tem certeza do que está fazendo, Esmê? — disse Tia Ogg, pegando uma almofada para jogar. — Ele é muito ciumento de seu território.

Você, a gatinha, sentou-se no chão e começou a limpar suas orelhas com a pata. Então, quando Greebo se levantou, ela o encarou com um olhar inocente e deu um pulo voando em seu nariz, aterrissando nele com todas as suas garras para fora.

— Ela também —, disse Vovó Cera-do-Tempo, enquanto Greebo saltava da cadeira e corria pela sala antes de desaparecer na cozinha. Houve um estrondo de panelas seguido pelo barulho da tampa de uma panela girando em silêncio no chão.

A gatinha voltou para a sala, pulou na cadeira vazia e se enrolou.

— Ele trouxe meio lobo pra casa na semana passada —, disse Tia Ogg. — Você não andou "bruxesperimentando"[10] na pobre gatinha, andou?

— Eu nem sonharia em fazer uma coisa dessas —, disse Vovó. — Ela só sabe o que quer, só isso. — Ela se virou para Tiffany. — Não acredito que o Artesão do Inverno vá se preocupar muito com você por um tempo —, disse ela. — O grande inverno de verdade chegará em breve. Isso o manterá ocupado. Enquanto isso, a senhora Ogg vai te ensinar... coisas que ela conhece.

E Tiffany pensou, de si para si, o quão embaraçoso aquilo seria.

---

[10] bruxesperimentos: usar magia apenas para ver o que acontece.

No meio da neve, no meio de um pântano varrido pelo vento, um pequeno grupo de bibliotecários viajantes sentou-se ao redor de seu fogão esfriando e se perguntou o que queimar a seguir.

Tiffany nunca conseguiu descobrir muito sobre os bibliotecários. Eles eram um pouco como os padres e professores errantes que iam até mesmo nas menores e mais solitárias aldeias trazendo até elas aquelas coisas — orações, remédios, fatos — que as pessoas poderiam dispensar por semanas a fio, mas às vezes precisavam de muito de uma só vez. Os bibliotecários emprestavam um livro por um centavo, embora muitas vezes levassem comida ou boas roupas de segunda mão. Se você desse um livro a eles, conseguiria dez empréstimos gratuitos.

Às vezes você via duas ou três carroças estacionadas em alguma clareira e sentia o cheiro das colas que ferviam para consertar os livros mais antigos. Alguns dos livros que eles emprestaram eram tão velhos que a impressão estava esbranquiçada pela pressão dos olhos das pessoas que os liam.

Os bibliotecários eram misteriosos. Dizia-se que eles podiam dizer de que livro você precisava apenas olhando para você e podiam te fazer calar com apenas uma palavra.

Mas lá estavam eles, procurando nas prateleiras o famoso livro de T. H. Pegarrato, *Sobrevivendo na neve*.

As coisas estavam ficando desesperadoras. Os bois que puxavam a carroça

haviam rompido as amarras e fugido na nevasca, o fogão estava quase apagado e, pior de tudo, estavam com as últimas velas acesas, o que significava que logo não conseguiriam ler livros.

— Está escrito aqui em *Entre as Doninhas da Neve*, de K. Pierpoint Poundsworth, que os membros da malfadada expedição à Baía da Baleia sobreviveram fazendo sopa com os próprios dedos dos pés —, disse o vice-bibliotecário Grizzler.

— Isso é interessante —, disse o Bibliotecário Sênior Swinsley, que estava

remexendo na prateleira mais abaixo. — Tem uma receita aí?

— Não, mas pode haver algo no livro *Cozinhando em Meio a Apuros* de Supérflua Corvo. Foi daí que pegamos a receita de ontem para a surpresa nutritiva de meias fervidas... — Houve uma batida estrondosa na porta. Era uma porta de duas partes que permitia apenas a abertura da metade superior, de modo que uma saliência na metade inferior pudesse ser uma espécie de escrivaninha para carimbar livros. A neve entrou pela fenda enquanto as batidas continuavam.

— Espero que não sejam os lobos de novo —, disse o Sr. Grizzler. — Não dormi nada ontem à noite!

— Eles costumam bater? Poderíamos verificar *Os Hábitos dos Lobos*, do Capitão W. E. Levinho —, disse o Bibliotecário Sênior Swinsley, — ou talvez você pudesse simplesmente abrir a porta? Bem agorinha! As velas estão se apagando!

Grizzler abriu a metade superior da porta. Havia uma figura alta nos degraus, difícil de se ver no luar irregular e nublado.

— Estou procurando por Romance —, rugiu.

O Bibliotecário Adjunto pensou por um momento e então disse: — Não está um pouco frio aí fora?

— Cês num são as pessoas que mexe com todos esses livros? — A figura exigiu saber. — Sim, de fato... oh, Romance! Sim certamente! — Disse o Sr. Swinsley, parecendo aliviado. — Nesse caso, acho que você vai querer conversar com a senhorita Jenkins. Um passo à frente, por favor, senhorita Jenkins.

— Parece que a casa tá congelanu aí dentro —, disse a figura. — Tem pingente di gelo pindurados no teto.

— Sim. É, mas conseguimos mantê-los fora dos livros —, disse o Sr. Swinsley. — Ah, senhorita Jenkins. O, hmmm, cavalheiro está procurando Romance. Seu departamento, eu acho.

— Sim, senhor —, disse a senhorita Jenkins. — Que tipo de romance você está procurando?

— Oh, um com uma capa, você sabe, e com páginas com todas as palavrinhas nelas —, disse a figura.

A senhorita Jenkins, acostumada com esse tipo de coisa, desapareceu na escuridão do outro lado do vagão.

— Esses tipu são totalmente malucos! — disse uma nova voz. Parecia vir de algum lugar da pessoa do misteriosos emprestador de livros, mas muito mais abaixo da cabeça.

— Perdão? — Disse o senhor Swinsley.

— Ichh, sem probrema —, disse rapidamente a figura. — Tô sofrenu com uma coisa no joelho, é um problema antigo...

— Por qu´eles não estão queimanu todos os livros, hein? — O joelho invisível resmungou.

— Desculpe por isso, você sabe como os joelhos podem deixar um homem cair em público; sofro muito com isso —, disse o estranho.

— Eu sei como é isso. Meu cotovelo fica dolorido em tempo úmido —, disse o senhor Swinsley. Havia algum tipo de luta acontecendo nas regiões inferiores do estranho, que tremia como uma marionete.

— Isso vai custar um centavo —, disse a senhorita Jenkins. — E eu vou precisar do seu nome e endereço.

A figura escura estremeceu. — Oh, eu...nós nunca que damus nosso nome e endereço! — disse rapidamente. — É contra nossa religião, cê sabe. Hmm... Eu não queria fazê um caso disso, mas por que vocês estão todos aqui morrendo de frio aqui?

— Nossos bois se afastaram e, infelizmente, a neve é muito profunda para caminhar —, disse o senhor Swinsley.

— É. Mas você tem um fogão e todos aqueles livros secos —, disse a figura escura.

— Sim, nós sabemos —, disse o bibliotecário, parecendo confuso.

Houve o tipo de pausa miserável que você tem quando duas pessoas não vão entender o ponto de vista uma da outra. E então.

— Vou dizer uma coisa, eu e... meu joelho... irei buscar suas vacas para você, hein? — Disse a figura misteriosa. — Tem que valer um centavo, hein? Yan

Grande, você vai sentir o lado duro da minha mão em um minutim!

A figura sumiu de vista. A neve voou ao luar. Por um momento, parecia que uma briga estava acontecendo, e um som parecido com "disgraça!" sumiu na distância.

Os bibliotecários estavam prestes a fechar a porta quando ouviram o rugido apavorado dos bois, cada vez mais alto.

Duas ondas onduladas de neve atravessaram os pântanos brilhantes. As criaturas os cavalgavam como surfistas, gritando para a lua. A neve se acalmou a poucos metros da carroça. Houve um borrão azul e vermelho no ar e o livro romântico foi levado embora.

Mas o que era realmente estranho, concordaram os bibliotecários, era que quando os bois vinham correndo em sua direção, deram a impressão de estarem vindo de costas.

Era difícil ficar constrangida com Tia Ogg porque a risada dela afastava o embaraço. Ela não tinha vergonha de nada. Hoje Tiffany, com pares extras de meias para evitar infelizes incidentes florais, foi com ela "fazer a ronda", como era conhecido pelas bruxas.

— Já fez isto antes com a Senhorita Traição? — perguntou a Tia quando elas saíram. Havia nuvens grandes e gordas se aglomerando ao redor das montanhas; haveria muito mais neve esta noite.

— Oh sim. E com a Senhorita Plana e a Senhorita Afundada.

— Gostou, não é? — Disse Tia Ogg, envolvendo-se com a capa. — Às vezes; quero dizer, eu sei por que fazemos isso, mas às vezes você se cansa de as pessoas serem estúpidas. Eu gosto bastante de fazer as coisas de cura, de medicina.

— Você é Boa com a s ervas?

— Não. Eu sou *muito* boa com ervas.

— Oh, não há um pouco de ostentação aí, hein? — disse Tia Ogg.

— Se eu não soubesse que sou boa com ervas, seria estúpido, Senhora Ogg.

— Isso mesmo. Bom. É bom ser bom em alguma coisa. Agora, nosso próximo favorzinho que vamos fazer é...

.... dar banho numa velha senhora, tanto quanto possível com um par de bacias de estanho e alguns panos. E isto era bruxaria. Então deram uma olhada em uma mulher que tinha acabado de ter um bebê, e isso era bruxaria, e um homem com uma lesão muito feia na perna que Tia Ogg disse que estava indo muito bem, e isso também era bruxaria, e então em um grupo isolado de casinhas amontoadas, elas subiram as escadas de madeira apertadas até um pequeno quarto onde um velho atirou nelas com uma besta.

— Seu velho diabo, você ainda não morreu? — Disse Tia Ogg. — Parece bem melhor! Eu juro, o homem com a foice deve ter esquecido onde você mora!

— Estou esperando por ele, Senhora Ogg! — Disse o velho alegremente. — Quando eu tiver que partir vou levá-lo comigo!

— Esta é minha garota Tiff. Ela está aprendendo a bruxaria —, disse a Tia, levantando a voz. — Este é o Sr. Salsaporco, Tiff... Tiff? — Ela estalou os dedos na frente dos olhos de Tiffany.

— Ahn? — Disse. Ela ainda estava olhando horrorizada.

O zumbido do arco quando Tia Ogg abriu a porta foi ruim o bastante, mas por uma fração de segundo ela teria jurado que uma flecha atravessou Tia Ogg e se cravou no batente da porta.

— Que vergonha, Bill, atirar em uma jovem dama, assim —, disse a Tia severamente, afofando os travesseiros. — E a Sra. Dowser disse que você também atirou nela quando veio vê-lo —, acrescentou ela, colocando a cesta ao lado da cama. — Isso não é maneira de tratar uma mulher respeitável que traz suas refeições, é? Que vergonha!

— Desculpe, Tia —, murmurou o senhor Salsaporco. — É só que ela é magra como um graveto e se veste de preto. É fácil se confundir em uma luz ruim.

— O Senhor Salsaporco aqui está à espera da Morte, Tiff —, disse Tia ogg. — Madame Cera-do-Tempo ajudou você a fazer as armadilhas e flechas especiais,

não foi mesmo, Bill?

— Armadilhas? — Tiffany sussurrou. Tia Ogg apenas a cutucou e apontou para baixo. As tábuas do assoalho estavam cobertas de armadilhas ferozmente pontiagudas.

Todas elas desenhadas a carvão.

— Não é verdade, Bill? — Tia Ogg repetiu, levantando a voz. — Ela ajudou você com as armadilhas!

— Ajudou mesmo! — Disse o senhor Salsaporco. — Rá! Eu não gostaria de ficar do lado errado numa briga com ela!

— Certo, então nada de atirar flechas em ninguém, exceto em Morte, certo? Caso contrário, a Senhora Cera-do-Tempo nada fará mais para você —, disse a Tia, colocando uma garrafa na velha caixa de madeira que era a mesa de cabeceira do senhor Salsaporco. — Aqui está um pouco do seu xarope, recém-misturado. Onde ela disse para você guardar a dor?

— Está sentada aqui no meu ombro, senhora, sem problemas.

Tia Ogg o tocou no ombro e pareceu pensar por um momento. — Um emaranhado marrom e branco? meio que alongado?

— Isso mesmo, senhora —, disse o senhor Salsaporco, puxando a rolha da garrafa. — Ela se mexe lá e eu rio dela. — A rolha saiu. De repente, o quarto cheirava a maçãs.

— Está ficando maior —, disse Tia Ogg. — A senhora Cera-do-Tempo virá hoje à noite para levá-la embora.

— Como achar que é certo, senhora —, disse o velho, enchendo uma caneca até a borda.

— Tente não atirar nela, certo? Isso só a deixa furiosa.

Estava nevando de novo quando eles saíram da casa, grandes flocos lembrando penas que indicavam que a coisa ia ser séria.

— Acho que é tudo por hoje —, anunciou Tia Ogg. — Tenho coisas para cuidar em Fatia, então vamos de vassoura amanhã.

— Aquela flecha que ele disparou contra nós... — disse Tiffany.

— Imaginária —, disse Tia Ogg, sorrindo.

— Pareceu real por um momento!

A babá Ogg riu. — É incrível o que Esmê Cera-do-Tempo pode fazer as pessoas imaginarem!

— Tipo armadilhas para Morte?

— Oh sim. Bem, isso dá ao velho um interesse pela vida. Ele está a caminho da Porta. Mas pelo menos Esmê cuidou para que não houvesse dor.

— Porque está flutuando sobre o ombro dele? — Perguntou Tiffany.

— Isso. Ela colocou do lado de fora do corpo dele, para não doer —, disse Tia Ogg, a neve triturando sob seus pés.

— Eu não sabia que se podia fazer isso!

— Eu posso fazer isso para coisas pequenas, dores de dente e coisas assim. Esmê é a campeã disso, no entanto. Nenhuma de nós é orgulhosa demais para não a chamar. Sabe, ela é muito boa com as pessoas. E o engraçado é que ela não gosta muito delas, sério.

Tiffany olhou para o céu; Tia Ogg era o tipo de pessoa inconveniente que repara em tudo.

— Quer saber se o namorado vai aparecer? — Ela disse com um grande sorriso.

— Tia! Por favor!

— Mas você está esperando, não está? — Disse a Tia, que não conhecia vergonha. — Claro, ele está sempre por perto, quando você pensa sobre isso. Você está andando através dele, você o sente em sua pele e até em suas botas você as tira antes de entrar em casa.

— Só não fale desta maneira, por favor? — Disse Tiffany.

— Além disso, o que é o tempo para um elemental? — A Tia tagarelava. — E suponho que os flocos de neve não se façam sozinhos, especialmente quando você precisa combinar braços e pernas.

Ela está me olhando com o canto do olho para ver se estou ficando vermelha, pensou Tiffany. Eu sei.

Tia Ogg então cutucou-a nas costelas e deu uma de suas risadas que fariam uma pedra corar.

— Bom para você! — Ela disse. — Eu mesma tive alguns namorados que adoravam tirar minhas botas!

Tiffany estava se preparando para dormir naquela noite quando encontrou um livro debaixo do travesseiro.

O título, em letras vermelhas ardentes, era *Brinquedo da Paixão*, de Marjory J. Corpete, e em letras menores estavam as palavras: *Deuses e Homens disseram que seu amor não era para acontecer, mas eles não quiseram ouvir!! Um torturante conto de um romance tempestuoso da autora de Corações Partidos!!!*

A capa mostrava, de perto, uma jovem com cabelos escuros e roupas que eram um pouco escassas na opinião de Tiffany. Cabelos e roupas tremulavam ao vento. Ela parecia desesperadamente determinada e também um pouco fria. Um jovem a cavalo a observava a certa distância. Parecia que uma tempestade estava vindo.

Estranho. Havia um selo de biblioteca dentro e a Tia não usava a biblioteca. Bem, não faria mal ler um pouco antes de apagar a vela.

Tiffany abriu na primeira página. E então foi para a página dois. Quando ela chegou à página dezenove, ela foi buscar o Dicionário não-expurgado.

Ela tinha irmãs mais velhas e sabia um pouco disso, disse a si mesma. Embora Marjory J. Corpete houvesse entendido algumas coisas de modo ridiculamente errado. As garotas do Giz não costumavam fugir de um jovem rico o suficiente para ter seu próprio cavalo... ou não por muito tempo e não sem dar a ele uma chance de alcançá-las. E Megs, a heroína do livro, claramente não sabia nada sobre fazendas. Nenhum jovem se interessaria por uma mulher que não pudesse criar uma vaca ou carregar um leitão. Que tipo de ajuda ela seria em uma fazenda? Ficar parado com seus lábios como rubros cerejas não faria as vacas

serem ordenhadas ou as ovelhas tosquiadas!

E tinha outra coisa. Marjory J. Corpete sabia alguma coisa sobre ovelhas? Esta era uma fazenda de ovelhas no verão, não era? Então, quando eles tosquiavam as ovelhas? A segunda ocasião mais importante no ano de uma fazenda de ovelhas e não valia a pena mencionar?

Claro, eles podem ter uma raça como Habacuque Polls ou Lowland Cobbleworths que não precisavam de tosquia, mas estes eram raros e qualquer autor sensato certamente o teria mencionado.

E a cena no capítulo cinco, onde Megs deixou as ovelhas por conta própria enquanto ela foi colher nozes com Roger... bem, tinha coisa mais estúpida que isso? Eles poderiam ter vagado por qualquer outro lugar, mas não, tiveram que ser realmente estúpidos em pensar que encontrariam nozes em junho.

Ela leu um pouco mais e pensou: Oh. Percebo. Hmm. Rá. Não tinha nada a ver com nozes, então. No Giz, esse tipo de coisa era chamado de "procurar ninhos de cuco".

Ela parou ali para descer e pegar uma vela nova. Voltou para a cama, deixou os pés esquentarem novamente e continuou lendo.

Megs deveria se casar com William de olhos escuros e rabugento, que já possuía duas vacas e meia ou ela deveria ser influenciada por Roger, que a chamava de — minha beleza orgulhosa —, mas era claramente um homem mau porque montava um garanhão preto e tinha bigode?

Por que ela achava que tinha que se casar com qualquer um deles? Tiffany se perguntou. De qualquer forma, ela passava a maior parte do tempo se apoiando significativamente nas coisas e fazendo beicinho. Ninguém estava trabalhando? E se ela continuasse se vestindo assim, ela pegaria um resfriado. Era incrível o que aqueles homens suportavam. Mas isso fazia você pensar.

Ela soprou a vela e afundou suavemente sob o edredom, que era branco como a neve.

A neve cobria o Giz. Caiu ao redor das ovelhas, fazendo-as ter a aparência de um amarelo sujo. Cobria as estrelas, mas brilhava com sua própria luz. Grudava nas janelas dos chalés, bloqueando a luz alaranjada das velas. Mas nunca cobriria o castelo. O castelo ficava em um monte um pouco afastado da aldeia, uma torre de pedra dominando todas aquelas casas de palha. Elas pareciam ter crescido da terra, mas o castelo as prendia. E dizia: Eu possuo.

Em seu quarto, Roland escrevia cuidadosamente. Ele ignorou as marteladas do lado de fora.

Annagramma, Petúlia, Senhorita Traição... as cartas de Tiffany estavam cheias de pessoas distantes com nomes que soavam estranhos. Às vezes ele tentava imaginá-los e se perguntava se ela os estava inventando. Todo o negócio de bruxaria parecia... bem, não como anunciado. Parecia...

— Você está ouvindo isso, seu garoto perverso? — Tia Danuta parecia triunfante. — Agora está barrado deste lado também! Rá! Isso é para o seu próprio bem, você sabe. Você vai ficar aí até que esteja pronto para se desculpar!

... como trabalho duro, para ser honesto. Digno, porém, de visitar os doentes e tudo mais, mas muito trabalhoso e não muito mágico. Ele já tinha ouvido falar sobre "dançar sem calcinha" e fazia o possível para não imaginar, mas, de qualquer forma, não parecia ser nada disso. Até passeios de vassoura soavam...

— E nós sabemos sobre sua passagem secreta agora, oh sim! Está sendo murada! Chega de torcer o nariz para as pessoas que estão apenas fazendo o melhor por você!

...maçantes. Ele parou por um momento, olhando fixamente para as pilhas cuidadosamente empilhadas de pães e linguiças ao lado de sua cama. Eu deveria pegar algumas cebolas esta noite, ele pensou. O general Tacticus diz que elas são insuperáveis para o bom funcionamento do sistema digestivo se você não encontrar frutas frescas.

O que escrever, o que escrever... sim! Ele contaria a ela sobre a festa. Ele só tinha ido porque seu pai, em um de seus bons momentos, havia pedido. Era

importante manter contato com os vizinhos, mas não com os parentes! Foi muito bom sair e ele pôde deixar seu cavalo no estábulo do senhor Gamely, onde as tias nem pensariam em procurá-lo... ela adoraria ouvir sobre a festa.

As tias estavam gritando de novo, sobre trancar a porta do quarto de seu pai. E elas estavam bloqueando a passagem secreta. Isso significava que tudo o que restava era a pedra solta que saía por trás da tapeçaria na sala ao lado, a laje bamba que poderia deixá-lo cair na sala de baixo e, claro, a corrente do lado de fora da janela que o deixava descer até o chão. E em sua escrivaninha, em cima do livro do general Tacticus, havia um conjunto completo de novas e reluzentes chaves do castelo. Ele conseguiu que o senhor Gamely as fizesse para ele. O ferreiro era um homem atencioso que via sentido em ser amigo do próximo Barão.

Ele poderia ir e vir como quisesse, o que quer que eles fizessem. Eles podiam intimidar seu pai, podiam gritar o quanto quisessem, mas nunca o possuiriam.

Você pode aprender muito com os livros.

O Artesão do Inverno estava aprendendo. Era uma tarefa difícil e lenta quando você tinha que fazer seu cérebro a partir do gelo. Mas ele aprendera sobre bonecos de neve.

Eles eram construídos pelos tipos menores de humanos. Aquilo era interessante. Além daquelas com chapéus pontudos, os humanos maiores não pareciam ouvi-lo. Eles sabiam que criaturas invisíveis não falavam com eles do ar.

Os pequenos, porém, ainda não haviam descoberto o que era impossível. Na cidade grande havia um grande boneco de neve.

Na verdade, seria mais honesto chamá-lo de homem de lama. Tecnicamente era neve, mas quando desceu em espiral através das névoas, a poluição e fumaça da cidade grande já era uma espécie de cinza amarelado, e então a maior parte do que acabou na calçada foi o que havia sido jogado da sarjeta pelas rodas de carroças. Era, na melhor das hipóteses, um boneco de neve. Mas três crianças sujas

estavam construindo de qualquer maneira, porque construir algo que você poderia chamar de boneco de neve era o que você fazia. Mesmo que fosse amarelo.

Eles fizeram o possível com o que puderam encontrar e deram a ele dois excrementos de cavalo para os olhos e um rato morto para o nariz.

Nesse ponto, o boneco de neve falou com eles, em suas cabeças.

Pequenos humanos, por que fazem isto?

O menino que poderia ser o mais velho olhou para a menina que poderia ser a mais velha. — Vou lhe dizer que ouvi isso se você disser que ouviu também —, disse ele.

A menina ainda era jovem o suficiente para não pensar — bonecos de neve não falam — quando um deles acabou de falar com ela, então ela disse a ele:

— Você tem que ter tudo isso junto pra fazer um boneco de neve, senhor....

Isso me torna humano?

— Não, pruquê... — ela hesitou.

— Você não tem entranhas —, disse a terceira e menor criança, que poderia ser o menino mais novo ou a menina mais nova, mas tinha tantas camadas de roupa que era esférico, então era impossível dizer. Tinha um gorro de lã rosa com uma bolinha, mas isso não significava nada. Alguém se preocupou com isso, porém, porque eles bordaram "D" e "E" em suas luvas e "F" e "A" na frente e atrás de seu casaco; e um "C" em cima do gorro de bolinha e provavelmente "B" na parte de baixo de suas botas de borracha. Isso significava que, embora você não pudesse saber o que era, poderia ter certeza para que lado estava voltado e de que estava do lado certo.

Uma carroça passou, lançando outra onda de lama.

Entranhas? Disse a voz secreta do homem-de-neve. *Feito de pó especial, sim! Mas qual tipo de pó?*

— Ferro —, disse o garoto possivelmente mais velho prontamente. — Ferro bastante para fazer um prego.

— Ah, sim, está certo, é assim que funciona —, disse a garota possivelmente mais velha. — Costumávamos cantar para pular amarelinha. Hmm... "Ferro

bastante para fazer um prego... Água bastante para afogar uma vaca...

— Um cão —, disse o garoto possivelmente mais velho. — "É Água suficiente para afogar um cachorro, Enxofre suficiente para acabar com as pulgas." E o outro é "Veneno suficiente para matar uma vaca".

O que é isso? Perguntou o Artesão do Inverno.

— Isto é... tipo... uma velha canção —, disse o garoto possivelmente mais velho. — Mais como uma espécie de poema. Todo mundo sabe disso —, disse a garota possivelmente mais velha.

— Chama-se "Estas são as coisas que fazem um homem" —, disse a criança que sem dúvida estava de pé.

Conte-me o resto, exigiu o Artesão do Inverno e na calçada gelada eles contaram, tanto quanto sabiam.

Quando terminaram, o garoto possivelmente mais velho disse esperançoso: — Existe alguma chance de você nos levar para voar?

Não, disse o Artesão do Inverno. *Eu tenho coisas para encontrar! Coisas de que um homem é feito!*

Uma tarde, quando o céu estava ficando cada vez mais frio, houve uma batida frenética na porta Tia Ogg. Acabou que a causa das batidas era Annagramma, que quase caiu na sala quando a porta foi aberta. Ela parecia aterrorizada e seus dentes batiam.

Tia Ogg e Tiffany a colocaram perto da lareira, mas ela começou a falar antes que seus dentes estivessem aquecidos.

— Caveeeeeeiras! — Ela conseguiu dizer. Mãe do céu, pensou Tiffany.

— O que é tem as caveiras? — Disse ela, enquanto Tia Ogg vinha correndo da cozinha com uma bebida quente.

— Ass caveeeirass da Senhorita Traiçããããão!

— Sim? O que é que tem?

Annagramma tomou um gole da caneca. — O que você fez com elas? — ela se engasgou, com o chocolate escorrendo pelo queixo.

— Eu as enterrei.

— Oh, não! Por que?

— Eles eram caveiras. Você não pode simplesmente deixar caveiras por aí! — Annagramma olhou em volta freneticamente.

— Pode me arrumar uma pá, então?

— Annagramma! Você não pode cavoucar no túmulo da Senhorita Traição!

— Mas eu preciso de algumas caveiras! — Annagramma insistiu. — As pessoas de lá... bem, é como nos velhos tempos! Eu caiei aquele lugar com minhas próprias mãos! Você tem alguma ideia de quanto tempo leva para caiar sobre o preto? Eles reclamaram! Eles não querem nada com terapia de cristal, eles apenas franzem a testa e dizem que a Senhorita Traição dava a eles um remédio preto pegajoso que tinha um gosto horrível, mas funcionava! E eles continuam me pedindo para resolver pequenos problemas estúpidos e eu não tenho a menor ideia do que se trata. E esta manhã havia um velho que morreu e eu tenho que preparar seu corpo velar com ele esta noite... que nojo!

Tiffany olhou para Tia Ogg, que estava sentada em sua cadeira fumando suavemente seu cachimbo. Seus olhos estavam brilhando. Quando ela viu a expressão de Tiffany, ela piscou e disse: — Vou deixar vocês, meninas, conversarem um pouco, posso?

— Sim, por favor, Tia. E, por favor, não fique ouvindo atrás da porta.

— Uma conversa particular? Que ideia! — Tia Ogg disse e foi para a cozinha.

— Será que ela vai ouvir? — sussurrou Annagramma. — Eu vou morrer se madame Cera-do-Tempo descobrir.

Tiffany Suspirou. Será que Annagramma não sabia de coisa alguma? — Claro que ela vai ouvir —, disse. — Ela é uma bruxa.

— Mas ela disse que não faria isso!

— Ela vai ouvir, mas vai fingir que não ouviu e não vai contar a ninguém

—, disse Tiffany. — É o chalé dela, no fim das contas.

Annagramma parecia desesperada. — E na terça-feira provavelmente terei que fazer o parto de um bebê em um vale em algum lugar! Uma velha veio e tagarelou comigo sobre isso!

— Essa deve ser a senhora Owslick —, disse Tiffany. — Eu deixei algumas anotações, você sabe. Você não as leu?

— Eu acho que talvez a Senhora Lacrainha as tenha jogado fora —, Annagramma disse.

— Você deveria ter lido! Levei uma hora escrevendo! — Disse Tiffany em tom de reprovação — Três folhas de papel! Veja, acalme-se, sim? Você não aprendeu nada sobre partos?

— A Senhora Lacrainha disse que dar à luz é uma coisa natural e a natureza deve seguir seu curso —, disse Annagramma e Tiffany teve certeza de ter ouvido um bufo atrás da porta da cozinha. — Conheço um canto calmante, no entanto.

— Bem, espero que isso ajude —, disse Tiffany fracamente.

— A Senhora Lacrainha disse que as mulheres da aldeia sabem o que fazer —, disse Annagramma esperançosa. — Ela diz para confiar na sabedoria camponesa delas.

— Bem, a sra. Oble foi a velha que chamou e tudo ela que ela tem é uma simples ignorância de camponesa —, disse Tiffany. — Ela coloca mofo nas feridas se você não ficar atenta. Olha, só porque uma mulher não tem dentes não significa que ela seja sábia. Pode até significar que ela tem sido estúpida por muito tempo. Não a deixe chegar perto da Sra. Owslick antes do bebê nascer. Não vai ser um parto fácil do jeito que está.

— Bem, eu conheço muitos feitiços que podem ajudar...

— Não! Sem magia! Apenas procure fazer com que não haja dor! Certamente você sabe disso?

— Sim, mas a Senhora Lacrainha diz...

— Por que você não vai e pede à Senhora Lacrainha para ajudá-la então?

Annagramma olhou para Tiffany. A frase saiu um pouco mais alto do que

pretendia. E então o rosto de Annagramma deslizou para o que ela provavelmente pensou ser uma expressão amigável. Isso a fez parecer ligeiramente louca.

— Ei, eu tive uma ótima ideia! — Ela disse, tão brilhante quanto um cristal que estava prestes a quebrar. — Por que você não volta para o chalé e trabalha para mim?

— Não. Tenho outro trabalho a fazer.

— Mas você é tão boa com coisas complicadas, Tiffany —, Annagramma disse com uma voz melosa. — Parece vir naturalmente para você.

— Comecei na parição de cordeiros desde pequena, só isso. Mãos pequenas podem entrar e desembaraçar as coisas.

E agora Annagramma tinha aquele olhar de caça acurralada que ela tinha quando estava lidando com qualquer coisa que não entendia imediatamente.

— Dentro da ovelha? Você quer dizer na...

— Sim. Claro.

— Desembaraçar as coisas?

— Às vezes, os cordeiros tentam nascer ao contrário —, disse Tiffany.

— Ao contrário —, murmurou Annagramma fracamente.

— E pode ser pior se forem gêmeos.

— Gêmeos... — disse então Annagramma, como se visse a falha: — Mas olha, eu vi muitas fotos de pastores e ovelhas e nunca vi nada parecido. Pensei que era só... ficar por ali e as ovelhas comendo grama e tudo mais.

Havia momentos em que você podia sentir que o mundo seria um lugar melhor se Annagramma levasse um tapa ocasional na orelha. Os insultos bobos e impensados, sua enorme falta de interesse por qualquer pessoa que não fosse ela mesma, a maneira como ela tratava a todos como se fossem um pouco surdos e um pouco estúpidos... podia fazer seu sangue ferver. Mas você se segurava porquê de vez em quando você conseguia ver através e além. Lá dentro havia um rostinho preocupado e frenético observando o mundo como um coelho observando uma raposa e gritando com ela na esperança de que fosse embora e não a machucasse. E um conselho de bruxas, que deveriam ser espertas, entregou a ela este chalé e as

obrigações que vinham junto, o que seria um trabalho difícil para qualquer um.

Não fazia sentido. Nenhum sentido.

— Só acontece quando se tem um parto difícil —, disse Tiffany, enquanto sua mente disparava. — E isso significa que se está no escuro, no frio e na chuva. Os artistas nunca parecem estar por perto então. O que é incrível.

— Por que você está olhando assim para mim? — Disse Annagramma. — Como se eu não estivesse aqui!

Tiffany piscou. Tudo bem, ela pensou, como devo lidar com isso?

— Olha, eu vou com você e vou ajudar a preparar o corpo —, disse ela, tão calmamente quanto possível. — E espero poder ajudar com a Sra. Owslick. Ou chamar Petúlia. Ela é boa nisso. Mas você terá que velar você mesma.

— Sentada a noite toda com uma pessoa morta? — Disse Annagramma, e estremeceu.

— Você pode levar um livro para ler —, disse Tiffany.

— Acho que posso desenhar um círculo de proteção ao redor da cadeira... — Annagramma murmurou.

— Não —, disse Tiffany. — Sem magia. A Senhora Lacrainha não lhe contou sobre isso?

— Mas um círculo de proteção...

— Chama a atenção. Algo pode aparecer para ver por que está acontecendo lá. Não se preocupe, é só para deixar os velhos felizes.

— Hmmm... quando você diz que algo pode aparecer... — Annagramma começou.

Tiffany suspirou. — Tudo bem, vou me sentar com você, só desta vez —, disse ela. Annagramma sorriu.

— E quanto às caveiras —, disse Tiffany, — espere um pouco. — Ela subiu e pegou o catálogo Boffo, que havia escondido em sua velha mala. Ela voltou com o papel cuidadosamente enrolado e o entregou: — Não olhe para ele agora —, ela disse. — Espere até que você esteja sozinha. E ver se ele te dá algumas ideias. Certo? Irei te encontrar por volta das sete da noite.

Quando Annagramma se foi, Tiffany sentou-se e contou baixinho. Quando ela chegou a cinco Tia Ogg veio e espanou vigorosamente alguns enfeites antes de dizer: — Oh, sua amiguinha foi embora?

— Você acha que estou sendo boba? — Disse Tiffany.

Tia Ogg parou de fingir que fazia tarefas domésticas. — Não sei do que você está falando, eu não estava ouvindo —, ela disse, — mas se eu estivesse ouvindo, acho que você não vai receber nenhum agradecimento, é o que eu acho.

— Vovó não deveria ter se intrometido —, disse Tiffany.

— Não deveria, hein? — Disse a Tia com o rosto inexpressivo.

— Eu não sou estúpida, Tia —, disse Tiffany. — Eu sei o que aconteceu.

— Sabe, não sabe? Eis aqui uma garota esperta —, disse Tia Ogg, sentando-se em sua cadeira. — E o que você descobriu então?

Isso ia ser difícil. Tia Ogg costumava ser alegre o tempo todo, mas quando ficava solene, como agora, podia deixar qualquer um nervoso. Mas Tiffany continuou.

— Eu não poderia assumir um chalé —, disse ela. — Oh, eu posso fazer a maioria das coisas do dia a dia, mas você precisa ser mais velha para tocar um lugar. Há coisas que as pessoas não vão te dizer se você tiver treze anos, chapéu ou não. Mas Vovó sugeriu meu nome, então todo mundo viu isso como uma disputa entre mim e Annagramma, certo? E eles a escolheram porque ela é mais velha e parece muito competente. E agora está tudo desmoronando. Não é culpa dela ter aprendido magia em vez de bruxaria. Vovó só quer que ela não se dê bem para que todos saibam que a Senhora Lacrainha é uma péssima professora. E eu não acho isso bom.

— Eu não seria tão rápida em achar que sabe o que Esmê Cera-do-Tempo quer —, disse Tia Ogg. — Eu não vou dizer uma palavra, veja bem. Você sai e ajuda sua amiga se quiser, mas você ainda tem que trabalhar para mim, ok? É apenas justo. Como estão seus pés?

— Eles estão bem, Tia. Obrigado por perguntar.

A mais de 160 quilômetros de distância, o Sr. Fusel Johnson não sabia nada sobre Tiffany, Tia Ogg ou mesmo qualquer coisa, exceto relógios de parede e relógios de bolso, que ele fazia para ganhar a vida. Ele também sabia como caiar uma cozinha, que era uma maneira fácil e barata de obter uma bela aparência branca, mesmo que o material escorresse um pouco. E, portanto, ele não tinha ideia de por que vários punhados do pó branco brotaram da tigela antes que ele pudesse adicionar a água, pairaram no ar por um momento como um fantasma e desapareceram pela chaminé. No final, ele atribuiu isso a muitos trolls se movendo para a área. Isso não era muito lógico, mas essas crenças geralmente não são.

E o Artesão do Inverno pensou: *cal suficiente para fazer um homem!*

Naquela noite, Tiffany sentou-se com Annagramma e o velho Sr. Tissot; só que ele estava deitado porque estava morto. Tiffany nunca gostou de vigiar os mortos. Não era exatamente uma coisa que alguém pudesse gostar. Era sempre um alívio quando o céu ficava cinza e os pássaros começavam a cantar.

De vez em quando, noite adentro, o Sr. Tissot fazia pequenos ruídos. Exceto, é claro, que não era o Sr. Tissot, que encontrara Morte horas antes. Era apenas o corpo que ele havia abandonado e os sons que fazia não eram muito diferentes dos barulhos feitos por uma casa velha enquanto esfriava.

Era importante lembrar dessas coisas por volta das duas horas da manhã, vitalmente importante, enquanto a vela tremeluzia.

Annagramma roncou. Ninguém com um nariz tão pequeno deveria ser capaz de roncar tão alto. Era como rasgar tábuas. Quaisquer que fossem os espíritos malignos que estivessem por perto naquela noite, aquele som provavelmente os assustaria.

Não era a parte o "gnh gnh gnh" que era tão ruim, e Tiffany poderia viver

com o "bluuuuuurrrrt!". Era a lacuna entre eles, depois que o "gnh gnh gnh" acabava, logo antes da longa queda do "bluuuuuurrrrt!". Isso realmente a deixava nervosa. Nunca era o mesmo espaço de tempo duas vezes. Às vezes havia um "gnh gnh gnh bluuuuuuurrrrt!", um logo após o outro e então podia haver uma lacuna tão grande após o "gnh gnh gnh que Tiffany se via prendendo a respiração enquanto esperava pelo "bluuuuuuurrrrt!". Não teria sido tão ruim se Annagramma tivesse feito uma pausa. Às vezes, os sons paravam juntos e havia um silêncio abençoado até que um festival de "bluurts" começasse, geralmente com um som fraco de "mni mni" estalando os lábios enquanto Annagramma mudava de posição em sua cadeira.

Onde está você, Senhora das Flores? O que é você? Você deveria estar dormindo!

A voz era tão fraca que Tiffany poderia não ter ouvido se não estivesse toda tensa esperando pelo próximo "gnh gnh gnh". E aí veio..."gnh gnh gnh"!

Me deixe mostrar-lhe o meu mundo, Dama das Flores. Me deixe mostrar-lhe todas as cores do gelo!

BLUUUUUUURRRRT!

Cerca de três quartos de Tiffany pensaram: Oh não! Ele vai me encontrar se eu responder? Não. Se ele pudesse me encontrar, já estaria aqui. Minha mão não está coçando. A outra quarta parte de si pensou: um deus ou ser divino está falando comigo e eu realmente poderia passar sem o ronco, Annagramma, muito obrigado.

"gnh gnh gnh"!

— Eu disse que sentia muito —, ela sussurrou à dançante luz das velas. — Eu vi o iceberg. Isso foi muito... é... legal da sua parte.

Eu fiz muitos mais. BLUUUUUUURRRRT!

Muito mais icebergs, pensou Tiffany. Grandes montanhas flutuantes e congelantes que se parecem comigo, arrastando bancos de neblina e tempestades de neve atrás de si. Eu me pergunto quantos navios irão colidir com eles.

— Você não deveria ter se dado a tanto trabalho —, ela sussurrou.

Agora estou ficando mais forte! Estou ouvindo e aprendendo! Eu estou entendendo os humanos!

Do lado de fora da janela do chalé, um tordo começou a cantar. Tiffany apagou a vela e uma luz cinzenta penetrou na sala.

Ouvindo e aprendendo... como uma nevasca poderia entender as coisas?

Tiffany, Dama das Flores! Estou me tornando um homem!

Houve um grunhido complicado, algo assim como se um "gnh gnh gnh" e um "bluuuuuurrrrt! de Annagramma se encontrassem e ela acordou.

— Ah —, ela disse, esticando os braços e bocejando. Olhou em volta. — Bem, parece que foi tudo bem.

Tiffany olhou para a parede. O que ele quis dizer com tornando-se um homem? Com certeza ele...

— Você não adormeceu, não é, Tiffany? — disse Annagramma no que ela provavelmente pensou ser uma voz brincalhona. — Nem mesmo por um minúsculo segundo?

— Que? — Tiffany disse, olhando para a parede. — Ah ... não. Não dormi!

Pessoas estavam se movendo lá embaixo. Depois de algum tempo, houve um rangido na escada e a porta baixa foi aberta. Um homem de meia-idade, olhando timidamente para o chão, disse: — A mãe perguntou se as senhoras gostariam de tomar café da manhã?

— Oh não, nós não poderíamos pegar o pouco que você tem... — Annagramma começou.

— Sim, por favor, ficaremos gratas —, disse Tiffany, mais alto e mais rápido. O homem assentiu e fechou a porta.

— Oh, como você pode dizer isso? — disse Annagramma, enquanto os passos rangiam. — Eles são pessoas pobres! Achei que você...

— Cale a boca, sim? — Cortou Tiffany — Apenas cale a boca e acorde! Estas são pessoas reais! Eles não são algum tipo de, de, de ideia! Desceremos lá e tomaremos café da manhã e diremos como está bom e aí vamos agradecer a eles e eles vão nos agradecer e nós iremos embora! E isso significará que todos fizeram

a coisa certa segundo o costume, e é isto que é o importante para eles. Além disso, eles não se acham pobres, porque todo mundo aqui é pobre! Mas eles não são tão pobres que não possam fazer as coisas certas! Isso seria ser pobre!

Annagramma estava olhando para ela com a boca aberta.

— Cuidado com o que você disser a seguir —, disse Tiffany, respirando pesadamente. — Na verdade, não diga nada.

O café da manhã era presunto e ovos. E foi comido em silêncio educado. Depois disso, no mesmo silêncio, exceto que ao ar livre, elas voaram de volta para o que as pessoas provavelmente sempre pensariam como sendo o chalé da Senhorita Traição.

Havia um menino vadiando do lado de fora. Assim que eles pousaram, ele deixou escapar: — Sra. Oble disse que o bebê está a caminho e ela disse que você me daria um centavo por vir aqui.

— Você tem uma bolsa, não tem? — Disse Tiffany, virando-se para Annagramma.

— Sim, hmm, muitas.

— Quero dizer um bolsa para as chamadas. Você sabe, você o mantém perto da porta com tudo que você vai precisar...

Tiffany viu o olhar aterrorizado no rosto da garota. — Ok, então você não tem uma bolsa. Bem, vamos apenas ter que fazer o melhor que pudermos. Dê-lhe uma moeda e vamos. —

— Podemos conseguir alguém para ajudar se algo der errado? — Annagramma perguntou quando elas deixaram o chão.

— Nós somos a ajuda —, disse Tiffany simplesmente. — E já que este é seu lugar, estou dando a você o trabalho realmente difícil...

... que consistia em manter a senhora Oble ocupada e fora do caminho. A senhora Oble não era uma bruxa, embora a maioria das pessoas pensasse que ela fosse. Ela parecia uma — ou seja, parecia alguém que comprou tudo no catálogo Boffo no dia da Oferta Especial de Verrugas Peludas — e também era meio louca e não lhe deveria ser permitido a ficar a menos de um quilômetro de qualquer mãe

que ia ter seu primeiro bebê, já que ela contaria a eles conscienciosamente (ou gargalharia para eles, pelo menos) sobre todas as coisas que poderiam dar errado de uma forma que fazia parecer que todas dariam errado. Ela não era uma enfermeira ruim, porém, uma vez que você a impedisse de colocar um cataplasma de mofo em tudo.

As coisas correram ruidosamente e com uma certa confusão, mas nada como a Sra. Oble havia previsto e o resultado foi um menino, que não era um bebê saltitante, mas apenas porque Tiffany o pegou; Annagramma não sabia como segurar bebês.

Ela ficava bem com um chapéu pontudo, porém, e como ela era claramente mais velha que Tiffany e quase não fazia nenhum trabalho, as outras mulheres presumiram que ela estava no comando.

Tiffany a deixou segurando o bebê (desta vez para cima) e parecendo orgulhosa, e começou o longo voo de volta pela floresta até Tir Nani Ogg. Era uma noite fria, mas havia um pouco de vento que soprava cristais de neve pungentes das árvores. Foi uma viagem cansativa e muito, muito fria. Ele não pode saber onde estou, ela repetiu para si mesma enquanto voava de volta no crepúsculo. E ele não é muito inteligente e o inverno tem que acabar em algum momento, certo?

Hmm... Quando? Disseram seus Segundos Pensamentos. *A Senhorita Umaturga disse que você só tem que estar lá, mas estou certa de uma coisa: não tem que fazer alguma outra coisa mais?*

Acho que vou ter que andar sem sapatos, pensou Tiffany.

Em todos os lugares? Seus Segundos Pensamentos se perguntaram, enquanto ela desviava entre as árvores.

Provavelmente é como ser uma rainha, diziam seus Terceiros Pensamentos. *Ela só tem que se sentar em um palácio e talvez andar um pouco em uma grande carruagem e acenar, e para todo um enorme reino a monarquia estará acontecendo.*

Mas, ao evitar mais árvores, ela também tentou evitar o pequeno pensamento apressado que estava tentando rastejar em sua mente: mais cedo ou

mais tarde, de um jeito ou de outro, ele vai te encontrar... e como ele pode se tornar um homem?

O Chefe-de-Correio assistente Groat não acreditava em médicos. Deixavam você doente, pensava. Então ele colocava enxofre nas meias todas as manhãs e tinha orgulho de dizer que nunca teve um dia de doença em sua vida. Isso pode ter acontecido porque somente poucas pessoas não se importavam em chegar muito perto dele, por causa do cheiro. Mas algo o fez, no entanto. Um vendaval rugiu em sua agência dos correios quando ele estava abrindo a porta certa manhã e levou suas meias.[11]

E ninguém ouviu o Artesão do Inverno dizer: — *Enxofre suficiente para fazer um homem!*

Tia Ogg estava sentada perto do fogo quando Tiffany entrou, tirando a neve das botas.

— Você está toda congelada —, disse a Tia. — Precisa de um copo de leite quente com uma gota de conhaque, é disso que você precisa.

— Aah, ssimm... — Tiffany conseguiu falar com os dentes batendo.

— Traga-me um também, então, pode ser? — Disse Tia Ogg. — Só estou brincando. Você precisa se aquecer; Vou cuidar da bebida.

Os pés de Tiffany pareciam blocos de gelo. Ela se ajoelhou perto do fogo e estendeu a mão para o caldeirão em seu grande gancho preto. Ele borbulhava o

---

[11] Isso foi noticiado nos jornais e logo depois uma viúva escreveu para ele dizendo o quanto admirava um homem que realmente entendia de higiene. Mais tarde, eles foram vistos caminhando juntos, então foi vento ruim, como dizem...

tempo todo.

Recomponha sua mente e equilibre-se. Estenda a mão e coloque as mãos em volta dele e concentre-se, concentre-se em suas botas geladas.

Depois de um tempo, seus dedos dos pés ficaram quentes e então...

— Ai! — Tiffany afastou as mãos e chupou os dedos.

— Não estava com sua mente posicionada corretamente —, disse Tia Ogg da porta.

— Bem, sabe, isso é um pouco difícil quando você teve um longo dia e não dormiu muito e o Artesão do Inverno está procurando por você —, retrucou Tiffany.

— O fogo não dá a mínima —, disse a Tia, dando de ombros. — Leite quente chegando.

As coisas ficaram um pouco melhores quando Tiffany se aqueceu. Ela se perguntou quanto conhaque a Tia teria adicionado ao leite. E tinha feito um para ela, provavelmente com um pouco de leite adicionado ao conhaque.

— Isso não é legal e aconchegante? — Disse Tia Ogg depois de um tempo.

— Isso vai ser uma conversa sobre sexo? — Disse Tiffany.

— Alguém disse que haveria uma? — Disse a Tia inocentemente.

— Eu meio que tive a sensação —, disse Tiffany. — E eu sei de onde vêm os bebês, senhora Ogg.

— Espero que sim.

— Eu também sei como eles chegam lá. Moro em uma fazenda e tenho muitas irmãs mais velhas. —

— Ah, certo —, disse a Tia. — Bem, vejo que você está muito bem-preparada para a vida, então. Não resta muito para eu lhe dizer, eu espero. E eu nunca tive um deus prestando atenção em mim, pelo que me lembro. Lisonjeador, não é? —

— Não! — Tiffany olhou para o sorriso de Tia. — Bem, um pouco —, ela admitiu.

— E está com medo dele?

— Sim.

— Bem, o coitadinho ainda não entendeu as coisas direito. Ele começou tão bem, com as rosas de gelo e tudo e depois quis mostrar seus músculos. Típico. Mas você não deve ter medo dele. Ele deveria estar com medo de você.

— Por que? Porque estou fingindo ser a mulher das flores?

— Porque você é uma garota! É uma pobre perspectiva se uma garota brilhante não conseguir levar um garoto pra qualquer lugar com o acenar de um dedinho. Ele está apaixonado por você. Você poderia tornar a vida dele uma miséria com uma palavra. Ora, quando eu era menina, um jovem quase se jogou da ponte Lancre porque rejeitei seus avanços!

— Ele fez isso mesmo? Como aconteceu?

— Bem, ele parecia tão bonito parado ali e pensei, veja se não é um traseiro muito bonito o dele, se é que já vi um. — Tia Ogg recostou-se. — E pense no pobre e velho Greebo. Ele luta contra qualquer coisa. Mas a gatinha branca de Esmê saltou direto para ele e agora o pobrezinho não quer entrar neste quarto sem espiar pela porta para verificar se ela não está aqui. Você deveria também ver seu pobre rostinho quando ele o faz. Todo enrugado. Claro, ele poderia rasgá-la em pedaços com uma garra, mas agora não pode porque ela transtornou a cabeça dele.

— Você não está dizendo que eu deveria tentar arrancar o rosto do Artesão do Inverno, está?

— Não, não, você não precisa ser tão direta assim. Dê a ele um pouco de esperança. Seja gentil, mas firme...

— Ele quer se casar comigo!

— Bom.

— Bom?

— Isso significa que ele quer permanecer amigável. Não diga não, não diga sim. Aja como uma rainha. Ele tem que aprender a mostrar algum respeito por você. O que está fazendo?

— Escrevendo isso —, disse Tiffany, rabiscando em seu diário.

— Não precisa anotar, amor —, disse Tia Ogg. — Está escrito em você em

algum lugar. Em uma página que você ainda não leu, eu acho. O que me lembra, estes chegaram quando você estava fora. — Tia Ogg pescou entre as almofadas do assento e tirou alguns envelopes. — Meu garoto Shawn é o carteiro, então ele sabia que você havia se mudado.

Tiffany quase os arrancou de sua mão. Duas cartas!

— Gosta dele, não é? Seu jovem no castelo? — Disse a Tia.

— Ele é um amigo que me escreve —, disse Tiffany com altivez.

— Isso mesmo, esse é apenas o olhar e a voz que você precisa para lidar com o Artesão do Inverno! — Disse Tia Ogg, parecendo encantada. — Quem ele pensa que é, se atrevendo a falar com você? Assim é que se faz!

— Vou lê-las em meu quarto —, disse Tiffany.

Tia Ogg acenou. — Uma das meninas preparou um belo ensopado para nós —, disse ela (Tia Ogg era conhecida por nunca se lembrar dos nomes das noras). — O seu está no forno. Estou indo para o pub. Começaremos cedo amanhã!

Sozinha em seu quarto, Tiffany leu a primeira carta.

Aparentemente, não acontecida muita coisa no Giz. Lá sempre se evitara a história. Era um local de pequenas coisas. Tiffany gostava de ler sobre elas.

A segunda carta parecia ser muito parecida com a primeira...até a parte sobre o baile. Ele tinha ido a um baile! Foi na casa de Lorde Diver, um vizinho! Ele havia dançado com a filha dele, que se chamava Iodine porque Lord Diver achava que era um nome bonito para uma menina! Eles tiveram três danças!! E sorvete!! E Iodine havia mostrado a ele suas aquarelas!!!

Como ele podia sentar lá e escrever essas coisas?!!!

Os olhos de Tiffany seguiram em frente, sobre as notícias do dia a dia, como o mau tempo e o que havia acontecido com a perna da velha Aggie, mas as palavras não entravam em sua cabeça porque ela estava pegando fogo.

Quem ele pensava que era, dançando com outra garota?

Você dançou com o Artesão do Inverno, diziam seus Terceiros Pensamentos. Tudo bem, mas e as aquarelas?

O Artesão do Inverno mostrou a você os flocos de neve, disseram seus

Terceiros Pensamentos.

Mas eu só estava sendo educada!

Talvez ele estivesse apenas sendo educado também.

Tudo bem, mas eu conheço essas tias, Tiffany pensou furiosamente. Nunca gostaram de mim, porque sou apenas uma garota de fazenda! E Lord Diver é muito rico e com uma filha única! Elas estão tramando!

Como ele poderia se sentar lá e escrever, como se comer sorvete com outra garota fosse uma coisa perfeitamente normal de se fazer! Isso foi tão ruim quanto... bem, algo muito ruim, pelo menos!

Quanto a olhar para suas aquarelas...

Ele é apenas um garoto para quem você escreve, disseram seus Terceiros Pensamentos. Sim, bem...

Sim, bem... que? seus Terceiros Pensamentos persistiram. Eles estavam dando nos nervos de Tiffany. Seu próprio cérebro deveria ter a decência de estar do seu lado!

Apenas "Sim, bem..." ok? ela pensou com raiva. Você não está sendo muito sensível sobre isso.

Oh, realmente? Bem, eu estive sensível o dia todo! Eu venho sendo sensível há anos! Acho que lhe devo cinco minutos de raiva irracional, não é?

Há um ensopado lá embaixo e você não comeu desde o café da manhã, disseram seus Terceiros Pensamentos. *Você se sentirá melhor depois de comer alguma coisa.*

Como posso comer ensopado quando as pessoas estão olhando para aquarelas?

Como ele ousa olhar para aquarelas!

Mas seus Terceiros Pensamentos estavam certos...não que isso tornasse as coisas melhores. Se você vai ficar com raiva e infeliz, é melhor ficar com o estômago cheio. Ela desceu e encontrou o ensopado no forno. Cheirava bem. Nada além do melhor para a querida e velha mamãe.

Ela abriu a gaveta de talheres para pegar uma colher. A gaveta emperrou. Ela

sacudiu, puxou e xingou algumas vezes, mas continuou preso. — Oh, sim, vá em frente —, disse uma voz atrás dela. — E veja de quanta ajuda isso é. Para que ser sensata e enfiar a mão por baixo da fenda e soltar cuidadosamente o que a está prendendo. Oh não. Sacudir e praguejar é muito melhor!

Tiffany se virou.

Havia uma mulher magra e de aparência cansada parada perto da mesa da cozinha. Ela parecia estar usando um lençol enrolado em volta dela e fumando um cigarro. Tiffany nunca tinha visto uma mulher fumar um cigarro antes, especialmente um cigarro que queimasse com uma chama vermelha e soltasse faíscas.

— Quem é você e o que está fazendo na cozinha da senhora Ogg? — Tiffany disse bruscamente.

Desta vez foi a mulher que pareceu surpresa. — Você pode me ouvir? — Ela disse. — E me ver? —

— Sim! — Rosnou Tiffany. — E esta é uma área de preparação de alimentos, você sabe!

— Você não deveria ser capaz de me ver!

— Bem, estou olhando para você!

— Espere um minuto —, disse a mulher, franzindo a testa para Tiffany. — Você não é apenas uma humana, você é...? — Ela semicerrou os olhos estranhamente por um momento e então disse: — Oh, você é ela. estou certa? A nova Verão?

— Não se preocupe comigo, quem é você? — Disse Tiffany.

— E foi preciso apenas uma dança!

— Anoia, deusa das coisas que ficam presas nas gavetas —, disse a mulher. — Prazer em conhecê-la. — Ela deu outra tragada no cigarro aceso e houve mais faíscas. Alguns deles caíram no chão, mas não pareceram causar nenhum dano.

— Existe uma deusa só para isso? — Disse Tiffany.

— Bem, eu também encontro saca-rolhas perdidos e coisas que rolam embaixo dos móveis —, disse Anoia despreocupadamente. — Às vezes, coisas que

se perdem embaixo das almofadas do sofá também. Querem que eu cuide de zíperes presos, mas ainda estou considerando sobre a coisa. Mas principalmente eu me manifesto sempre que as pessoas mexem em gavetas emperradas e invocam os deuses. — Ela deu uma baforada no cigarro. — Tem chá?

— Mas eu não chamei ninguém!

— Você chamou—, disse Anoia, soprando mais faíscas. — Você xingou. Mais cedo ou mais tarde, toda praga é uma oração. — Ela acenou com a mão que não segurava o cigarro e alguma coisa na gaveta fez um barulho. — Vai ficar tudo bem agora. Era o fatiador de ovos. Todo mundo tem um e ninguém sabe por quê. Alguém no mundo já saiu conscientemente um dia e comprou um fatiador de ovos? Eu acho que não.

Tiffany tentou a gaveta. Ela deslizou facilmente. — E sobre aquele chá? — Disse Anoia, sentando-se.

Tiffany colocou a chaleira no fogo. — Você sabe sobre mim? — Ela perguntou.

— Oh, sim —, disse Anoia. — Faz algum tempo desde que um deus caiu de amores por uma mortal. Todo mundo quer saber como aconteceu.

— Se apaixonou?

— Oh, sim.

— E você quer dizer que os deuses estão observando?

— Bem, é claro —, disse Anoia. — A maioria dos grandes não faz mais nada hoje em dia! Mas eu tenho que cuidar de zíperes, ah sim, e minhas mãos ficam muito duras com esse tempo!

Tiffany olhou para o teto, que agora estava cheio de fumaça.

— Eles ficam assistindo o tempo todo? — Ela disse, horrorizada.

— Ouvi dizer que você está despertando mais interesse do que a guerra no Klatchistão e isso já foi bem popular —, disse Anoia, estendendo as mãos vermelhas. — Olha, frieiras. Não que eles se importem, é claro.

— Mesmo quando estou me... lavando? — Disse Tiffany.

A deusa riu maldosamente. — Sim. E eles podem ver no escuro, também.

Melhor não pensar sobre isso.

Tiffany olhou para o teto novamente. Ela estava esperando tomar um banho aquela noite.

— Vou tentar não fazer —, ela disse sombriamente, e acrescentou: — É... difícil, ser uma deusa?

— Tem seus bons momentos —, disse Anoia. Ela ficou com o braço do cigarro em concha no cotovelo com a outra mão, segurando a coisa flamejante e faiscante perto do rosto. Depois deu uma tragada forte, levantou a cabeça e soprou uma nuvem de fumaça para se juntar à fumaça no teto. Faíscas caíam dali como chuva. — Não faço gavetas há muito tempo. Eu costumava ser uma deusa dos vulcões.

— Mesmo? — Tiffany disse. — Nunca adivinharia.

— Ah, sim. Era um bom trabalho, tirando a gritaria —, disse Anoia, para depois acrescentar com voz amarga: — Rá! E o deus das tempestades estava sempre chovendo na minha lava. Os homens são assim, querida. Chovem na sua lava.

— E ficam vendo as aquarelas —, disse Tiffany.

Os olhos de Anoia se estreitaram. — Aquarelas de outra pessoa?

— Sim! —

— Homens! São todos iguais —, disse Anoia. Aceite meu conselho, querida e mostre a porta ao senhor Artesão do Inverno. Afinal, ele é apenas um elemental.

Tiffany olhou para a porta.

— Dê-lhe um chute, querida, mande-o embora e troque as fechaduras. Vamos ter verão o ano todo como fazem os países quentes. Uvas por toda parte, hein? Cocos em cada árvore! Rá, quando eu estava no negócio dos vulcões me saíam mangas pelas orelhas. Dê adeus à neve, ao nevoeiro e à lama. Você já pegou a coisinha?

— A coisinha? — disse Tiffany, parecendo preocupada.

— Vai aparecer, ouso dizer —, disse Anoia. — Ouvi dizer que pode ser um pouco complicado para...Oops, ouvi um barulho, vou voar daqui, mas não se

preocupe, não vou dizer a ele onde você está...

Ela sumiu. Assim como a fumaça.

Sem saber o que mais fazer, Tiffany serviu-se de um prato farto de carne e vegetais e comeu. Então... ela podia ver deuses agora? E eles sabiam dela? E todos queriam dar conselhos a ela.

Não era uma boa ideia chamar a atenção daqueles que ocupavam cargos importantes, dissera seu pai.

Mas foi impressionante. Apaixonado por ela, hein? E contando para todo mundo? Mas ele era realmente um elemental, não um deus propriamente dito. Tudo o que ele sabia era como mover o vento e a água!

Mesmo assim... valha-me. Algumas pessoas têm elementais correndo atrás delas! Oh sim! Que tal isso? Se as pessoas fossem estúpidas o suficiente para dançar com garotas que pintavam aquarelas para levar homens honestos à sua Perdição, bem, ela poderia ser arrogante com pessoas que eram quase deuses. Ela deveria mencionar isso em uma carta, exceto que é claro que ela não iria escrever para ele agora. Rá!

A alguns quilômetros de distância, a Velha Mãe Toucapreta, que fazia seu próprio sabão com gordura animal e potassa feita com cinzas de plantas, sentiu uma barra de sabão ser arrancada de sua mão quando ela estava prestes a ferver alguns lençóis. A água da tina congelou, também.

Sendo uma bruxa, disse imediatamente: — Há um ladrão estranho por aí! E o Artesão do Inverno disse: — *Potassa suficiente para fazer um homem!*



CAPÍTULO OITO
A CORNUCÓPIA

Naquela noite, depois que Tia Ogg foi para a cama, Tiffany tomou o banho que tanto ansiava. Não era algo para ser encarado levianamente. Primeiro, a banheira de estanho tinha de ser retirada de seu gancho nos fundos da latrina, que ficava no fundo do jardim, e arrastada pela noite escura e gelada até um lugar de honra diante do fogo. Depois, água tinha que ser aquecida no fogão preto da cozinha e enchê-la com até quinze centímetros de água morna era um esforço. Depois, toda a água tinha que ser retirada e escoada na pia e a banheira colocada em um canto, pronta para ser levada para fora pela manhã. Quando você mesma tinha que fazer tudo isso, era melhor esfregar cada centímetro.

Tiffany fez uma coisa extra: ela escreveu PRIVADO!! em um pedaço de papelão e o prendeu na luminária pendurada no centro da sala para que pudesse ser lido apenas de cima. Ela não tinha certeza se isso afastaria os deuses curiosos, mas se sentiu melhor por fazê-lo. Naquela noite ela dormiu sem sonhar. De manhã, a neve havia formado uma camada fresca sobre os barrancos e alguns

netos da babá Ogg estavam construindo com ela um boneco de neve no gramado. Eles entraram depois de um tempo e pediram uma cenoura para o nariz e dois pedaços de carvão para os olhos.

Tia Ogg a levou para o vilarejo isolado de Fatia, onde as pessoas sempre ficavam felizes e surpresas ao ver alguém de quem não fossem parentes. Tia Ogg caminhava de chalé em chalé ao longo dos caminhos abertos na neve, bebendo xícaras de chá suficientes para fazer um elefante flutuar e praticando pequenas bruxarias. Principalmente parecia consistir apenas em fofoca, mas uma vez que você pegava o jeito, podia ouvir a mágica acontecendo. Tia Ogg mudava a maneira como as pessoas pensavam, mesmo que fosse apenas por alguns minutos. Ela deixava as pessoas pensando que eram pessoas um pouco melhores. Elas não eram, mas, como dizia a babá, isso dava a elas algo pelo que viver.

Então houve outra noite sem sonhos e Tiffany acordou de repente às cinco e meia, sentindo-se...estranha.

Ela esfregou o gelo da janela e viu o boneco de neve ao luar.

Por que fazemos isso? Pensou. Assim que há neve, construímos bonecos de neve. Nós adoramos o Artesão do Inverno, de certa forma. Tornamos a neve humana e damos-lhe olhos de carvão e nariz de cenoura para lhe dar vida. Ah, e vejo que as crianças deram a ele um cachecol. Tudo o que um boneco de neve precisa, um cachecol para mantê-lo aquecido.

Ela desceu para a cozinha silenciosa e, por falta de qualquer outra coisa para fazer, esfregou a mesa. Fazer algo com as mãos a ajudava a pensar.

Algo havia mudado e era ela. Ela estava preocupada com o que ele faria e o que pensaria, como se ela fosse apenas uma folha sendo levada pelo vento. Ela temia ouvir a voz dele em sua cabeça, onde ele não tinha o direito de estar.

Bem, agora não. Nunca mais.

Era ele quem deveria estar preocupado com ela.

Sim, ela cometera um erro. Sim, havia sido sua culpa. Mas ela não ia ser intimidada. Você não podia deixar os meninos continuarem chovendo em sua lava e cobiçando as aquarelas de outras pessoas.

Descubra qual a história, Vovó Cera-do-Tempo sempre dizia. Ela acreditava que o mundo estava cheio de modelos de histórias. Se você deixasse, elas controlariam você. Mas se você as estudasse, se descobrisse sobre elas... você poderia usá-las, moldá-las...

A Senhorita Traição sabia tudo sobre histórias, certo? Ela as havia tecido, como uma teia de aranha, para se dar poder. E funcionavam porque as pessoas queriam acreditar nelas. Também Tia Ogg contava uma história. A gorda e alegre Tia Ogg, que gostava de um drinque (e outro drinque, obrigado) e era a avó favorita de todos... mas aqueles olhinhos brilhantes podiam perfurar sua cabeça e ler todos os seus segredos.

Até a Vovó Dolorida tinha uma história. Ela morava na velha chalé de pastor, no alto das colinas, ouvindo o vento soprando na relva. Ela era misteriosa, solitária...e as histórias flutuavam e se reuniam ao seu redor, todas aquelas histórias sobre encontrar cordeiros perdidos mesmo já depois de morta, todas aquelas histórias sobre ela, ainda, cuidando das pessoas...

As pessoas queriam que o mundo fosse uma história, porque as histórias tinham que soar bem e tinham que fazer sentido. As pessoas queriam que o mundo fizesse sentido.

Bem, a história dela não seria a história de uma garotinha que se deixou ser empurrada para lá e para cá. Não havia sentido nisso.

Entretanto... ele não é realmente ruim. Os deuses na mitologia, eles pareciam pegar o jeito de ser humano...um pouco humano demais, às vezes...mas como uma tempestade de neve ou um vendaval poderiam aprender a fazê-lo? Ele era perigoso e assustador...mas você não podia deixar de sentir pena dele...

Alguém esmurrou a porta dos fundos de Tia Ogg. Acabou sendo uma figura alta de preto.

— Casa errada —, disse Tiffany. — Ninguém aqui está nem um pouco doente.

Uma mão ergueu o capuz preto e de suas profundezas uma voz sibilou: — Sou eu, Annagramma! Ela está aqui?

— A senhora Ogg ainda não acordou —, disse Tiffany.

— Bom. Posso entrar?

Na mesa da cozinha, com uma xícara de chá quente, Annagramma revelou tudo. A vida na floresta não estava indo bem.

— Dois homens vieram me ver por causa de uma vaca estúpida que ambos pensam que é de um deles! — Ela disse.

— Devem ser Joe Broomsocket e Shifty Adams. Também deixei uma anotação sobre eles —, disse Tiffany. — Sempre que um ou outro deles fica bêbado, eles discutem sobre aquela vaca.

— E o que se supõe que eu deva fazer sobre isso?

— Acene e sorria. Espere até que a vaca morra, dizia sempre a Senhorita Traição. Ou um dos homens —, disse Tiffany. — É a única maneira.

— E uma mulher veio me ver com um porco doente!

— O que você fez a respeito?

— Eu disse a ela que não trato de porcos! Mas ela começou a chorar, então experimentei o *Universal Nostrum* de Bangle.

— Você usou isso em um porco? — Disse Tiffany, chocada.

— Bem, a bruxa dos porcos usa magia, então não vejo por que... — Annagramma começou defensivamente.

— Ela sabe o que funciona! — Disse Tiffany.

— Estava tudo bem quando o tirei da árvore! Ela não precisava fazer tanto barulho! Tenho certeza de que as cerdas vão crescer de novo! Com o tempo!

— Não era um porco malhado, era? E uma mulher com estrabismo? — Tiffany perguntou.

— Sim! Acho que sim! Isso importa?

— A senhora Stumper é muito apegada a esse porco —, disse Tiffany em tom de reprovação. — Ela o traz até o chalé uma vez por semana. Geralmente é apenas uma dor de estômago. Ela o alimenta demais.

— Mesmo? Então não vou abrir a porta para ela da próxima vez —, disse Annagramma com firmeza.

— Não, deixe-a entrar. Na verdade é tudo por conta de que é solitária e quer conversar.

— Bem, acho que tenho coisas melhores para fazer com meu tempo do que ouvir uma velha senhora que só quer conversar —, disse Annagramma indignada.

Tiffany olhou para ela. Por onde começar, sem ter de bater a cabeça da garota na mesa até que o cérebro começasse a funcionar?

— Ouça com muita atenção —, disse ela. — Quero dizer a ela, não apenas a mim. Você não terá melhor uso do seu tempo do que ouvir velhinhas que querem conversar. Todo mundo conta coisas para as bruxas. Portanto, ouça a todos e não fale muito, pense no que eles dizem e como dizem e observe seus olhos.... vai parecer um grande quebra-cabeças, mas você será a única que conseguirá ver todas as peças. Você saberá o que eles querem que você saiba e o que eles não querem que você saiba e até o que eles acham que ninguém sabe. É por isso que andamos pelas casas. É por isso que você vai percorrer todas as casas, até que isso faça parte de suas vidas.

— Tudo isso apenas para obter algum poder sobre uma multidão de fazendeiros e camponeses?

Tiffany se virou e chutou uma cadeira com tanta força que quebrou uma de suas pernas. Annagramma recuou rapidamente.

— Por que você fez isso?

— Você é esperta...adivinhe!

— Oh, eu esqueci... seu pai é um pastor...

— Bom! Você lembrou! — Tiffany hesitou. A certeza estava fluindo em seu cérebro, cortesia de seus Terceiros Pensamentos. De repente ela sabia quem era Annagramma.

— E seu pai? — ela perguntou.

— O que? — Annagramma instintivamente se endireitou. — Ah, ele é dono de várias fazendas...

— Mentirosa! —

— Bem, talvez eu deva dizer que ele é um fazendeiro... — a garota começou,

o nervosismo começando a aparecer.

— Mentirosa!

Annagramma recuou. — Como você ousa falar comigo assim...

— Como você ousa não me dizer a verdade!

Na pausa que se seguiu, Tiffany ouviu tudo...o leve crepitar da madeira no fogão, o som de ratos no porão, sua própria respiração rugindo como o mar em uma caverna...

— Ele trabalha para um fazendeiro, certo? — Disse Annagramma rapidamente e então pareceu chocada com suas próprias palavras. — Não temos terra, não somos donos nem do chalé. Aí está a verdade, se você quiser. Feliz agora?

— Não. Mas obrigada —, disse Tiffany.

— Você vai contar às outras?

— Não. Não tem importância. Mas a Vovó Cera-do-Tempo quer que você faça uma bagunça de tudo isso, entendeu? Ela não tem nada contra você... — Tiffany hesitou, depois continuou: — Quero dizer, nada mais do que ela tem contra todos. Ela só quer que as pessoas vejam que o estilo de bruxaria da Senhora Lacrainha não funciona. É bem dela! Ela não disse uma palavra contra você, ela apenas deixou você ter exatamente o que queria. É como uma história. Todo mundo sabe que se você conseguir exatamente o que deseja, tudo sai mal. E você desejava um chalé. E você vai estragar tudo.

— Só preciso de mais um ou dois dias para pegar o jeito...

— Por que? Você é uma bruxa com um chalé. Você deveria ser capaz de lidar com isso! Por que aceitou se não era capaz?

Você deveria ser capaz de lidar com isso, menina das ovelhas! Por que aceitou se não era capaz?

— Então você não vai me ajudar? — Annagramma olhou para Tiffany e então sua expressão, algo muito raro, suavizou um pouco e ela disse: — Você está bem? —

Tiffany piscou. É horrível ter sua própria voz ecoando do outro lado da

mente.

— Olha, eu não tenho tempo —. ela disse fracamente. — Talvez as outras possam... ajudar?

— Eu não quero que elas saibam! — O pânico traçou curvas no rosto de Annagramma.

Ela pode fazer mágica, pensou Tiffany. Mas, simplesmente, não é boa em bruxaria. Ela vai fazer uma bagunça. Ela vai fazer uma bagunça com as pessoas.

Ela cedeu. — Tudo bem, provavelmente posso conseguir algum tempo. Não há muitas tarefas para fazer em Tir Nani Ogg. E eu vou explicar as coisas para as outras. Eles terão que saber. Elas provavelmente vão ajudar. Você aprende rápido e pode pegar o básico em uma semana ou mais. —

Tiffany observou o rosto de Annagramma. Ela ainda estava, realmente, considerando sobre a conveniência de ser ajudada! Se ela estivesse se afogando e você jogasse uma corda para ela, ela reclamaria se fosse da cor errada...

— Bem, se elas estarão apenas me ajudando... — Disse Annagramma, se animando.

Quase dava para admirar a garota pela maneira como ela reorganizava o mundo real em sua cabeça. Outra história, pensou Tiffany; e esta é toda sobre Annagramma.

— Sim, nós vamos ajudar você. — Ela suspirou.

— Talvez possamos até dizer às pessoas que vocês, meninas, estão vindo a mim para aprender coisas? — Disse Annagramma, esperançosa.

As pessoas diziam que você sempre deveria contar até dez antes de perder a paciência. Mas se era com Annagramma que você estava lidando, você tinha que saber alguns números maiores, como talvez um milhão.

— Não —, disse Tiffany, — acho que não faremos isso. Você é a única que tem algo a aprender.

Annagramma abriu a boca para argumentar, viu a expressão no rosto de Tiffany e decidiu não o fazer.

— Hmm, sim —, disse. — Claro. Hmm... obrigado. — Isso foi uma

surpresa.

— Elas provavelmente vão ajudar —, disse Tiffany. — Não ficaria bem se uma de nós falhar.

Para sua surpresa, a garota realmente estava chorando. — É só que eu realmente não achava que elas eram minhas amigas...

— Eu não gosto dela —, disse Petúlia, que estava atolada em porcos. — Ela me chama de bruxa dos porcos.

— Bem, você é uma bruxa dos porcos —, disse Tiffany, que estava do lado de fora do chiqueiro. O grande galpão estava cheio de porcos. O barulho era quase tão ruim quanto o cheiro. Neve fina, como poeira, caía lá fora.

— Sim, mas quando ela diz isso, há muito mais de porco e bruxa de menos —, disse Petúlia. — Toda vez que ela abre a boca, acho que fiz algo errado. — Ela acenou com a mão na cara de um porco e murmurou algumas palavras. Os olhos do animal se fecharam e ele abriu a boca. Ele pegou uma grande dose de líquido verde de uma garrafa.

— Não podemos simplesmente deixá-la se debatendo —, disse Tiffany. — Pessoas podem se machucar.

— Bem, isso não seria nossa culpa, seria? — Disse Petúlia, dando mais uma dose a outro porco. Ela juntou as mãos em concha e gritou por cima do barulho para um homem do outro lado do cercado: — Fred, esse lote acabou! — Então ela saiu do cercado e Tiffany viu que ela estava com o vestido enfiado até a cintura e usava um par de calças pesadas de couro por baixo.

— Eles estão fazendo um grande rebuliço esta manhã —, ela disse. — Como se eles estivessem ficando um pouco excitados.

— Excitados? — Disse Tiffany. — Ah ... sim.

— Escute, você pode ouvir os varrões gritando em seu galpão —, disse Petúlia. — Estão cheirando a primavera.

— Mas ainda nem chegou o reveillon-do-porco!

— É depois de amanhã. De qualquer forma a primavera dorme sob a neve, meu pai sempre diz —, disse Petúlia, lavando as mãos em um balde.

Sem "hmm" ou "é" ou "pode ser", disseram os Terceiros Pensamentos de Tiffany. Quando ela está trabalhando, Petúlia nunca diz "hmm" ou "é" ou "pode ser". Ela tinha certeza das coisas quando estava trabalhando. Ficava ereta e firme. Assumia o comando.

— Olha, será nossa culpa se podemos ver algo errado e não fazemos nada a respeito —, disse Tiffany.

— Oh, Annagramma outra vez —, disse Petúlia. Ela deu de ombros. — Olha, eu posso ir lá talvez uma vez por semana depois do reveillon-do-porco e mostrar a ela algumas das coisas básicas. Isso vai te deixar feliz?

— Tenho certeza de que ela ficará grata.

— Tenho certeza de que ela não vai. Você pediu a alguma das outras?

— Não. Eu pensei que se elas soubessem que você tinha concordado, elas provavelmente fariam, também —, disse Tiffany.

— Rá! Bem, suponho que pelo menos poderemos dizer que tentamos. Sabe que eu costumava pensar que Annagramma era realmente esperta porque ela sabia muitas palavras e podia fazer feitiços brilhantes? Mas mostre a ela um porco doente e ela não serve para nada!

Tiffany contou a ela sobre o porco da senhora Stumper e Petúlia pareceu chocada.

— Não podemos deixar acontecer esse tipo de coisa —, disse ela. — Numa árvore? Talvez eu tente aparecer esta tarde então. — Ela hesitou. — Você sabe que Vovó Cera-do-Tempo não vai ficar feliz com isso? Será que nós queremos nos meter entre ela e a Senhora Lacrainha?

— Estamos fazendo a coisa certa ou não? — Disse Tiffany. — De qualquer forma, o que de pior que ela poderia fazer para nós?

Petúlia deu uma risada curta sem nenhum humor. — Bem —, ela disse, — primeiro, ela poderia fazer nossos...

— Ela não fará.

— Eu gostaria de ter tanta certeza quanto você —, disse Petúlia. — Tudo bem, então. Pelo porco da senhora Stumper.

Tiffany voou acima das copas das árvores com o galho alto ocasional roçando suas botas. Havia sol de inverno apenas o suficiente para tornar a neve crocante e brilhante, como um bolo gelado.

Tinha sido uma manhã movimentada. O *coven* não estava muito interessado em ajudar Annagramma. O próprio *coven* parecia ter acontecido há muito tempo. Tinha sido um inverno agitado.

— Tudo o que fizemos foi perder tempo enquanto Annagramma mandava em nós —, dissera Dimity Hubbub, enquanto moía minerais e os despejava com muito cuidado, um pouco de cada vez, em um pequeno pote aquecido por uma vela. — Estou muito ocupada para mexer com magia. Nunca traz nada de útil. Você conhece o problema dela? Ela acha que você pode ser uma bruxa comprando coisas.

— Ela só precisa aprender a lidar com as pessoas —, disse Tiffany. Neste ponto, o pote explodiu.

— Bem, acho que podemos dizer com segurança que isso não era um remédio para dor de dente —, disse Dimity, tirando pedaços do pote de seu cabelo. — Tudo bem, posso aparecer alguns dias se Petúlia está disposta a fazer o mesmo. Mas não vai adiantar muito.

Lucy Warbeck estava deitada de corpo inteiro e totalmente vestida em uma banheira de estanho cheia de água quando Tiffany apareceu. Sua cabeça estava totalmente abaixo d'água mas quando viu Tiffany espiando, ela segurou uma placa dizendo NÃO ESTOU ME AFOGANDO! A Senhorita Umaturga havia dito que

ela seria uma boa caçadora de bruxas, então ela estava treinando duro.

— Não vejo por que deveríamos ajudar Annagramma —, disse ela enquanto Tiffany a ajudava a se secar. — Ela simplesmente gosta de rebaixar as pessoas com aquela voz sarcástica dela. De qualquer forma, porque você se importa? Você sabe que ela não gosta de você.

— Acho que sempre nos demos bem... mais ou menos —, disse Tiffany.

— Mesmo? Você pode fazer coisas que ela sequer pode tentar! Como aquela coisa de ficar invisível ... você faz parecer fácil! Mas você vem às reuniões e age como o resto de nós e depois ajuda na limpeza e isso a deixa louca!

— Olha, não sei do que você está falando.

Lucy pegou outra toalha. — Ela não suporta a ideia de que alguém é melhor do que ela mas não se gaba disso.

— Por que eu deveria fazer isso? — Disse Tiffany, perplexa.

— Porque é isso que ela faria, se fosse você —, Disse Lucy, enfiando cuidadosamente a faca e o garfo de volta em seu cabelo preso.[12] — Ela acha que você está rindo dela. E agora, puta merda, ela depende de você. Você poderia muito bem ter enfiado alfinetes no nariz dela.

Porém Petúlia concordara e Lucy e as outras também. Petúlia se revelara como uma grande história de sucesso desde que vencera o Torneio das Bruxas com seu famoso Truque do Porco, dois anos atrás. Ela fora ridicularizada — bem, por Annagramma e todos os outros ali que sorriram meio sem jeito — mas se manteve firme naquilo em que era boa e as pessoas diziam que ela tinha habilidades com animais que nem mesmo Vovó Cera-do-Tempo conseguia alcançar.

E conseguiu um sólido respeito, também. As pessoas não entendiam muito do que as bruxas faziam, mas qualquer um que conseguisse colocar uma vaca doente de pé... bem, essa pessoa era alguém que você admirava.

---

[12] Todas as bruxas são um pouco estranhas. E é sempre melhor lidar com sua estranheza com antecedência.

Assim, para todo o *coven*, depois do Reveillon-do-Porco, começaria o tempo de dedicação total a Annagramma.

Tiffany voou de volta para Tir Nani Ogg com a cabeça girando. Ela nunca pensou que alguém poderia ter inveja dela. Ok, ela aprendeu uma ou duas coisas, mas qualquer um podia fazer o mesmo. Você só tinha que ser capaz de se desligar.

Havia se sentado na areia do deserto atrás da Porta, enfrentado cães com dentes afiados... não eram coisas que ela queria recordar. E além de tudo isso havia o Artesão do Inverno.

Ele não poderia encontrá-la sem o cavalo, todos tinham certeza disso. Ele podia falar na cabeça dela e ela podia falar com ele, mas isso era uma espécie de mágica e não tinha nada a ver com mapas.

Ele estava quieto havia já algum tempo. Provavelmente estava construindo icebergs. Ela pousou a vassoura em uma colinazinha careca entre as árvores.

Não havia nenhum chalé à vista.

Ela desceu da vassoura, mas segurou-a, só por precaução.

As estrelas estavam aparecendo. O Artesão do Inverno gostava de noites claras.

Elas eram mais frias.

E as palavras vieram. Eram suas palavras em sua voz e ela sabia o que significavam, mas tinham uma espécie de eco.

— Artesão do Inverno! Eu te convoco!

Enquanto ela piscava com a maneira aguda como as palavras soaram, veio a resposta.

A voz estava ao seu redor.

Quem convoca o Artesão do Inverno?

— Eu sou a Dama do Verão. — Bem, ela pensou, uma espécie de substituta.

Então por que você se esconde de mim?

— Tenho medo do seu gelo. Eu temo seu frio. Fujo de suas avalanches. Eu me escondo de suas tempestades. — Ah, certo, isso é conversa de deusa.

Viva comigo no meu mundo de gelo!

— Como ousa me dar ordens! Não ouse me dar ordens!

Mas você escolheu morar no meu inverno... soou inseguro o Artesão do Inverno.

— Eu vou para onde eu quiser. Eu faço meu próprio caminho. Não busco a permissão de ninguém. Em seu país, você me honrará... ou haverá um ajuste de contas! — E essa parte é minha, pensou Tiffany, satisfeita por ter uma palavra sua.

Houve um longo silêncio, cheio de incerteza e perplexidade, então o Artesão do Inverno disse: *Como posso servi-la, minha dama?*

— Chega de icebergs parecidos comigo. Eu não quero ser um rosto que afunda mil navios.

E a geada? Podemos compartilhar as geadas? E os flocos de neve?

— As geadas, não. Você não deve escrever meu nome nas janelas. Isso só pode causar problemas.

Mas pode me ser permitido honrá-la em flocos de neve?

— Hmmm... — Tiffany se deteve. Deusas não deveriam dizer "hmmm", ela tinha certeza disso.

— Flocos de neve podem... ser aceitáveis —, disse. Afinal, ela pensou, não é como se eles tivessem meu nome neles. Quero dizer, a maioria das pessoas não notará e, se notarem, não saberão que sou eu.

Então haverá flocos de neve, minha senhora, até a hora de dançarmos novamente.

E o faremos, pois estou me tornando um homem!

A voz do Artesão do Inverno se foi. Tiffany estava sozinha novamente entre as árvores. Só que não estava.

— Eu sei que você ainda está aí —, ela disse, sua respiração deixando um brilho no ar. — Você está, não está? Eu posso sentir você. Você não é meus pensamentos. Não estou imaginando você. O Artesão do Inverno se foi. Você pode falar com a minha boca. Quem é você?

O vento fazia a neve cair das árvores próximas. As estrelas brilharam. Nada mais se moveu.

— Você está aí —, disse Tiffany. — Você colocou pensamentos na minha cabeça. Você até fez minha própria voz falar comigo. Isso não vai acontecer de novo. Agora que conheço a sensação, posso te manter fora. Se você tem algo a me dizer, diga agora. Quando eu sair daqui, fecharei minha mente para você. Eu não vou deixar...

Qual é a sensação de ser tão impotente, menina das ovelhas?

— Você é Verão, não é? — disse Tiffany.

E você é como uma garotinha vestida com as roupas da mãe, pezinhos em sapatos grandes, vestido arrastando na terra. O mundo vai congelar por causa de uma criança boba...

Tiffany fez...algo que seria impossível para ela descrever e a voz acabou como um inseto distante.

Estava solitário na colina e frio. E tudo o que você podia fazer era continuar. Você poderia gritar, chorar e bater os pés, mas além de fazer você se sentir mais quente, não adiantaria nada. Você poderia dizer que era injusto e isso era verdade, mas o universo não se importava porque não sabia o que significava "justo". Esse era o grande problema de ser uma bruxa. Dependia de você. Dependia sempre de você.

O Reveillon-do-Porco veio, com mais neve e alguns presentes. Nenhuma notícia de casa; somente algumas poucas carruagens conseguiam chegar até lá em cima. Ela disse a si mesma que provavelmente havia uma boa razão e tentou acreditar.

Era o dia mais curto do ano, o que era conveniente porque combinava perfeitamente com a noite mais longa. Era o auge do inverno, porém Tiffany não esperava o presente que chegou no dia seguinte.

Estava nevando muito, mas o céu noturno estava rosa, azul e gelado.

Aquilo saiu do céu rosa da tarde com um assobio e pousou na horta de Tia

Ogg, jogando uma chuva de terra e deixando um grande buraco.

— Bem, adeus aos repolhos —, disse Tia Ogg, olhando pela janela.

O vapor subia do buraco quando elas saíram e havia um forte cheiro de brotos.

Tiffany espiou através do vapor. Terra e talos de plantas cobriam a coisa, mas ela podia ver algo arredondado.

Ela se deixou deslizar mais para dentro do buraco, bem no meio da lama, do vapor e da coisa misteriosa. Não estava muito quente agora e enquanto tirava as coisas em cima daquilo, começou a ter uma sensação desagradável de que sabia o que era.

Era, ela tinha certeza, a "coisinha" de que Anoia havia falado. Parecia bastante misteriosa. E quando emergiu da lama, ela sabia que já a tinha visto antes.

— Você está bem aí embaixo? Não posso te ver por causa de todo esse vapor! — Chamou Tia Ogg. Por conta do barulho, os vizinhos vieram correndo e houve algumas conversas animadas.

Tiffany rapidamente jogou lama e repolhos amassados sobre a coisa que caíra e gritou: — Acho que isso pode explodir. Diga a todos para entrarem! Se abaixe agora e pegue minha mão, certo?

Houve alguns gritos acima dela e o som de pés correndo. A mão de Tia Ogg apareceu, tateando na névoa e tirou Tiffany do buraco.

— Vamos nos esconder embaixo da mesa da cozinha? — disse a Tia enquanto Tiffany tentava limpar a lama e o repolho do vestido. A seguir piscou. — No caso de explodir de verdade?

Seu filho Shawn deu a volta pela casa com um balde de água em cada mão e parou, parecendo desapontado por não ter nada o que fazer com eles.

— O que foi isso, mãe? — Ofegou.

Tia Ogg olhou para Tiffany, que disse: — hmmm... uma pedra gigante caiu do céu.

— Rochas gigantes não podem ficar no céu, senhorita! — Shawn disse.

— Acho que foi por isso que esta caiu, rapaz —, disse a Tia com vivacidade.

— Se você quer fazer algo útil, pode ficar de guarda e garantir que ninguém se aproxime.

— O que devo fazer se explodir, mãe?

— Venha e me diga, sim? — disse a Tia.

Ela apressou Tiffany para dentro da casa, fechou a porta atrás delas e disse: — Sou uma velha e terrível mentirosa, Tiff; e é preciso ser uma para conhecer outra. O que tinha lá embaixo?

— Bem, acho que não vai explodir —, disse Tiffany. — E se isso acontecesse, acho que o pior que aconteceria é que estaríamos cobertos de salada de repolho. Acho que é a Cornucópia.

Ouviu-se o som de vozes do lado de fora e a porta foi escancarada.

— Bênçãos caiam sobre esta casa —, disse Vovó Cera-do-Tempo, batendo a neve de suas botas. — Seu garoto disse que eu não deveria entrar, mas acho que ele estava errado. Eu vim o mais rápido que pude. O que aconteceu?

— Temos cornucópias —, disse Tia Ogg, — seja lá o que isso for.

Foi mais tarde naquela noite. Eles esperaram até escurecer antes de tirar a Cornucópia do buraco. Era muito mais leve do que Tiffany esperava; na verdade, tinha um ar de algo muito, muito pesado que, por razões próprias, se tornara leve apenas por um tempo.

Agora estava na mesa da cozinha, limpo da lama e repolho. Tiffany achou que parecia vagamente vivo. Era quente ao toque e parecia vibrar levemente sob seus dedos.

— Segundo Tentilhão —, disse ela, com a Mitologia aberta no colo, — o deus Cego Io criou a Cornucópia a partir de um chifre da cabra mágica Almeg para alimentar seus dois filhos com a Deusa Bisonomia, que mais tarde foi transformada em chuveiro de ostras por Epidítia, Deus das Coisas em Forma de Batatas, depois de insultar Resonata, Deusa das Doninhas, jogando uma toupeira em sua sombra. Agora é a insígnia da Deusa do Verão.

— Eu sempre disse que costumava haver muito desse tipo de coisa antigamente —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

As bruxas olharam para a coisa. Parecia um chifre de cabra, mas muito maior.

— Como funciona? — Disse Tia Ogg. Ela enfiou a cabeça dentro dele e gritou — Olá! — Muitos "Olás" voltaram, ecoando por um longo tempo, como se tivessem ido muito mais longe do que você esperaria.

— Parece uma grande concha do mar para mim —, foi a opinião de Vovó Cera-do-Tempo. A gatinha *Você* caminhou ao redor da coisa gigante, cheirando-a delicadamente. (Greebo estava escondido atrás das panelas na prateleira de cima. Tiffany conferiu.)

— Acho que ninguém sabe —, disse ela. — Mas o outro nome para isso é O Corno da Abundância.

— Um corno? Você pode tocar uma música nele? — Perguntou a Tia.

— Acho que não —, disse Tiffany. — Isto contém... é... coisas.

— Que tipo de coisas? — Disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Bem, tecnicamente... tudo. — Disse Tiffany. — Tudo o que cresce.

E mostrou a elas a gravura no livro. Todos os tipos de frutas, vegetais e grãos derramavam-se da boca larga da Cornucópia.

— Mas principalmente frutas —, disse a Tia. — Não há muitas cenouras, mas eu suponho que elas estejam no final pontiagudo. Eles se encaixariam melhor lá.

— Artista típico —, disse Vovó. — Ele apenas pintou as coisas vistosas na frente. Orgulhoso demais para pintar uma batata honesta! — Ela cutucou a página com um dedo acusador. — E quanto a esses querubins? Por que é que nós temos que tê-los aqui? Por que? Não gosto de ver bebezinhos voando pelo ar.

— Eles aparecem muito em pinturas antigas —, disse Tia Ogg. — Eles os colocam para mostrar que é arte e não apenas fotos perversas de mulheres com pouca roupa.

— Bem, eles não me enganam —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Vá em frente, Tiff, experimente —, disse Tia Ogg, andando em volta da mesa.

— Eu não sei como! — Disse Tiffany. — Não há nenhuma instrução!

Então, tarde demais, Vovó gritou: — *Você*! Saia daí! — Em vez disso, com um movimento de sua cauda, o gatinho branco trotou para dentro.

Eles bateram no corno. O seguraram de cabeça para baixo e o sacudiram. Tentaram gritar. Colocaram um pires de leite na frente dela e esperaram. A gatinha não voltou. Então Tia Ogg cutucou suavemente dentro do Cornucópia com um esfregão, que para grande surpresa de ninguém foi mais longe dentro da Cornucópia do que havia Cornucópia do lado de fora.

— Ela vai sair quando estiver com fome —, ela disse tranquilizadora.

— Não se ela encontrar algo para comer lá dentro —, disse Vovó Cera-do-Tempo, espiando no escuro.

— Eu não acho que ela vai encontrar comida de gato —, disse Tiffany, examinando a gravura mais de perto. — Pode haver leite, no entanto.

— Você! Saia daí neste minuto! — Ordenou Vovó com uma voz capaz de sacudir montanhas.

Houve um miado distante.

— Talvez ela tenha ficado presa? — Disse a Tia. — Quero dizer, é como uma espiral, diminuindo no final, certo? Gatos não são muito bons em andar para trás.

Tiffany viu a expressão no rosto de Vovó e suspirou.

— Feegles? — Ela disse para a sala em geral. — Eu sei que há alguns de vocês nesta sala. Saiam, por favor!

Feegles apareceram por trás de cada ornamento. Tiffany bateu na Cornucópia.

— Vocês poderiam tirar uma gatinha daqui? — Ela perguntou.

— Só isso? Certo, sem probrema —, disse Rob Qualquerum. — Tinha isperança de que fossi uma coisa mais difícil!

Os Nac Mac Feegles desapareceram trotando no interior do corno. Suas vozes diminuindo. As bruxas esperaram. E esperaram um pouco mais. E um pouco mais.

— Feegles! — gritou Tiffany para o buraco. Ela pensou ter ouvido um "Disgraça!" muito distante e muito fraco.

— Se pode produzir grãos, eles podem ter encontrado cerveja lá —, disse Tiffany. — E isso significa que eles só vão acabar quando a cerveja acabar também!

— Gatos não podem se alimentar de cerveja! — Vociferou Vovó Cera-do-Tempo.

— Bem, estou farta de esperar —, disse Tia Ogg. — Olha, tem um pequeno buraco na parte pontiaguda também. Eu vou soprar nele!

Ela tentou, pelo menos. Suas bochechas ficaram grandes e vermelhas e seus olhos esbugalhados e ficou bem claro que se o corno não explodisse em um som bem alto, ela iria... nesse ponto o corno deu-se por vencido. Houve um ruído distante e inequivocamente retumbante, que ficou cada vez mais alto.

— Ainda não consigo ver nada —, disse Vovó, olhando para a boca larga do corno.

Tiffany puxou-a assim que *Você* saiu galopando da Cornucópia com o rabo esticado e as orelhas achatadas. Ela deslizou pela mesa, pulou no vestido de Vovó Cera-do-Tempo, subiu em seu ombro, virou-se e cuspiu em desafio.

Com um grito de — Disssgraaaçaaaa! — Feegles saíram em tropel do corno.

— Atrás do sofá, todo mundo! — Gritou Tia Ogg. — Corram!

Agora o estrondo era como um trovão. Aquilo cresceu e cresceu e então...parou.

No silêncio, três chapéus pontudos surgiram de trás do sofá. Pequenos rostos azuis surgiram por trás de tudo.

Então houve um barulho muito parecido com pfuut! e algo pequeno e enrugado rolou da boca do Chifre e caiu no chão. Era um abacaxi muito seco.

Vovó Cera-do-Tempo espanou um pouco de poeira do vestido. — É melhor você aprender a usar isso —, disse ela a Tiffany.

— Como?

— Não tem nenhuma ideia?

— Não!

— Bem, apareceu para você, moça e é perigoso!

Tiffany cuidadosamente pegou a Cornucópia e novamente houve aquela sensação definitiva de alguma coisa imensamente pesada fingindo, com muito sucesso, ser leve.

— Talvez precise de alguma palavra mágica —, sugeriu a Tia Ogg. — Ou algum lugar especial que você pode pressionar.

Quando Tiffany o virou para a luz, algo brilhou por um momento. — Espere, isto parecem palavras —, disse ela.

Ela Leu: ΠΑΝΤΑ ΠΟΥ ΕΠΙΘΥΜΕΙΣ, ΧΑΠΙΖΩ ΕΙΣ ΕΝΑ ΟΝΟΜΑ.[13]

A tudo o que você deseja, eu o dou com somente o nomear, murmurou a memória do Dr. Alvoroço.

A linha seguinte dizia: ΜΕΓΑΛΩΝΩ, ΣΥΣΤΕΛΛΟΜΑΙ.[14]

Eu cresço, eu encolho, o Dr. Alvoroço traduziu.

— Acho que posso ter uma ideia —, disse ela e em memória da Senhorita Traição ela declarou: — Sanduíche de presunto!

Nada aconteceu.

O dr. Alvoroço, então, traduziu preguiçosamente e Tiffany disse: — Eνα σαντουιτς των ζαμπον με μουταρδα! [15]

Com um ffflap, um sanduíche de presunto saiu voando da foz da Cornucópia e foi habilmente pego pela Babá, que o mordeu.

— Nada mal! — Ela anunciou. — Tente mais alguma coisa.

— Δωσε μου πολλα σαντουιτς των ζαμπον! — [16] Disse Tiffany, e veio o tipo de som que se ouve quando se perturba uma caverna cheia de morcegos. — Pare!

---

[13] PANTA POU EPITHYMEIS, CHAPIZO EIS ENA ONOMA. Em grego, no original. Já traduzida pelo autor. (N.T.)

[14] MEGALONO, SYSTELLOMAI. Já traduzida pelo autor. (N.T.)

[15] Ena santouits ton zampon me moutarda! - Um sanduíche de presunto com mostarda! (N.T.)

[16] Dose mou polla santouits ton zampon! - Dê-me muitos sanduíches de presunto! (N.T,)

— ela gritou, mas nada parou. Então dr. Alvoroço sussurrou e ela gritou: — Μην μου ςδινεις περισσοτερα σαντουιτς! [17]

E então houve um... monte de sanduíches. De fato, a pilha alcançou o teto. Apenas a ponta do chapéu de Tia Ogg era visível, mas havia alguns ruídos abafados mais abaixo na pilha.

Um braço se esticou e Tia Ogg forçou seu caminho através da parede de pão e fatias de porco, mastigando pensativamente.

— Sem mostarda, eu notei. Hmm. Bem, podemos ver que todos aqui jantaram bem esta noite —, disse ela. — E posso ver que vou ter que fazer uma quantidade enorme de sopa também. Mas é melhor não tentar de novo aqui, certo?

— Eu não gosto nada disso —, Vovó Cera-do-Tempo disse, cortante. — De onde vem tudo isso, hein? Comida mágica nunca alimentou ninguém adequadamente!

— Não é mágica, é uma coisa divina —, disse Tia Ogg. — Como "manati" caindo do céu, esse tipo de coisa. Imagino que seja feito de firmamento puro.

Na verdade, é apenas uma metáfora viva para a fecundidade sem limites do mundo natural, sussurrou o Dr. Alvoroço na cabeça de Tiffany.

— Você não recebe "manatis" do céu —, disse Vovó.

— Isso foi em terras estrangeiras, muito tempo atrás —, disse a Tia, virando-se para Tiffany. — Se eu fosse você, querida, eu o levaria para a floresta amanhã e veria o que ele pode fazer. Embora, se você não se importa, eu realmente gostaria de algumas uvas frescas agora.

— Gytha Ogg, você não pode usar a Cornucópia dos Deuses como uma... despensa! — Disse Vovó. — O negócio dos pés já era ruim o suficiente!

— Mas é o que é —, disse a Tia Ogg, inocentemente. — É a "dispensa". É, tipo, tudo o que está esperando para crescer na próxima primavera.

Tiffany pousou-a com muito cuidado. Havia algo... de vivo na Cornucópia. Ela não tinha certeza de que era apenas uma ferramenta mágica. Parecia estar

---

[17] Min mou dineis perissotera santouits! - Não me dê mais sanduíches! (N.T.)

ouvindo.

Ao tocar o tampo da mesa, aquilo começou a encolher até ficar do tamanho de um pequeno vaso.

— Licença? — Disse Rob Qualquerum. — Mas serve para cerveja?

— Cerveja? — Disse Tiffany, sem pensar.

Houve um barulho de gotejamento. Todos os olhos se voltaram para o vaso.

Líquido marrom estava espumando até a boca.

Então todos os olhos se voltaram para Vovó Cera-do-Tempo, que deu de ombros. — Não olhem para mim —, ela disse, azeda. — Vocês vão beber de qualquer maneira!

Está viva, pensou Tiffany, enquanto Tia Ogg saía correndo para encontrar mais canecas. E aprende. Aprendeu minha língua...

Por volta da meia-noite, Tiffany acordou porque uma galinha branca estava parada em seu peito. Ela o empurrou e estendeu a mão para seus chinelos; e encontrou apenas galinhas. Quando acendeu a vela, viu meia dúzia de galinhas na ponta da cama. O chão estava coberto de galinhas. As escadas também. Assim como todos os cômodos lá embaixo. Na cozinha, as galinhas transbordavam da pia.

Eles não estavam fazendo muito barulho, apenas o cocoricó ocasional que uma galinha faz quando está um pouco incerta sobre as coisas, o que é mais ou menos o tempo todo.

As galinhas se arrastavam pacientemente, abrindo espaço.

Cocoricó.

Eles estavam fazendo isso porque a Cornucópia, agora um pouco maior do que uma galinha adulta, atirava suavemente uma galinha a cada oito segundos.

Cocoricó.

Enquanto Tiffany observava, outra pousou na montanha de sanduíches de presunto.

Cocoricó.

Abandonada no topo da Cornucópia estava Você, olhando muito intrigada.

Cocoricó.

E no meio do chão Vovó Cera-do-Tempo roncava baixinho na grande poltrona, cercada de galinhas fascinadas.

Cocoricó.

Além do ronco, do coro de cocoricós e do farfalhar das galinhas se arrastando, tudo era muito tranquilo à luz das velas.

Cocoricó.

Tiffany olhou para a gatinha. Ela se esfregava nas coisas quando queria ser alimentada, não é? *Cocoricó.* E fazia "miaus"? *Cocoricó.* E a Cornucópia poderia aprender idiomas, não podia?

Cocoricó.

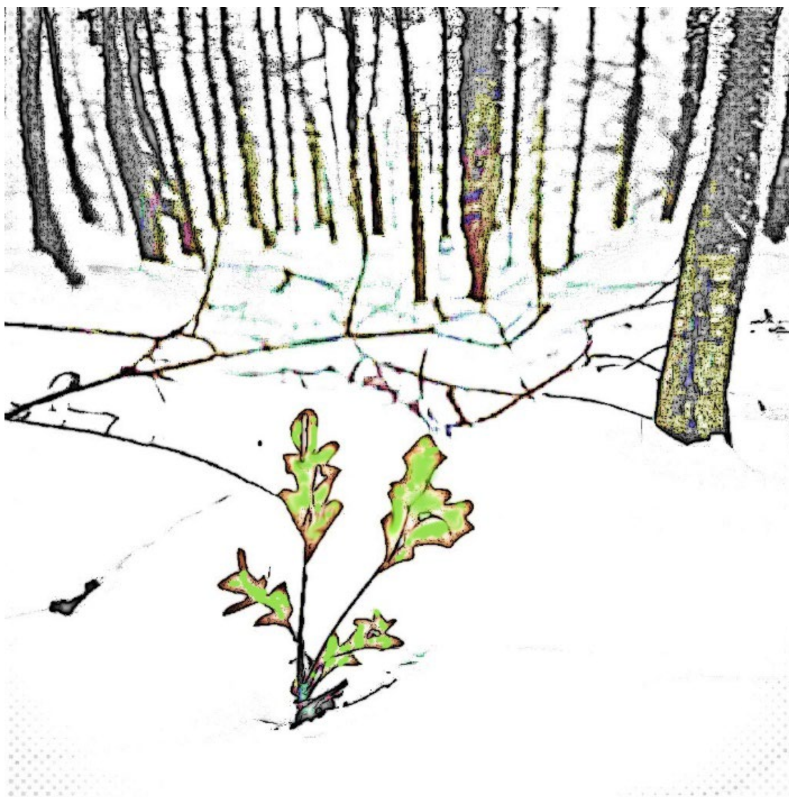
Agora ela sussurrou: — Chega de galinhas —, e depois de alguns segundos o fluxo de galinhas cessou.

Cocoricó.

Mas ela realmente não podia deixar assim.

Ela sacudiu Vovó pelo ombro e, quando a velha mulher acordou, disse: — A boa notícia é que muitos sanduíches de presunto acabaram... hmm...

Cocoricó.



CAPÍTULO NOVE
BROTOS VERDES

Estava muito mais frio na manhã seguinte, um frio entorpecido e opaco que praticamente poderia congelar as chamas de uma fogueira.

Tiffany deixou a vassoura pousar entre as árvores, um pouco longe do chalé de Tia Ogg. A neve não caía muito ali, mas chegava aos joelhos dela e o frio a deixara crocante e estalava como um pão velho quando Tiffany a pisava.

Em teoria, ela estava na floresta para pegar o jeito da Cornucópia, mas na verdade ela estava lá para mantê-la fora do caminho. Tia Ogg não tinha ficado muito chateada com as galinhas. Afinal, ela agora possuía quinhentas galinhas, que estavam em seu galpão fazendo cocoricó. Mas o chão estava uma bagunça, havia titica de galinha até no corrimão e, como a vovó havia apontado (em um sussurro), e se alguém tivesse dito "tubarões"? A Cornucópia estava em seu colo enquanto ela se sentava em um toco entre as árvores cobertas de neve. Antigamente a floresta era bonita. Agora era odioso. Troncos escuros contra montes de neve, um mundo listrado de preto e branco, barras contra a luz. Ela

ansiava por horizontes.

Engraçado... a Cornucópia estava sempre ligeiramente quente, mesmo ali, e parecia saber de antemão que tamanho deveria ter. "Eu cresço, eu encolho", pensou Tiffany. E estou me sentindo muito pequena.

O que virá depois? O que virá agora? Havia esperado que o... o poder cairia sobre ela, assim como a Cornucópia havia feito. Não aconteceu.

Havia vida sob a neve. Ela o sentia na ponta dos dedos. Em algum lugar lá embaixo, fora de alcance, estava o verdadeiro verão. Usando a Cornucópia como pá, ela raspou a neve até chegar às folhas mortas. Havia vida lá embaixo nas teias brancas de fungos e raízes novas e pálidas. Um verme semicongelado rastejou lentamente para longe e se enterrou sob um esqueleto de folha, fino como renda. Ao lado havia uma bolota.

A floresta não estava silenciosa. Ela estava prendendo a respiração. Todos estavam esperando por ela e ela não sabia o que fazer.

Não sou a Dama do Verão, disse a si mesma. Eu nunca poderei ser ela. Estou no lugar dela, mas nunca poderei ser ela. Posso fazer algumas flores crescerem, mas nunca poderei ser ela. Ela atravessará o mundo e oceanos de seiva crescerão nessas árvores mortas e um milhão de toneladas de grama crescerá em um segundo. Posso fazer isso? Não. Sou uma criança estúpida com um punhado de truques, só isso. Eu sou apenas Tiffany Dolorida e mais dolorida ainda pela vontade para ir para casa.

Sentindo-se culpada pelo verme, ela respirou um pouco de ar quente no solo e empurrou as folhas para trás para cobri-lo. Ao fazê-lo, ouviu-se um som baixinho e úmido, como o som estalante dos dedos de um sapo e a noz se abriu. Um broto branco escapou dela e cresceu mais de meia polegada enquanto ela o observava.

Apressadamente, ela fez um buraco no húmus com os dedos, empurrou a bolota para dentro e bateu novamente na terra.

Alguém a estava observando. Ela se levantou e se virou rapidamente. Não havia ninguém à vista, mas isso não significava nada. — Eu sei que você está ai!

— Ela disse, ainda se virando. — Quem quer que você seja!

Sua voz ecoou entre as árvores negras. Até para ela parecia fina e assustada.

Ela se viu erguendo a Cornucópia. — Mostre-se —, ela tremeu, — ou... — o quê? Pensou. Eu vou te encher de frutas?

Um pouco de neve caiu de uma árvore com um baque, fazendo-a pular e se sentir ainda mais tola. Agora ela estava se encolhendo com a queda de um punhado de flocos de neve! Uma bruxa nunca deveria se assustar na floresta mais escura, Vovó Cera-do-Tempo lhe dissera uma vez, porque ela deveria ter certeza em sua alma de que a coisa mais terrível na floresta era ela.

Ela ergueu a Cornucópia e disse, sem entusiasmo: — Morango.

Algo disparou da Cornucópia com um salto e deixou uma mancha vermelha em uma árvore a seis metros de distância. Tiffany não se preocupou em verificar; aquilo sempre entregava o que você pedia.

O que era mais do que ela poderia dizer por si mesma. E, acima de tudo, era o dia dela visitar Annagramma.

Tiffany suspirou profundamente. Ela provavelmente entenderia isso errado também.

Lentamente, montada em sua vassoura, ela desapareceu entre as árvores. Depois de um ou dois minutos, um broto verde surgiu do pedaço de solo que ela havia respirado, cresceu até uma altura de cerca de quinze centímetros e produziu duas folhas verdes

Passos se aproximaram. Eles não eram tão crocantes como normalmente são os passos na neve congelada.

Houve um barulho agora, porém, de alguém ajoelhado nas folhas congeladas.

Um par de mãos magras, mas poderosas, gentilmente arrastou e esculpiu a neve e as folhas juntas para formar uma parede alta e fina ao redor do broto, envolvendo-o e protegendo-o do vento como um soldado em um castelo.

Uma pequena gatinha branca tentou acariciá-lo e foi cuidadosamente retirada do caminho.

Então Vovó Cera-do-Tempo voltou para a floresta, sem deixar pegadas. Você nunca ensina a ninguém tudo o que sabe.

Os dias se passaram. Annagramma aprendeu, mas foi uma luta. Era difícil ensinar alguém que não admitia que havia algo que ela não sabia, então havia conversas assim:

— Você sabe como preparar raiz placebo, não é?

— Claro. Todo mundo sabe disso. — E não era hora de dizer: "Tá bom, me mostre", porque ela ficava um pouco confusa e depois dizia que estava com dor de cabeça. Este era o momento de dizer: "Ótimo, observe-me para ver se estou fazendo certo" e, em seguida, fazê-lo à perfeição. E você acrescentaria coisas como: "Como você sabe, Vovó Cera-do-Tempo diz que praticamente qualquer coisa funciona em vez da raiz placebo, mas é melhor usar a verdadeira se você conseguir. Se preparada em calda, é um remédio incrível para doenças menores, mas claro que você já sabe disso."

E Annagramma dizia: "Claro."

Uma semana depois, nas florestas, estava tão frio que algumas árvores mais velhas explodiram durante a noite. Não se via isso há muito tempo, diziam os mais velhos. Aconteceu quando a seiva congelou e depois tentou se expandir.

Annagramma era tão vaidosa quanto um canário em uma sala cheia de espelhos e entrava em pânico instantaneamente quando se deparava com qualquer coisa que não sabia, mas era perspicaz em pegar as coisas e muito boa em parecer saber mais do que realmente sabia, o que é um talento valioso para uma bruxa. Certa vez, Tiffany notou o catálogo Boffo aberto sobre a mesa com algumas coisas circuladas. Ela não fez perguntas. Estava muito ocupada.

Uma semana depois disso, os poços congelaram.

Tiffany percorreu as aldeias com Annagramma algumas vezes e sabia que conseguiria, eventualmente. Ela tinha Boffo embutido. Ela era alta e arrogante e

agia como se soubesse de tudo, mesmo quando não tinha a menor ideia. Isso a levaria longe. As pessoas a ouviam.

Eles precisavam. Não havia estradas abertas agora; entre os chalés, as pessoas abriram túneis cheios de luz azul fria. Qualquer coisa que precisasse ser movida era movida com cabo de vassoura. Isso incluía os velhos. Eles foram levantados, roupas de cama, bengalas e tudo e transferidos para outras casas. As pessoas reunidas ficavam mais aquecidas e podiam passar o tempo lembrando umas às outras que, por mais frio que estivesse, não era tão frio quanto o frio que sentiram quando eram jovens.

Depois de um tempo, eles pararam de dizer isso.

Às vezes descongelava, só um pouquinho, e depois congelava de novo. Isso enfeitava cada telhado com pingentes de gelo. No próximo degelo, eles se cravariam no chão como adagas.

Tiffany não dormiu; pelo menos, ela não foi para a cama. Nenhuma das bruxas o fez. A neve se transformou em gelo que parecia rocha, então algumas carroças podiam ser movidas, mas ainda não havia bruxas suficientes para circular ou horas suficientes no dia. Não havia horas suficientes no dia e na noite juntas. Petúlia tinha adormecido em sua vassoura e acabou em uma árvore a três quilômetros de distância. Tiffany escorregou uma vez e caiu em um monte de neve.

Lobos entraram nos túneis. Eles estavam fracos de fome e desesperados. Vovó Cera-do-Tempo acabou com eles e nunca contou a ninguém como havia feito isso.

O frio era como levar um soco, uma e outra vez, dia e noite. Por toda a neve havia pequenos pontos escuros que eram pássaros mortos, congelados em pleno ar. Outros pássaros encontraram os túneis e os encheram de chilreios e as pessoas os alimentavam com restos porque traziam uma falsa esperança de primavera para o mundo...

... porque havia comida. Oh, sim, havia comida. A Cornucópia funcionava dia e noite.

E Tiffany pensou: eu deveria ter dito não aos flocos de neve...

Havia um barraco, velho e abandonado. E havia, nas tábuas apodrecidas, um prego. Se o Artesão do Inverno tivesse dedos, eles estariam tremendo.

Esta foi a última coisa! Havia tanto para aprender! Tinha sido tão difícil, tão difícil! Quem teria pensado que um homem era feito de coisas como giz, fuligem, gases, venenos e metais? Mas agora o gelo se formou sob o prego enferrujado e a madeira gemeu e rangeu conforme o gelo crescia e a forçava a sair.

Ele girou suavemente no ar e a voz do Artesão do Inverno podia ser ouvida no vento que congelava as copas das árvores: — FERRO SUFICIENTE PARA FAZER UM HOMEM! —

No alto das montanhas a neve explodiu. Subia no ar como se golfinhos estivessem brincando sob ela, formas se formando e desaparecendo...

Então, tão repentinamente quanto havia subido, a neve baixou novamente. Mas agora havia um cavalo ali, branco como a neve e em seu lombo um cavaleiro, brilhando com o gelo. Se o maior escultor que o mundo já conheceu tivesse sido instruído a construir um boneco de neve, seria assim.

Algo ainda estava acontecendo. A forma do cavalo e do homem ainda se movimentava de modo rastejante à medida que se tornavam cada vez mais realistas. Detalhes se acertaram. As cores surgiram, sempre pálidas, nunca brilhantes.

E havia um cavalo, e havia um cavaleiro, brilhando na luz incômoda do sol do solstício de inverno.

O Artesão do Inverno estendeu a mão e flexionou os dedos. A cor é, afinal, apenas uma questão de reflexão; os dedos adquiriram a cor da carne.

O Artesão do Inverno falou. Ou seja, havia uma variedade de ruídos, desde o rugido de um vendaval até o barulho da arrebentação em uma praia de seixos após uma tempestade furiosa no mar. Em algum lugar entre todos eles havia um

tom que parecia mais coerente. Ele repetiu, esticou, mexeu e transformou em fala, brincando com ela até soar bem.

Ele disse: — Tasbnlerizwip? Ggokyziofvva? Wiswip? Nananana ... Nyip ... nap ... Ah Ah! E isto é falar!

O Artesão do Inverno jogou a cabeça para trás e cantou a abertura de Inverno de *Überwald* do compositor Wotua Doinov. Ele a ouviu uma vez ao dirigir um vendaval rugindo nos telhados de uma casa de ópera e ficou surpreso ao descobrir que um ser humano, nada mais do que um saco de água suja com pernas, poderia ter uma compreensão tão maravilhosa. de neve.

— SNOVA POXOLODALO! — [18] ele cantou para o céu gelado.

O único pequeno erro que Artesão do Inverno cometeu, enquanto seu cavalo trotava por entre os pinheiros, foi cantar tanto os instrumentos quanto as vozes. Ele cantou, na verdade, a coisa toda e cavalgou como uma orquestra itinerante, fazendo os sons dos cantores, dos tambores e do restante da orquestra ao mesmo tempo.

Para cheirar as árvores! Para sentir a força do chão! Para ser sólido! Para sentir a escuridão atrás de seus olhos e saber que era você! Ser — e saber ser — um homem!

Ele nunca havia se sentido assim antes. Foi emocionante. Havia muito de tudo, vindo para ele de todas as direções.

A coisa com o chão, por exemplo. Ele puxava, todo o tempo.

Ficar de pé ereto exigia muito pensamento. E os pássaros! O Artesão do Inverno sempre os vira como nada mais do que impurezas no ar, interferindo no fluxo do clima, mas agora eram coisas vivas como ele. E eles brincavam com a força do vento e eram donos do céu.

O Artesão do Inverno nunca tinha visto antes, nunca tinha sentido antes, nunca tinha ouvido antes. Você não poderia fazer essas coisas a menos que você

---

[18] СНОВА ПОХОЛОДАЛО. Em russo, no original, mas escrito em alfabeto latino: ESTÁ FRIO DE NOVO! (N.T.)

estivesse... separado, no escuro atrás dos olhos. Antes, ele não estava separado; ele fazia parte, parte de todo o universo de atração e pressão, som e luz, fluindo, dançando. Ele havia conduzido tempestades contra montanhas desde sempre, mas nunca soube o que era uma montanha até agora.

A escuridão atrás dos olhos... era algo precioso. Dava a você... você. Sua mão, com aquelas coisas risíveis e ondulantes, deu-lhe o toque; os orifícios de cada lado da cabeça deixam o som entrar; os orifícios na frente deixam entrar o cheiro maravilhoso. Quão espertos são os buracos para saber o que fazer! Era fantástico! Quando você era um elemental, tudo acontecia junto, dentro e fora, em uma só e grande... coisa.

Coisa. Essa era uma palavra útil... Coisa. Coisa era qualquer coisa que o Artesão do Inverno não pudesse descrever. Tudo o que existia eram... coisas; e elas eram emocionantes.

Era bom ser homem! Oh, ele era feito principalmente de gelo sujo, mas isso era apenas água suja mais bem organizada, afinal.

Sim, ele era humano. E tinha sido tão fácil. Só uma questão de organizar às coisas. Ele tinha sentidos, ele podia se mover entre os humanos, ele podia... buscar. O que significava que poderia procurar por humanos. Você se tornara um! Era tão difícil fazer isso como elemental; era difícil até mesmo reconhecer um ser humano na agitação do mundo físico. Mas um humano poderia falar com outros humanos com os buracos para o som. Ele poderia falar com eles e eles não suspeitariam!

E agora que ele era humano, não haveria como voltar atrás.

Rei Inverno!

Tudo o que ele precisava era de uma rainha.

Tiffany acordou porque alguém a estava sacudindo.

— Tiffany!

Ela fora dormir no chalé de Tia Ogg com a cabeça encostada na cornucópia.

De algum lugar próximo, houve um barulho estranho de "pif", como um gotejamento seco. A luz azul pálida da neve encheu a sala.

Quando ela abriu os olhos, Vovó Cera-do-Tempo estava gentilmente empurrando-a de volta para a cadeira.

— Você está dormindo desde as nove horas, menina —, disse ela. — Hora de ir para casa, eu acho.

Tiffany olhou em volta. — Estou em casa, não estou? — ela disse, sentindo-se tonta.

— Não, esta é a casa de Tia Ogg. E isto é um prato de sopa...

Tiffany acordou. Havia uma tigela de sopa como um borrão na frente dela. Aquilo parecia... familiar.

— Quando foi a última vez que você dormiu em uma cama? — disse uma figura vacilante e sombria.

Tiffany bocejou. — Que dia é hoje?

— Terça-feira —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— Mmm ... o que é uma terça-feira?

Tiffany acordou pela terceira vez e foi agarrada e puxada para cima.

— Ali —, disse a voz da Vovó Cera-do-Tempo. — Desta vez fique acordada. Tome a sopa. Aqueça-se. Você precisa ir para casa.

Desta vez, o estômago de Tiffany assumiu o controle de uma mão e uma colher e, aos poucos, Tiffany se aqueceu.

Vovó Cera-do-Tempo sentou-se em frente, a gatinha *Você* em seu colo, observando Tiffany até a sopa acabar.

— Eu esperei demais de você —, ela disse. — Esperei que conforme os dias fossem passando, você encontrasse mais poder. Não é culpa sua.

Os barulhos "pif" estavam ficando mais frequentes. Tiffany olhou para baixo e viu cevada pingando da Cornucópia. O número de grãos aumentava enquanto ela observava.

— Você pediu cevada antes de dormir —, disse a Vovó. — Ela diminui a velocidade quando você está cansada. Ainda bem, na verdade, caso contrário,

teríamos sido comidas vivas por galinhas.

— É praticamente a única coisa que tenho feito direito —, disse Tiffany.

— Ah, eu não sei. Annagramma Falcão parece estar se mostrando promissora. Tem sorte de ter boas amigas, pelo que ouvi. — Se a Senhorita Traição tivesse tentado jogar pôquer contra o rosto de Vovó Cera-do-Tempo, ela teria perdido.

O tamborilar dos novos grãos de repente tornou-se muito mais alto no silêncio.

— Olha, eu... — Tiffany começou.

Vovó fungou. — Tenho certeza de que ninguém precisa se explicar para mim —, disse ela virtuosamente. — Você me promete que vai para casa? Algumas carruagens passaram esta manhã e ouvi dizer que ainda não está muito ruim, nas planícies. Volte para a sua terra do Giz. Você é a única bruxa que eles têm.

Tiffany Suspirou. Ela queria ir para casa, mais do que tudo.

Mas seria como sair correndo dali.

— Pode ser como chegar correndo —, disse Vovó, retomando seu antigo hábito de responder a algo que não havia sido dito.

— Eu irei amanhã então —, disse Tiffany.

Vovó se levantou. — Venha comigo. Quero mostrar uma coisa a você.

Tiffany a seguiu por um túnel de neve que saía perto da borda da floresta. A neve havia sido pisada aqui por pessoas que traziam lenha para casa, e uma vez que você se afastava um pouco da borda da floresta, os montes de gelo acumulado não eram tão ruins; muita neve pendia das árvores, enchendo o ar de frias sombras azuis.

— O que estamos procurando? — Perguntou Tiffany e Vovó Cera-do-Tempo apontou.

Havia um toque de verde no branco e no cinza. Eram folhas novas de uma

muda de carvalho com alguns metros de altura. Quando Tiffany abriu caminho pela crosta de neve e estendeu a mão para tocá-la, o ar parecia quente.

— Você sabe como conseguiu fazer isso? — Perguntou Vovó.

— Não!

— Tampouco eu. Eu não conseguiria. Mas você conseguiu, garota. Tiffany Dolorida.

— É apenas uma árvore —, disse Tiffany.

— Ah, bem. Você tem que começar de baixo, aos poucos, com carvalhos.

Eles olharam em silêncio para a árvore por alguns momentos. O verde parecia refletir a neve ao seu redor. O inverno roubava a cor, mas a árvore brilhava.

— E agora todas nós temos coisas para fazer —, disse Vovó, quebrando o feitiço. — Você, eu acredito, normalmente estaria indo para a antiga casa da Senhorita Traição agora. Eu não esperaria menos de você.

Havia uma estalagem ali. Estava lotada, mesmo a essa hora da manhã. A carruagem dos correios havia feito uma parada rápida para conseguir cavalos descansados após a longa viagem para as montanhas e outra, com destino às planícies, esperava pelos passageiros. O bafo dos cavalos enchia o ar de vapor. Cocheiros batiam os pés. Sacos e pacotes estavam sendo carregados. Homens andavam à volta com mochilas. Outros, de pernas arqueadas, rondavam por ali, fumando e fofocando. Em quinze minutos o pátio da estalagem estaria vazio novamente, mas por enquanto todos estavam ocupados demais para prestar atenção em mais um estranho.

Depois, todos contariam histórias diferentes, contradizendo-se a plenos pulmões. Provavelmente, o relato mais preciso veio da Senhorita Dymphnia Stoot, filha do estalajadeiro, que estava ajudando o pai a servir o café da manhã:

— Bem, ele, assim, entrou, e ali mesmo eu pude ver que ele era estranho. Ele andava engraçado, você sabe, levantando as pernas como um cavalo trotando.

Além disso, ele era meio que brilhante. Mas temos todo tipo de coisa aqui e não vale a pena fazer comentários pessoais. Tivemos um bando de lobisomens aqui na semana passada e eles eram exatamente como você e eu, exceto que tínhamos que colocar seus pratos no chão. Tudo bem, sim, aquele homem... bem, ele se sentou em uma mesa e disse: "Eu sou um humano igual a você!" Ele saiu com isso, sem mais nem menos!

— Claro, ninguém mais prestou atenção, mas eu disse a ele que estava feliz em ouvir isso e perguntei o que ele queria comer, porque as salsichas estavam muito boas esta manhã e ele disse que só podia comer comida fria, o que foi engraçado porque todo mundo estava reclamando sobre como estava frio na sala agora, e não é como se não houvesse uma grande fogueira queimando. De qualquer forma... na verdade nós tínhamos algumas salsichas frias na despensa e elas estavam um pouco passadas, se é que você me entende, então eu dei a ele e ele mastigou um pouco e então ele disse, com a boca cheia se me permite dizer, "Isso não é o que eu esperava. O que eu faço agora?" e eu disse você engole e ele disse, "Engole?" e eu disse, sim, você engole até o estômago, certo, e ele disse, espalhando pedaços de linguiça por todo lado," Oh, o buraco vazio! — e meio que vacilou então ele disse, "Ah, eu sou um humano. Já comi salsichas humanas com sucesso!" e eu disse que não precisavam ser assim, que a maioria eram feitas principalmente de porco, como sempre.

— Então ele perguntou o que devia fazer com elas agora e eu disse que não cabia a mim dizer a ele e que eram dois centavos, por favor, e ele coloca uma moeda de ouro, então faço uma reverência porque, bem, nunca se sabe. Então ele diz: "Eu sou um humano como você. Onde estão os humanos pontudos que voam pelo céu?", o que foi uma maneira engraçada de colocar isso em minha mente, mas eu disse a ele que se eram bruxas que ele queria, havia muitas delas sobre a ponte Lancre, e ele disse: "A de nome Traição?", e eu disse que ouvi dizer que ela estava morta, mas com bruxas quem pode dizer. E lá foi ele. O tempo todo ele tinha esse tipo de sorriso, todo brilhante e um pouco enervante. Algo errado com suas roupas também, como se estivessem grudadas nele ou algo assim. Mas você não pode ser

muito exigente neste negócio. Tivemos alguns trolls aqui ontem. Eles não podem comer nossa comida, você sabe, sendo como pedras ambulantes, mas nós demos a eles uma refeição rápida de copos quebrados e gordura. De qualquer modo, ele era um tipo esquisito. O lugar ficou muito mais quente depois que ele saiu também.

Não esperava menos de você...

As palavras mantiveram Tiffany aquecida enquanto ela voava sobre as árvores. O fogo em sua cabeça queimava com orgulho, mas continha um ou dois grandes troncos estalantes de raiva.

Vovó sabia! Ela tinha planejado isso? Porque parecia bom, não é? Todas as bruxas saberiam. A pupila da Senhora Lacrainha não soube se virar sozinha, mas Tiffany Dolorida organizou todas as outras meninas para ajudar e não contou a ninguém. Claro, entre as bruxas, não contar a ninguém era uma maneira segura de descobrir as coisas. As bruxas eram muito boas em ouvir o que você não estava dizendo. Então, Annagramma manteria sua cabana, a Senhora Lacrainha ficaria envergonhada e Vovó ficaria cheia de si. Todo aquele trabalho e correria para deixar Vovó satisfeita. Bem, e também o porco da Senhora Stumper e todos os outros, é claro. Isto tornava as coisas complicadas. Se você era capaz, fazia o que precisava ser feito. Meter o nariz em tudo era bruxaria básica. Ela sabia disso. Vovó sabia que ela sabia disso. Tiffany então, correu como um pequeno rato mecânico...

Haveria consequências!

A clareira estava cheia de neve em grandes montes de gelo, mas ela ficou satisfeita em ver que havia um caminho aberto até a cabana.

Havia algo novo. Havia pessoas de pé ao lado do túmulo da Senhorita Traição e parte da neve havia sido removida.

Oh não, Tiffany pensou enquanto descia em círculos, por favor, diga que ela não foi procurar as caveiras!

Acabou sendo, de certa forma, pior.

Ela reconheceu as pessoas ao redor do túmulo. Eles eram aldeões e lançaram a Tiffany os olhares desafiadores e preocupados de pessoas morrendo de medo do chapéu pontudo pequeno, mas possivelmente zangado, na frente deles. E havia algo na maneira muito deliberada como eles não estavam olhando para o montículo que instantaneamente chamou sua atenção para ele. Estava coberto com pequenos pedaços de papel rasgado, presos com gravetos. Eles tremulavam ao vento.

Ela pegou um par deles.

Senhorita Traição, por favor, mantenha meu menino Joe a salvo no mar.

Senhorita Traição, estou ficando careca por favor me ajude.

Senhorita Traição, por favor, encontre nossa garota Becky, que fugiu. Sinto muito.

Havia mais. E quando ela estava prestes a falar duramente com os aldeões por ainda incomodarem a Senhorita Traição, ela se lembrou dos pacotes de tabaco Marujo Feliz que os pastores ainda agora deixavam na grama onde antes ficava a velha cabana dos pastores. Eles não escreviam suas petições, mas estavam lá do mesmo jeito, flutuando no ar:

— Vovó Dolorida, que pastoreia as nuvens no céu azul, por favor, cuide de minhas ovelhas.

— Vovó Dorida, cure meu filho.

— Vovó Dolorida, encontre meus cordeiros.

Eram as orações de pessoas pequenas, com muito medo de incomodar os deuses em seus lugares altos. Eles confiavam no que conheciam. Eles não estavam certos ou errados. Eles estavam apenas... esperançosos.

Bem, Senhorita Traição, ela pensou, você é um mito agora, com certeza. Você pode até chegar a deusa. Não é muito divertido, posso dizer.

— E Becky, foi encontrada? — Ela disse, virando-se para as pessoas.

Um homem evitou o olhar dela ao dizer: — Acho que a Senhorita Traição vai entender porque a garota não vai querer voltar para casa tão cedo.

Oh, pensou Tiffany, uma dessas razões. — Alguma notícia do garoto, então? — Ela disse.

— Ah, essa funcionou —, disse uma mulher. — Sua mãe recebeu uma carta ontem dizendo que ele havia sofrido um terrível naufrágio, mas foi resgatado vivo, o que só serve para mostrar...

Tiffany não perguntou o que eles tinham a dizer a seguir. Foi o suficiente para que eles não o dissessem depois.

— Bem, isso é bom —, disse ela.

— Mas muitos pobres marinheiros se afogaram —, continuou a mulher. — Eles atingiram um iceberg no nevoeiro. Uma grande montanha flutuante de gelo em forma de mulher, disseram eles. O que você acha disso?

— Acho que se estiver no mar por tempo suficiente, qualquer coisa se parecerá com uma mulher, hein? — Disse o homem e riu. A mulher simplesmente deu-lhe um olhar.

— Ele não disse com quem ela se parecia... alguém? — disse Tiffany, tentando parecer indiferente.

— Depende de para onde eles estavam olhando... — o homem começou alegremente.

— Você devia lavar o cérebro com água e sabão —, disse a mulher, cutucando-o com força no peito.

— Hmm, não, senhorita —, disse ele, olhando para os pés. — Ele apenas disse que a cabeça dela estava toda coberta com titica de... gaivota, senhorita.

Desta vez, Tiffany tentou não parecer aliviada. Ela olhou para os pedaços de papel esvoaçantes no túmulo e de volta para a mulher, que estava tentando esconder o que poderia ser um novo pedido nas costas.

— Você acredita nessas coisas, senhora Carter?

A mulher de repente parecia confusa. — Oh não, senhorita, claro que não.

Mas é só que isso... Bem, você sabe...

Faz você se sentir melhor, pensou Tiffany. É algo que você pode fazer quando não há mais nada a ser feito. E quem sabe, pode funcionar. Sim eu sei. Isto era...

Sua mão estava coçando. E agora ela percebeu que já estava coçando há algum tempo.

— Ah, [e? — Ela disse baixinho. — Você ousa?

— Está bem, senhorita? — disse o homem. Tiffany o ignorou. Um cavaleiro se aproximava e a neve o seguia, espalhando-se e alargando-se atrás dele como um manto, silenciosa como um desejo, espessa como neblina.

Sem tirar os olhos dele, Tiffany enfiou a mão no bolso e agarrou a pequena Cornucópia. Rá!

Ela caminhou à frente.

O Artesão do Inverno desmontou de seu cavalo branco como a neve ao chegar perto do velho chalé.

Tiffany parou a cerca de seis metros de distância, com o coração batendo forte. — Minha Dama —, disse o Artesão do Inverno e fez uma reverência.

Ele parecia melhor e mais velho.

— Estou avisando você! Eu tenho uma Cornucópia e não tenho medo de usá-la! — disse Tiffany. Mas ela hesitou. Ele parecia quase humano, exceto por aquele sorriso fixo e estranho. — Como você me achou? — Perguntou.

— Por você eu aprendi —, disse a figura. — Aprendi a procurar. Eu sou humano!

Realmente? Mas a boca dele não parece certa, disseram seus Terceiros Pensamentos. *Está pálido por dentro, como neve. Isso aí não é um rapaz. Apenas pensa que é.*

Uma grande abóbora, seus Segundos Pensamentos insistiram. *Elas ficam muito duras nesta época do ano. Atire nele agora!*

A própria Tiffany, aquela de fora, aquela que podia sentir o ar no rosto, pensou: não posso fazer isso! Tudo o que ele está fazendo é ficar aí falando. Tudo

isso é minha culpa!

Ele quer um inverno sem fim, disseram seus Terceiros Pensamentos.

Todos que você conhece vão morrer!

Ela tinha certeza de que os olhos do Artesão do Inverno podiam ver dentro de sua mente.

O verão mata o inverno, insistiam os Terceiros Pensamentos, *é assim que funciona!*

Mas não assim, pensou Tiffany. Eu sei que não é para ser assim! Parece errado. Não é a história... certa. O rei do inverno não pode ser morto por uma abóbora voadora!

O Artesão do Inverno a observava atentamente. Milhares de flocos em forma de Tiffany estavam caindo ao seu redor.

— Vamos terminar a Dança agora? — ele disse. — Eu sou humano, assim como você! — Ele estendeu a mão.

— Você sabe como é um ser humano? — disse Tiffany.

— Sim! Fácil! Ferro suficiente para fazer um prego! — Disse o Artesão do Inverno prontamente. Ele sorriu, como se tivesse feito um truque com sucesso. — E agora, por favor, nós dançamos...

Ele deu um passo à frente e Tiffany recuou.

Se você dançar agora, avisaram os Terceiros Pensamentos dela, *isso será o fim. Você estará acreditando em si mesma e confiando em sua estrela; e as grandes coisas brilhantes a milhares de quilômetros no céu não se importam se elas brilham sobre neve eterna.*

— Eu... não estou pronta —, Tiffany disse, quase em um sussurro.

— Mas o tempo está passando —, disse o Artesão do Inverno. — Sou humano, sei dessas coisas. Você não é uma deusa em forma humana?

Seus olhos se cravaram nela.

Não, não sou, pensou ela. Eu serei sempre e somente...Tiffany Dolorida. O Artesão do Inverno se aproximou, sua mão ainda estendida. — Hora de dançar, minha Dama. Hora de terminar a dança.

Os pensamentos de Tiffany escaparam de seu domínio. Os olhos do Artesão do Inverno encheram sua mente com nada além de brancura, como um campo de neve pura...

— Aaaiiiiieeeee!

A porta da casa da velha Senhorita Traição se abriu e... algo saiu, cambaleando pela neve.

Era uma bruxa, não dava para confundir. Ela — provavelmente era ela, mas algumas coisas são tão horríveis que se preocupar em como se dirigir a uma delas é bobagem — tinha um chapéu com uma ponta que se enrolava como uma cobra. Estava no topo de fios pingando de cabelo enlouquecido e oleoso, que estavam empoleirados em um rosto de pesadelo. Era verde, como as mãos que agitavam dedos negros que eram mais como garras realmente terríveis.

Tiffany a fitou, o Artesão do Inverno a fitou. As pessoas a fitaram.

À medida que a coisa horrível que gritava e cambaleava se aproximava, os detalhes ficavam mais claros, como os dentes podres marrons e as verrugas. Montes de verrugas. Até as verrugas nas verrugas tinham verrugas.

Annagramma não havia dispensado nada. Parte de Tiffany queria rir, mesmo agora, mas o Artesão do Inverno agarrou sua mão...e a bruxa segurou o ombro dele.

— Não a fique agarrando desta maneira! Como ousa! Eu sou uma bruxa, você sabe!

A voz de Annagramma não era fácil de ouvir na melhor das hipóteses, mas quando ela estava com medo ou com raiva, tinha um gemido que penetrava direto na cabeça.

— Solte-a, eu digo —, Annagramma gritou. O Artesão do Inverno parecia atordoado. Ter que ouvir Annagramma com raiva era difícil para alguém que só dispunha de ouvidos há pouco tempo.

— Deixe-a ir —, ela gritou e atirou uma bola de fogo.

Ela errou. Possivelmente de propósito. Uma bola de gás flamejante zunindo nas proximidades geralmente faz com que a maioria das pessoas pare o que está

fazendo. Mas a maioria das pessoas não derrete.

A perna do Artesão do Inverno caiu.

Mais tarde, na jornada pela nevasca, Tiffany se perguntou como o Artesão do Inverno funcionava. Ele era feito de neve, mas podia fazê-la andar e falar. Isso devia significar que ele tinha que pensar nisso o tempo todo. Tinha que fazê-lo. Os humanos não precisavam pensar em seus corpos o tempo todo, porque seus corpos sabiam o que fazer. Mas a neve nem sabe ficar em pé.

Annagramma estava olhando para ele como se ele tivesse feito algo realmente irritante.

Ele olhou em volta, como se estivesse confuso, rachaduras aparecendo em seu peito e então ele era apenas neve desmoronando, desmoronando em cristais brilhantes.

A neve começara a cair agora, como se as nuvens estivessem sendo espremidas.

Annagramma puxou a máscara para o lado e olhou primeiro para a pilha e depois para Tiffany.

— Tudo bem —, ela disse, — o que acabou de acontecer? Ele deveria fazer assim?

— Eu estava vindo para ver você e... esse é o Artesão do Inverno! — foi tudo o que Tiffany conseguiu dizer naquele momento.

— Você quer dizer tipo... o Artesão do Inverno? — disse Annagramma. — Ele não é apenas uma história? Por que ele está atrás de você? — Ela acrescentou acusadoramente.

— Isto é... ele ... eu ... — Tiffany começou, mas não havia por onde começar. — Ele é real! Eu tenho que ficar longe dele! — Ela disse. — Tenho que ir embora! Demoraria muito para explicar

Por um momento horrível, ela pensou que Annagramma ainda iria exigir toda a história, mas ela estendeu a mão e agarrou a mão de Tiffany com uma garra de borracha preta.

— Então saia daqui agora mesmo! Oh, não, você ainda está com a velha

vassoura da Senhorita Traição? Totalmente inútil! Use a minha! — Ela arrastou Tiffany em direção ao chalé, enquanto os flocos de neve engrossavam.

— "Ferro suficiente para fazer um prego"! — Disse Tiffany, tentando acompanhar. Ela não conseguia pensar em mais nada para dizer, e de repente era muito importante. — Ele pensou que era humano...

— Só derrubei o boneco de neve dele, sua tola. Ele voltará!

— Sim, mas ferro suficiente, veja bem, para...

Uma mão verde deu um tapa em seu rosto, mas isso doeu menos do que poderia por causa da borracha.

— Não balbucie! Achei que você fosse esperta! Eu realmente não sei do que se trata, mas se eu tivesse essa coisa atrás de mim, não ficaria por aí tagarelando! — Annagramma puxou a máscara Bruxa Má de Luxo com meleca pendurada grátis, ajustou o jeito da meleca e se virou para os aldeões, que estavam como que grudados ao solo durante todo o tempo. — O que vocês estão olhando? Nunca viram uma bruxa antes? — Ela gritou. — Vão para casa! Ah, e vou descer amanhã com um pouco de remédio para o seu garotinho, senhora Carter!

Eles olharam para o rosto verde, os dentes podres, o cabelo fedorento, e a enorme meleca, feita na verdade de vidro, e sumiram.

Ainda bêbada de terror e alívio, Tiffany balançou-se suavemente, murmurando — "Ferro suficiente para fazer um prego!" — até que Annagramma a sacudiu. Os flocos grossos estavam caindo tão rápido que era difícil ver seu rosto.

— Tiffany, vassoura. Vassoura voa —, disse Annagramma. — Voa para longe! Está me ouvindo! Para algum lugar seguro!

— Mas ele... a pobre coisa pensa que...

— Sim, sim, tenho certeza de que tudo é muito importante —, disse Annagramma, arrastando-a para a parede da cabana, onde sua vassoura estava apoiada. Ela meio que empurrou, meio que ergueu Tiffany sobre ela e olhou para cima. A neve estava caindo do céu como uma cachoeira agora.

— Ele está voltando! — ela gritou e disse algumas palavras baixinho. A vassoura disparou para cima e desapareceu na luz fraca da neve.



CAPÍTULO DEZ
INDO PARA CASA

Vovó Cera-do-Tempo ergueu os olhos do pires de tinta, no qual uma pequena Tiffany desaparecia na brancura da nevasca. Ela estava sorrindo, mas com Vovó Cera-do-Tempo isso não significava necessariamente que algo bom estava acontecendo.

— Poderíamos ter pegado ele facinho —, disse Rob Qualquerum em tom de reprovação. — Deveria ter deixado a gente fazer.

— Talvez. Ou talvez ele o tivesse congelado? — disse Vovó. — Além disso, há uma tarefa maior à frente dos Nac Mac Feegles. Sua Bruaca Piquininha Grandona precisa que você faça duas coisas. Uma delas é difícil, a outra é muito difícil.

Os Feegles se animaram quando ouviram isso. Eles estavam por toda parte na cozinha da senhora Ogg. Alguns estavam empoleirados na própria Tia Ogg e a Senhorita Umaturga parecia muito desconfortável cercada por eles. Ao contrário

da Senhorita Umaturga, Feegles raramente tinham oportunidade de tomar banho.

— Em primeiro lugar —, disse Vovó, — ela vai precisar que vocês entrem no... submundo, para buscar a Dama do Verão.

A pausa significativa não pareceu incomodar os Feegles. — Ah, certo, podemos fazer isso —, disse Rob Qualquerum. — Podemos entrar em qualquer lugar. E essa qui é a parte muito difícil, é?

— E sair de novo? — Disse Vovó.

— Ah, sim —, disse Rob com firmeza. — Na maioria das vezes, somos jogados fora!

— A parte mais difícil —, disse Vovó, — será encontrar um Herói.

— Num vai ser difícil —, disse Rob. — Nós somos os heróis aqui! — Um grito de alegria se elevou.

— Mesmo? — Disse Vovó. — Você está com medo de ir para o submundo, Rob Qualquerum?

— Eu? Não! — Rob Qualquerum olhou para seus irmãos e sorriu largamente.

— Soletre a palavra "marmelada", então. — Vovó Cera-do-Tempo empurrou um lápis sobre a mesa de Tia Ogg e recostou-se na cadeira. — Vá em frente. Bem agora. E ninguém deve ajudá-lo!

Rob recuou. Vovó Cera-do-Tempo era a bruaca de todas as bruacas...ele sabia disso. Não havia como dizer o que ela poderia fazer com um Feegle errante.

Ele pegou o lápis nervosamente e colocou a ponta pontiaguda contra a madeira da mesa. Outros Feegles se agruparam ao redor, mas sob a carranca de Vovó ninguém ousou torcer por ele.

Rob olhou para cima, seus lábios se movendo e suor escorrendo de sua testa.

— Mmmmaa ... — disse.

— Uma, — disse Vovó.

Rob piscou. — Ei? Quem está contando? — Ele protestou.

— Eu —, disse Vovó. A gatinha *Você* pulou no colo dela e se enrolou.

— Disgraça, cê nunca que disse que ia contar!

— Não disse? As regras podem mudar a qualquer momento! Dois!

Rob rabiscou um M aceitável, hesitou e então desenhou um R no momento em que Vovó disse

— Três!

— Tem que ter um "A" aí, Rob —, disse Billy Queixudo. Ele olhou desafiadoramente para Vovó e acrescentou: — Ouvi dizer que as regras podem mudar a qualquer momento, certo?

— Certamente. Cinco!

Rob riscou um A e acrescentou outro M em uma explosão de criatividade.

— Seis e meio —, disse Vovó, acariciando calmamente a gatinha.

— Cuma? Eita, disgraça —, Rob murmurou e enxugou uma mão suada em seu kilt. Então ele agarrou o lápis novamente e desenhou um L. Tinha um pé bastante ondulado porque o lápis escorregou de suas mãos e a ponta quebrou.

Ele rosnou e desembainhou sua espada.

— Oito —, disse Vovó. Aparas de madeira voaram quando Rob cortou uma ponta nova do lápis.

— Nove. — Um A e um D foram rabiscados por um Rob de olhos esbugalhados e bochechas vermelhas.

— Dez. — Rob ficou em posição de sentido, parecendo principalmente nervoso, mas também ligeiramente orgulhoso, ao lado de M R AMLAD. Os Feegles aplaudiram e os mais próximos a ele o abanaram com seus kilts.

— Onze!

— Cuma? Disgraça! — Rob correu de volta para o final da palavra e desenhou um pequeno "a".

— Doze!

— Você pode contar tudo o que quiser, madame —, disse Rob, atirando o lápis, — mas isso é tudo o que há de marmelada! — Com isso ganhou outro ânimo.

— Um esforço heroico, Sr. Qualquerum —, disse Vovó. — A primeira coisa que um herói deve conquistar é seu medo e, quando se trata de lutar, os Nac Mac

Feegles não sabem o significado da palavra.

— Certo, é verdade —, Rob resmungou. — Não sabemo o significado de milhares de palavras!

— Você pode lutar contra um dragão?

— Ah, sim, vamos lá! — Ele ainda estava zangado com a marmelada.

— Subir uma montanha alta?

— Sem probrema!

— Ler um livro até o fim para salvar sua Bruaca Piquininha Grandona?

— Ah, sim. — Rob parou. Ele parecia encurralado. Ele lambeu os lábios.

— Quantas dessas coisas de página seriam? — Ele disse com voz rouca.

— Centenas —, disse Vovó.

— Palávrias em todos os lados?

— Sim, de fato. Em letras bem pequenas!

Rob se agachou. Ele sempre fazia isso quando estava encurralado, para melhor lutar. A massa de Feegles prendeu a respiração.

— Eu vou fazer isso! — Ele anunciou sombriamente, cerrando os punhos.

— Bom —, disse Vovó. — Claro que sim. Isso seria heroico... para você. Mas alguém deve ir ao submundo para encontrar a verdadeira Dama do Verão. Isso é uma história. Já aconteceu antes. E funciona. E ele deve fazer isso com medo e terror como um verdadeiro herói deve, porque muitos dos monstros que ele deve superar são os que estão em sua cabeça, os que ele traz consigo. É hora da primavera e o inverno e sua neve ainda estão conosco, então você deve encontrá-lo agora. Você precisa encontrá-lo e colocar seus pés no caminho. O caminho que desce até lá embaixo, Rob qualquerum.

— Sim, nós conhecemo esse caminho —, disse Rob.

— O nome dele é Roland —, disse Vovó. — Acho que você deve sair assim que clarear.

A vassoura atravessava a nevasca negra. Vassouras geralmente iam para onde as bruxas queriam que fossem e Tiffany se esticou ao longo da vassoura, tentando não morrer congelada e esperando que a levasse para casa. Ela não conseguia ver nada, exceto a escuridão e a neve que ardia em seus olhos, então ela se deitou com o chapéu puxado para baixo, alinhando a vassoura em ponta oferecer menos resistência. Mesmo assim, os flocos de neve a atingiram como pedras e se acumularam no galho. Ela tinha que sacudir-se a cada poucos minutos para impedir que o gelo não se acumulasse.

Ela ouviu o rugido das cataratas abaixo e sentiu a súbita profundidade do ar quando a vara deslizou sobre as planícies e começou a afundar. Ela sentia frio até os ossos.

Ela não podia lutar contra o Artesão do Inverno, não como Annagramma podia. Oh, ela poderia planejar fazer isso e ir para a cama determinada, mas quando ela o visse...

... ferro suficiente para fazer um prego As palavras pairavam em sua cabeça enquanto a vassoura voava e ela se lembrava da velha cantiga que ouvira anos atrás, quando os professores errantes chegavam à aldeia. Todos pareciam saber:

Ferro suficiente para fazer um prego,

Cal suficiente para pintar uma parede,

Água suficiente para afogar um cachorro,

Enxofre suficiente para parar as pulgas,

Veneno suficiente para matar uma vaca,

Potassa suficiente para lavar uma camisa,

Ouro suficiente para comprar um feijão,

Prata suficiente para revestir um alfinete,

Chumbo suficiente para lastrear um pássaro,

Fósforo suficiente para iluminar a cidade,

E assim por diante...

Era uma espécie de absurdo, do tipo que você nunca se lembra de ter aprendido, mas sempre parece ter sabido. Meninas pularam amarelinha com ele, as crianças recitavam em tatibitate para ver quem estava fora.

E então um dia um professor itinerante, que como todos os outros ensinava em troca de ovos, verduras frescas e roupas usadas limpas, descobriu que teria mais o que comer ensinando coisas que eram interessantes em vez de úteis. Ele falou sobre como uma vez, alguns magos, usando magia muito hábil, descobriram exatamente do que um ser humano era feito. Era principalmente água, mas havia ferro, enxofre, fuligem e uma pitada de quase todo o resto, até mesmo uma pequena quantidade de ouro, mas tudo misturado de alguma forma.

Fazia tanto sentido para Tiffany quanto qualquer outra coisa. Mas ela tinha certeza de uma coisa: se você pegasse tudo aquilo e colocasse em uma tigela grande, aquilo não se transformaria em um humano, não importa o quanto você gritasse.

Você não poderia fazer uma imagem despejando muita tinta em um balde. Se você fosse humano, você saberia disso.

O Artesão do Inverno não era. O Artesão do Inverno não... Ele também não sabia como a música terminava.

As palavras giravam e giravam em sua mente enquanto a vassoura emprestada avançava. A certa altura, o Dr. Alvoroço apareceu, com sua voz esganiçada e satisfeita e deu a ela uma palestra sobre os Elementos Menores e

como, de fato, os humanos eram feitos de quase todos eles, mas também continham muito *narrativium*, o elemento básico de histórias que você poderia detectar apenas observando a maneira como todos os outros se comportavam...

Você corre, você foge. O que me diz agora, menina das ovelhas? Você o roubou de mim. Ele é tudo o que você esperava? A voz saia do ar bem ao lado dela.

— Eu não me importo com quem você é —, murmurou Tiffany, fria demais para pensar direito. — Vá embora...

Horas se passaram. O ar aqui embaixo estava um pouco mais quente e a neve não tão forte, mas o frio ainda passava, não importava quanta roupa você usasse. Tiffany lutou para ficar acordada. Algumas bruxas podiam dormir em uma vassoura, mas ela não ousava tentar para não sonhar que estava caindo e acordar para descobrir que era verdade, mas logo não seria mais nada.

Agora havia luzes abaixo, irregulares e amarelas. Provavelmente era a estalagem em Duascamisas, um importante ponto de navegação.

Bruxas nunca ficavam em estalagens se pudessem evitar, porque em algumas áreas isso poderia ser perigoso e, de qualquer forma, a maioria delas exigia inconvenientemente que você lhes pagasse com dinheiro. Mas a senhora Umbridge, que administrava a loja de souvenirs em frente à pousada, tinha um velho celeiro nos fundos e era o que a Senhorita Umaturga chamava de ADB, ou Amiga das Bruxas. Havia até um sinal de bruxa, riscado na parede do celeiro onde ninguém que não procurasse o encontraria: uma colher, um chapéu pontudo e uma grande marca identificadora de professora de escola.

Uma pilha de palha nunca parecera tão maravilhosa e em dois minutos Tiffany estava dentro dela. Do outro lado do pequeno celeiro, o par de vacas da senhora Umbridge mantinha o ar quente e com cheiro de grama fermentada.

Foi um sono sombrio. Ela sonhou com Annagramma tirando a Máscara Bruxa-de-Luxo e revelando seu rosto e então tirando o rosto para mostrar o rosto de Vovó Cera-do-Tempo por baixo...

E então: *Valeu a pena dançar, menina das ovelhas? Você tomou meu poder e eu estou fraca. O mundo vai virar gelo. Valeu a pena dançar?*

Ela se sentou no celeiro escuro como breu e pensou ter visto um brilho contorcido no ar, como uma cobra. Então ela caiu de volta na escuridão e sonhou com os olhos do Artesão do Inverno.



CAPÍTULO ONZE
ATÉ A TURQUESA

Clang-clonc!

Tiffany sentou-se ereta, a palha caindo dela. Mas era apenas o som de uma alça batendo na lateral de um balde de metal.

A senhora Umbridge estava ordenhando suas vacas. A pálida luz do dia brilhava através das rachaduras nas paredes. Ela olhou para cima quando ouviu Tiffany.

— Ah, bem que eu achei que uma das minhas damas tinha chegado durante a noite —, ela disse. — Quer alguma coisa para o café da manhã, querida?

— Por favor!

Tiffany ajudou a velha com seus baldes, ajudou a fazer um pouco de

manteiga, acariciou seu cachorro muito velho, comeu feijão com torrada e então...

— Eu acho que tenho algo aqui para você —, disse a senhora Umbridge, dirigindo-se ao pequeno balcão que era toda a agência postal do Duascamisas. — Agora, onde eu...ah sim —

Ela entregou a Tiffany um pequeno maço de cartas e um pacote plano, tudo preso por um elástico e coberto com pelos de cachorro. Ela continuou falando, mas Tiffany mal percebeu. Havia algo sobre como o carroceiro quebrou a perna, pobre homem ou talvez tivesse sido seu cavalo que quebrou uma perna, pobre criatura, e uma das nevascas derrubou muitas árvores na pista, e então a neve caiu tão cruelmente, querida, que nem mesmo um homem a pé poderia passar, e assim com uma coisa e outra a correspondência de e para o Giz tinha sido adiada e realmente quase não havia quase nada além disso de qualquer maneira...

Tudo isso era uma espécie de zumbido de fundo para Tiffany, porque as cartas eram todas endereçadas a ela — três de Roland e uma de sua mãe —, assim como o pacote. Tinha um ar profissional e, quando aberto, revelava uma elegante caixa preta que se abria para revelar...

Tiffany nunca tinha visto uma caixa de tintas para aquarela antes. Ela não sabia que existiam tantas cores em um só lugar.

— Ah, uma caixa de pintura —, disse a senhora Umbridge, olhando por cima do ombro. — Que linda. Tive uma quando era uma garotinha. Ah, e tem turquesa nesta. É muito cara, a turquesa. Isso é do seu rapazinho, não é? — Acrescentou, porque as velhas gostam de saber tudo ou um pouco mais.

Tiffany limpou a garganta. Em suas cartas, ela evitou todo o doloroso tema da pintura. Ele deve ter pensado que ela gostaria de tentar.

As cores em suas mãos brilhavam como um arco-íris aprisionado.

— Está uma linda manhã —, disse ela, — e acho melhor ir para casa...

No rio frio, logo acima das trovejantes cataratas de Lancre, um tronco de

árvore estava ancorado. Vovó Cera-do-Tempo e Tia Ogg ficaram em pé sobre uma enorme pedra gasta pela água no meio da torrente e a observaram. O tronco estava coberto de Feegles. Todos pareciam alegres.

É certo que a morte certa os esperava, mas não envolvia — e isso é importante — ter que soletrar nada.

— Sabe, nenhum homem jamais caiu nessas cataratas e sobreviveu para contar a história —, disse a Tia.

— O senhor Parkinson sim —, disse Vovó. — Não se lembra? Três anos atrás?

— Ah, sim, ele sobreviveu, com certeza, mas ficou com uma gagueira muito forte —, disse Tia Ogg.

— Mas ele escreveu sobra a queda —, disse Vovó. — Ele chamou de *Minha queda nas cataratas*. Muito interessante.

— Ninguém realmente poderia contar como foi —, disse a Tia.

— Aí que eu queria chegar.

— Sim, bem, somos leves como penas —, disse Yan Grande.

— E o vento soprando através do kilt mantém um homem bem no ar, você sabe.

— Tenho certeza de que é um espetáculo para se ver —, disse Tia Ogg.

— Todos prontos? — disse Rob Qualquerum. — Ótimo! Poderia ter a gentileza de desamarrar essa corda, senhora Ogg?

Tia Ogg desfez o nó e deu um empurrão na tora com o pé. Ela derivou um pouco e depois foi pega pela corrente.

— "Rema, rema, rema, ai-ai"? — Wullie Doido sugeriu.

— Como é? — Disse Rob Qualquerum quando o tronco começou a acelerar.

— Por que não cantamos todos? — Disse Wullie Doido. As paredes do desfiladeiro estavam se fechando rapidamente agora.

— Tudo bem, — disse Rob. — Afinal, é uma cantiga náutica agradável. E Wullie, mantenha esse queijo longe de mim. Num gosto do jeito que tá olhando

para mim.

— Ele não tem olhos, Rob —, disse Wullie humildemente, segurando Horácio.

— Sim, é isso que quero dizer —, disse Rob azedo.

— Horácio num queria tentar comer ocê, Rob —, disse Wullie doido humildemente. — E cê viu como ocê ficou bem limpinho depois que ele cuspiu em você.

— E como você sabe o nome do queijo? — Rob exigiu saber, enquanto a água espumejante começava a espirrar sobre o tronco.

— Ele me contou, Rob.

— Foi? — Disse Rob e encolheu os ombros. — Ah, tá bom. Num vou discutir com um queijo.

Pedaços de gelo boiavam no rio. Tia Ogg os apontou para Vovó Cera-do-Tempo.

— Toda essa neve está fazendo os rios de gelo se moverem novamente —, disse ela.

— Eu sei.

— Espero que você possa confiar nas histórias, Esmê —, disse a Tia.

— São histórias antigas. Têm uma vida própria. Elas desejam ser repetidas. Verão resgatada de uma caverna? Muito velha —, disse Vovó Cera-do-Tempo.

— O Artesão do Inverno vai perseguir nossa garota.

Vovó observou a tora dos Feegles virar a curva.

— Sim, ele vai —, ela disse. — E, você sabe, eu quase sinto pena dele.

E assim os Feegles navegaram para casa. Com exceção de Billy Queixudo, eles não conseguiam cantar no mesmo tom, mas esse pequeno problema era diminuído pelo maior problema, que era que eles não se incomodavam com a ideia de cantar no mesmo tom ou velocidade ou mesmo com as mesmas palavras. Além

disso, pequenas brigas logo começaram, como sempre acontecia mesmo quando Feegles estava se divertindo e então o som que ecoou entre as rochas quando o tronco disparou em direção à borda da cachoeira foi mais ou menos assim:

— Acanoa virôprudeixar" elavirá foiprucausa damorenaquinumsoubi remáááááaaaaiiiiiiiiiii... DISGRaaaaaaaaaaaça! —

E com sua carga de Feegles, o tronco tombou e desapareceu, junto com a canção que o acompanhava, nas brumas.

Tiffany sobrevoou o longo dorso de baleia do Giz. Era uma baleia branca agora, mas a neve não parecia muito profunda aqui. Os ventos cortantes que sopravam a neve nas colinas também a levavam embora. Não havia árvores e poucas paredes para a acumular.

Ao se aproximar de casa, ela olhou para os campos mais baixos e protegidos. Os currais já estavam sendo montados. Havia muita neve para esta época do ano — e de quem era a culpa? — mas as ovelhas seguiam seu próprio horário, com ou sem neve.. Os pastores sabiam como o tempo podia ser cruel durante o parto; o inverno nunca cedia sem lutar.

Ela pousou no terreiro e disse algumas palavras para a vassoura. Afinal, não era dela. Ela ergueu-se novamente e disparou de volta para as montanhas. Uma vassoura sempre encontra o caminho de casa, se você souber o truque.

Foram reencontros, muitas risadas, algumas lágrimas, uma declaração generalizada dizendo que ela tinha crescido como um pé de feijão e já estava tão alta quanto a mãe e todas as outras coisas que se falam numa hora dessas.

Além da pequena Cornucópia em seu bolso, ela havia deixado tudo para trás...seu diário, suas roupas, tudo. Não tinha importância. Ela não havia saído correndo, havia chegado correndo e aqui estava ela, esperando por si mesma. Ela podia sentir seu próprio chão sob suas botas novamente.

Ela pendurou o chapéu pontudo atrás da porta e foi ajudar os homens a

montarem os currais.

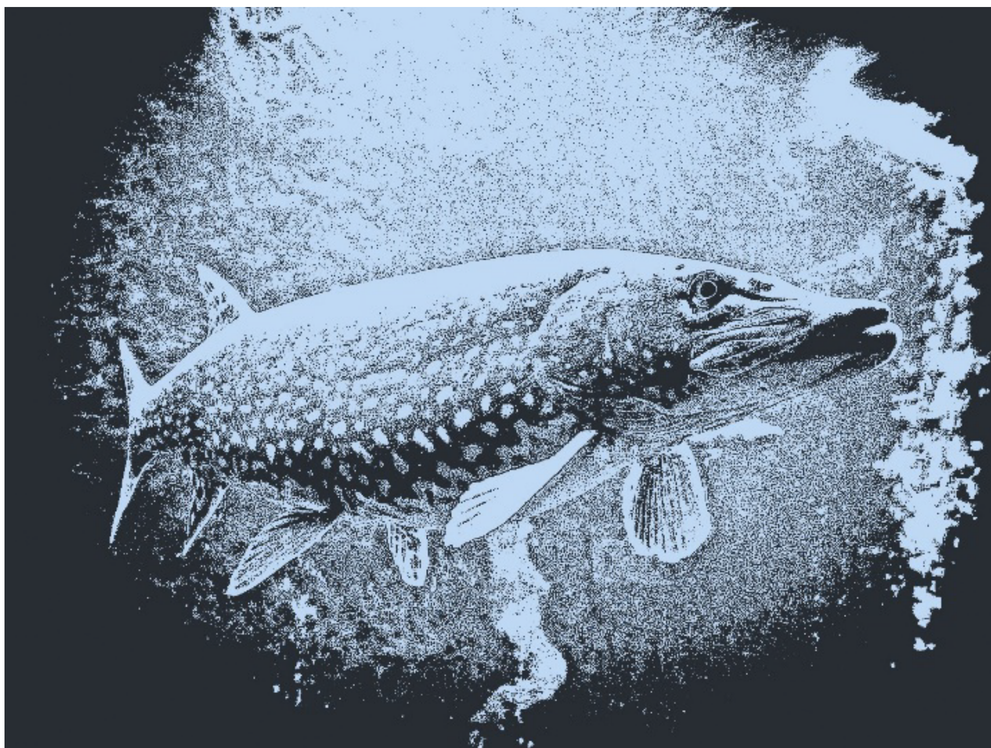
Foi um bom dia. Um pouco de sol conseguiu vazar através das nuvens pesadas. Contra a brancura da neve todas as cores pareciam vívidas, como se o fato de estarem aqui lhes desse um brilho especial. Velhos arreios na parede do estábulo brilhavam como prata; até mesmo os marrons e cinzas que antes pareciam tão monótonos pareciam, agora, ter vida própria.

Ela pegou a caixa de tintas e alguns papéis preciosos e tentou pintar o que estava vendo, e havia uma espécie de mágica ali também. Era tudo sobre luz e escuridão. Se você pudesse colocar no papel a sombra e o brilho, a forma que qualquer criatura deixa no mundo, então você poderia obter a própria coisa.

Ela só havia desenhado com giz colorido antes. A pintura era muito melhor.

Foi um bom dia. Foi um dia só para ela. Ela podia sentir pedaços de si mesma se abrindo e saindo de seu esconderijo novamente. Amanhã haveria as tarefas, e as pessoas muito nervosas subiriam à fazenda para pedir uma ajuda de bruxa. Se a dor fosse forte o suficiente, ninguém se preocupava com o fato de a bruxa que a aplacaria fosse alguém de quem você se lembrava pela última vez quando tinha dois anos e andava por aí apenas com a roupa de baixo.

O amanhã... podia se tornar em qualquer coisa. Mas hoje o mundo do inverno estava cheio de cores.



CAPÍTULO DOZE
O LÚCIO

Falava-se de estranheza por toda a planície. Havia o barco a remo do velho que morava em um barraco um pouco abaixo das cataratas. Ele escapou remando tão rápido, diziam as pessoas, que saltitava sobre a água como uma libélula...mas não havia ninguém dentro dele. Foi encontrado amarrado em Duascamisas, onde o rio corria por baixo da estrada das carruagens. Mas então a carruagem do correio noturno que estava esperando do lado de fora da pousada fugiu sozinha, com todas as malas de correio deixadas para trás. O cocheiro pegou um cavalo emprestado para persegui-lo e encontrou a carruagem na sombra do Giz com todas as portas abertas e um cavalo faltando.

O cavalo foi devolvido alguns dias depois por um jovem bem-vestido que disse tê-lo encontrado vagando. Surpreendentemente, então, parecia bem alimentado e arrumado.

Muito, muito grossas seria a melhor maneira de descrever as paredes do

castelo. Não havia guardas à noite, porque o fechavam às oito horas e iam para casa. Em vez disso havia o velho Robbins, que já havia sido guarda e agora era oficialmente o vigia noturno, mas todos sabiam que ele adormecia em frente ao fogo por volta das. Ele tinha uma velha trombeta que deveria tocar se houvesse um ataque, embora ninguém estivesse totalmente certo sobre qual fosse a vantagem disto.

Roland dormia na Torre da Garça porque tinha um longo lance de escadas que suas tias não gostavam muito de subir. Também tinha paredes muito, muito grossas, e ainda bem, porque às onze horas alguém enfiou uma trombeta em sua orelha e soprou forte.

Ele pulou da cama, ficou preso no edredom, escorregou em um tapete que cobria o chão de pedra gelado, bateu com a cabeça em um armário e conseguiu acender uma vela com o terceiro fósforo riscado desesperadamente.

Na mesinha ao lado da cama havia um enorme fole com o trompete do velho Robbins preso na ponta. A sala estava vazia, exceto pelas sombras.

— Eu tenho uma espada, sabe —, disse ele. — E eu sei como usá-la!

— Ich, cê já taria morto —, disse uma voz do teto. — Cortado em pedaços minúsculos em sua cama enquanto cê roncava como um porco. Só brincanu, cê sabe. Nenhum de nós quer fazer mal. — Houve alguns sussurros apressados na escuridão das vigas e então a voz continuou: — Pequena correção aí, a maioria de nós não quer fazer mal a você. Mas não se avexe com o Yan Grande, ele não gosta muito de ninguém.

— Quem são vocês?

— Sim, lá vai ocê de novo, entendenu tudo errado —, disse a voz em tom de conversa. — Estou aqui em cima e fortemente armado, sabe, enquanto você está aí de camisola, fazendo um belo alvo e você pensa que é você quem faz as perguntas. Então você sabe como lutar, não é?

— Sim!

— Então você vai lutar contra monstros para salvar a Bruaca Piquininha Grandona? Poderia ocê?

— Bruaca Piquininha Grandona?

— Cê cham´ ela de Tiffany.

— Quer dizer, Tiffany Dolorida? O que aconteceu com ela?

— Você estará pronto para quando ela precisar d´ocê?

— Sim! Claro! Quem são vocês?

— E você sabe lutar?

— Eu li o Manual de Esgrima até o fim! — Depois de alguns segundos a voz das sombras altas disse:

— Ah, Acho que acabei de perceber uma pequena falha neste plano...

Havia um arsenal do outro lado do pátio do castelo. Não era grande coisa. Havia uma armadura feita de várias peças que não combinavam, algumas espadas, um machado de batalha que ninguém jamais conseguira erguer e uma cota de malha que parecia ter sido atacada por mariposas extremamente fortes. E havia alguns manequins de madeira em grandes molas para prática de espada. Agora mesmo os Feegles estavam assistindo Roland atacar um deles com grande entusiasmo.

— Ah bom —, disse Yan Grande desanimadamente enquanto Roland saltava. — Se ele nunca encontrar nada além de pedaçus di madeira que num revidem, ele pode ficar bem.

— Ele tem disposição —, Rob Qualquerum apontou quando Roland colocou o pé contra o manequim e tentou puxar a ponta da espada para fora dele.

— Ah, certo. — Yan Grande parecia taciturno.

— Ele tem uns movimentos bem decididos, você deve admitir —, disse Rob.

Roland conseguiu arrancar a espada do manequim, que saltou para trás em sua antiga mola e o atingiu na cabeça. Piscando um pouco, o menino olhou para os Feegles. Ele se lembrava deles da época em que foi resgatado da Rainha dos Elfos. Ninguém que conhecesse aos Nac Mac Feegles jamais os esqueceria, mesmo

que tentasse muito. Mas era tudo meio vago. Ele tinha estado quase louco a maior parte do tempo e inconsciente e tinha visto tantas coisas estranhas que era difícil saber o que era real e o que não era.

Agora ele sabia: eles eram reais, quem inventaria uma coisa daquelas? Tudo bem, um deles era um queijo que rolava sozinho, mas ninguém era perfeito.

— O que eu vou ter que fazer, senhor Qualquerum? — Ele perguntou.

Rob Qualquerum estava preocupado com essa parte da coisa. Palavras como "submundo" podem dar às pessoas uma ideia errada.

— Você deve resgatar uma... Dama —, disse. — Não a Bruaca Piquininha Grandona. Outra... Dama. Podemos ti levar até o lugar onde ela está. É tipo assim o... submundo, cê sabe. Ela tá tipo assim... dormindo. E tudo o que ocê precisa de fazer é trazê ela para a superfície, esse tipo de coisa.

— Oh, você quer dizer como Orfeu resgatando Eurídice do Submundo? — Disse Roland.

Rob Qualquerum se limitou a fitá-lo.

— É um mito de Efébia —, continuou Roland, — era para ser uma história de amor, mas na verdade é uma metáfora para o retorno anual do verão. Há muitas versões dessa história.

Eles ainda olhavam. Feegles tem uma coleção de olhares preocupantes. Eles são ainda piores do que galinhas a esse respeito.[19]

— Uma metáfora é uma espécie de mentira para ajudar as pessoas a entenderem o que é verdade —, disse Billy Queixudo, mas isso não ajudou muito.

— E ele conquistou a liberdade dela tocando uma bela música —, acrescentou Roland. — Acho que era um instrumento de corda. Ou talvez fosse uma lira.

— Ah, bem, isso vai nos servir muito bem —, disse Wullie Doido. — Somos especialistas em usar corda para amarrar as vaquinhas e roubar e depois delirar, dizenu que não foi nóis.

---

[19] Cocoricó.

— São instrumentos musicais —, disse Billy Queixudo. Ele olhou para Roland. — Você sabe tocar algum, senhor?

— Minhas tias têm um piano —, disse Roland em dúvida. — Mas vou ter problemas sérios se alguma coisa acontecer com ele. Elas vão botar as paredes abaixo.

— Espadas então —, disse Rob Qualquerum relutantemente. — Você nunca lutou contra uma pessoa real, senhor?

— Não. Eu queria praticar com os guardas, mas minhas tias não deixam.

— Mas já usou uma espada antes?

Roland parecia embaraçado. — Não ultimamente. Não assim do jeito... Hmm... Nunca usei na verdade. Minhas tias dizem...

— Então, como você pratica? — Rob perguntou horrorizado.

— Bem, há um grande espelho no meu quarto, veja, e eu posso praticar... o... realmente... — Roland começou, parando quando viu suas expressões. — Desculpe —, acrescentou. — Acho que não sou o tipo que você está procurando...

— Oh, eu não diria isso —, disse Rob Qualquerum cansado. — Di acordo com a bruaca das bruacas você é o rapaz certo. Só precisa de alguém com quem lutar.

Yan Grande, sempre desconfiado, olhou para o irmão e seguiu seu olhar até a armadura surrada.

— Ah é? — ele rosnou. — Nem danando que eu vô ser o joelho!

O dia seguinte foi um bom dia, até o ponto em que se tornou uma pequena tigela de terror.

Tiffany levantou cedo e acendeu o fogo. Quando sua mãe desceu, ela estava esfregando o chão da cozinha, com muita força.

— Hmmm... você não deveria fazer esse tipo de coisa com mágica, querida? — Disse sua mãe, que nunca tinha realmente entendido o que era bruxaria.

— Não, mãe, eu não deveria —, disse Tiffany, ainda esfregando.

— Mas você não pode simplesmente acenar com a mão e fazer toda a sujeira voar, então?

— O problema é conseguir que a magia entenda o que é sujeira —, disse Tiffany, esfregando uma mancha com força. — Ouvi falar de uma bruxa em Refúgio que errou e acabou perdendo o chão inteiro, as sandálias e quase um dedo do pé.

A senhora Dolorida deu um passo atrás. — Eu pensei que você só tinha que acenar com as mãos —, ela murmurou nervosamente.

— Isso funciona —, disse Tiffany, — mas só se você os agitar no chão com uma escova de esfregar.

Ela terminou com o piso. Ela limpou embaixo da pia. Ela abriu todos os armários, limpou-os e colocou tudo de volta. Ela limpou a mesa, depois a virou e limpou por baixo. Ela até lavou a parte de baixo das pernas, onde elas tocavam o chão. Foi então que a senhora Dolorida foi e encontrou coisas para fazer em algum lugar, porque claramente não se tratava apenas de uma boa limpeza.

Não, não era. Como Vovó Cera-do-Tempo disse uma vez, se você queria andar com a cabeça no ar, precisava ter os dois pés no chão. Esfregar o chão, cortar madeira, lavar roupas, fazer queijo...essas coisas tinham substância, ensinavam o que era real. Você poderia entregar uma pequena parte de sua mente para elas, dando tempo para seus pensamentos se alinharem e se estabelecerem.

Ela estava a salvo aqui do Artesão do Inverno? Aqui estava a salvo do Artesão do Inverno?

Mais cedo ou mais tarde ela teria que enfrentá-lo novamente...um boneco de neve que pensava que era humano e tinha o poder da avalanche. A magia só poderia atrasá-lo por um tempo e deixá-lo com raiva. Nenhuma arma comum funcionaria e ela não tinha muitas armas incomuns.

Annagramma tinha ido atrás dele com raiva! Tiffany desejou poder sentir esta raiva. Ela teria que voltar e agradecê-la também. Annagramma ia ficar bem, pelo menos. As pessoas a viram se transformar em um gritante monstro de pele

verde. Eles poderiam respeitar uma bruxa assim. Uma vez que você tem respeito, você tem tudo.

Ela teria que tentar ver Roland também. Ela não sabia o que iria dizer. Tudo bem, porque ele também não saberia o que dizer. Eles podiam passar tardes inteiras juntos, sem saber o que dizer. Ele provavelmente estava no castelo agora. Enquanto ela limpava debaixo do assento de uma cadeira, ela se perguntou o que ele estaria fazendo.

Houve uma martelada na porta do arsenal. As tias eram assim. A porta tinha quatro camadas de carvalho e ferro, mas eles batiam nela mesmo assim.

— Não vamos tolerar essa desobediência! — disse tia Danuta. Houve um estrondo do outro lado da porta. — Você está lutando lá dentro?

— Não, estou escrevendo uma sonata para flauta! — gritou Roland. Algo pesado atingiu a porta.

Tia Danuta se recompôs. Ela se parecia com a Senhorita Umaturga de um modo geral, mas com os olhos dos perpetuamente ofendidos e a boca de uma reclamante instantânea.

— Se você não fizer o que eu disse, direi ao seu pai... — ela começou e parou quando a porta foi escancarada.

Roland tinha um corte no braço, seu rosto estava vermelho, o suor escorria de seu queixo e ele estava ofegante. Ele ergueu a espada com a mão trêmula. Atrás dele, do outro lado da sala cinza, havia uma armadura muito surrada. Seu elmo para olhar para as tias. Isso fez um barulho estridente.

— Se ousarem perturbar meu pai —, disse Roland enquanto elas olhavam para ele, — vou contar a ele sobre o dinheiro que está sendo retirado do baú grande no cofre. E não mintam!

Por um momento — menos que um piscar de olhos — o rosto de tia Danuta tinha culpa escrita nele, mas desapareceu com rapidez. — Como você ousa! Sua

querida mãe...

— Está morta! — gritou Roland e bateu a porta.

O visor do capacete foi levantado e meia dúzia de Feegles espiou.

— Disgraça, que par de corvas véias —, disse Yan Grande.

— Minhas tias —, disse Roland, sombrio. — O que é uma corva?

— É como um grande urubu que fica por aí esperando que alguém morra —, disse Billy Queixudo.

— Ah, então você já as conhecia —, disse Roland com um brilho nos olhos. — Vamos tentar outra vez, não é? Acho que estou pegando o jeito da coisa.

Houve um murmúrio de protestos de todas as partes da armadura, mas Rob Qualquerum gritou.

— Tudo bem! Daremos mais uma chance ao rapaz —, disse ele. — Subam para seus postos!

Houve ruídos e muitos palavrões enquanto os Feegles subiam dentro do traje, mas depois de alguns segundos a armadura pareceu se recompor. Ela pegou uma espada e avançou pesadamente em direção a Roland, que podia ouvir as ordens abafadas vindas de dentro.

A espada atacou, mas em um movimento rápido ele a desviou, deu um passo para o lado, girou sua própria espada em um borrão e cortou o traje ao meio com um estrondo que ecoou pelo castelo.

A parte superior atingiu a parede. A metade inferior balançou, ainda de pé.

Depois de alguns segundos, várias cabeças pequenas ergueram-se lentamente acima das calças de ferro.

— Era para acontecer assim? — Roland perguntou. — Tudo mundo, hmm... está inteiro? —

Uma contagem rápida revelou que de fato não havia meio Feegles, embora houvesse muitos hematomas e Wullie Doido tivesse perdido seu spog. Muitos Feegles andavam em círculos e batiam nas orelhas com as mãos. Tinha sido um estrondo muito alto.

— Não foi um esforço ruim, dessa vez —, disse Rob Qualquerum

vagamente. — Você parece estar aprendendo sobre luta.

— Definitivamente parecia melhor, não é? — Disse Roland, parecendo orgulhoso. — Devo tentar outra vez?

— Não! Quer dizer... não, disse Rob. — Não, acho que é o suficiente por hoje, hein?

Roland olhou para a pequena janela gradeada no alto da parede. — Sim, é melhor eu ir ver meu pai —, disse ele, e o brilho em seu rosto desapareceu. — Já passa da hora do almoço. Se eu não o vejo todos os dias, ele esquece quem eu sou.

Quando o rapaz se foi, os Feegles se entreolharam. — Aquele rapaz não está tendo uma vida fácil —, disse Rob Qualquerum. — Você tem de admitir que ele está melhorando —, disse Billy Queixudo.

— Ah, sim, garanto que ele não é tão fraquim quanto eu pensava, mas aquela espada é muito pesada para ele e vai levar semanas para conseguir que ele sirva pralguma coisa —, disse Yan Grande.

— Nós temos semanas, Rob?

Rob Qualquerum deu de ombros. — Quem pode dizer? — ele disse. — Ele vai ser o Herói, aconteça o que acontecer. A Bruxa Piquininha Grandona vai encontrar o Artesão do Inverno em breve. Ela não pode lutar contra isso. É como a bruaca das bruacas disse: cê não pode lutar contra uma história tão antiga quanto essa. Ela vai achar um jeito de acontecer.

Ele colocou as mãos em concha. — Vamos, rapazes, para o monte. Voltaremos esta noite. Talvez você não possa fazer um herói de uma só vez.

O irmão mais novo de Tiffany tinha idade suficiente para querer ser considerado ainda mais velho, o que é uma ambição perigosa em uma fazenda movimentada, onde há cavalos de cascos grandes e tocas de ovelhas e cento e um outros lugares onde uma pessoa pequena pode não ser notada até que seja tarde demais. Mas acima de tudo ele gostava de água. Quando você não conseguia

encontrá-lo, ele geralmente estava no rio, pescando. Ele amava o rio, o que era um pouco surpreendente, já que um enorme monstro verde uma vez saltou dele para comê-lo. De qualquer modo, na ocasião Tiffany o atingiu na boca com uma frigideira de ferro. Como estava ocupado comendo doces, na ocasião, o único comentário de Wentworth depois disso foi: "Tiffy bateu no peixe e fez "bang". Mas ele parecia estar crescendo para se tornar um pescador habilidoso. Ele estava pescando naquela tarde. Havia já descoberto o jeito de saber onde os monstros estavam. O lúcio realmente grande espreitava nos buracos negros profundos, pensando pensamentos lentos e famintos até que a isca prateada de Wentworth lhes caísse quase em suas bocas.

Quando Tiffany foi chamá-lo, ela o encontrou cambaleando pelo caminho, muito desgrenhado e carregando um peixe que parecia pesar pelo menos metade do peso dele.

— É dos grandes! — ele gritou assim que a viu. — Abe achou que estava escondido sob o salgueiro caído, sabe? Ele disse que eles atacam qualquer coisa nesta época do ano! Ele me puxou, mas eu segurei! Deve pesar pelo menos quinze quilos!

Cerca de dez, pensou Tiffany, mas os peixes são sempre muito mais pesados para o homem que os pesca.

— Bom trabalho. Mas entra, vai congelar —, disse ela.

— Posso comer no jantar? Demorou muito para entrar na rede! São pelo menos dezoito quilos! — Wentworth disse, lutando sob a carga. Tiffany sabia que não devia se oferecer para carregá-lo. Isso seria um insulto.

— Não, tem que ser limpo e deixado de molho por um dia, e mamãe fez ensopado para esta noite. Mas vou cozinhar para você amanhã com molho de gengibre.

— E haverá o suficiente para todos —, disse Wentworth alegremente, — porque pesa pelo menos vinte quilos!

— Facilmente —, Tiffany concordou.

E naquela noite, depois que o peixe foi devidamente admirado por todos e

encontrado pesando doze quilos com a mão de Tiffany na balança ajudando um pouco, ela foi até a copa e limpou o peixe, o que é uma boa maneira de falar em retirar ou cortar tudo o que você não deveria comer, o que, se Tiffany quisesse, significava o peixe inteiro. Ela não gostava muito de lúcio, mas uma bruxa nunca deveria torcer o nariz para comida, especialmente comida de graça e no fim das contas um bom molho impediria que tivesse gosto de lúcio.

Então, enquanto despejava as vísceras no balde de porcos, ela viu o brilho da prata. Bem, você não poderia exatamente culpar Wentworth por estar muito animado para extrair a isca.

Ela se abaixou e puxou, coberta de lodo e escamas, mas muito reconhecível, o cavalo prateado.

Deveria ter havido um trovão. Apenas Wentworth estava na sala ao lado, contando pela décima vez sobre a captura heroica do peixe-monstro. Deveria ter havido uma lufada de vento. Apenas uma corrente de ar perturbava as velas.

Mas ele sabia que ela o havia tocado. Ela sentiu sua surpresa.

Ela foi até a porta. Ao abri-la, alguns flocos de neve caíram, mas, como se de repente estivessem felizes por ter uma audiência, mais começaram a cair até que — sem nenhum som além de um silvo — a noite ficou branca. Ela estendeu a mão para pegar alguns flocos e olhou para eles bem de perto. Pequenas Tiffanys geladas derreteram.

Oh, sim. Ele a havia encontrado.

Sua mente esfriou, mas as rodas de cristal do pensamento giraram rapidamente.

Ela poderia pegar um cavalo? ... Não, ela não iria longe em uma noite como esta. Ela deveria ter guardado aquela vassoura!

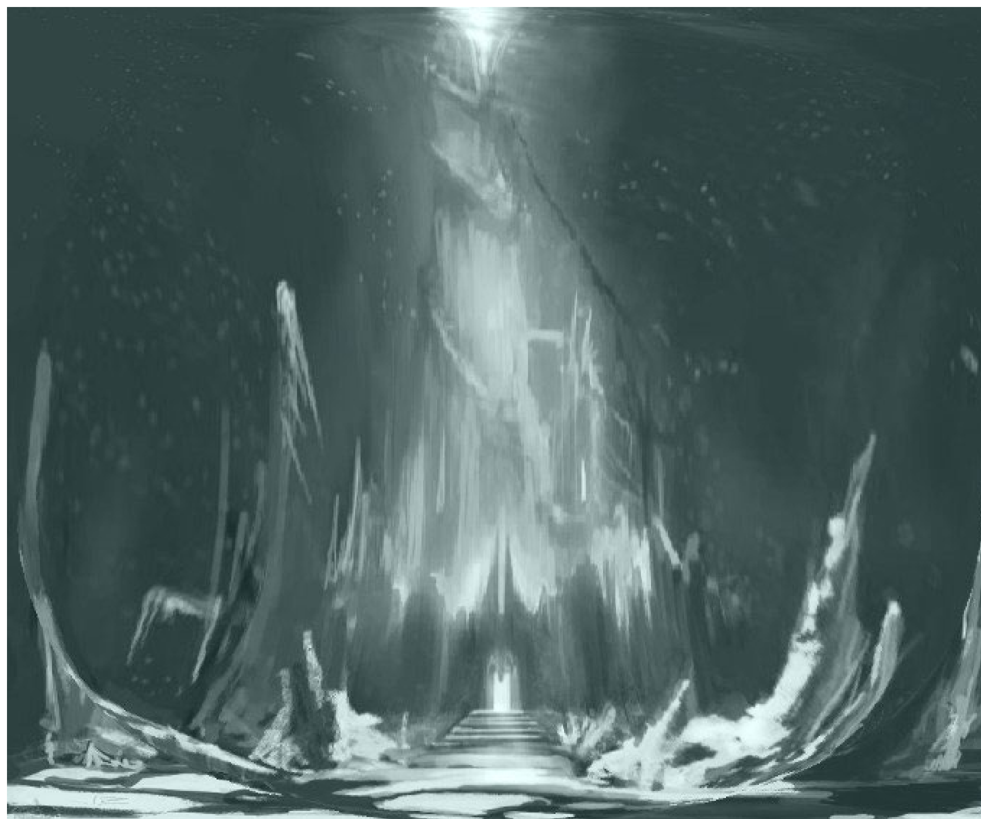
Ela não deveria ter dançado.

Não havia para onde correr. Ela teria que enfrentá-lo novamente, e enfrentá-lo aqui, e detê-lo. Nas montanhas, com suas florestas negras, era difícil imaginar um inverno sem fim. Aqui era mais fácil, e porque era mais fácil era pior, porque ele estava trazendo o inverno para o coração dela. Ela podia sentir que estava

ficando mais frio.

A neve já estava com alguns centímetros de profundidade, neste curto espaço de tempo. Ela era filha de pastor antes de ser bruxa, e nessa época, naquele lugar, havia coisas mais imediatas a fazer.

Ela entrou no calor dourado e na luz da cozinha e disse: — Papai, precisamos cuidar do rebanho.



CAPÍTULO TREZE
A COROA DE GELO

Isso foi antes. Isso é agora.

— Ich, disgraça —, lamentou Spike Piquininho Perigoso, no teto da cobertura da carroça.

O fogo se apagou. A neve que cobria o céu começou a diminuir. Spike Piquininho Perigoso ouviu um grito bem alto e sabia exatamente o que fazer. Ele levantou os braços no ar e fechou os olhos no momento em que o milhafre desceu do céu branco e o agarrou.

Ele gostava dessa parte. Quando ele abriu os olhos, o mundo estava balançando abaixo dele e uma voz próxima disse: — Suba aqui rápido, rapaz!

Ele agarrou o arreio de couro fino acima dele e puxou e as garras gentilmente o soltaram. Então, uma mão por vez ele enfrentou o vento provocado pelo voo e se arrastou sobre as penas do pássaro até conseguir agarrar o cinto de Hamish, o aviador.

— Rob diz que você tem idade suficiente para entrar no submundo —, disse Hamish por cima do ombro. — Rob foi buscar o Herói. Você é um garotinho sortudo!

O pássaro se inclinou.

Abaixo, a neve... caiu. Não havia mais derretimento, simplesmente afastava-se do curral como a maré baixando ou uma respiração profunda sendo tomada, sem mais som do que um suspiro.

Morag deslizou sobre o campo de ovelhas, onde os homens olhavam em volta com perplexidade. — Uma vêlha e uma dúzia de cordeiros mortos —, disse Hamish, — mas nenhuma Bruaca Piquininha Grandona! Ele a levou.

— Para onde?

Hamish conduziu Morag em um grande círculo. Ao redor da fazenda a neve havia parado de cair. Mas nos declives ainda estava caindo como martelos.

E então tomou forma. — Lá em cima —, disse ele.

Tudo bem, estou viva. Tenho certeza disso.

Sim.

E posso sentir o frio ao meu redor, mas não sinto frio, o que seria muito difícil de explicar para qualquer outra pessoa.

E eu não posso me mover. De jeito nenhum.

Tudo branco ao meu redor. E dentro da minha cabeça, tudo branco. Quem sou eu?

Lembro-me do nome Tiffany. Espero que seja eu.

Tudo branco ao meu redor. Isso já aconteceu antes. Foi uma espécie de sonho ou memória ou outra coisa para a qual não tenho uma palavra. E ao meu redor, a brancura caindo. E se acumulando ao meu redor e me levantando. Era... as terras de giz quando se formaram, silenciosamente, sob mares antigos.

É isso que meu nome significa. Significa Terra Sob a Onda.[20]

E, como uma onda, as cores inundaram sua mente. Era principalmente a vermelhidão da raiva.

Como ele ousa!

Matar as ovelhas!

Vovó Dolorida não teria permitido isso. Ela nunca perdeu uma ovelha. Ela conseguia trazê-los de volta à vida.

Em primeiro lugar, eu nunca deveria ter saído daqui, pensou Tiffany. Talvez eu devesse ter ficado e tentado aprender as coisas sozinha. Mas se eu não tivesse ido, eu ainda seria eu? O que é que eu sei? Eu teria sido tão forte quanto minha avó ou seria apenas uma tagarela? Bem, eu vou ser forte agora.

Quando o clima mortal era de natureza cega, você só podia xingar; mas se estivesse andando sobre duas pernas... Então era guerra. E haveria um ajuste de contas!

Ela tentou se mover e então a brancura cedeu. Parecia neve dura, mas não era fria ao seu toque; e caiu, deixando um buraco.

Um chão liso e ligeiramente transparente se estendia à sua frente. Havia grandes pilares subindo até um teto que estava escondido por algum tipo de neblina.

Havia paredes feitas do mesmo material do chão. Pareciam gelo – ela podia até ver pequenas bolhas dentro deles – mas quando os tocava não estavam mais do que frescos.

Era um salão muito grande. Não havia nenhum tipo de mobília. Era exatamente o tipo de quarto que um rei construiria para dizer "Olha, posso me dar ao luxo de desperdiçar todo esse espaço!"

Seus passos ecoavam enquanto ela explorava. Não, nem mesmo uma cadeira. E quão confortável seria se ela encontrasse uma?

Ela acabou encontrando uma escada que subia (a menos, é claro, que você

[20] Na língua Nac Mac Feegle. Algo como *Tir-far-thóinn*. (N.T.)

começasse do topo). Isso levava a outro corredor que pelo menos tinha móveis. Eles eram o tipo de sofás em que as senhoras ricas se deitavam, parecendo cansadas, mas bonitas. Ah, e havia urnas, urnas bem grandes e estátuas também, todas do mesmo gelo quente. As estátuas mostravam atletas e deuses, muito parecidos com as gravuras da mitologia de Tentilhão, fazendo coisas antigas como lançar dardos ou matar cobras enormes com as próprias mãos. Não usavam uma só peça de roupa entre eles, mas todos os homens usavam folhas de figueira que Tiffany, em estado de espírito de investigativo, descobriu que não caíam.

E havia um fogo aceso ali. A primeira coisa estranha foi que os troncos também eram do mesmo gelo. A outra coisa estranha era que as chamas eram azuis e frias.

Este andar tinha janelas altas e pontiagudas, mas começavam bem longe do chão e não mostravam nada além do céu, onde o sol pálido era um fantasma entre as nuvens.

Outra escada, muito grande desta vez, levava a outro andar com mais estátuas, sofás e urnas. Quem poderia viver em um lugar como este? Alguém que não precisava comer ou dormir, esse era o "quem". Alguém que não precisava se sentir confortável.

— Artesão do Inverno!

Sua voz saltou de parede a parede, enviando de volta – ERNO... ERNO ... ERNO... – até morrer.

Outra escada, então, e desta vez havia algo novo. Em um pedestal, onde poderia haver uma estátua, havia uma coroa. Ele flutuava no ar alguns metros acima da base, girando suavemente e brilhando com gelo. Um pouco mais adiante havia outra estátua, menor do que a maioria, mas ao redor desta, luzes azuis, verdes e douradas dançavam e brilhavam.

Elas se pareciam com as Luzes do Eixo que às vezes podiam ser vistos nas profundezas do inverno flutuando sobre as montanhas no centro do mundo. Algumas pessoas pensaram que estavam vivas.

A estátua tinha a mesma altura de Tiffany.

— Artesão do Inverno! — Ainda assim não houve resposta. Um belo palácio sem cozinha, sem cama. Ele não precisava comer ou dormir. Então para quem era?

Ela já sabia a resposta: eu.

Ela estendeu a mão para tocar as luzes dançantes e elas subiram por seu braço e se espalharam por seu corpo, formando um vestido que brilhava como o luar nos campos de neve. Ela ficou chocada, depois com raiva. Então ela desejou ter um espelho, sentiu-se culpada por isso e voltou a ficar com raiva novamente e decidiu que se por acaso encontrasse um espelho, a única razão pela qual se olharia seria para verificar o quão zangada ela estava.

Depois de procurar por um tempo ela encontrou um espelho, que nada mais era do que uma parede de gelo de um verde tão escuro que era quase preto.

Ela parecia zangada. E imensamente, lindamente brilhante. Havia pequenos brilhos dourados no azul e no verde, assim como havia no céu nas noites de inverno.

— Artesão do Inverno!

Ele devia estar olhando para ela. Ele poderia estar em qualquer lugar. — Tudo bem! Estou aqui! Você sabe disso!

— Sim. eu sei —, disse o Artesão do Inverno atrás dela.

Tiffany se virou e deu um tapa no rosto dele, depois deu um tapa nele de novo com a outra mão.

Foi como bater em uma pedra. Ele estava aprendendo muito rápido agora. — Isso é pelos cordeiros —, disse ela, tentando sacudir um pouco da vida de volta a seus dedos. — Como ousou! Você não precisava!

Ele parecia muito mais humano. Ou ele estava usando roupas de verdade ou tinha trabalhado duro para fazê-las parecer reais. E conseguira, de fato, parecer... bem, bonito. Não estava mais emanando frio, apenas... frescura.

Ele não passa de um boneco de neve, protestaram seus Segundos Pensamentos. *Lembre-se disso. Ele é inteligente demais para ter carvão no lugar dos olhos ou cenoura no lugar do nariz.*

— Ai —, disse o Artesão do Inverno, como se tivesse acabado de se lembrar de dizer isso.

— Exijo que me deixe ir! — Tiffany sibilou. — Agora mesmo! — *Isso mesmo,* disseram seus Segundos Pensamentos. *Você quer que ele acabe se escondendo atrás das panelas, em cima da cômoda da cozinha. Como se*

fosse...

— Neste momento —, disse o Artesão do Inverno muito calmamente, — eu sou um vendaval destruindo navios a mil milhas de distância. Estou congelando canos de água em uma cidade coberta de neve. Estou congelando o suor de um moribundo, perdido em uma terrível nevasca. Eu rastejo silenciosamente sob as portas. Eu me penduro nas calhas. Eu acaricio o pelo do urso adormecido, no fundo de sua caverna e circulo no sangue dos peixes sob o gelo.

— Eu não ligo! — Disse Tiffany. — Eu não quero estar aqui! E você também não deveria estar aqui!

— Criança, você quer andar comigo? — Disse o Artesão do Inverno. — Eu não vou machucar você. Você está segura aqui.

— Do quê? — disse Tiffany, e então, porque passar muito tempo com a Senhorita Umaturga afetara seu modo de falar, mesmo em momentos de estresse, ela mudou para: — De quem?

— Morte —, disse o Artesão do Inverno. — Aqui você nunca vai morrer.

Na parte de trás do poço de giz dos Feegles, mais giz havia sido esculpido na parede para fazer um túnel com cerca de um metro e meio de altura e talvez o mesmo comprimento.

Na frente dele estava Roland de Chumsfanleigh (não era culpa dele). Seus ancestrais foram cavaleiros e eles se tornaram donos do Giz matando os reis que pensavam que o possuíam. Espadas, era disso que se tratava. Espadas e cabeças decepadas. Antigamente era assim que se ganhava terra e depois as regras

mudaram para que você não precisasse mais de uma espada para possuir terra. Você só precisava do pedaço de papel correto. Mas seus ancestrais ainda seguravam suas espadas, para o caso de as pessoas pensarem que a coisa toda com os pedaços de papel era injusta, sendo um fato que você não pode agradar a todos.

Ele sempre quis ser bom com uma espada e foi um choque descobrir que elas eram tão pesadas. Ele era ótimo na modalidade espada de ar. Na frente de um espelho, ele poderia esgrimir seu reflexo e vencer quase o tempo todo. Espadas reais não funcionavam assim. Você tentou desequilibrá-los e eles acabaram desequilibrando você. Ele percebeu que talvez fosse mais talhado os para pedaços de papel. Além disso, ele precisava de óculos, o que poderia ser um pouco complicado sob um capacete, especialmente se alguém estivesse batendo em você com uma espada.

Ele usava um capacete agora e segurava uma espada que era — embora ele não admitisse — muito pesada para ele. Ele também estava usando uma cota de malha que tornava muito difícil andar. Os Feegles fizeram o possível para ajustá-la, mas a virilha pendia até os joelhos e batia divertidamente quando ele se movia.

Não sou um herói, pensou. Tenho uma espada, que preciso das duas mãos para erguer, e tenho um escudo que também é muito pesado, e tenho um cavalo com cortinas em volta que tive que deixar em casa (e minhas tias vão enlouquecer quando entrarem na sala), mas por dentro sou uma criança que gostaria muito de saber onde fica o banheiro...

Mas ela me resgatou da Rainha dos Elfos. Se ela não o tivesse feito, eu ainda seria um garoto estúpido em vez de... hmm... um jovem esperando não ser muito estúpido.

Os Nac Mac Feegles haviam explodido de volta em seu quarto, lutando contra a tempestade que chegara durante a noite e agora, disseram eles, era hora de ele ser um Herói para Tiffany. Bem, ele seria. Ele tinha certeza disso. Muita certeza. Mas agora o cenário não era o que ele esperava.

— Sabe, isso não parece a entrada para o submundo —, disse ele.

— Ah, qualquer caverna pode ser a entrada —, disse Rob Qualquerum,

sentado no capacete de Roland. — Mas você deve ter conhecimento do passo-rasteiro. Ok, Yan Grande, cê vai primeiro.

Yan Grande caminhou até o buraco de giz. Ele estendeu os braços para trás, dobrado nos cotovelos. Ele se inclinou para trás, esticando uma perna para manter o equilíbrio. Então balançou o pé no ar algumas vezes, inclinou-se para a frente e desapareceu assim que o pé tocou o chão.

Rob Qualquerum bateu no capacete de Roland com o punho. — Ok, grande Herói —, ele gritou — Vai você, agora!

Não havia saída. Tiffany nem sabia se havia uma maneira de entrar.

— Se você fosse a Dama do Verão, nós dançaríamos —, disse o Artesão do Inverno. — Mas agora sei que você não é ela, embora pareça ser. Mas, para te agradar, agora sou humano e preciso de companhia.

A mente acelerada de Tiffany mostrou suas imagens: a bolota brotando, os pés férteis, a Cornucópia. Sou deusa o suficiente para enganar algumas tábuas do assoalho, uma bolota e um punhado de sementes, pensou ela. Sou igualzinha a ele. Ferro suficiente para fazer um prego não transforma um boneco de neve em humano e algumas folhas de carvalho não me tornam uma deusa.

— Venha —, disse o Artesão do Inverno, — deixe-me mostrar-lhe o meu mundo. Nosso mundo.

Quando Roland abriu os olhos, tudo o que pôde ver foram sombras. Não sombras de coisas... apenas sombras, flutuando como teias de aranha.

— Eu estava esperando um lugar... mais quente —, disse ele, tentando manter o alívio fora de sua voz. Ao seu redor, Feegles apareciam do nada.

— Ah, você está pensando no inferno —, disse Rob Qualquerum. — Eles

tendem a ser mais tostados, é verdade. Os submundos são mais do tipo sombrio. É onde as pessoas vão parar quando estão perdidas, sabe.

— O que? Quer dizer, se for uma noite escura e você virar na direção errada...

— Ich, não! É mais talvez quando se morre quando não se devia e não há lugar pra ir ou quando se cai em uma lacuna nos mundos e não se sabe o caminho. Alguns deles nem sabem onde estão, pobres almas. Há um monte desse tipo de coisa. Não há muitas risadas em um submundo. Este aqui costumava ser chamado de Limbo, cê sabe, porque a porta era muito baixa. Parece que está piorando desde a última vez que estivemos aqui. — Ele levantou a voz. — I um grande aplauso, meninos, para o jovem Spike Piquininho Perigoso, que vem com a gente pela primeira vez! — Houve uma comemoração esfarrapada e Spike Piquininho Perigoso agitou sua espada.

Roland abriu caminho pelas sombras, que na verdade ofereciam alguma resistência. O próprio ar era cinza aqui embaixo. Às vezes ele ouvia gemidos ou alguém tossindo à distância... e então houve passos algo confusos em sua direção.

Ele desembainhou sua espada e olhou através da escuridão.

As sombras se separaram e uma mulher muito velha com roupas esfarrapadas passou cambaleando por ele, arrastando uma grande caixa de papelão atrás dela, saltando desajeitadamente conforme a ela a puxava. Ela nem olhou para Roland.

Ele abaixou a espada.

— Pensei que haveria monstros —, disse ele enquanto a velha desaparecia na escuridão.

— Sim —, disse Rob Qualquerum sombriamente. — E há. Pense em alguma coisa sólida, consegue?

— Alguma coisa sólida?!

— Tô brincanu, não! Pense em uma grande montanha ou um martelo! Faça o que fizer, não deseje, se arrependa ou tenha esperança!

Roland fechou os olhos e estendeu a mão para tocá-los. — Eu ainda posso

ver! Mas meus olhos estão fechados!

— Certo! E você verá muito mais enquanto estiverem fechados. Olhe ao seu redor, se ousar!

Roland, de olhos fechados, deu alguns passos à frente e olhou em volta. Nada parecia ter mudado. Talvez as coisas estivessem um pouco mais sombrias. E então ele viu...um clarão laranja brilhante, uma linha no escuro que ia e vinha.

— O que é aquilo? — Ele perguntou.

— Não sabemos como eles se chamam. Nós chamamu eles de papões —, disse Rob.

— Eles são lampejos de luz?

— Ich, bem longe —, Rob falou. — Se ocê quiser ver um de perto, tá bem do seu lado.

Roland se virou.

— Ah, veja bem, você cometeu um erro clássico bem aí, disse Rob, em tom de conversa. — Cê abriu seus olhos!

Roland fechou seus olhos. O papão estava parado a quinze centímetros dele.

Ele não vacilou. Ele não gritou. Centenas de Feegles o estavam observando, ele sabia.

A princípio pensou: é um esqueleto. Quando piscou novamente, parecia um pássaro, um pássaro alto como uma garça. Então era um boneco, como uma criança desenharia. Uma e outra vez rabiscou-se contra a escuridão em linhas finas e ardentes.

Ele rabiscou uma boca e se inclinou para a frente por um momento, mostrando centenas de dentes pontiagudos. Então desapareceu.

Houve um murmúrio dos Feegles.

— Sim, cê fez bem —, disse Rob Qualquerum. — Cê encarou ele na boca e não deu nem um passo para trás.

— Senhor Qualquerum, eu estava com medo demais para correr —, Roland murmurou.

Rob Qualquerum se abaixou até ficar na altura da orelha do garoto.

— Sim —, ele sussurrou, — eu sei disso muito bem! Tem um monte de homens que se tornaram heróis porque tavam com muito medo para fugir! Mas cê num gritou e nem cacarejou com seu vômito, e isso é bom. Haverá mais deles à medida que a gente prosseguir. Num deixe eles entrarem na sua cabeiça! Mantenha eles fora!

— Por que, o que eles...? Não, não me conte! — Disse Roland.

Ele caminhou pelas sombras, piscando para não perder nada. A velha tinha ido embora, mas a escuridão começou a se encher de gente. Na maioria das vezes eles ficavam sozinhos ou sentados em cadeiras. Alguns vagavam silenciosamente. Passaram por um homem com roupas antigas que olhava para a própria mão como se a visse pela primeira vez.

Havia uma mulher balançando suavemente e cantando uma música sem sentido com uma voz baixa de menininha. Ela deu a Roland um sorriso estranho e louco quando ele passou. Logo atrás dela estava um papão.

— Tudo bem —, disse Roland severamente. — Agora me diga o que eles fazem.

— Eles comem suas memórias —, disse Rob Qualquerum. — Seus pensamentos são reais pra eles. Desejos e esperança são como comida! Eles são vermes, realmente. Iss´é o que acontece quando esses lugares não são cuidados..

— E como posso matá-los?

— Oh, esse foi um tom muito do desagradável que você acabou de usar. Ouça o grande herói piquinininho! Num se preocupe com eles, rapaz. Eles num vão atacar ocê ainda e nós tem um trabalho a fazer.

— Odeio este lugar!

— Verdade, o inferno é muito mais animado —, disse Rob Qualquerum. — Mais devagar agora... estamos no rio.

Um rio corria através do Submundo. Era tão escuro quanto o solo e lambia suas margens de maneira lenta e oleosa.

— Ah, acho que já ouvi falar disso —, disse Roland. — Há um barqueiro, certo?

SIM.

Ele estava lá, de repente, parado em um barco longo e baixo. Ele estava todo de preto, claro; de preto, com um capuz profundo que escondia totalmente seu rosto e dava a sensação definitiva de que estava tudo bem.

— Aí, cumpádi —, disse Rob Qualquerum alegremente. — Cumé qui tá?

OH NÃO, VOCÊS DE NOVO NÃO, disse a figura sombria em uma voz que não foi tão ouvida quanto sentida. PENSEI QUE VOCÊS TINHAM SIDO BANIDOS.

— Apenas um pequeno mal-entendido, cê sabe —, disse Rob, deslizando para baixo da armadura de Roland. — cê tem que deixar nóis entrar, porque já tamos mortos.

A figura estendeu um braço. O manto preto caiu e o que apontava para Roland parecia, para ele, muito parecido com um dedo ossudo.

MAS ELE PRECISA PAGAR AO BARQUEIRO, disse acusadoramente, com voz de criptas e cemitérios.

— Não até que eu esteja do outro lado —, disse Roland com firmeza.

— Ah, Qualé! — Disse Wullie Doido ao barqueiro. — Cê pode ver que ele é um herói! S" ocê não pode confiar em um Herói, em quem cê pode confiar?

O capuz olhou para Roland pelo que pareceram cem anos.

OH, MUITO BEM ENTÃO.

Os Feegles enxamearam a bordo do barco apodrecido com seu entusiasmo habitual e gritos de "Disgraça!" e "Onde está a bebida neste cruzeiro?" e "Estamos bem no Estige agora!". E Roland subiu com cuidado, observando o barqueiro com desconfiança.

A figura puxou o grande remo e eles partiram com um rangido e depois, lamentavelmente e para desgosto do barqueiro, ao som de um canto. Mais ou menos cantando, ou seja, em todas as velocidades e andamentos possíveis e sem nenhuma preocupação com a melodia:

— *A canoa virô quem qui deixô ela virá fui pru causa...*

PODEM CALAR A BOCA?

— *...da morena qui num soubi remar a canoa virô foi pro fundu du mar foi pru causa...*

ISTO É TREMENDAMENTE INAPROPRIADO!

— *si eu fossi um peixinho i soubessi nadá eu tirava a morena lá du fundu du mar!*

— Senhor Qualquerum? — disse Roland enquanto deslizavam aos solavancos.

— Sim?

— Por que estou sentado ao lado de um queijo azul com um pedaço de tartan enrolado?

— Ah, deve de ser o Horácio —, disse Rob Qualquerum. — É o parceiro do Wullie Doido. Ele num tá incomodando, tá?

— Não. Mas ele está tentando cantar!

— Sim, todos os queijos azuis meio que cantam um pouco.

— Mnamnam mnam mnamnam —, cantava Horácio.

O barco bateu na margem oposta e o barqueiro desembarcou rapidamente.

Rob Qualquerum subiu a manga da cota de malha esfarrapada de Roland e sussurrou: — Quando eu dé a ordem, corra!

— Mas posso pagar o barqueiro. Eu tenho o dinheiro. — Disse Roland, batendo no bolso.

— Cê o quê? — Disse o Feegle, como se fosse uma ideia estranha e perigosa.

— Eu tenho o dinheiro —, Roland repetiu. — Duas moedas é quanto se cobra para atravessar o Rio dos Mortos. É uma tradição antiga. Duas moedas para colocar nos olhos dos mortos, para pagar o barqueiro.

— Que homem esperto ocê é, com certeza —, disse Rob enquanto Roland jogava duas moedas de cobre na mão ossuda do barqueiro.

— E você não pensou em trazer quatro moedas?

— O livro dizia que os mortos apenas levam dois —, disse Roland.

— Sim, talveiz sim —, Rob concordou, — mas isso é porque us morto não espera de voltar!

Roland olhou para o outro lado do rio escuro. Flashes de luz laranja eram abundantes na margem que eles deixaram.

— Senhor Qualquerum, eu já fui prisioneiro da Rainha do País das Fadas.

— Sim, eu sei disso.

— Foi por um ano naquele mundo, mas pareceram apenas alguns dias lá... só que as semanas passavam como séculos. Era tão... maçante, eu mal conseguia me lembrar de alguma coisa depois de um tempo. Nem meu nome, nem a sensação do sol, nem o sabor da comida de verdade. —

— Sim, nóis sabemu disso...nós que ajudamo a resgatá-lo. Ocê nunca agradeceu, mas você estava fora de seu crânio o tempo todo, então não nos ofendemos.

— Então permita-me agradecer-lhe agora, Sr. Qualquerum.

— Por nada. Não há de que. Feliz em poder ajudar.

— Ela tinha animais de estimação que alimentavam seus sonhos até você morrer de fome. Eu odeio coisas que tentam tirar de você o que você é. Eu quero matar essas coisas, senhor Qualquerum. Eu quero matar todos eles. Quando você tira as memórias, você tira a pessoa. Tudo o que elas são.

— É uma bela ambição que cê tem aí —, disse Rob. — Mas nós temos um pequeno trabalho a fazer, cê sabe. Disgraça, é isso que aconteci quando as coisas ficam desleixadas e us papões assume o controle.

Havia uma grande pilha de ossos no caminho. Eram certamente ossos de animais e os colares apodrecidos e pedaços de correntes enferrujadas eram outra pista.

— Três cachorros grandes? — Perguntou Roland.

— Um grandi dum cachorrão com trêis cabeiças —, disse Rob Qualquerum. — Muito da popular nos submundos, essa raça. Pode morder a garganta de um homem. Três vezes! — ele acrescentou com prazer. — Mas coloque três biscoitos caninos em uma fileira no chão e a coisinha fica lá, coçando e ganindo o dia todo. É di dar risada, tou lhe dizendo! — Ele chutou os ossos. — Sim, era o tempo em que lugares como este tinham alguma personalidade. Olhe, veja o que fizeram aqui

também.

Mais adiante no caminho estava o que provavelmente era um demônio. Tinha uma cara horrível, com tantas presas que algumas deviam ser só para fazer bonito. Havia asas também, mas não tinham aparência de que conseguiriam alçar voo. Ele havia encontrado um pedaço de espelho e de tempos em tempos dava uma espiada nele e estremecia.

— Senhor Qualquerum —, disse Roland, — existe alguma coisa aqui embaixo que esta espada que estou carregando possa matar?

— Ah, não. Não mata —. disse Rob Qualquerum. — Não aos papões. Não funciona. Não é uma espada mágica, entendeu?

— Então por que estou arrastando isso?

— Porque você é um Herói. Quem já ouviu falar de um Herói sem uma espada?

Roland puxou a espada da bainha. Era pesada e nada parecida com a coisa voadora e prateada que ele imaginara em frente ao espelho. Era mais como um porrete de metal com um gume.

Agarrou-a com as duas mãos e conseguiu lançá-la no meio do rio lento e escuro.

Pouco antes de atingir a água, um braço branco se ergueu e o agarrou. A mão acenou com a espada algumas vezes e então desapareceu com ela sob a água.

— Era para isso acontecer? — Ele perguntou.

— Um homem joganu sua espada para longi? — Rob gritou. — Não! Você não devia de enfiar uma boa espada no *bebedor*!

— Não, quero dizer a mão —, disse Roland. — É apenas...

— Ich, elas apareci às veiz. — Rob Qualquer um acenou com a mão como se malabaristas de espadas subaquáticas fossem uma ocorrência diária. — E agora cê tá desarmado!

— Você disse que espadas não machucam papões!

— Sim, mas é a aparência da coisa que conta, ok? — disse Rob rapidamente.

— Mas não ter uma espada não deveria me tornar mais heroico, hein? —

disse Roland, enquanto o resto dos Feegles trotava atrás deles.

— Tecnicamente, sim —, disse Rob Qualquerum, relutante. — Mas talvez também mais morto.

— Além disso, tenho um plano —, disse Roland.

— Cê tem um plano? — Disse Rob.

— Sim. Quer dizer, claro.

— Assinado embaixo?

— Acabo de pensar em... — Roland parou, as sombras em constante mudança se separaram e uma grande caverna se estendia à frente.

No centro dela, cercando o que parecia ser uma laje de pedra, havia um brilho amarelo fraco. Havia uma pequena figura deitada na laje.

— Aqui estamos nós —, disse Rob Qualquerum. — Num foi tão ruim, foi?

Roland piscou. Centenas de papões estavam agrupados ao redor da laje, mas à distância, como se não estivessem interessados em chegar mais perto.

— Eu posso ver... alguém deitado —, disse ele.

— A Dama do Verão em pessoa —, disse Rob. — Temos que ser prividente sobre isso.

— Prividente?

— Tipo assim... cuidadosos —, disse Rob prestativamente. — As deusas podi di ser um pouquim complicadas. Cuidam muitu di sua imagem.

— Não podemos... você sabe, pegar ela e fugir? — Roland perguntou.

— Oh, sim, vamu acabá fazendo algo assim —, disse Rob. — Mas você, senhor, terá que beijá-la primeiro. Tudo bem com isso?

Roland pareceu um pouco tenso, mas disse: — Sim... quer dizer, tá legal.

— As senhoras esperam isso, você sabe —, Rob continuou.

— E depois saímos correndo? — Disse Roland. esperançoso.

— Sim, causo que provavelmente é quando os papões vão tentar nos impedir de fugir. É das pessoas que vão embora que eles não gostam. Vai lá, rapaz.

Eu tenho um plano, pensou Roland, caminhando em direção à laje. E vou me concentrar nisso para não pensar no fato de que estou andando no meio de

uma multidão de monstros rabiscados que só estarão lá se eu piscar e meus olhos já estão lacrimejando. O que está na minha cabeça é real para eles, certo?

Vou piscar, vou piscar, vou...

...piscar. Acabou em um momento, mas o tremor continuou por muito mais tempo. Eles estavam por toda parte e cada boca cheia de dentes estava olhando para ele. Não deveria ser possível olhar com os dentes.

Ele correu para frente, os olhos marejados com o esforço de não fechar, e olhou para a figura deitada sob o brilho amarelo. Era mulher, respirava, dormia e parecia Tiffany Dolorida.

Do alto do palácio de gelo, Tiffany podia ver quilômetros e eram quilômetros de neve. Apenas no Giz havia algum sinal de verde. Era uma ilha.

— Você vê como eu aprendo? — disse o Artesão do Inverno. — O Giz é seu. Então o verão chegará e você será feliz. E você será minha noiva e eu serei feliz. E tudo e todos serão felizes. A felicidade acontece quando as coisas estão certas. Agora que sou humano, entendo dessas coisas.

Não grite, não berre, diziam seus Terceiros Pensamentos. *Não congele também.*

— Ah ... Entendo —, disse ela. — E o resto do mundo vai ficar no inverno?

— Não, existem algumas latitudes que nunca sentem minha geada —, disse o Artesão do Inverno. — Mas as montanhas, as planícies até o mar circular... ah, sim.

— Milhões de pessoas vão morrer!

— Mas apenas uma vez, veja você. Isso é o que o torna tudo maravilhoso. E depois disso, não haverá mais morte!

E Tiffany viu isso, como um cartão do Reveillon-dos-Porcos: pássaros congelados em seus galhos, cavalos e vacas parados nos campos, grama congelada como adagas, nenhuma fumaça saindo de nenhuma chaminé; um mundo sem

morte porque não havia mais nada para morrer e tudo brilhando como ouropel.

Ela anuiu com cuidado. — Muito... sensível —, disse ela. — mas seria uma pena se nada se mexesse.

— Isso será fácil. Pessoas de neve —, disse o Artesão do Inverno. — Eu posso torná-las humanas!

— Ferro suficiente para fazer um prego? — Disse Tiffany.

— Sim! Isso é fácil. Eu comi salsicha! E eu posso pensar! Eu nunca havia pensado antes. Eu era parte Agora estou à parte. Somente quando você está à parte é sabe quem é.

— Você me fez rosas de gelo —, disse Tiffany.

— Sim! Eu já estava procurando formas!

Mas as rosas derretiam ao amanhecer, Tiffany acrescentou para si mesma e olhou para o sol amarelo pálido. Mas tinha força o suficiente para fazer o Artesão do Inverno brilhar. Ele pensa como um ser humano, ela pensou, olhando para o sorriso estranho. Ele pensa como um ser humano que nunca conheceu outro ser humano. Dá gargalhadas. Está tão louco que nunca vai entender o quão louco está.

Ele simplesmente não tem ideia do que "humano" significa; ele não sabe que horrores está planejando; ele simplesmente não sabe... compreender. E está tão feliz que é quase doce em sua loucura...

Rob Qualquerum bateu no elmo de Roland. — Vamu logo com isso, rapaz —, ele exigiu.

Roland olhou para a figura brilhante. — Não pode ser a Tiffany!

— Ara, ela é uma deusa, pode se parecer com qualquer coisa —, disse Rob Qualquerum. — Apenas um beijinho na bochecha, ok? Num fique entusiasmado, que num temos o dia todo. Um beijinho e caímos fora.

Algo deu uma cabeçada no tornozelo de Roland. Era um queijo azul. — Não se avexe por causa do Horácio... ele só quer que você faça a coisa certa —, disse o

Feegle maluco que Roland veio a conhecer como Wullie Doido.

Aproximou-se, com o brilho crepitando ao seu redor, porque nenhum homem quer ser covarde diante de um queijo.

— Este é o tipo de coisa... embaraçosa —, disse.

— Disgraça, só vá em frente, certo?

Roland se inclinou para a frente e deu um beijo na bochecha adormecida.

A adormecida abriu os olhos e recuou muito rapidamente.

— Essa não é Tiffany Dolorida! — Disse, piscando nervosamente. E de repente havia tantos papões ao redor dele quanto hastes de grama.

— Agora pegue ela pela mão e corra —, disse Rob Qualquerum. — Os papões vão ficar possessos quando virem que estamos indo embora. — Ele bateu alegremente na lateral do capacete e acrescentou: — Mas tudo bem, certo? Pur causa que cê tem um plano!

— Só espero ter feito direito —, disse Roland. — Minhas tias dizem que sou meio esperto demais.

— Fico feliz em ouvir isso —, disse Rob Qualquerum, — causo que isso é muito melhor do que ser estúpido demais por três quartos! Agora pegue a dama e corra! — Roland tentou evitar o olhar da garota enquanto pegava sua mão e a puxava gentilmente para fora da laje. Ela disse algo em um idioma que ele não conseguiu entender, exceto que soou como se houvesse um ponto de interrogação no final.

— Estou aqui para resgatá-la —, disse ele. Ela olhou para ele com os olhos dourados de uma cobra.

— A garota das ovelhas está com problemas —, disse ela, com uma voz cheia de ecos e assobios desagradáveis. — Que triste, que triste.

— Bem, hmm, é melhor corrermos —, ele conseguiu dizer, — seja você quem for.

A não-Tiffany sorriu para ele. Um sorriso desconfortável, com um pouco de malícia nele. Eles correram.

— Como você luta contra os papões? — Ele ofegou enquanto o exército

Feegle corria pelas cavernas.

— Ah, eles não gostam muito do nosso sabor —, disse Rob Qualquerum enquanto as sombras se separavam. — Pode ser por conta que a gente pensa muito em bebida...isso deix´ eles irritados. Continua correndo!

E foi nesse ponto que os papões atacaram, embora essa talvez não fosse a palavra certa. Era mais como correr para uma parede de sussurros. Nada os tentou agarrar; não havia garras. Se milhares de pequenas coisas fracas como camarões ou moscas estivessem tentando impedir alguém, seria assim que se sentiria a coisa.

O barqueiro estava esperando porém. Ele ergueu a mão enquanto Roland cambaleava em direção ao barco.

SERÃO SEIS MOEDAS, disse ele.

— Seis? — Roland exclamou.

— Ah, não tamos aqui mais que de duas horas e bum, lá se vão seis moeda! — Wullie Doido falou.

UM BILHETE DE IDA E VOLTA DE UM DIA E UM DE IDA, disse o barqueiro.

— Eu não tenho tanto! — gritou Roland. Estava começando a sentir pequenos puxões em sua cabeça agora. Os pensamentos tiveram que se esforçar para chegar até sua boca.

— Deix´isso comigo —, disse Rob Qualquerum. Ele se virou para olhar para seus companheiros Feegles e bateu no capacete de Roland pedindo silêncio.

— Ok, meninus —, ele anunciou. — Vamos ficar aqui!

QUE? disse o barqueiro. AH NÃO, VOCÊS VÃO! NÃO VOU TER VOCÊS AQUI DE NOVO! AINDA ESTAMOS ENCONTRANDO AS GARRAFAS DA ÚLTIMA VEZ! VENHA, SUBAM NO BARCO NESTE MINUTO!

— Disgraça, num podemos fazer isso, amigo —, disse Rob Qualquerum. — Estamos sob um *geas* para ajudar esse rapaz, sabe. Aonde ele não vai, nós não vamos!

AS PESSOAS NÃO DEVEM QUERER FICAR AQUI! cortou o barqueiro.

— Eitcha, logo nóis vai ter o antigo lugar tinindo de alegre de novo —, disse

Rob Qualquerum, sorrindo.

O barqueiro tamborilou com os dedos no mastro. Fizeram um som de clique, como dados.

AH, TUDO BEM ENTÃO. MAS — E QUERO SER BEM CLARO SOBRE ISSO — SEM CANTORIA!

Roland arrastou a garota para o barco. Os papões mantiveram-se afastados disso, pelo menos; mas quando o barqueiro se afastou da margem, Yan Grande chutou Roland na bota e apontou para cima. Rabiscos de luz laranja, centenas deles, moviam-se pelo teto da caverna. Havia mais deles na margem oposta.

— Como tá indo o plano, senhor herói? — Perguntou Rob Qualquerum em voz baixa enquanto descia do capacete do rapaz.

— Estou esperando o momento oportuno —, disse Roland com altivez. Ele se virou para olhar para a não-Tiffany.

— Eu vim para tirar você daqui —, disse ele, tentando não olhar diretamente nos olhos dela.

— Você? — disse a não-Tiffany, como se a ideia fosse divertida.

— Bem, nós —, Roland se corrigiu. — Tudo está...

Houve um solavanco quando o barco encalhou na margem oposta, onde os papões eram tão grossos quanto milho em pé.

— Vai lá, então —, disse Yan Grande.

Roland puxou a não-Tiffany ao longo do caminho por alguns passos e parou. Quando ele piscou, o caminho à frente já era uma massa laranja contorcida. Ele podia sentir os pequenos puxões nele, não mais fortes que uma brisa. Mas eles também estavam em seu cérebro. Frios e mordiscando. Aquilo foi estúpido. Não podia funcionar. Ele não seria capaz disso. Ele não era bom nesse tipo de coisa. Ele era rebelde, imprudente e desobediente, como suas... tias... sempre diziam.

Atrás dele, Wullie Doido gritou, em seu jeito alegre: — Deixe suas tia orgulhosas d´ocê!

Roland meio que se virou, subitamente zangado. — Minhas tias? Deixe-me contar sobre minhas tias...

— Não há tempo, garoto! — Gritou Rob Qualquerum. — Continue com isso! — Roland olhou em volta, sua mente em chamas.

Nossas memórias são reais, ele pensou. E eu não vou tolerar isso! Ele se virou para a não-Tiffany e disse: — Não tenha medo —. Então ele estendeu a mão esquerda e sussurrou baixinho: — Eu me lembro... de uma espada...

Quando fechou os olhos, lá estava...tão leve que mal podia sentir, tão fino que mal podia ver, uma linha no ar feita principalmente de nitidez. Ele matou mil inimigos com ela, no espelho. Nunca era muito pesada e movia-se como parte dele e aqui estava. Uma arma que cortava tudo o que se agarrava, mentia e roubava.

— Talvez você possa criar um Herói de uma só vez —, disse Rob Qualquerum pensativo, enquanto papões rabiscavam a si mesmos e morriam. Ele se virou para Wullie Doido. — Wullie Doido? — Disse. — Você consegue se lembrar de quando eu disse que às vezes você diz exatamente a coisa certa?

Wullie Doido parecia perplexo. — Agora que cê falô Rob, num me lembro d´ocê ter ditu isso alguma vez.

— Mesmo? — disse Rob. — Bem, se eu nunca disse, agora seria um desses momentos para dizer.

Wullie Doido parecia preocupado. — Tá tudo bem, então? Eu disse alguma coisa certa?

— É. Cê disse, Wullie Doido. Pela primeira vez. Tô orgulhoso d´ ocê —, disse Rob. O rosto de Wullie Doido se abriu em um enorme sorriso.

— Ei, meninus, eu disse...

— Mas não fique se achando —, Rob acrescentou.

Enquanto isso Roland golpeava com a lâmina de ar e os papões se desfaziam como teias de aranha. Havia mais, sempre mais, mas a linha prateada sempre os encontrava, libertando-o. E eles recuavam, tentavam novas formas e fugiam ante o calor da raiva em sua cabeça. A espada zumbia conforme golpeava. Papões se enrolaram em torno da lâmina e guincharam e chiaram no nada no chão...

... e alguém estava batendo em seu capacete. Já fazia isso há um bom tempo.

— Hein? — Ele disse, abrindo os olhos.

— Cê tem qui cair fora —, disse Rob Qualquerum. Com o peito arfando, Roland olhou em volta. Olhos abertos ou fechados, as cavernas estavam vazias de raias alaranjadas. A não-Tiffany estava olhando para ele com um sorriso estranho no rosto.

— Ou nós sai agora —, disse Rob, — ou cê pode ficar por aqui e esperar um pouquim mais, quem sabe?

— E aí vêm eles —, disse Billy Queixudo. Ele apontou para o outro lado do rio. Uma massa pura de laranja se derramava na caverna, tantos papões que não havia espaço entre eles.

Roland hesitou, ainda lutando para respirar.

— Vou te dizer uma coisa —, disse Rob Qualquerum calmamente. — Se ocê for um bom menino e resgatar a senhora, nós o traremos aqui outra hora, com alguns sanduíches para que possamos passar o dia.

Roland piscou. — Hmmm, sim —, disse. — É... desculpe. Eu não sei o que aconteceu comigo naquele momento...

— Hora de pular fora! — Gritou Yan Grande. Roland agarrou a mão da não-Tiffany.

— E não olhe para trás até que estejamos bem longe daqui —, disse Rob Qualquerum. — É meio que um tipo de tradição.

No topo da torre, a coroa de gelo apareceu nas mãos pálidas do Artesão do Inverno. Brilhava mais do que os diamantes, mesmo sob a pálida luz do sol. Era o gelo mais puro, sem bolhas, linhas ou falhas.

— Eu fiz isso para você —, ele disse. — A Dama do Verão nunca a usará —, acrescentou com tristeza.

— Servia perfeitamente. Não parecia fria. Ele recuou.

— E agora está feito —, disse o Artesão do Inverno.

— Há algo que eu tenho que fazer também —, disse Tiffany. — Mas

primeiro há algo que eu preciso saber. Você descobriu as coisas que fazem um homem?

— Sim!

— Como sabia como elas eram?

O Artesão do Inverno orgulhosamente contou a ela sobre as crianças, enquanto Tiffany respirava com cuidado, forçando-se a relaxar. Sua lógica era muito... lógica. Afinal, se uma cenoura e dois pedaços de carvão podem transformar um monte de neve em um boneco de neve, então um grande balde de sais, gases e metal certamente o transformariam em ser humano. Fazia... sentido. Ou pelo menos, fazia sentido para o Artesão do Inverno.

— Mas, veja bem, você precisa conhecer a canção toda —, disse Tiffany. — É principalmente sobre de que os seres humanos são feitos. Não é sobre o que os seres humanos são.

— Havia algumas coisas que eu não conseguia encontrar —, disse o Artesão do Inverno. — Não faziam sentido. Elas não tinham substância.

— Sim —, disse Tiffany, balançando a cabeça tristemente. — São as últimas três linhas, eu acho, que são o ponto principal. Eu realmente sinto muito por isso.

— Mas eu vou encontrá-las —, disse o Artesão do Inverno. — Eu consigo!

— Espero que você faça isso, um dia —, disse Tiffany. — Agora, você já ouviu falar de Boffo?

— O que é esse Boffo? Não estava na canção! — disse o Artesão do Inverno, parecendo inquieto.

— Oh, Boffo é como os humanos mudam o mundo enganando a si mesmos —, disse Tiffany. — É maravilhoso. E Boffo diz que as coisas não têm nenhum poder que os humanos não tenham colocado lá. Você pode tornar as coisas mágicas, mas não pode se transformar magicamente em um ser humano com coisas. É apenas um prego em seu coração. Só um prego.

E chegou a hora e eu sei o que fazer, ela pensou sonhadoramente. Eu sei como a História tem que terminar. Devo terminá-la da maneira certa.

Ela puxou o Artesão do Inverno em sua direção e viu a expressão de espanto

em seu rosto. Ela se sentiu tonta, como se seus pés não tocassem o chão. O mundo se tornou... mais simples. Era um túnel que levava ao futuro. Não havia nada para ver além do rosto frio do Artesão do Inverno, nada para ouvir além de sua própria respiração, nada para sentir a não ser o calor do sol em seus cabelos.

Não era o globo de fogo do verão, mas ainda era muito maior do que qualquer fogueira jamais poderia ser.

Onde isso me levar, lá eu escolho ir, ela disse a si mesma, deixando o calor se derramar sobre ela. Eu escolho. Isto eu escolho fazer. E vou ter que ficar na ponta dos pés, acrescentou.

Trovão na minha mão direita. Relâmpago na minha mão esquerda. Fogo acima de mim....

— Por favor —, ela disse, — leve o inverno para longe. Volte para suas montanhas. Por favor.

Gelo a minha frente....

— Não. Eu sou Inverno. Eu não posso ser outra coisa.

— Então você não pode ser humano —, disse Tiffany. — As três últimas linhas são: "Força suficiente para construir um lar, Tempo suficiente para segurar uma criança, Amor suficiente para partir um coração".

Equilíbrio... e veio rapidamente, do nada, elevando-a em seu interior.

O centro da gangorra não se move. Não se sente nem superior nem inferior. Está equilibrado.

Equilíbrio... e seus lábios eram como gelo azul. Ela choraria, mais tarde, pelo Artesão do Inverno que queria ser humano.

Equilíbrio... e a velha Kelda uma vez disse a ela: "Há um pedacinho dentro de você que não vai derreter e fluir."

Hora de descongelar.

Ela fechou os olhos e beijou o Artesão do Inverno...

... e atraiu o sol. Gelo para fogo.

Todo o topo do palácio de gelo derreteu em um flash de luz branca que lançou sombras nas paredes a centenas de quilômetros de distância. Um pilar de

vapor rugiu, costurado com raios e se espalhou sobre o mundo como um guarda-chuva, cobrindo o sol. Então começou a cair como uma chuva suave e quente que abriu pequenos buracos na neve.

Tiffany, com a cabeça geralmente tão cheia de pensamentos, não tinha um pensamento de sobra. Ela se deitou em uma placa de gelo sob a chuva suave e ouviu o palácio desmoronar ao seu redor.

Há momentos em que tudo o que você pode fazer já foi feito e não há nada a fazer agora, a não ser se chorar e esperar que o trovão acabe.

Havia algo mais no ar também, um brilho dourado que desaparecia quando ela tentava olhar para ele e então reaparecia no canto do olho.

O palácio estava derretendo como uma cachoeira. A laje em que ela estava deitada meio deslizou e meio flutuou por uma escada que estava se transformando em um rio. Acima dela, enormes pilares caíram, mas passaram de gelo a um jorro de água morna no ar, de modo que o que caiu foram os borrifos.

Adeus à coroa brilhante, Tiffany pensou com um toque de pesar. Adeus ao vestido feito de luz dançante e adeus às rosas de gelo e aos flocos de neve. Que vergonha. Que vergonha.

E então havia grama sob ela e tanta água passando por ela que era um caso de se levantar ou se afogar. Ela conseguiu ficar de joelhos, pelo menos, e esperou até que fosse possível se levantar sem ser derrubada.

— Você tem algo meu, criança —, disse uma voz atrás dela. Ela se virou e a luz dourada tomou forma. Era sua própria forma, mas seus olhos eram... estranhos, como os de uma cobra. Bem aqui e agora, com o rugido do calor do sol ainda enchendo seus ouvidos, isso não parecia muito surpreendente.

Lentamente, Tiffany tirou a Cornucópia do bolso e a entregou.

— Você é a Dama do Verão, não é?

— E você é a garota das ovelhas que seria eu? — Houve um silvo nas

palavras.

— Eu não queria ser! — Disse Tiffany apressadamente. — Por que você se parece comigo?

A Dama do Verão sentou-se na relva. É muito estranho observar a si mesma e Tiffany notou que ela tinha uma pequena verruga na nuca.

— Chama-se ressonância —, disse ela. — Você sabe o que é isso?

— Significa "vibrar com" —, disse Tiffany.

— Como uma garota das ovelhas sabe disso?

— Eu tenho um dicionário —, disse Tiffany. — E eu sou uma bruxa, obrigada.

— Bem, enquanto você pegava coisas de mim, eu pegava coisas de você, bruxa esperta —, disse a Dama do Verão. Ela estava começando a fazer Tiffany se lembrar muito de Annagramma. Isso era realmente um alívio. Ela não parecia sábia ou legal... ela era apenas outra pessoa, que por acaso era muito poderosa, mas não era assustadoramente inteligente e era, francamente, um pouco irritante.

— Qual é a sua forma real? — Tiffany perguntou.

— A forma do calor em uma estrada, a forma do cheiro das maçãs. — Boa resposta, pensou Tiffany, mas não útil como tal.

Tiffany sentou-se ao lado da deusa.

— Estou encrencada? — Ela perguntou.

— Por causa do que você fez com o Artesão do Inverno? Não. Ele tem que morrer todo ano, assim como eu. Nós morremos, dormimos e acordamos. Além do mais... você era divertida.

— Oh? Eu era divertida, não é? — Disse Tiffany, estreitando os olhos.

— O que é que você quer? — Perguntou a Dama do Verão. Sim, pensou Tiffany, assim como Annagramma. Não detectaria uma pista a um quilômetro de altura.

— O que eu quero? — Disse Tiffany. — Nada. Apenas o verão, obrigada.

A Dama do Verão parecia confusa. — Mas os humanos sempre querem algo dos deuses.

— Mas as bruxas não aceitam pagamento. Grama verde e céu azul servirão.

— O que? Você vai conseguir isso de qualquer maneira! — A Dama do Verão parecia ao mesmo tempo confusa e zangada e Tiffany ficou muito feliz com isso, de uma forma pequena e rancorosa.

— Bom —, ela disse.

— Você salvou o mundo do Artesão do Inverno!

— Na verdade, salvei de uma garota boba, senhorita Verão. Consertei o que fiz de errado.

— Um simples erro? Você seria uma garota boba se não aceitasse uma recompensa.

— Eu seria uma jovem sensata se recusasse —, disse Tiffany e foi bom dizer isso. — O inverno acabou. Eu sei. Eu já vi isso. Onde ele me levou, lá eu escolhi ir. Eu escolhi quando dancei com o Artesão do Inverno.

A Dama do Verão levantou-se. — Notável —, disse ela. — E estranho. E agora nos separamos. Mas primeiro, mais algumas coisas devem ser tomadas. Levante-se, jovem.

Tiffany obedeceu e quando olhou para o rosto de Verão, os olhos dourados se tornaram poços que a atraíram.

E então o verão a preencheu. Deve ter sido por apenas alguns segundos, mas dentro deles muito mais tempo se passou. Ela sentiu como era ser a brisa através do milho verde em um dia de primavera, o amadurecer uma maçã, fazer o salmão pular as corredeiras... as sensações vieram todas de uma vez e se fundiram em uma grande, brilhante, sensação amarela-dourada do verão...

... que ficou mais quente. Agora o sol ficou vermelho em um céu ardente. Tiffany flutuou pelo ar como óleo quente na calma abrasadora de desertos profundos, onde até camelos morriam. Não havia nada vivo. Nada se movia, exceto cinzas.

Ela deslizou por um leito de rio seco, com puros ossos de animais brancos nas margens. Não havia lama, nem uma gota de umidade neste forno de terra. Este era um rio de pedras...ágatas com faixas como um olho de gato, granadas soltas,

geodos com seus anéis coloridos, pedras marrons, laranja, branco cremoso, algumas com veias pretas, todas polidas pelo calor.

— Aqui está o coração do verão —, sibilou a voz da Dama do Verão. — Me tema tanto quanto ao Artesão do Inverno. Não somos seus, embora vocês nos deem formas e nomes. Fogo e gelo somos nós, em equilíbrio. Não se meta entre nós de novo...

E agora, finalmente, havia movimento. Das lacunas entre as pedras, elas surgiram como pedras trazidas à vida: bronze e vermelho, marrom e amarelo, preto e branco, com padrões de arlequim e mortíferas escamas brilhantes.

As cobras testaram o ar fervente com suas línguas bifurcadas e sibilaram triunfantes.

A visão desapareceu. O mundo voltou.

A água tinha ido embora. O vento incessante havia empurrado as névoas e vapores em longas serpentinas de nuvens, mas o sol invicto estava encontrando seu caminho. E, como sempre acontece, e acontece cedo demais, o estranho e maravilhoso vira lembrança e a lembrança vira sonho.

Tiffany atravessou a grama onde antes ficava o palácio. Restavam alguns pedaços de gelo, mas eles desapareceriam em uma hora. Lá estavam as nuvens, mas as nuvens se afastaram. O mundo normal a pressionava, com suas cantigas monótonas. Ela estava andando em um palco depois que a peça acabara e quem agora poderia dizer que de fato havia acontecido?

Algo chiou na grama. Tiffany se abaixou e pegou um pedaço de metal. Ainda estava quente com o resto do calor que o deformara, mas dava para ver que um dia fora um prego.

Não, não vou aceitar um presente para fazer o presenteador se sentir melhor, pensou ela. Por que eu deveria? Eu vou encontrar meus próprios presentes. Eu era... "divertida" para ela, só isso.

Mas ele... ele me fez rosas, icebergs e gelo e nunca entendeu...

Ela se virou de repente ao som de vozes. Os Feegles vieram saltando sobre a encosta das colinas, a uma velocidade rápida o suficiente para um humano acompanhar. E Roland estava acompanhando, um pouco ofegante, sua cota de malha enorme fazendo-o correr como um pato.

Ela riu.



Duas semanas depois, Tiffany voltou para Lancre. Roland a levou até Duascamisas e o chapéu pontudo a levou pelo resto do caminho. Houve um pouco de sorte. O cocheiro lembrou-se da Senhorita Umaturga e como havia um espaço vago no teto da carruagem, não sentia preparado para passar por tudo aquilo novamente. As estradas estavam inundadas, as valas borbulhavam, os rios cheios sugavam as pontes.

Primeiro ela visitou Tia Ogg, a quem foi preciso contar tudo. Isso economizava algum tempo porque, depois de contar a Tia Ogg, você mais ou menos contava a todo mundo. Quando ela ouviu exatamente o que Tiffany tinha feito com o Artesão do Inverno, ela riu e riu.

Tiffany pegou emprestada a vassoura da Tia e voou lentamente pela floresta até a cabana da Senhorita Traição.

As coisas estavam acontecendo. Na clareira, vários homens cavavam a horta e muita gente rondava a porta, então ela pousou um pouco antes, na floresta, enfiou a vassoura em uma toca de coelho e seu chapéu debaixo de um arbusto e caminhou a pé.

Preso em uma bétula onde a trilha entrava na clareira havia... uma boneca, talvez, feita de vários galhos amarrados. Era novo e um pouco preocupante. Essa provavelmente era a ideia.

Ninguém a viu abrir o trinco da porta da copa ou entrar no chalé. Ela se

encostou na parede da cozinha e ficou quieta.

Da sala ao lado veio a voz inconfundível de Annagramma em sua forma Annagrammática mais típica.

— ... só uma árvore, entendeu? Corte-a e divida a madeira. De acordo? E agora apertem as mãos. Vão em frente. Estou falando sério. Como deve ser ou então eu vou ficar com raiva! Bom. Se sentem melhor, não é? Vamos parar com essa tolice...

Depois de dez minutos ouvindo as pessoas serem repreendidas, descompostas e cutucadas em geral, Tiffany rastejou para fora novamente, atravessou a floresta e caminhou até a clareira pela trilha. Havia uma mulher correndo em sua direção, mas ela parou quando Tiffany disse: — Com licença, há uma bruxa aqui perto?

— Ooooh, sim —, disse a mulher e deu a Tiffany um olhar duro. — Você não é daqui, é?

— Não —, disse Tiffany, e pensou: morei aqui por meses, senhora Carter, e a via quase todos os dias. Mas eu sempre usei o chapéu. As pessoas sempre falam com o chapéu. Sem o chapéu, estava incógnita.

— Bem, tem a Senhorita Falcão —, disse a senhora Carter, como se relutasse em revelar um segredo. — Tenha cuidado, no entanto. — Ela se inclinou para a frente e baixou a voz. — Ela se transforma em um monstro terrível quando está com raiva! Eu já a vi assim! Mas a nós trata bem, é claro —, acrescentou. — Muitas jovens bruxas vêm aprender coisas com ela!

— Nossa, ela deve ser boa!

— Ela é incrível —, a senhora Carter continuou. — Ela só estava aqui há cinco minutos e parecia saber tudo sobre nós!

— Incrível —, disse Tiffany. Você pensaria que alguém tinha escrito aquilo tudo. Duas vezes. Mas não seria interessante o bastante, seria? E quem acreditaria que uma bruxa de verdade comprou seu rosto no Boffo?

— E ela tem um caldeirão que borbulha verde —, disse a Sra. Carter com muito orgulho. — Por todos os lados. Isso é bruxaria de verdade, se é.

— Parece que sim —, disse Tiffany. Nenhuma bruxa que ela conhecia tinha feito nada com um caldeirão além de ensopado, mas de alguma forma as pessoas acreditavam em seus corações que o caldeirão de uma bruxa deveria borbulhar verde. E devia ser por isso que o Sr. Boffo vendia o item nº 61 - Kit de caldeirão verde borbulhante, $ 14, com sachês extras de verde, $ 1 cada.

Bem, funcionava. Provavelmente não deveria, mas pessoas eram pessoas. Ela não achava que Annagramma estaria particularmente interessada em uma visita agora, especialmente de alguém que tinha lido todo o catálogo Boffo, então ela pegou sua vassoura e se seguiu para o chalé de Vovó Cera-do-Tempo.

Atrás da horta havia agora um galinheiro. A cerca era feita de tiras de avelã meticulosamente tecidas e do outro lado havia cocoricós satisfeitos.

Vovó Cera do Tempo estava saindo pela porta dos fundos. Ela olhou para Tiffany como se a garota tivesse acabado de voltar de um passeio de dez minutos.

— Tenho algumas coisas para fazer no vilarejo agora —, disse ela. — Não me importaria se você viesse também. — Isso foi, da parte de Vovó, tão bom quanto uma banda de música e um pergaminho iluminado de boas-vindas. Tiffany se pôs ao lado dela enquanto caminhava ao longo da trilha.

— Tudo bem com a senhora, madame Cera-do-Tempo? — Ela disse, correndo para acompanhá-la.

— Ainda estou aqui depois de mais um inverno, é tudo o que sei —, disse Vovó. — Você parece bem, garota.

— Oh, sim.

— Vimos o vapor daqui de cima —, disse Vovó.

Tiffany não disse nada. Era só isso? Bem, era. Da parte de Vovó, seria só isso.

Depois de um tempo, Vovó disse: — Voltou para ver suas amiguinhas, hein?

Tiffany respirou fundo. Ela tinha pensado nisso dezenas de vezes: o que ela diria, o que Vovó diria, o que ela gritaria, o que Vovó gritaria...

— Você planejou, não foi? — ela disse. — Se você tivesse sugerido uma das outras, elas provavelmente ficariam com o chalé, então você sugeriu a mim. E você sabia, você simplesmente sabia que eu a ajudaria. E funcionou, não foi? Aposto

que todas as bruxas nas montanhas já sabem o que aconteceu. Aposto que a Senhora Lacrainha está furiosa. E o melhor é que ninguém se machucou. Annagramma continuou de onde a Senhorita Traição parou, todos os aldeões estão felizes e você venceu! Oh, espero que diga que foi para me manter ocupada e me ensinar coisas importantes e manter minha mente longe do Artesão do Inverno, mas mesmo assim você venceu!

Vovó Cera-do-Tempo caminhava calmamente. Então ela disse: — Vejo que você recuperou sua bugiganga.

Era como ter um raio e depois não receber nenhum trovão ou jogar uma pedrinha em uma piscina e não receber nenhum respingo.

— O que? Oh. O cavalo. Sim! Olha, eu...

— Que tipo de peixe?

— Hmmm... Lúcio, — disse Tiffany.

— Ah? Alguns gostam, mas são muito lamacentos para o meu gosto.

E foi tudo. Contra a calma da vovó, ela não tinha para onde ir. Ela poderia resmungar, ela poderia reclamar e não faria nenhuma diferença. Tiffany se consolou com o fato de que pelo menos a Vovó sabia que ela sabia. Não era muito, mas era tudo o que ela conseguiria.

— E o cavalo não é a única bugiganga que vejo —, continuou Vovó. — Magika, é? — Ela sempre colocava um K no final de qualquer magia que desaprovava.

Tiffany olhou para o anel em seu dedo. Tinha um brilho fosco. Nunca enferrujaria enquanto ela o usasse, dissera o ferreiro, por causa da oleosidade de sua pele. Ele até se deu ao trabalho de cortar pequenos flocos de neve com um cinzel minúsculo.

— É apenas um anel que fiz com um prego —, disse ela.

— Ferro suficiente para fazer um anel —, disse Vovó e Tiffany parou de repente. Ela realmente entrava na mente das pessoas? Tinha que ser algo assim.

— E por que você decidiu que queria um anel? — Perguntou Vovó. Por todos os tipos de razões que nunca conseguiriam ficar claras em sua cabeça, ela

sabia. Tudo o que ela conseguiu pensar em dizer foi: — Pareceu uma boa ideia na época.

Ela esperou pela explosão.

— Então provavelmente foi —, disse Vovó suavemente. Ela parou, apontou para longe do caminho — na direção do vilarejo e do chalé de Tia Ogg — e disse: — Coloquei uma cerca em volta dele. Tem outras coisas protegendo-o, você pode ter certeza disso, mas alguns animais são muito estúpidos para que se assustem.

Era a muda de carvalho, já com um metro e meio de altura. Uma cerca de postes e galhos trançados o cercava.

— Crescendo rápido, para um carvalho —, disse Vovó. — Estou de olho nisso. Mas vamos lá, eu não quero perder isso. — Ela partiu novamente, cobrindo o terreno rapidamente. Perplexa, Tiffany correu atrás dela.

— Perder o quê? — Ela ofegou.

— A dança, é claro!

— Não é muito cedo para isso?

— Não aqui em cima. Eles começam aqui!

Vovó correu por pequenos caminhos e por trás de hortas e saiu para a praça do vilarejo, que estava apinhada de gente. Pequenas barracas tinham sido montadas. Muitas pessoas estavam paradas com um ar meio desesperado do tipo "por-que-estamos-aqui?" na forma de uma multidão que estava fazendo o que seus corações pediam para fazer, mas suas cabeças se sentiam envergonhadas. Mas pelo menos havia coisas quentes em espetos para comer. Havia muitas galinhas brancas, também. Ovos muitos bons, tinha dito Tia Ogg. Teria sido uma pena matá-las.

Vovó caminhou até a frente da multidão. Não havia necessidade de empurrar as pessoas para fora do caminho. Eles apenas se moviam para o lado, sem nem perceber.

Eles chegaram bem na hora. As crianças vinham correndo pela estrada até a ponte, apenas um pouco à frente dos dançarinos que, enquanto caminhavam, pareciam homens bastante caseiros e comuns...homens que Tiffany tinha visto

com frequência, trabalhando em forjas ou dirigindo carroças. Todos usavam roupas brancas ou pelo menos roupas que já foram brancas e, como o público, pareciam um pouco envergonhados, suas expressões sugerindo que tudo isso era apenas um pouco de diversão, na verdade, para não ser levado a sério. Eles estavam até acenando para as pessoas na multidão. Tiffany olhou em volta e viu a Senhorita Umaturga, Tia Ogg e até a Senhora Lacrainha... quase todas as bruxas que ela conhecia. Ah, e havia Annagramma, sem os pequenos dispositivos do senhor Boffo, e parecendo muito orgulhosa.

Não era como no último outono, ela pensou. Lá fora escuro e quieto e solene e escondido, tudo o que isso aqui não era. Quem observava das sombras?

Quem estava observando agora, da luz? Quem estava aqui em segredo?

Um tocador de tambor e um acordeonista abriram caminho no meio da multidão, junto com o dono do bar local carregando oito canecas de cerveja em uma bandeja (porque nenhum marmanjo iria dançar na frente dos amigos com fitas no chapéu e sinos em suas calças sem a clara perspectiva de uma grande bebida).

Quando o barulho diminuiu um pouco, o tocador bateu o tambor algumas vezes e o acordeonista tocou um acorde longo, o sinal oficial de que uma dança de Morris estava para começar e as pessoas que ficassem por perto depois disso só teriam a si mesmas pra culpar.

A banda de dois homens começou. Os homens, em duas filas de três de frente um para o outro, contaram a batida e então saltaram...Tiffany virou-se para a vovó quando doze botas com cravos saltavam no chão, lançando faíscas.

— Diga-me como tirar a dor —, disse ela, acima do barulho da dança.

Croc!

— É difícil —, disse Vovó, sem tirar os olhos dos dançarinos. Croc fizeram as botas novamente.

— Você pode movê-la para fora do corpo?

Croc!

— Às vezes. Ou escondê-la. Ou fazer uma gaiola para ela e levá-la embora.

E tudo isso é perigoso e vai te matar se você não mostrar respeito, mocinha. É tudo preço e nenhum lucro. Você está me pedindo para lhe ensinar como colocar a mão na boca do leão.

Croc!

— Eu devo saber, para ajudar o Barão. Está muito mal. Tenho muito que fazer.

— Você escolheu fazer isso? — disse Vovó, ainda observando.

— Sim!

Croc!

— Este é o seu barão que não gosta de bruxas? — Disse Vovó, seu olhar indo de rosto em rosto na multidão.

— Mas quem gosta de bruxas até precisar de uma, Madame Cera-do-Tempo? — disse Tiffany docemente.

Croc!

— Isso é algo que eu devo e é um acerto de contas, Madame Cera-do-Tempo —, Tiffany acrescentou. Afinal, depois de beijar o Artesão do Inverno, você fica com vontade de ousar. E Vovó Cera-do-Tempo sorriu, como se Tiffany tivesse feito tudo o que se esperava dela.

— Rá! É para agora? — Ela disse. — Muito bem. Venha me ver novamente antes de ir e veremos o que você pode levar de volta com você. E espero que você consiga fechar as portas que está abrindo. Agora observe as pessoas! Às vezes você a vê!

Tiffany prestou atenção na dança. O Bobo apareceu sem que ela percebesse, vagando por ali, recolhendo dinheiro em sua cartola engordurada. Se uma garota parecesse que ia gritar se ele a beijasse, ele a beijava. E às vezes, sem qualquer aviso, ele saltava para a dança, girando entre os homens sem nunca dar um passo em falso.

Então Tiffany viu. Os olhos de uma mulher do outro lado da dança brilharam em ouro, apenas por um momento. Uma vez que ela viu, continuou vendo...nos olhos de um menino, uma menina, o homem segurando a cerveja,

movendo-se para observar o Bobo...

— Verão está aqui! — Disse Tiffany e percebeu que ela estava batendo o pé no ritmo; e percebeu porque uma bota mais pesada acabara de pisar nela e a prendeu gentilmente, mas com firmeza, no chão. A seu lado, a gatinha *Você* olhou para ela com uma inocência de olhos azuis que se tornaram, por um breve fragmento de segundo, os preguiçosos olhos dourados de uma cobra.

— Ela está destinada a estar —, disse Vovó Cera-do-Tempo, tirando a bota.

— Alguns cobres para dar sorte, senhorita? — Disse uma voz próxima, e ouviu-se o som de dinheiro sendo sacudido em um chapéu velho.

Tiffany se virou e olhou nos olhos cinza-púrpura. O rosto ao redor deles era enrugado, bronzeado e sorridente. Ele tinha um brinco de ouro. — Uma ou duas moedas da adorável dama? — ele a adulou. — Prata ou ouro, talvez?

Às vezes, pensou Tiffany, você simplesmente sabe como tudo deve ser...

— Ferro? — Ela disse, tirando o anel do dedo e colocando-o no chapéu.

O Bobo o pegou delicadamente e o jogou no ar. O olho de Tiffany o seguiu, mas de alguma forma ele não estava mais no ar, mas brilhava no dedo do homem.

— Ferro é o suficiente —, disse ele, e deu-lhe um beijo repentino na bochecha.

Estava apenas um pouco frio.

As galerias dentro do monte funerário Feegle estavam lotadas, mas silenciosas. Isso era importante. A honra do clã estava em jogo aqui.

No meio havia um livro grande, mais alto que Rob e cheio de figuras coloridas. Estava bastante lamacento de sua jornada para baixo no monte. Rob fora desafiado. Por anos ele se considerara um herói e então a bruaca das bruacas disse que ele não era, não mesmo. Bem, você não podia discutir com a bruaca das bruacas, mas ele iria aceitar o desafio, oh sim, iria mesmo ou seu nome não era Rob Qualquerum.

— Donde que tá minha vaca? — Ele leu. — É essa a minha vaca? Isso faz cocoricó! Isso é uma... uma ... galinha! Não é minha vaca! E então há esta pintura piquininha de algumas galinhas. Essa é outra página, certo?

— É verdade, Rob —, disse Billy Queixudo.

Houve um aplauso dos Feegles reunidos enquanto Rob corria ao redor do livro, acenando com as mãos no ar.

— E este é muito mais difícil do que o Abecinho, certo? — Disse ele, depois de fazer o circuito. — Essa foi fácil! Um enredo muito previsível. Quem quer que tenha escrito este livro num se esforçou muito, nu meu entender.

— Você quis dizer ABC ? — Disse Billy Queixudo.

— Sim. — Rob Qualquerum pulou para cima e para baixo e socou o ar algumas vezes. — Tem coisa um pouco mais difícil?

O *gonnagle* olhou para a pilha de livros surrados que os Feegles haviam, de várias maneiras, coletado.

— Algo que eu possa colocar em meus dentes —, Rob acrescentou. — Um grande livro.

— Bem, este se chama *Princípios da Contabilidade Moderna* —, disse Billy em dúvida.

— E esse é um grande livro heroico para ler? — Disse Rob, ainda correndo.

— É. provavelmente, mas...

Rob Qualquerum ergueu a mão pedindo silêncio e olhou para Jeannie, que tinha uma multidão de pequenos Feegles ao seu redor. Ela estava sorrindo para ele e seus filhos estavam olhando para o pai com espanto silencioso. Um dia, Rob pensou, eles seriam capazes de chegar até as palavras mais longas e dar um bom chute nelas. Nem mesmo vírgulas e aqueles ponto-e-vírgulas complicados os impediriam!

Ele tinha que ser um herói.

— Tou sentindo uma coisa de bom com essa leitura —, disse Rob Qualquerum. — Traz ela aqui!

E ele leu *Princípios de Contabilidade Moderna* a manhã toda mas, só para

torná-la interessante, colocou muitos dragões nela.



UM GLOSSÁRIO FEEGLE, ADAPTADO PARA
LEITORES COM TEMPERAMENTO DELICADO
(trabalho em andamento da Senhorita Umaturga)

"**SQUISITU**: Estranho, esquisito. Às vezes significa oblongo também, por algum motivo.

AIDINÓIS: Um grito geral de desespero.

AVEXADU: Preocupado, chateado.

BESTÃOSZIS: Pessoa sem valor.

BOBÁGI: Lixo, bobagem.

BRUACA: Uma bruxa de qualquer idade.

BRUACA DAS BRUACAS: Uma bruxa muito importante.

BRUAQUICE: Qualquer coisa que uma bruxa faça.

CACAREJÁ CU SEUS VÔMITU: Hmm, para colocar delicadamente... estar muito, muito assustado. Por assim dizer.

CAGADÔ: O vaso sanitário.

CHATU: Uma pessoa desagradável.

DISGRAÇA!: Uma exclamação geral que pode significar qualquer coisa, desde "Meu Deus!" até "Acabei de perder a paciência e pode haver problemas".

DOIDJU: Estar ansioso, como em "Estou ansioso por uma xícara de chá."

ESCROITO: Uma pessoa realmente desagradável.

ESCROITÃO: Uma pessoa realmente e de todo jeito, muito desagradável.

FRAQUIM: Uma pessoa fraca.

GEAS: Uma obrigação muito importante, apoiada na tradição e na magia. Não tem a ver com geada.

GONNAGLE: O bardo do clã, hábil em instrumentos musicais, poemas, histórias e canções.

GRANDÃOSZIS: Seres humanos.

GRANDE HOMEM: Chefe do clã (geralmente o marido da Kelda).

KELDA: A chefe feminina do clã e, eventualmente, a mãe da maior parte dele. Bebês Feegle são muito pequenos, e uma Kelda terá centenas ao longo de sua vida.

LINIMENTO ESPECIAL PARA OVELHAS: Provavelmente uísque caseiro do forte, lamento dizer. Ninguém sabe o que isso faria com as ovelhas, mas dizem que uma gota é boa para pastores em uma noite fria de inverno e para Feegles a qualquer momento. Não tente fazer isso em casa.

LONGI PRÁ TRÁS: Há muito tempo.

MUNDO DOS VIVOS: Os Feegles acreditam que estão mortos. Este mundo é tão bom, eles argumentam, que eles devem ter sido muito bons em uma vida passada e depois morreram e acabaram aqui. Parecer morrer aqui significa apenas voltar ao Último Mundo, que eles acreditam ser bastante monótono.

NOJADO: Asseguro que isso significa "estar cansado" .

SEGREDU: Segredos.

SOLTA SUA SINA: Enfrente o destino que está reservado para você/eu/ele/ela.

SPOG: Uma bolsa de couro, usada na frente de seu cinto, onde um Feegle guarda seus objetos de valor e comida não consumida, insetos interessantes, pedaços úteis de gravetos, barro da sorte e assim por diante. Não é uma boa ideia ver o conteúdo de um spog.

SUADOR: Encontrado apenas nos grandes montes funerários Feegle nas montanhas, onde há água suficiente para permitir banhos regulares; é uma espécie de sauna. Feegles do Giz tendem a confiar no fato de que você não está sujo antes que comece a cair por conta própria.

TIPIM: ver Bestãozis.

VÉIA: Mulher velha.

VÊLHAS: Coisas lanosas que comem grama e fazem *bééé*. Não confundir com senhoras idosas.

ZÓIU: Olhos.



NOTA DO AUTOR

A dança de Morris...

...é tradicionalmente dançada em 1º de maio, para dar as boas-vindas ao verão. A sua história é um pouco confusa, possivelmente porque é frequentemente dançada perto de pubs, mas agora é a dança folclórica inglesa por excelência. Os dançarinos geralmente se vestem de branco e têm sinos costurados em suas roupas. É dançado por homens e mulheres e agora também é dançado nos Estados Unidos.

Sei disso porque vi um grupo de Morris Sombrios dançar em uma livraria em Chicago alguns anos atrás.

Eu inventei o *Morris Sombrio* para outro livro chamado *O senhor da foice* (ou pelo menos acho que inventei), e o grupo de Morris se apresentou todo de preto, só para mim. Eles dançaram em silêncio e no tempo perfeito, sem a música e os sinos da dança do verão.

Foi muito bem-feito. Mas também foi um pouco assustador. Portanto, pode não ser uma boa ideia tentar fazer isso em casa....